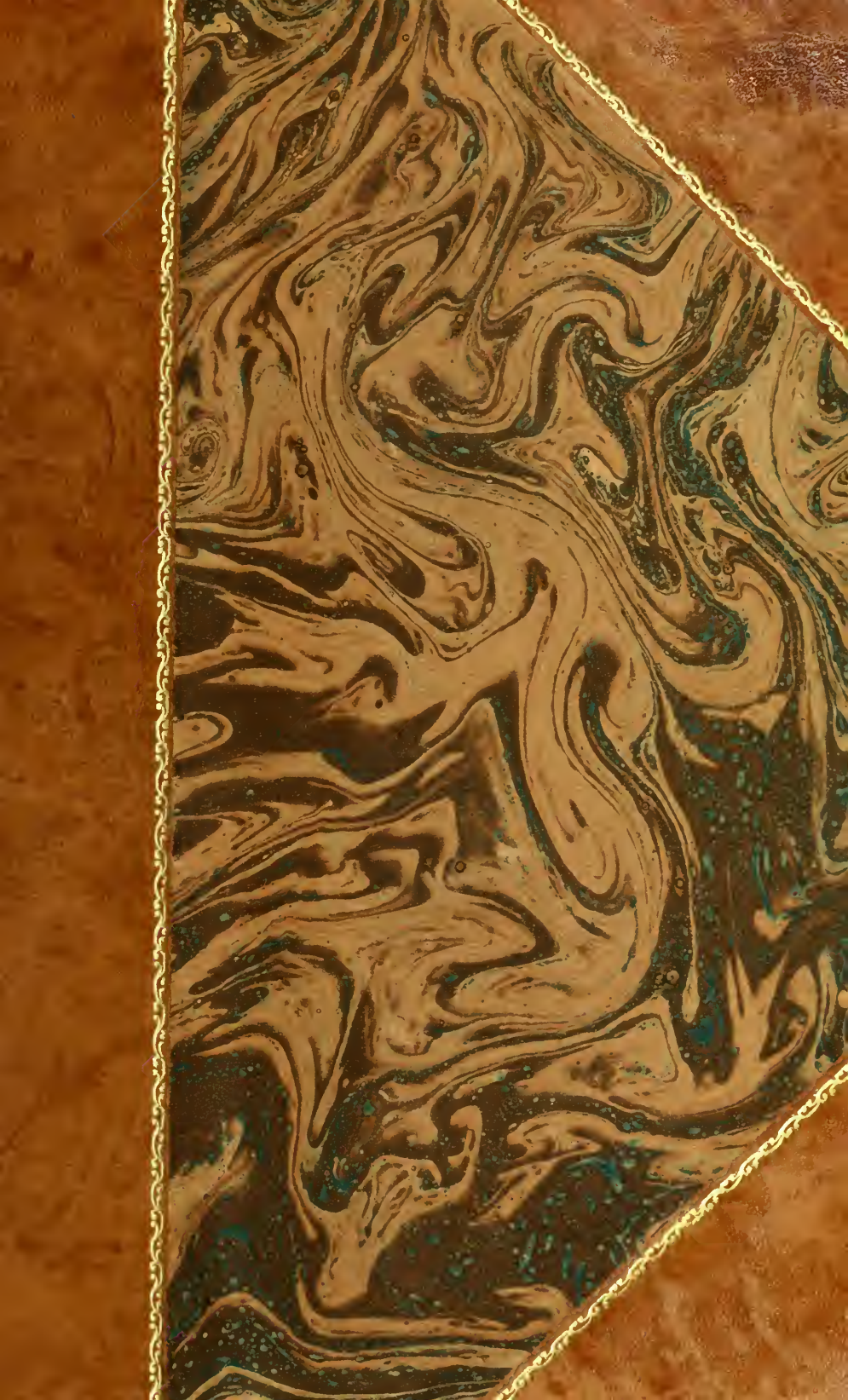

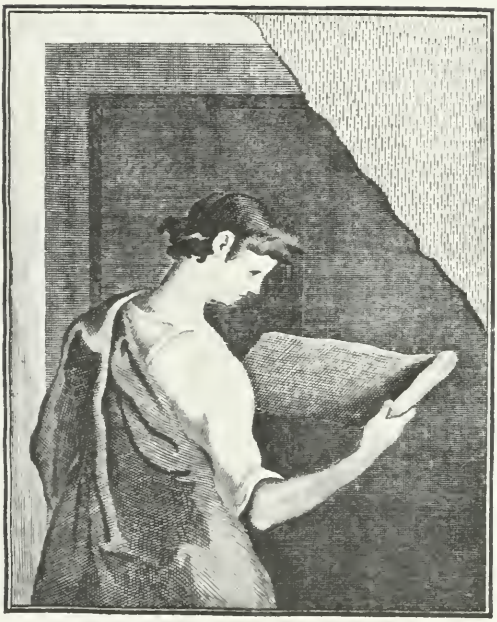

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

VOLUME II

N.º 1 — Janeiro — 1885

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1885

Summario d'este numero

I. Dialectos minhotos; por *J. Leite de Vasconcellos.*
II. O presente e o futuro da viticultura no Minho — Estudo de economia rural; por *Alberto Sampaio* (continuação).
III. As artes mechanicas; por *Adolpho Salazar.*
IV. A questão districtal em Guimarães; por *L. de Castro.*
V. Os nossos socios honorarios — IV. João Antunes Guimarães; por *Avelino da Silva Guimarães.*
VI. Boletim; pelo secretario *Adolpho Salazar.*
VII. Balancetes; pelo thesoureiro *José Miguel da Costa Guimarães.*

A **Revista de Guimarães** sahirá nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura 800 reis; cada numero avulso 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Direcção da Sociedade Martins-Sarmento, **Guimarães.**

REVISTA

DE GUIMARÃES

VOLUME II — ANNO DE 1885

REVISTA

DE GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

PROMOTORA DA INSTRUCÇÃO POPULAR NO CONCELHO
DE GUIMARÃES

Volume II — Anno de 1885

PORTO
TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
—
1885

THE J. PAUL GETTY CENTER

DIALECTOS MINHOTOS

«... Antre Douro e Minho, conservador da semente portugueza.»

(João de Barros, — *Gramm.*, pg. 225).

A lingoagem é um instrumento natural de expressão, embora sobre ella póssão actuar tantas influencias extranhas, que a Glottologia, que a estuda, se considera geralmente como uma sciencia social: todos por consequencia fállão bem, o aldeão analphabeto, no meio dos seus campos e dos seus montes, e o escriptor apurado, que na leitura dos classicos illustra o estylo.

Como escreve um nosso antigo grammatico, «parece que acerca do vulgo & gente popular, plebea & servil, ha uma lingoagem, & acerca dos nobres, cortefaõs & peffoas de juizo & letras, outra», isto ao mesmo tempo «em cada naçã, & ẽ cada lingua» [1]: ora nós devemos determinar as razões d'estas differenças, e não condemná-las.

Diz-se vulgarmente: o povo corrompe a lingoa, não sabe ler, e por tanto não sabe fallar, estropia, inventa sem pés nem

---

[1] João Franco Barreto, — *Ortografia da lingva portvgveza*, Lisboa 1671, pg. 31.

cabeça. E comtudo não ha nada mais falso. Se a lingoagem é um instrumento natural, como é que ella ha de ser arbitraria, irregular?

Ainda que a Glottologia não demonstrasse, como demonstra, a precisão com que as lingoas se desenvolvem, bastava attender a isto, para vêr como andão errados os que escarnecem da lingoagem do pobre povo.

D'aqui resulta a necessidade de analysar os dialectos; não só ficamos sabendo o que possuimos, o que é um dever, mas observamos como ás variedades dialectaes correspondem numa certa medida variedades ethnographicas, anthropologicas e mesologicas.

Para se poder abranger numa synthese a *Dialectologia Portuguesa,* em que eu trabalho ha annos, necessita-se, primeiro que tudo, de uma investigação meuda dos modos de fallar de todas as provincias e ainda de todas as regiões extra-continentaes, aonde a nossa lingoa se propagou.

Eis o que me determinou a occupar-me agora do Minho. São simples notas avulsas, dispostas ao acaso, ainda que com fidelidade. Só no fim de todas ellas farei algumas observações geraes sobre o *dialecto minhoto,* considerado no seu conjuncto, e em relação aos outros dialectos, de que elle se distingue perfeitamente.

As modernas provincias Minho e Douro constituião outr'ora uma unica, chamada *Entre-Douro-e-Minho, Antre-Douro-e-Minho* ou *Antredouraminho,* segundo as variações da phonetica popular, como se encontra nos AA. antigos. João Baptista de Castro (sec. XVIII), no *Mappa de Portugal,* I, 45, chama-lhe *Duriminea,* nome não popular e composto de *Durius* e *Minius,* que são as denominações dos rios Douro e Minho na epocha luso-romana.

O P.e Carvalho (sec. XVIII) dá-lhe ainda por limites: ao Norte o rio Minho, ao Sul o rio Douro, ao Nascente o rio Tamega e a serra do Marão, ao Poente o Oceano Atlantico [1].

Entre-Douro-e-Minho representa pois uma região muito natural, topographicamente: o clima e a anthropologia vem tambem em apoio [2]; os costumes apresentão alguma cousa de

---

[1] *Corografia portugueza,* I, 2 (2.a ed.).

[2] Vid. Barros Gomes, — *Cartas elementares de Portugal,* Lisboa 1878, — passim; Oliveira Martins, — *Hist. de Portugal,* I, 33 sq. (3.a ed.).

particular, como eu mostrei no meu *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguesas do Minho e Douro* [1]; a lingoa, como veremos, está nas mesmas circumstancias.

O povo não conhece hoje, que eu saiba, a designação *Entre Douro e Minho,* e substitue-a inconscientemente por *Minho,* que comprehende o districto do Porto quasi todo, o de Braga e o de Vianna, reservando a expressão *Douro* apenas para uma parte do districto do Porto e para as terras transmontanas e beiroas situadas nas margens do rio assim denominado.

Os habitantes d'esta provincia tem nas obras antigas o nome de *interamnenses* (i. é, *de entre os rios*); só J. Baptista de Castro, no *Mappa,* I, 60, lhes chama *durimineos.* Hoje são conhecidos por *minhotos,* palavra deminutiva, como *lisboeta, crastejo, hispanhol.* Em todo o caso Gil Vicente (sec. XVI) emprega já *minhoto* nestes versos, se eu os interpreto bem:

E quem nisso quer pôr peis
Tem cabeça de *minhoto* [2].

Pois que o *Minho* abrange na lingoagem ordinaria a maior parte dos tres districtos mencionados, creio estar no bom caminho chamando *dialecto minhoto* á lingoa que se ahi falla. De mais a expressão é bem popular: em Barcellos houve mesmo ha tempos um jornal por nome o *Minhoto.* Os habitantes do Sul do paiz é que ligão a este nome o seu quê de zombaria; mas em todas as nações se encôntrão factos analogos, como me seria facil mostrar.

As particularidades dialectologicas da falla do Minho remôntão muito longe, e varios auctores tem alludido a ellas:

O bom Fernão de Oliveira, o nosso primeiro grammatico, diz no sec. XVI: « ... os homens da Estremadura são diferentes dos dantre Douro e Minho: porq̃ assi como os tẽpos: assi tãbẽ as terras criaõ diversas cõdiçoẽs e cõceitos » [3];

João de Barros, do mesmo seculo, referindo-se aos archais-

---

[1] Porto 1880.

[2] onde *minhoto* está no sentido de bruto. Gil Vicente se, como se affirma, fosse do Minho, escreveria isto? Note-se porém que *minhoto* é tambem o nome do *milhafre* e que Gil Vicente conhece esse nome.

[3] *Gramm. de lingoagem portugueza,* pg. 85 (2.ª ed.).

mos, escreve: «Não somente os que achamos per escripturas antigas, mas muitos que se usão em Antre Douro e Minho, conservador da semente portugueza: os quaes alguns indoutos despresão por não saberem a raiz d'onde nascem» [1]. João de Barros, mais sabio que os modernos pedantes dos cafés e das havanezas, quer significar com isto que a falla do Minho era na realidade bom português, boa *semente;*

Duarte Nunes de Leão, ainda do mesmo seculo, nota a «... pronunciação de *ão* que ſuccede em lugar da antiga terminação dos Portugueſes de *om*... a qual ainda agora guardaõ algũus homẽes d'entre Douro & Minho, & os gallegos, que dizem *fizerom, amarom, capitom, cidadom, taballiom, appellaçom*» [2]; e noutro logar: «o que muito ſe vee [a mudança de *v* em *b*] nos Gallegos, & em algũus Portvgueſes d'entre Douro & Minho, que, por *vós* e *voſſo,* dizem *bos* & *boſſo,* & que por *vida* dizẽ *bida*» [3];

Faria e Sousa, que era minhoto (natural de Pombeiro), diz no sec. XVII: «La Provincia adonde mas bien ſe habla pienso ser (ſi el juizio no me engaña, i no me ciega la aficio) entre Duero i Miño» [4];

Franco Barreto, do mesmo seculo, observa o seguinte: «He eſta letra *a* fatal para os de entre Douro & Minho, & Beyrões, ſiguindoſelhe outro *a* porque nã os podem pronunciar ambos, ũ detras do outro, ſẽ lhes meter de permeyo ũ *y,* & aſſi havendo de dizer *a agua, a alma,* infalivelmente hã de dizer *ay agua, ay alma*» [5]; noutro logar (pg. 100) repete o que diz Nunes de Leão sobre *om* em vez de *ão,* e a pg. 114 cita a confusão que alguns portugueses *d'entre Douro & Minho,* especialmente os que ficão mais chegados á Galliza, estabelecem entre *b* e *v*; a pg. 171 torna a dizer: «os noſos Beirões & d'entre Douro & Minho trocam o *b* por *v* & o *v* por *b*»;

João Baptista de Castro, do sec. XVIII, refere-se egualmente á pronuncia *om* dos minhotos, analoga á dos gallegos, seus vizinhos [6];

---

1 *Gramm.*, pg. 200.
2 *Orthogr. da lingoa portvgueſa,* fl. 29 (ed. de 1676).
3 *Ib.*, fl. 4.
4 *Epitome de las hist. port.*, ed. de 1673, t. II, part. V, pg. 294.
5 *Ob. cit.*, pg. 73.
6 *Ob. cit.*, I, 198.

Madureyra Feijó, do mesmo seculo, diz que o uso do *b* não teria duvida na escrita «se o vicio patrio de algumas provincias não trocára o *B* per *V* consoante, e o *V* per *B:* principalmente os Interamnenses, ou de Entre Douro e Minho» [1];

D. Raphael Bluteau, do sec. XVIII, publicou, como appendice ao seu *Vocabulario Portuguez e Latino,* um interessante *Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho e Beira,* que eu reimprimirei em breve annotado;

Santa Rosa de Viterbo, do sec. XVIII-XIX, traz no seu *Elucidario* muitos termos populares do Minho;

J.-I. Roquette insere no *Codigo do bom tom no sec. XIX* um bom numero de expressões minhotas que adeante transcreverei.

É isto o que agora me occorre sobre a bibliographia do *dialecto minhoto.*

Seguem-se as notas dialectologicas. Muito agradecerei aos leitores, que tiverem conhecimento de particularidades nos modos de fallar, se me enviarem listas d'essas particularidades. Eu depois darei o seu a seu dono, indicando as fontes das minhas informações.

I

LINGOAGEM POPULAR DE MONSÃO [2]

Nas *Operas portuguezas que se representaram nos theatros publicos desta Corte, Bairro Alto, e Mouraria,* t. II, vem uma opera intitulada *Os encantos de Merlin,* representada em 1741, onde um dos personagens, vestido de *Galego com calças largas e nascido junto de Monsam,*

---

[1] *Orthographia,* 4.ª ed., pg. 43.

[2] Escrevo *Monsão* e não *Monção,* porque a etymologia é *Monte Santo* (*Mont'santo, Monssanto, Monsanto, Monsan*[*to*], *Monsam*).

falla a lingoagem da localidade; pelo menos o auctor attribue-lhe essa lingoagem.

O tal personagem diz:

«Eu *num* eſtou *aborco* [1] nestes *brosques,* eu, porque *num* me *bem* eſtar em pè? Ay, Senhores, *num* me fação mal, ay mãy.

«*Avejão,* nome de *sorvente,* hora; eu *num* ſou *aveſão nim* couſa de *oytro* mundo.

«Aqui ninguem me conſumio, ſómente boſſas mercês agora he o que farão, ſe *quijerem* ſer *ſerbidos.*

«Se eu ſouber, eu fallarey a verdade, mas *canto ao mais,* eu *num* ſou tão mal enſinado, que responda a *boſſa rèberencia.*

«Senhor, nós *biemos,* eu com mais *oytros outo* da noſſa terrinha *pelegrinando,* ſe *bossa remelencia* [2] nos deſſe huma esmolinha muito bem á mão, ſe *num* paciencia.

«Nós *num* trouxemos jumento nenhum.

«O Senhor he *in-Rey* [3]; ora *loubado* seja Deos, eu *coudaba,* que *in-Rey* era outra couſa... Ay, ay, *ah de in-Rey, num* ha quem acuda, lã *bay* o graõ da fonte; ay o meu *uraço* [4].

«Eu, Senhor, ſou naſcido junto de Monſam, e de lá *bem* huma *abò* das partes de lugono; *mais num* fallo eu, que *num* he para fallar; *in canto* ao que Deos me deu, *num* hey *bergonha* de nenhum, porque *mey* [5] pay me deixou huas *covicelhas* [6] de *binhas,* e mais quatro bicos muy *vons*..., mas *dou ao demo* huns *amoricos* que tomey com huma *cachopa*..., e por amor della me derriárão..., e *antonces*... [7]

---

[1] De *aborcar?*

[2] Aqui *remelencia* em vez de *reverencia* é do auctor talvez.

[3] Em Gil Vicente, *Obras,* III, 211 (ed. Hamburgo), lê-se tambem *in-Rei.* Não sei se se usará no Minho.

[4] i. é, *vraço* (= braço).

[5] *mey* (= meu). Na edição allemã da *Pratica de tres pastores* pela snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos lê-se *mei* umas poucas de vezes, e ella diz que ainda hoje é muito usado em gallego (Im Gall. noch heute ganz gewöhnlich. Pg. 45). Eu por mim não posso dizer nada de positivo sobre a geographia de *mei* no nosso paiz.

[6] ?

[7] *Antonces* é português antigo e dialectal, usado na Beira-Baixa (vid. os meus *Dialectos beirões,* II) e em Tras-os-Montes.

«*Num, num* me hão de fazer mal, *num maochas* [1].

«Pois ſe me querem *lebar, lebem-me,* que *num* quero ir.

«Ora eſcutem, que *ſe me arrecordou* huma couſa; querem *oubir* como ſe canta na minha terrinha, ora eſcutem:

«*Mey* [2] diamante de *aſibiche,*
Minha *perla* encarnada,
Minha pedra de *ſebada,*
. . . . . .
Mais bella, que *num* ſey que;
Num deixes de te *alemvrar,*
Porque eu deixarme *num* hey:
Ah! eh! eh! *fasta* [3], *vragado* [4],
Ah! eh! eh! anda, moreno,
Eh! nunca *habedes* [5] *probado*
De *amori* [6] o doce *beneno*
Pro frecha neſe coſtado
O *gilhon* [7] bós ſentireis [8]».

Muitos dos termos transcriptos, principalmente aquelles em que ha confusão de *b* e *v, oytro, in canto* (= em quanto), *pro* (= por o), *quijerem* (= quizerem), são ainda usados no Minho; talvez tambem lá se diga *avejoum* por *avejão* e *avesão* (= lat. *visionem*) que a opera offerece. Em Monsão diz-se *amori* (= amor), com um *i* pouco sensivel, e *num* ou *nom* (talvez *nóum*). Segundo me informa o meu amigo o snr. Manoel José Pereira Caldas, distincto official de artilheria, natural de Segude (ao pé de Monsão), não existem nesta localidade os se-

---

[1] Sobre *maochas* vid. *Dial. beirões*, II. Gil Vicente II, 31, emprega *moachas*.

[2] Vid. uma nota precedente.

[3] A palavra *fasta* (= afasta), como me informa o meu bom amigo João Diniz, é usada no Minho pelos lavradores para fazerem recuar os bois. Noutros pontos do Norte do pais diz-se tambem *fàstrás* (= [a]fas[ta] [a]trás) e *fasta p'ra trás,* no mesmo sentido.

[4] = *bragado,* que é o nome de um boi, como *moreno.*

[5] Em gallego diz-se tambem *habedes* (= mod. port. haveis). Vid. *Gramm. gallega* de Saco Arce, pg. 86.

[6] *amori* por *amor*. Cf. o meu *Sub-dialecto alemtejano,* pg. 6.

[7] Má orthographia por *guilhom,* em gallego *aguillon,* mod. port. *aguilhão*. No Minho diz-se *aguilhòum* (Monsão etc.).

[8] Pg. 395-400.

guintes termos da opera mencionada: *aborco, avejão, outo* (= oito), *in-Rey, maochas, arrecordar-se* e *fasta.*

O que é provavel é que o auctor fizesse uma mistura de termos populares de differentes partes, embora se quizesse aproximar do minhoto do Norte, pois que emprega palavras que, pelo menos, existem na Galliza, como *habedes* e *mey* e outras genuinamente do Minho.

Baseado em algumas informações que o snr. Manoel José Pereira Caldas se dignou mandar-me, e que eu muito lhe agradeço, exporei agora o que eu sei da lingoagem moderna de Segude (concelho de Monsão, no Alto-Minho).

A) Phonologia

1. Diz-se em Segude: *coraçoum, carboum, poum,* onde *oum* é um ditongo nasal. Esta terminação *-oum,* que se encontra em todo o Entre-Douro-e-Minho, é a evolução da archaica *-om,* que, como vimos, já no sec. XVI era considerada como dialectal nesta provincia.

2. Segundo collijo de uma carta do snr. Caldas, diz-se ás vezes *mã* (= mão), *Joã* (= João), o que se aproxima do gallego *man, Xan.* Diz-se egualmente (ao lado de *fôro'* e *ando'*) *fôrã* e *andã.* Cf. o gallego *foran, andan.*

3. Como em geral em todo o Minho, diz-se *manhão* (= manhã), *mação* (= maçã), *rão* (= rã).

4. Não ha syllabas nasaes atonas finaes, em geral, por ex.: *birge, biaige, home.* Cf. §. 2. Nisto está de accordo com o resto da provincia.

5. Lê-se numa carta do snr. Caldas: «Pronuncião-se egualmente bem aqui as palavras *caldo, alma,* etc.; só em Braga é que ouvi pronunciar *cáurdo, áurma,* etc.» Este facto é importante porque estabelece uma differença entre Segude e os outros pontos do Minho onde se diz *aur-* = *ául-.* Quando eu estive em Soajo não notei tambem, que me lembre, esse phenomeno de *aur-* = *aul-.*

6. Diz-me egualmente o snr. Caldas em resposta a uma pergunta minha: «As palavras que começão por *es* pronuncião-se bem aqui, a meu ver, por isso que a pronúncia está de accordo com a escripta.» Se não ha equivoco, temos aqui

outra distincção notavel, pois que geralmente no resto do Minho se diz *star, stréla,* etc.

7. O som *ch* é egual ao castelhano. Este facto é normal no Norte do país.

8. Diz-me o snr. Caldas que existe differença entre os sons iniciaes das palavras *cêsto* e *sêllo,* assim como tambem no som *z* de *coser* e *cozer*. Temos pois aqui a mesma distincção que no Norte de Tras-os-Montes: *ç* e *ʃ,* e *ẓ* e *s* (Para a explicação d'estes signaes vid. o meu opusculo *Flores mirandezas,* pg. 34 e 35). Este facto está de accôrdo com as seguintes palavras do distincto philologo Gonçalves Vianna: « ... em alguns pontos do Minho, os habitantes das villas e das aldeias conservão ainda a antiga pronunciação que distingue *s* de *ç,* *ẓ* de *z,* *x* de *ch,* distincção inteiramente perdida, pelo menos no fallar moderno, desde o rio Douro até á extremidade meridional do reino, assim como nas colonias e no Brazil » [1]. — Cf. o §. antecedente.

9. Como os antigos grammaticos já observárão no Minho, confunde-se em Segude *b* com *v,* dizendo-se: *binho, bida,* etc.

10. *a*) Diz-se *fruita* (= fructa), como no português antigo; *b*) diz-se *pruga* (= purga), como em Paços de Ferreira. Esta ultima palavra assenta de certo no verbo *prugar,* pois que aquella deslocação do *r* não se podia dar em syllaba tonica. *c*) Diz-se *couba* (= couve); *berce* (= berço) como em gallego (*berce* ou *berse*); *tamem* (= tambem). Esta ultima é vulgar no paiz, em virtude de uma assimilação do *b* á nasal precedente.

B) Morphologia

Tenho muito pouco que assignalar nesta secção:

11. *Verbos. a*) Diz-se *hai* (= ha), como no português antigo, em toda ou quasi toda a nossa raia sêcca, e em galle-

---

[1] *Ésai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise,* Paris 1883, pg. 24.

go [1]; *b*) Diz-se *vinhera*, como noutros pontos do Norte de Portugal, e em gallego; *c*) Não se faz a tmese dos pronomes, e assim diz-se: *entregarei-lhe, mandarei-lhe*, etc., o que é vulgar no povo em geral; *d*) Vid. o §. 2.

C) Phraseologia

São mui usuaes as seguintes phrases:

12. *Num faz minga* (por *não é preciso*). Esta phrase, onde *minga* está em vez de *mingoa*, ouve-se frequentemente em todo o Entre-Douro-e-Minho;

13. *Vou a algures* (por *vou a alguma parte*). Muito usada em Entre-Douro-e-Minho.

14. *Vou ond' ó F.* ou *ond' á F.* (i. é, vou a casa de F.). Este phraseado é vulgar no Minho. O snr. Caldas diz-me que o *o* da palavra *onde* se pronuncia como *e* mudo. — Na *Grammatica gallega* de Arce vejo a pg. 146: *Estaba ond' a y-outra* (por *estaba junto á la otra*), phrase comparavel com a minhota, onde evidentemente ha uma ellipse de um verbo.

15. *F. viu-se nênho* (por *F. viu-se atrapalhado*). Se *nênho* significa *menino* (cf. gallego *neno*, castelhano *niño*), não percebo muito bem a génese da phrase.

16. *Cantê!* (por *quem dera!*). É de certo composto de *quanto* e *é* (*cant'é*). Noutros pontos do paiz diz-se *cantés*.

17. *Ulo* em interrogação (por *onde está*). Este termo é archaico e usa-se no Norte de Tras-os-Montes e em gallego. É o antigo português *u* (= lat. *ubi*) e o pronome archaico *lo* (propriamente: *onde o? onde elle?*).

*

---

[1] Vid. *Bibliot. de las trad. pop. esp.*, IV (folklore gallego), pg. 28 etc.

Os materiaes são pouco abundantes para poder tirar afoutamente uma conclusão; não obstante, fundando-me no que fica exposto, afigura-se-me que a lingoagem de Monsão, fazendo parte, como faz, do dialecto minhoto, apresenta porém os caracteres de uma lingoagem raiana (cf. §§. 8, 11 e 17) em transição para o gallego (cf. §§. 2, 10-*c*, 11-*a*, 11-*b* e 17). É o mais que posso dizer. A pertencer realmente a Monsão o texto do sec. XVIII, que transcrevi, tenho mais uma prova do que affirmo.

II

LINGOAGEM POPULAR DE SOAJO [1]

Soajo fica no concelho dos Arcos de Val-de-Vez, no Alto-Minho. Corre no nosso país que ha em Soajo uma civilisação especial: este facto levou-me a mim e outros amigos a vizitar em Setembro de 1882 aquella povoação; mas a tal civilisação semi-barbara, se existiu em algum tempo, o que não contesto, não existe hoje, que eu saiba, nem d'ella me derão noticia. Soajo é mesmo uma povoação rasoavel de serra. No emtanto os povos vizinhos, Grassão, Tibo, Adrão, Peneda, Gavieira, Castro-Laboreiro, tem muito de agreste e de miseravel: montes extensos, maninhos, cobertos de nevoa, através da qual o lobo uiva; nem uma habitação caiáda que convide ao repouso, nem um pomar verdejante que deleite a vista. Em Grassão ha mesmo casas abertas no solo, como entre os povos primitivos.

Como Soajo é a povoação mais importante das que mencionei, e além d'isso as representa de algum modo ao longe, comprehendo aqui sob a mesma denominação a lingoagem de todas ellas. Pouco accrescento ao que sobre o mesmo assumpto escrevi no meu opusculo *Uma excursão ao Soajo*, publi-

---

[1] Embora ao longe se diga *o Soajo*, na localidade e nos arredores este nome nunca é precedido do artigo definido, como tive occasião de verificar pessoalmente.

cado em 1882 em Barcellos (Typographia do Tirocinio), apenas numa edição de trinta exemplares. Os materiaes são muito poucos, porque não pude reunir mais [1].

A) Phonologia

1. O *l* muda-se em *r* em *arma* (= alma) e *armalho* (= almalho). Não me recordo de ter observado antes do *r* o *u* que noutras partes do Minho apparece nestas condições.

2. Em *álquéire* a primeira syllaba (atona) é fechada e não aberta como no geral do país, onde se diz *àlquéire*.

3. *b* muda-se em *m* em *matata* (= batata), como se ouve noutros pontos.

4. Confunde-se *b* com *v*. Cf. *Dial. minh.*, I, §. 9.

5. O *s* entre vogaes muda-se em *j*, como *maj-é* (= mas é).

6. Existe a terminação *-om* (ou *-oum?*), por ex. *nom* (= não). Cf. *Dialeclos minhotos*, I, 1.

7. Em *cosinho-nas* (= cosinham-nas) houve absorpção da nasal na lettra seguinte. Ha tambem desnasalisação em *home*. Existe o som *ch*. Cf. *Dial. minh.*, I, §. 7.

B) Morphologia

8. Artigo. O archaico *lo* conserva-se constantemente em certas fórmas verbaes, por virtude de assimilação: *guardá-las* (= guardar-las), *pô-lo* (= poz-lo), *trá-lo* (= traz-lo), *fê-lo* (= fez-lo), *dá-la* (= dar-la), *derréte-la* (= derretes-la).

9. Pronomes. *a*) Numa parlenga que ouvi em Soajo, e na qual se pretende representar a lingoagem da Gavieira, diz-se *mi pai* por *meu pai*. Cf. o castelhano.

b) No seu *Manual da historia da litteratura portugueza*, Porto 1875, cita o meu illustre amigo o dr. Theophilo Braga a fórma *bostro*, por *vosso*, como pertencente a Soajo (pg. 11). Lá não me souberão dar noticia de tal fórma: por isso talvez ella pertença a algum povo vizinho, por ventura á Gavieira, onde, como nos nossos povos raianos de Tras-os-Montes, se dá

---

[1] Os factos que não levarem indicação do local onde forão colhidos pertencem á povoação de Soajo.

o tratamento de *vós* ás pessoas de respeito. *Bostro* póde effectivamente representar o lat. *vostrum*, fórma parallela de *vestrum*.

c) É vulgar *le* por *lhe*, como no país todo.

10. Verbos. *a*) Em Castro-Laboreiro usa-se o archaico *hai*, que se encontra muito na nossa raia secca. Cf. *Dial. minh.*, I, 11-*a*.

b) A um soajeiro ouvi *lóz* por *luz* (no verbo *luzir*).

c) É frequente *veum* (monosyllabo) por *veiu*, como noutras partes da provincia. Assenta em *veno*, d'onde tambem provém o popular *vêu*.

d) Usa-se o participio archaico *enxuito*, popular noutros pontos. A gente de Castro-Laboreiro ouvi *tolheito* (por *tolhido*), comparavel ao gallego *envolveito*. Ver o bello trabalho *Theoria da conjugação*, por Adolpho Coelho, pg. 131.

e) Informou-me o snr. abbade de Soajo que aqui se diz *estabámos* por *estávamos*, o que está de accordo com o latim e com o gallego, onde a penultima syllaba do preterito imperfeito do indicativo é tonica em todas as pessoas.

11. Particulas. Sobre *maj* ver §. 5. Sobre *nom* ver §. 6; ao lado de *nom*, ha *num* antes de vogal, o que acontece em todo o Norte. Diz-se *p'ró* (= para o). Existe o archaico *coma*.

12. Varia. O patronymico de Soajo é *soajeiro*; o de Castro-Laboreiro, *crastejo* (deminutivo de *Crasto*, que é a fórma vulgar de *Castro*). A etymologia popular explica o nome *Adrão* por *ladrão*, o nome *Lindoso* por *linda* e *Gavieira* por *gavieiro* [1]; a etymologia d'este ultimo é de certo *gavião*. Ha o deminutivo *lobête* (de *lobo*).

D) Textos

No citado opusculo *Uma excursão ao Soajo*, encontrão-se diversos textos de origem popular colhidos quer em Soajo quer noutras povoações dos arredores. Como esses textos não offerecem nada de rigorosamente novo, abstenho-me de os transcrever para aqui.

---

[1] Vid. o meu cit. op., pg. 29 etc.

E) Vocabulario

Algo. Num romance popular. É o port. arch. e o castelhano (por *alguma cousa*). Do lat. *aliquod* (* *alico*).

Arrecebes, recebes. Vulgar no país.

Armalho, boi inteiro. Cf. o fr. *aumailles*. Viterbo, citando Francisco de Sá, traz *almalho*. Existe em gallego.

Ascordar, acordar. Vulgar noutras terras. De * *adscordare?* (Cf. *ex-cordari*).

Asnaes, lobos grandes de Soajo. Ver o P.e Carvalho, *Corografia*, I, 260. De *asinalis*.

Auga, agua. Vulgar no país.

Baralhadas, badaladas. (Numa parlenga referida á Gavieira).

Bôda, casamento. Este termo usa-se na Beira-Alta para significar um grande banquete. É o masculino de *bôdo* (= lat. *votum*. Cf. Ad. Coelho, in *Revista Scientifica*, 278).

Branda, pasto para o gado. Cf. o fr. *brande*.

Brandar, verbo derivado de *branda*.

Brusca, urze. Do lat. *labrusca?*

Buber, beber. Como no geral do país.

Cervaes, lobos mais pequenos que os asnaes. P.e Carvalho, *ib. ib.* Deriva de *cervus*. Cf. o lat. *cervarius lupus*.

Chancas, especie de sandalias, com as sólas de pau, presas ao pé por correias (Castro-Laboreiro). Ver Pinho Leál, *Port. ant. e mod.*, II, 207. Do lat. *planca*.

Chubia, chuva. Do lat. *pluvia*. Noutras partes do país diz-se *chuiva*.

Croa, coroa. Vulgar no país. Do lat. *corona*.

Cunca, tigela. Usual noutras partes, e archaico. Do lat. *concha*. Cf. o castelhano *cuenca* e o gall. *cunca*.

Cunqueiro, louceiro.

Escadório, escada de pedra. De *escad-orio*.

Fanto, feto. Assenta em *fento* (= lat. *filectum*).

Fazendinha, conjuncto de cabras, ovelhas, etc. (Grassão). Demin. de *fazenda* (= lat. *facienda*).

Giatico, ? Num verso popular.

Góios, pedras. No Minho diz-se *gódos*, e no Porto *godinhos*. A base parece ser o lat. *cos*.

Gudalho, bode. Em gall. *godalho*. A etym. póde ser *bod-alho* (cf. *bodalha* e *bodalhão*). Ao *b* inicial corresponderia *g*: cf. *gomitar* (= vomitare) e a confusão que ha no Minho entre *b* e *v*.

Jazús, Jesus. Vulgar no país.
Juijeis, ? Nuns versos populares.
Luitar, luctar. Do lat. *luctare.*
Marí, Maria. O demin. é *Mar'quinhas,* que se encontra noutros pontos do país.
Mosteiro, egreja grande (Peneda). Cf. *Elucidario* de Viterbo, s. v.
Natarios, donatarios (ao que parece). De [*do*]*natario.*
Pijeira, companheira de lobos. Como o meu bom amigo o prof. Julio Moreira me suggere, a etymologia é o lat. *pecuaria.* Noutros pontos do Minho diz-se *peeira.*
Reim, ? Parece relacionar-se com *rim.*
Relho, peixe. Carvalho, *ib. ib.*
Restreva, resteva.
Ril, rim. Vulgar na Beira-Alta. Do lat. *ren* (n = l).
Senhorença, senhoria. Dado por Theophilo Braga, *ob. cit., ib.*
Suchão, barraca cavada no monte (Grassão). De *sub-chão.*
Tapûas, pedreiros que vão trabalhar para longe. Pinho Leal, *ob. cit., ib.*

Apesar da escacez dos materiaes, creio que se póde affirmar que a lingoagem de Soajo, como a de Monsão, pertence ao dialecto minhoto (cf. §. 1, 4, 6, 7, 10-*c*) com alguns caracteres porém raianos em transição para o gallego (cf. §. 9-*b,* 10-*a,* -*d,* -*e,* etc.). Em Soajo corre que na Gavieira ha uma lingoa particular. Lá não pude ir, mas é provavel, sim, que existão ali caracteres mais accentuados. A Galliza fica perto, e estabelecem-se frequentes relações entre gallegos e soajeiros, que tem até uma classe de contos populares chamados *contos gallegos,* dos quaes possuo um com varios termos gallegos (ex. *che*) e castelhanos (ex. *mujer,* que o povo pronuncía *muguér*).

J. Leite de Vasconcellos.

*

O PRESENTE E O FUTURO DA VITICULTURA NO MINHO

ESTUDO D'ECONOMIA RURAL

(Continuado do n.º 4)

II

No Minho, é bem sabido que a cultura da vide se fixou economicamente não como exclusiva, mas sim associada a outras, sobretudo aos cereaes e forragens; technicamente adoptou a fórma alta, encostando as cepas ás arvores ou estendendo-as em largas ramadas horisontaes.

Esta maneira cultural parece ser a mais primitiva e a que mais se aproxima á organisação da planta, trepadeira de *natureza vagabunda e expansiva*. O modo como ella se comportava no meio das florestas, estava por si mesmo a ensinar o agricultor quando a transportou para os seus campos. Ainda hoje no nosso continente, Côte-d'Or, Toscana, margens do Rheno, etc., encontram-se muitas especies no estado selvatico, subindo pelas arvores ou emmaranhadas em sebes. A vide assim mais ou menos aparada, casada a arvores mais ou menos derramadas, devia ser o primeiro ensaio cultural.

Segundo uma tradição recolhida por Plinio (Liv. XIV, 14) parece que no tempo de Numa não havia outra cultura e esta mesma ainda incipiente; pois diz que elle prohibiu aspergir com vinho a pyra funeraria por causa da raridade do liquido, mas que permittira fazer com este as libações aos deuses uma vez que proviesse de vides podadas, para obrigar a esse trabalho os lavradores que o *receavam pelo perigo de subir ás*

arvores. E de facto muito tempo devêra passar-se antes de se achar a cultura baixa. Transformar um vegetal, a quem a natureza tinha dado elementos para se desenvolver largamente, n'um arbusto de fraco e pequeno crescimento, fazendo concentrar no cacho toda a sua vitalidade, de modo que em vez de um fructo bravio, acido e desagradavel, viesse a produzir um outro de succo dôce, de fino sabor e proprio a produzir uma bebida generosa, esta transformação, assim como de quasi todas as nossas fructeiras, indica uma longa serie de tentativas e observações dos antigos cultivadores. Mas quando emfim se achou a cultura baixa, a primeira com taes ou quaes aperfeiçoamentos ficou provavelmente subsistindo ou nos sitios mais adequados ao cultivo d'outras plantas ou onde o paladar não pedia nem exigia vinhos de primeira qualidade. Todavia no tempo de Columella já se conheciam as duas, ambas as quaes descreve extensamente; a alta sobretudo, é de tal modo indicada no livro v, que a descripção photographa exactamente a viticultura hodierna do Minho. Póde affirmar-se á face do texto do antigo escriptor que n'esta especie desde então nada se tem inventado; tudo se acha alli, desde a arvore em alto fuste (*arbustum italicum*) disposta em andares (*tabulata*) até á entrepada em tres ou quatro cabeços (*rumpotinus, genus arbusti gallici*), incluindo os cordões (*traduces*) que passam de uma a outra. Tal é principalmente a maneira virgiliana, e é a ella que o poeta se refere, quando diz :

Semiputata tibi frondosa vitis in ulmo est.

Este modo de cultivar, remontando como acaba de vêr-se aos tempos mais antigos, tambem não é actualmente privativo da nossa região. Conserva-se na Italia na Lombardia, em França nos departamentos dos Altos Pyrenéos, Garonne, Isère e Saboya; na Suissa em alguns sitios, como Evian; na Hespanha na Galliza. Encontra-se até na Asia central (Kashmir).

Não possuindo os factos necessarios para formularmos a historia do seu estabelecimento no Minho, e especialmente no concelho de Guimarães, indicaremos comtudo que nem sempre foi assim. O foral de D. Manoel, dado em 1517 a esta cidade, contém a seguinte passagem : « E Allem dos direitos atraz decrarados n'este foral ouvemos por bem de mandar asentar aquy e decrarar outros direitos e cousas que antigamente se levavam na dita villa segundo a justificaçam que das ditas cousas mandamos fazer — a saber... E assy o direito que se

chama *dos cariteis que he a pena que se daa aos que trazem os cães soltos no tempo das uvas.* » Vê-se d'este texto que anteriormente ao tempo do foral a generalidade da cultura da vinha devia ser em videiras baixas, aliás não seria preciso tomar medidas policiaes a respeito dos cães *no tempo das uvas.* Combinando todavia as palavras *que antigamente se levavam* com o assentamento dos direitos dos cariteis, devemos inferir que n'essa época a cultura já se estava modificando, sem se ter alterado completamente, pois que n'este caso seria perfeitamente inutil declarar a coima. Concluiremos pois em face do texto que a viticultura baixa seria a regra normal no seculo XV, começando a desapparecer e a transformar-se toda em alta no seculo XVI. A esta passagem do foral convém addicionar a denominação significativa que ainda hoje conservam muitas parcellas de terra, como *campo da vinha* ou *campo do bacello,* quando estas duas designações se eliminaram completamente da terminologia rural da localidade. O objecto desappareceu, mas como das cidades mortas ficou todavia um nome na linguagem popular.

Quaes seriam as causas que levaram os agricultores a mudar o seu systema cultural? Seria a necessidade de applicar á producção de cereaes, em consequencia do augmento da população, a terra que anteriormente occupava a vinha? Talvez aqui, como na antiga Italia, houvesse as duas culturas, e por causas que somos incapazes de determinar com precisão, a baixa succumbiu, emquanto que a outra ficou sendo a norma cultural exclusiva, sobretudo desde a época anteriormente indicada. Talvez a colonisação de muitas outras terras do paiz, onde a vide dava um succo mais saccharino e onde o chão se prestava menos ás plantas annuaes, fosse tambem uma das causas do abandono da cultura baixa local. Os vinhos maduros e alcoolicos, que se produziram nas outras regiões, estabeleceram a moda e derrotaram os vinhos finos que o Minho devia produzir n'essa época. Perdeu-se emfim de tal modo a tradição, que presentemente se chegou a duvidar se a vide cultivada aqui em cepa baixa fructificaria ou se apenas daria varas e folhas.

Qualquer que fosse a causa da mudança, é certo que esta fórma indica da parte do cultivador o desejo de produzir muito e barato com sacrificio da qualidade. O vinho de *enforcado* ou de *embarrado* ha de ser sempre inferior, quaesquer que sejam os aperfeiçoamentos com que se tente melhoral-o. Em todos os paizes, onde se produz, é geralmente considerado

como um producto somenos: o seu consumo não vai além da localidade productora: o paladar, que não foi nado e creado com elle, rejeita-o. « Quando se bebem taes vinhos, dizia um lisboeta referindo-se aos verdes do Minho, é prudente que alguem nos torça uma orelha, para que a dôr que alli se produz nos faça esquecer o acerbo do vinho. » (Sr. A. B. Reis, *Rel. da Exp. de Lyão*). Na antiguidade parece que acontecia o mesmo. Cineas, embaixador de Pyrrhus, conta Plinio (Liv. XIV, 3), depois de admirar em Aricia (perto de Roma) o desenvolvimento das videiras, maiores que os olmos, alludindo ao vinho que era agraço, observou « que tinha sido justo enforcar em tão alta cruz a mãi de tal liquido. » E de facto nos climas europeus, e especialmente no nosso, a uva nunca póde amadurecer sufficientemente sem ser beneficiada pelo calor reflectido, beneficio que de certo se não póde conseguir quando os cachos pendem d'uma grande altura; por outro lado tambem nunca será possivel n'este caso prestar-lhes todos os cuidados, que se tornam necessarios quando se trata d'uma bebida fina.

E todavia era um producto de primeira qualidade n'um typo determinado e que pudesse ser recebido pelo mercado geral que o proprietario do Minho devia hoje produzir de preferencia. A má nota da região já não póde ser um obstaculo á venda, quando fôr na realidade bom. Alguns annos atraz seria assim; hoje a situação é muito differente: as mais famosas regiões vinicolas estão, infelizmente, ou destruidas ou ameaçadas d'uma catastrophe proxima; o consumidor sabe bem que de muitos vinhos classicos, apenas resta em geral uma etiqueta que quando muito apenas lhe poderá entreter a phantasia. Uma revolução está imminente em todo o mundo vinicola; os antigos centros de producção, tendendo a desapparecer, serão fatalmente substituidos por outros; por isso os bons provadores, não confiando já no diploma heraldico, que em muitos casos pertence a raças extinctas, procuram sobretudo um producto saboroso, delicado, fino e verdadeiramente natural, qualquer que seja a sua procedencia.

Demais, uma vez limitada a área de cultura, a quantidade do vinho diminuirá sem duvida e portanto augmentará o seu preço. Se presentemente se não dá este facto, é por causa da negligencia da administração geral que deixa vender impunemente vinhos artificiaes: mas desde que os viticultores e o publico fizerem a pressão conveniente, os falsificadores serão por força eliminados.

N'esta crise, que provocará a diminuição da producção, possuir um artigo que não póde passar as fronteiras da provincia, quando se poderia produzir outro de circulação geral, é desprezar os elementos de riqueza natural e collocar-se n'uma posição inferior ás outras regiões.

Se na nossa não houvessse nenhuma phytonose seria de facto imprudente alterar de qualquer modo a viticultura actual; mas havendo aqui já quasi todas as molestias conhecidas e ámanhã, quem sabe, alguma nova, devemos concluir que a região não é indemne e portanto é de vêr que convém tomar todas as precauções na cultura da vide, augmentando os cuidados e melhorando o tratamento, sendo por isso necessario procurar simultaneamente no aperfeiçoamento do producto a recompensa do maior trabalho.

Anteriormente á morte dos castanheiros e ao apparecimento do *oidium* a cultura arborescente tinha as maiores vantagens economicas. Uma vez casado o castanheiro, a vide trepava pela arvore e enlatava-a, bastando apenas um trabalho mediano do lavrador. A poda era simples e geralmente biennal. Diremos que bastava quasi unicamente colher. Arvore e vide viviam e morriam abraçadas; mas á sua morte o castanheiro depois de ter por largos annos abundado o cultivador de fructos nutritivos e de vinho, dava-lhe ainda a mais preciosa madeira de construcção. Depois a cultura tornou-se mais cara e menos lucrativa. O homem do Minho não descobriu outra arvore da mesma importancia, nem talvez nunca a descobrirá. Das que lhe succederam quasi todas duram muito menos, e nenhuma lhe dá fructos que valham as castanhas em valor nutritivo, nem nenhuma depois de se ter sustentado no campo, fertilisado á custa de tantos trabalhos e sacrificios, lhe fornece uma madeira que possa concorrer com ella longinquamente. Quando o tutor desapparece, na maior parte dos casos é força mergulhar a vide, e como esta renovação se faz agora em periodos curtos, cessa amiudadamente a producção durante quatro a cinco annos pelo menos.

Em certos terrenos comtudo a vide alta terá sempre o seu lugar e deverá ter a preferencia a qualquer outro methodo cultural, devendo-se todavia escolher a casta que mais se preste a esta situação e condições, tanto no ponto de vista da producção como da menos má qualidade do producto. O vinho assim produzido servirá principalmente para abastecer o consumo interno e o mercado usual que está acostumado a esta especie. Em taes terrenos a vide continuará a ser cultivada

unicamente á borda dos campos em bardos, arvores ou ramadas, e taes são os especialmente adaptados á producção de cereaes e forragens.

As terras cultivadas da região podem dividir-se geralmente em tres classes, se considerarmos as suas propriedades productivas nas culturas actuaes; terras fundas com agua de rega e lima; terras de boa consistencia com uma certa humidade propria e de sólo aravel profundo, com ou sem agua de rega; e emfim terras sêccas, com alguma ou pouca fundura de sólo e sem agua de rega. As duas primeiras classes produzem tão vantajosamente cereaes e forragens, que seria absurdo substituir-lhes presentemente qualquer outra cultura; mas não assim a terceira. Quando no afolhamento geralmente adoptado lhe chega a vez dos cereaes de verão, a producção fica incerta e dependente das condições meteorologicas de julho e agosto. Se n'este periodo de seccura atmospherica no nosso clima véem chuvas abundantes, a producção ainda retribue o seu tanto o trabalho cultural; mas quando estas são poucas ou nullas, então a producção é insignificante e o trabalho fica sem retribuição. Os mesmos cereaes de inverno não são muito remuneradores n'estes terrenos; a menor intemperie os prejudica; e as pastagens que nos intervallos se podem obter são tão pouco abundantes, que pouco alimento proporcionam aos gados; e todavia estas terras surribadas quando necessario, e adubadas convenientemente prestar-se-hiam da melhor maneira á cultura da vinha, destinada a produzir uma bebida superior.

A sua área não é tão pequena como se póde suppôr á primeira vista; não havendo trabalhos estatisticos especiaes que permittam avalial-a com exactidão, crêmos poder calcular que todos os casaes em regra geral ou com uma distribuição regular de terrenos, possuem dos ultimos uma boa quinta parte: alguns terão mais, outros menos, mas a média deverá ser aquella. A sua pouca fertilidade para as culturas actuaes provoca uma despeza quasi perdida e portanto um desequilibrio no rendimento do casal. Mas emquanto as plantas annuaes se desenvolvem com difficuldade e produzem mesquinhamente, póde notar-se como ao lado nas bordas do mesmo campo a vide cresce, medra e se cobre de cachos. São estes terrenos que produzem o melhor vinho da propriedade e é para elles que se deve voltar a attenção dos proprietarios quando se resolverem a produzir um *vinho fino*.

III

Chegados a este ponto, convém assentar o que se deve entender por aquella designação que parecerá sem duvida paradoxal ao maior numero, quando se trata da nossa região. Chamamos assim, é verdade, no nosso paiz unicamente aos vinhos alcoolicos, sêccos, adamados ou licorosos. Todos os outros são considerados como ordinarios e envolvidos n'esta denominação pouco idealista de *vinhos de pasto*. Estes não nos merecem grande consideração; ou sejam verdes, ou mais ou menos maduros, quer se destinem á caldeira quer ao consumo directo. A este respeito nota o Sr. A. B. Reis: « A differença entre os nossos vinhos e os francezes está marcada pela diversidade de tom que uns e outros apresentam. Os francezes sacrificam tudo ao chamado *bouquet* e ao natural frescor do vinho, nós ao assucar e ao alcool a que aquelle dá origem. Assim é impossivel chegar a encontrarmo-nos. » (*Rel.* cit.).

A grande preoccupação da viticultura nacional tem sido, de facto, a producção do alcool: hoje a opinião começa a modificar-se e não virá longe a época em que cesse toda a confusão. Assentemos desde já que ha vinhos finos além dos alcoolicos, e ouçamos a este proposito uma das maiores authoridades contemporaneas, Sr. C. Ladrey que tratando da classificação dos vinhos diz: « Poremos em primeiro lugar os vinhos que se designam geralmente com o nome de *vinhos de mesa,* tintos e brancos, dividindo-se em ordinarios, communs ou de consumo corrente, e finos ou de qualidade superior. A differença entre uns e outros é determinada pela variedade da vide e a natureza do mosto que cada casta produz. São todos caracterisados pela desapparição quasi total do assucar em consequencia da fermentação alcoolica que soffrem quer nas balseiras quer nas vasilhas. » (*L'art de faire le vin*). N'este caso o que fãz sobretudo valioso o vinho é, além da maior ou menor quantidade d'alcool, o seu arranjo intimo, a justa proporção de todos os seus elementos; e tanto ou mais que aquella substancia, o gosto, a côr e a elegancia que resultam d'uma grande quantidade de principios differentes. O *clairet* ou vinho de Bordeus, por exemplo, cuja percentagem alcoolica é muito inferior em relação á maior parte dos vinhos portuguezes, nem por isso deixa de ser um dos mais preciosos productos.

Se considerarmos agora a viticultura nacional, crêmos, não

será difficil chegar a um accordo. Uma vez que o paiz possue zonas de climas sêccos e ardentes, outras de climas temperados, mais ou menos humidos, ficaria cada uma naturalmente com a producção vinicola que lhe é propria. As primeiras com os seus preciosos vinhos alcoolicos, as segundas com os leves, frescos e aromaticos, tintos ou brancos, muitos dos quaes nem tem menos valor nem occupam ás refeições uma posição inferior.

Estabelecida assim a oinotechnia em todo o paiz, está visto que os typos de vinhos se reduziriam unicamente a tantos quantas as regiões; no dia em que a economia rural da nação tenha chegado a este resultado resolverá uma das maiores difficuldades do seu commercio internacional de vinhos, acabando com esta infinidade de qualidades, que desorientam o consumidor estrangeiro, que por fim nunca póde saber bem ao certo o que é o vinho portuguez; d'onde provém que uma grande parte d'elle é vendido a especuladores estrangeiros que arranjando-o convenientemente lhe dão o typo necessario para entrar no mercado, mas com um nome ou marca de commercio que não é a nacional.

Estes principios terão applicação á nossa provincia, que não deverá ficar indifferente á revolução vinicola que se está operando. Prestando ao vegetal, e sobretudo emquanto durar o seu estado doentio, uma cultura delicada e cuidadosa, pedir-lhe-ha em troca um producto fino que occupará um lugar nas exportações internacionaes e que não será a menor riqueza dos seus campos, se os proprietarios a despeito de tudo não persistirem em produzir um artigo para o qual estará sempre fechado o mercado geral.

Que nas suas terras fundas ou menos convenientemente expostas conserve a viticultura arborescente destinada a produzir a bebida geral da localidade, a quem agrada esta especie, já o dissemos anteriormente: mas que nas terras d'encosta, enxutas, abrigadas e bem aquecidas por este nosso sol peninsular, onde o milho amadurece as mais das vezes extemporaneamente nos principios de setembro por falta de humidade e excesso de calor sêcco, cultive castas finas para produzir bons vinhos de mesa, é o que nos parece de grande vantagem no estado presente. Assim haveria duas qualidades de vinhos. O mesmo acontece em muitos sitios, na Borgonha por exemplo, onde os vinhos finos são produzidos pelos *pinots* e os ordinarios pelos *gamays*. Mas são os primeiros os que lhe dão a reputação e fazem a sua riqueza.

O Minho por causa do seu verão um pouco curto nunca poderá produzir vinhos ricos em alcool; a falta de grande calor muito prolongado, e sobretudo a humidade desde fins de setembro ou principios d'outubro não permittem que a uva chegue áquelle estado de extremo amadurecimento que lhe é necessario. Mas em vez d'estes está naturalmente disposto para produzir os outros, que são sobretudo os que o mercado geral pede em maior escala, e os que representam o papel mais importante na alimentação e emfim os que são mais beneficos ao corpo e ao espirito, segundo a phrase do dr. Guyot.

Para estes ha aqui o calor e seccura atmospherica sufficientes uma vez que se colloquem as vides em condições opportunas. Seria mesmo absurdo suppôr o contrario, vista a situação da região, a sua flora e as suas culturas ordinarias. Não tem de certo calor para transformar a uva em passa, mas tem o sufficiente para lhe eliminar a maior parte dos acidos livres e fornecer-lhe todos os principios necessarios á contextura d'um bom vinho.

Dada a cultura baixa, em climas como este o mosto torna-se mais igual na sua composição: nem excesso de glycose e falta de fermento, nem excesso do segundo ou acidos em demasia. Tão difficil será produzir aqui vinhos alcoolicos, seccos ou licorosos, como nos outros climas a segunda especie; n'estes o assucar não se desdobrando nunca convenientemente na fermentação, o vinho conserva sempre um gosto adocicado tão desagradavel, quando se faz d'elle um uso ordinario ou fóra do lugar que lhe é apropriado.

« Em França mesmo temos o exemplo d'isto; não são os vinhos do meio-dia que são os melhores para o typo de vinho genuino de pasto. É sobretudo na região do centro, na Borgonha, que esses productos alcançam um equilibrio completo e distincto. Com o chamado *bouquet* acontece o mesmo. Não é nos vinhos do meio-dia da França que esta qualidade se avantaja mais, ao passo que em regiões mais temperadas apparece nos vinhos um *bouquet* fresco e caracteristico. E não ha que admirar n'estes phenomenos. O aroma é muito caprichoso e delicado e a temperatura elevada não é a que mais lhe convém... Assim os vinhos francezes têem mais aroma que os nossos, e entre nós são os verdes os mais perfumados... A média da graduação dos vinhos francezes é de 13 a 18° (Gleuc. Guyot). No entanto os Borgonhas têem no geral 22 a 23° » (Sr. A. B. Reis, *Rel.* cit.).

As considerações que acabamos de fazer, d'accordo com os principios admittidos por todos os viticultores e œnologos são confirmadas aqui pela pratica. Experiencias proprias n'um concelho limitrophe ao de Guimarães tem-nos demonstrado que adoptada a cultura baixa e castas finas, o Minho póde produzir excellentes vinhos que se aproximem ao typo de qualquer vinho francez de grande nomeada, apresentando um caracter que faça lembrar o de Bordeus ou que esteja entre este e o de Borgonha.

É certo que durante alguns annos foi necessario ensaiar varios processos de vinificação, e portanto antes que a pratica mostrasse os mais convenientes, teve de se hesitar até se determinar o conjunto de operações que reclamava a sua natureza. O ensaio glycometrico dos mostos obtidos na região, provenientes de cultura baixa e castas finas, mostrou as seguintes densidades tomadas com o Gleuc. Guyot: 1881, 22°; 1882, 21°; 1883, 20°; 1884, 20°. Estas densidades correspondem a percentagens alcoolicas effectivas de 11 a 13 %. Será muito difficil, senão impossivel excedel-as, sobretudo na grande cultura. As condições climatericas não permittem que a uva adquira mais riqueza saccharina: as chuvas e a humidade atmospherica desde os principios d'outubro determinam antes o apodrecimento e eliminação do sabor caracteristico da casta. Tambem se a densidade subisse um pouco mais, então o vinho tomaria outro caracter, que de facto não pertence á nossa região.

Na mesma propriedade, o melhor vinho produzido em arvores, mas com uma cultura bastantemente melhorada, deu uma percentagem alcoolica de 8 a 8,9 %. Esta differença consideravel indica á primeira vista a superioridade da outra sobre a ultima cultura, e mostra como o liquido ficou sobrecarregado de acidos, que se não converteram em glycose, como na primeira, com 4 a 5 % de alcool perdido.

Examinemos agora a productividade da vide em cultura baixa. As mesmas experiencias mostram que um hectare plantado com cepas de qualidades finas e regularmente ferteis na região, póde produzir termo médio por anno 4 pipas de excellente vinho, que valem, preço dos dois ultimos annos, 162$000 reis ou 40$500 a pipa. Supponhamos todavia que o preço desça e venha a fixar-se em 36$000 reis; aquella área dará todos os annos um rendimento bruto de 144$000 reis. O tratamento o mais cuidadoso, incluindo os adubos, segundo o valor do trabalho na provincia, não excederá a 50$000 reis,

vindo portanto o rendimento liquido a contar-se por 94$000 reis. Ora a mesma extensão cultivada em cereaes não poderia dar de renda mais que 30 ou 40 rasas (alqueires); tomando uma média ou 35 rasas e calculando o preço á razão de 500 reis, teremos 17$500 reis; as uveiras que se podem dispôr em volta d'este terreno, distanciadas a 5 metros aproximadamente, dando que estejam todas bem armadas, não poderão exceder a 76, que nos bons annos produzirão quando muito 30 almudes de vinho verde; deduzindo o terço para fabrico, restam 20 que valerão termo médio 18$000 reis; e portanto toda a producção n'esta hypothese regulará por 35$500 reis: a differença por hectare nunca poderá ser inferior a 58$500. Um proprietario que separasse para a nova cultura 2 hectares de terreno menos proprio para os cereaes e forragens teria um augmento de receita annual no valor de 117$000 reis. Quem conhece as difficuldades com que lucta presentemente a pequena propriedade local, não duvida que este excesso seria a salvação de muitos cultivadores que saldam annualmente as suas contas com um *deficit*. E se d'um casal d'extensão média passarmos a considerar uma parochia, um concelho ou toda a região é facil de vêr que riqueza traria aos proprietarios do Minho o novo cultivo das vides.

O mesmo modo, como estão hoje dispostas, dará facilmente ensejo a um afolhamento sem haver necessidade de as transportar a outros terrenos novamente arroteados. Assim poder-se-ha aqui realisar facilmente uma das condições, julgada sobretudo essencial por um grande numero de observadores. Se as vides actuaes se anguillularem ou phylloxerarem com a intensidade notada em tantas outras zonas vinicolas, hypothese já prevista por muitos homens competentes, nada mais simples que acabar de as destruir com substancias toxicas e plantar no meio dos campos, deixando o espaço de resguardo sufficiente de maneira que as novas plantações fiquem longe do alcance das raizes das doentes. A faxa occupada por estas voltaria ás plantas annuaes, emquanto que aquellas iriam encontrar no meio do campo um sólo que ainda não exhauriram e portanto contendo os principios nutritivos que lhes são necessarios. Mas as novas plantações, provocando uma despeza a maior, deverão tambem produzir maior rendimento.

Nem a nova cultura diminuiria sensivelmente a producção cerealifera, pois que uma vez eliminados os terrenos menos favoraveis, os outros augmentariam a producção pelo maior cuidado que lhes poderia prestar o cultivador.

O que torna extremamente carregados d'acidos e portanto desagradaveis e fracos os vinhos de procedencia minhota, não é nem o terreno nem a falta de calor, mas sim a má qualidade das vides e a maneira de as cultivar a grande altura, de modo que os cachos não podem receber a acção benefica e necessaria do calor reflectido, como já notamos anteriormente. A este defeito cultural, fundamental para se obter um producto de qualidade superior, acresce o descuido e negligencia do lavrador que mistura indifferentemente as uvas, qualquer que seja o seu estado ou o seu grau de maturação.

Para se poder produzir um vinho fino, além do terreno e clima, que convenham á vegetação e fructificação da vide, são essenciaes, dados aquelles elementos, castas finas e uma cultura adequada. São estas duas condições que faltam absolutamente na provincia. Está averiguado por todos os viticultores, que as cepas ordinarias produzem sempre, qualquer que seja o sitio, um producto inferior.

« A qualidade da vide é a base do vinhedo, a sua gloria ou a sua abjecção; o sólo eleva ou abaixa sem duvida a qualidade do vinho, dá-lhe um gosto e um cunho especial, mas não transforma as videiras, nem inverte nunca a ordem do seu valor respectivo... A designação da quinta ou da propriedade absorveu a da cepa, emquanto que na realidade é esta que domina a outra. Plante-se Chateau-Lafitte de *gamay* ou *gonais* e ter-se-ha um vinho detestavel: substituam-se por estas as velhas castas de Clos-Vougeot e o vinho valerá 50 francos a meia pipa. Leve-se o *cabernet-Sauvignon* do alto Medoc, o *franc-pineau* da Borgonha para a Madeira, o Cabo, Hespanha, Argelia ou até para Auxerre, em toda a parte aquellas castas darão excellentes vinhos que farão lembrar os melhores bordeus ou os mais finos borgonhas: valerão mais ou menos sem duvida porque o terreno, a exposição, o clima, o anno e o fabrico têem uma parte real e incontestavel na leveza, riqueza, gosto e *bouquet* do liquido; mas o Cabo, a Navarra, a Madeira e Auxerre recordarão os bons vinhos da Borgonha e Bordeus. » (Dr. Guyot).

Uma vez que a viticultura portugueza tem de se modificar completamente, se quizer continuar a existir e a produzir, não deixará d'attender na resolução de todas as difficuldades, com que já está a braços, mais a esta que é capital, isto é, á eliminação de todas as castas inferiores que povoam os seus vinhedos n'uma confusão extrema, conservando apenas um

numero muito limitado, as mais finas e as mais apropriadas a cada uma das regiões vinicolas.

A superioridade da producção por uma só ou por muito poucas, das quaes uma predomine sempre, é um facto averiguado por todas as pessoas que se tem occupado d'este assumpto. «O Borgonha tinto ou branco, o vinho de Chablis, do Beaujolais, os brancos da Vourray, de Saumur, os tintos de Bourgueil... são produzidos por uma só casta. Os vinhos de Champagne, Côtes du Rhone, Ermitage por duas: os do Medoc, Graves, Sauterne, e todos os vinhos generosos do meio-dia por tres ou quatro cepas quando muito, havendo sempre uma predominante.» (C. Ladrey, *Tr. de vit. et œn.*).

Deixemos as videiras ordinarias para as terras de cereaes e pastagens; para as outras escolhamos uma ou duas proprias para produzir vinhos finos de mesa, que possam entrar no mercado geral. Estes vinhos não sendo unicamente consumidos na localidade conservam sempre um preço muito elevado, e é este que de futuro ajudará o pequeno cultivador a vencer as difficuldades que se lhe vão já anovellando sobre o seu pobre casal. Toda a questão pois n'este ponto reduz-se a encontrar uma ou duas variedades que se adaptem melhor ao sólo e sobretudo ao clima, e determinar depois, entre os milhares de fórmas culturaes em cepa baixa, qual, considerados aquelles, convenha de preferencia á casta ou castas escolhidas.

IV

Mostrado experimentalmente que a terra e clima se prestam perfeitamente á producção de vinhos finos d'um typo determinado, resta examinar o conjunto das condições economicas da região e avaliar se estas se prestam á exploração e estabelecimento da nova cultura.

O concelho de Guimarães e geralmente todo o Minho apresentam-se de facto nas circumstancias as mais opportunas. Possue a pequena propriedade e esta condição é quasi indispensavel desde que se trata de vingar um vegetal doente, enfraquecido e atacado por uma grande quantidade de molestias. A somma de cuidados que é necessario dar-lhe, e cuidados affectuosos d'enfermeiro, não se podem realisar, senão quando o tracto de terreno a cultivar é muito restricto.

Outra condição não menos vantajosa é ser a cultura já as-

sociada a outras: n'este caso se a planta tiver de succumbir, quaesquer que sejam os esforços empregados, nunca se porá em risco a fortuna e o rendimento agricola da provincia. O augmento de trabalho nunca poderá contrariar as demais culturas, por isso que os principaes da vinha se effectuam no tempo de repouso das outras, dando antes um emprego aos braços aliás desoccupados.

As culturas actuaes auxilial-a-hão consideravelmente; por isso que a producção de forragens e cereaes, permittindo a creação de gados, e portanto a formação d'adubos de curral, ajudal-a-hão enormemente, visto estar verificado e constatado que os adubos lhe são essenciaes. É certo que a industria fornece hoje uma grande quantidade de substancias fertilisadoras, que theoricamente deveriam substituil-os; mas essas não só chegam ao nosso paiz por um preço muito elevado, como tambem a pratica tem mostrado que o seu emprego exclusivo não dá tão bons resultados, como quando se empregam associadas aos adubos normaes, formando *compostos,* que recebam em maior dóse os principios que rareavam ou faltavam absolutamente. Em todo o caso os adubos ordinarios são os que mostram melhor acção, quando devidamente preparados e applicados com as necessarias conveniencias.

Ajunte-se a todas estas considerações uma população com meia aprendizagem formada, acostumada a cultivar a planta e teremos um conjunto de circumstancias e condições que nos devem fazer prevêr que o melhor exito coroará uma tentativa de reforma cultural da vide no sentido indicado. O plano que acaba de se apresentar, desde que a pratica mostra a possibilidade de ser trazido á realidade, ajudará a resolver a crise, com que em tempos, que não virão talvez muito distantes, se debaterá a propriedade do Minho. Todos sabem que os impostos de toda a ordem a sobrecarregam de tal modo que uma boa parte do rendimento sendo assim eliminada todos os annos, ou o proprietario terá de augmentar a sua receita, melhorando qualquer das suas producções, ou vêr-se-ha obrigado a abandonar o cultivo de muitas terras menos productivas no systema presentemente seguido. É para estas que propomos a substituição das actuaes pela nova cultura da vinha, de maneira a produzir um vinho fino e portanto um augmento de receita.

Uma reforma d'estas comtudo, por simples que pareça á primeira vista, será longa e vacillante e talvez não chegue nunca a dar o resultado pedido, se não fôr dirigida por um impulso homogeneo e se não obedecer a uma direcção intelligente.

Como todas as revoluções que entendem com a vida intima da população, é preciso que seja convenientemente estudada e provada util e pratica antes de se introduzir no uso ordinario da vida.

Desgraçadamente no nosso paiz todas as questões d'onde podem derivar a riqueza ou a miseria da nação correm á revelia, sem se ter estabelecido uma acção, que no meio do individualismo contemporaneo as discuta e dirija a sua resolução.

N'esta situação a primeira necessidade será a organisação d'uma sociedade vinicola, que se proponha fazer os estudos praticos necessarios para melhorar e aperfeiçoar a cultura e a vinificação do concelho. Só uma sociedade póde emprehender o estudo d'esta grande multiplicidade de factos sem o conhecimento dos quaes nunca se poderá chegar desafogadamente a um resultado apreciavel.

O estabelecimento primeiro d'um horto experimental onde se cultivassem muitas castas finas, com diversos systemas de poda e cultura, o conhecimento da fertilidade de cada uma, e do valor do vinho produzido, o ensino pratico da viticultura e vinificação aos vinhateiros da localidade, e o fornecimento aos proprietarios das plantas consideradas melhores tanto sob o ponto de vista da producção como da boa qualidade do producto — eis os primeiros termos d'esta questão que, isoladamente, quaesquer individuos nunca talvez resolverão, emquanto que uma sociedade conduziria facilmente á solução pedida.

Depois a sua acção poderá ir mais longe. Distribuida assim a viticultura em pequenas propriedades é de vêr que o productor vêr-se-hia arriscado a servir principalmente á especulação do negociante. Quem produz uma pequena quantidade de certos productos não poderá nunca obter a firma commercial, que exige uma massa mais consideravel. Mas a sociedade recebendo o vinho immediatamente ao seu fabrico e pondo-lhe a sua marca, procurar-lhe-hia facilmente um mercado. Deduzidas as despezas emergentes, todo o producto passaria ás mãos do productor.

N'esta secção do trabalho nacional, assim como em todas as outras, o isolamento é a fraqueza e a anarchia; sente-se que tudo vai mal, mas não se sabe o que deveria fazer-se. Cada um póde ter esta ou aquella opinião, individual apenas, faltando absolutamente determinar est'outra que seja recebida pelo maior numero, e que se torne n'uma affirmação geral, depois de verificados os factos que lhe dizem respeito. Tal re-

sultado não se póde conseguir no meio da dispersão de todas as forças economicas. Só depois de organisadas é que poderá haver a esperança de se chegar ao fim proposto. No dia em que todos os trabalhadores, industria agricola e fabril, se convencerem que o desenvolvimento do trabalho nacional depende sobretudo de si mesmos, da resolução d'uma grande quantidade de questões que só elles podem estudar, unicamente n'este caso póde haver confiança que as soluções obtidas se transformem em governo da nação.

Guimarães — 1884.

ALBERTO SAMPAIO.

*

AS ARTES MECHANICAS

O homem é o interprete da Natureza. Não entende nem sabe se não tem conhecimento, experimental ou reflectivo, dos sêres que o rodeiam. A sua mão núa, por muito robusta, infatigavel ou docil que seja, possue aptidão apenas para um pequeno numero de effeitos; só póde executar grandes coisas por meio de instrumentos e regras. Outro tanto acontece ao entendimento.

Os instrumentos e as regras são como musculos juxtapostos aos braços e elasterios accessorios dos do espirito. O fim de qualquer arte, em geral, ou de todo o systema de instrumentos e regras, tendendo a um mesmo fim, é imprimir certas fórmas determinadas sobre uma base dada pela Natureza; esta base é a materia, o espirito, alguma funcção da alma, ou alguma producção da Natureza.

Devemos ao acaso um grande numero de conhecimentos; muitos se nos deparam que não procuravamos: é de presumir que nada acharemos quando acrescentarmos os nossos esforços ao seu capricho, e não empregarmos ordem e methodo nas nossas investigações e descobertas?

Se agora possuimos segredos, que d'antes não esperava-

mos nem tinhamos, e se nos é permittido deduzir conjuncturas do passado; porque não nos havia de reservar o futuro riquezas com que não contavamos?

O que, porém, nos deve acoroçoar nas investigações e descobertas, e determinar a olharmos com attenção em volta de nós, são os seculos, que se foram sem que os homens descobrissem coisas importantes que tinham, por assim dizer, diante dos olhos: taes são as artes que conhecemos em nossos dias, e para cuja perfeição e engrandecimento labutamos incessantemente.

Nas artes mechanicas o poder do homem reduz-se a aproximar ou afastar os corpos naturaes. O homem póde tudo e não póde nada, consoante essa aproximação ou esse afastamento é ou não possivel. As artes a que se póde dar o nome de puro instincto, são as que o homem desenvolveu e poz em uso, sem que lhes conhecesse os progressos e a perfeição: são uma consequencia natural do habito, fundadas nos resultados das combinações e calculos antecedentes; teem uma applicação constante, seguida, immudavel, de experiencias sobre objectos particulares, sensiveis ou materiaes; — e o simples artifice não tem senão o conhecimento inoperativo das regras da arte; a sua pratica é meramente o uso habitual e não reflectido das mesmas regras. O acaso apresenta as difficuldades e dá os phenomenos; ao artifice compete explicar os phenomenos e amover as difficuldades; — d'onde se segue, que o artifice, sabendo raciocinar, póde fallar proficientemente da sua arte e executal-a com aptidão.

Como a condição do espirito é extravagante! Se trata de descobrir, desconfia da sua força, abraça-se ás suas difficuldades que fomenta, e as coisas parecem-lhe impossiveis de descobrir. Se as encontra, não concebe como foi necessario empregar tanto tempo e tanto afan em procural-as, e apieda-se de si mesmo. D'outra feita, entrega-se ao acaso, perde a coragem, tão necessaria sempre, quer ser seu senhor, tornando-se seu rival.

A industria é de todos os tempos e de todos os paizes: a utilidade inventou-a, a commodidade aperfeiçoou-a, e o tempo ergueu-a ao grau mais altaneiro. Vê-se tambem que é entre os povos mais cultos que as invenções se succedem, não supportando limites.

Como as artes teem sempre um paiz, um asylo onde se exercem e florescem, é mais facil ir procural-as ahi e attrahil-as, do que esperar, quedamente e de braços cruzados, o

seu nascimento e progressos da lentidão do tempo e do favor do acaso, que preside ás descobertas do genio.

Todas as nações industriaes da Europa tomaram da Asia a parte mais bella, mais copiosa e mais opulenta das suas artes; foi n'esses povos, successivamente conquistados, que as nações europeias, que não tinham podido ser civilisadas, nem pela religião, nem pelos seculos, acharam as sciencias e as artes, que não procuravam. A natureza e a fertilidade do clima procrearam alli, em todos os tempos, com a abundancia de todos os fructos, uma população numerosa. Alli, a estabilidade dos imperios fundou as leis e as artes, e a riqueza do sólo produziu o luxo, esse creador da industria: n'uma palavra, a velha Asia possuiu, com todos os thesouros da Natureza, as mais brilhantes creações da arte.

Se a guerra se oppôz cruelmente ao progresso das artes entre os povos, a intolerancia religiosa não contribuiu menos para aniquilal-as e destruil-as. Se a guerra faz perder ás nações homens para defendel-as e braços para utilidade d'ellas; viu-se sempre a industria decrescer com a miseria dos povos, occasionada pelo fanatismo. A guerra destruia os monumentos, que renasciam das cinzas, da mesma maneira que os homens; mas a intolerancia religiosa, obrigando os homens a dispersarem-se pelos paizes mais pacificos, arrebatou ás nações a população e a esperança de rehavel-a.

Toda a nação agricola deve ter artes para empregar os seus materiaes, e deve augmentar as suas producções para manter os seus artifices. Quando as nações reunem a industria á propriedade, a cultura das producções á arte de as empregar, teem em si mesmas todas as faculdades de existencia e conservação, todos os germens de grandeza e prosperidade.

Nada favorece e avantaja mais a liberdade do que as artes, e protegel-as é perpetual-as. Um governo preclaro e digno deve, por conseguinte, prestar todo o auxilio e impulso ás artes, pois que ellas são a riqueza e a base das mais subidas especulações.

Cumpre fazer uma observação, que conduz insensivelmente á prova da ligação das causas aos seus effeitos, e é — que foi sempre debaixo dos mais esclarecidos governos que as artes floresceram e fructificaram exuberantemente, e que a sua decadencia marcou muitas vezes a queda d'um estado. A Historia abunda n'estes exemplos.

Se as artes são necessarias á nação, não são menos favoraveis ao Estado. Posto que quasi todas as artes dependam da

imaginação; posto que ellas mudem, como a imaginação que as produz; embora ellas se apresentem sob diversas fórmas pelas modificações que soffrem; póde, todavia, assegurar-se que o seu aperfeiçoamento depende muito do genio das diversas nações que as cultivam. A carreira das artes é mais extensa do que se imagina, e examinando-as todas, vê-se que nenhuma ha que não seja susceptivel de receber impressões differentes.

Poucas são as nações que não tenham procurado aprofundar os diversos elasterios susceptiveis de garantir a perfeição das artes, que lhes são essenciaes: os povos indolentes e inactivos possuem invenções muitas vezes suggeridas pelo acaso; — mas as nações industriaes e activas pretendem o mais alto grau de perfeição e a extensão indefinida dos conhecimentos adquiridos pelo concurso das maiores causas.

As artes, em geral, quando alçadas ao ponto de tornarem uma nação especulativa e emprehendedora, são moveis indispensaveis para submetter ás suas influencias as nações com que ella se corresponde; para augmentar interiormente a riqueza e a abundancia; para conservar um equilibrio continuo entre as potencias, que esperam d'ella os recursos da industria e os seus progressos; para reparar continuamente a desigualdade de bens e procurar o necessario physico aos cidadãos.

A abastança dá a todos os gozos honestos um ar de liberdade, que liga e confunde as condições; a occupação dá valor ou encanto aos prazeres, que constituem o galardão do trabalho; cada cidadão, seguro da sua substituição pelo producto da sua industria, entrega-se a todas as occupações agradaveis ou penosas da vida, com essa serenidade da alma, que conduz ao repouso. A cubiça hostilisa e victima como a guerra ou a superstição — esses monstruosos flagellos dos povos ociosos.

Quem diz arte diz virtude. A industria póde crear vicios — mas, pelo menos, mata os da ociosidade, que são incomparavelmente mais perigosos e funestos. Emquanto uma nação trabalha, não é dominada pela superstição, e o homem que se sujeita a trabalhos assiduos e methodicos não vai procurar nos phantasmas motivos de interesse, que, as mais das vezes, acobertados com as apparencias de virtude, afogam gradualmente as virtudes e o instincto particular do homem para o desejo e execução da ordem e do progresso, da liberdade e da justiça, que são a base segurissima, inabalavel, das sociedades modernas.

Se as artes, n'uma palavra, civilisam e dão vida ás nações, procurem os Estados todos os meios de as fazer florescer; se no estado actual da sociedade as nações mais industriaes são as mais felizes e poderosas, a esta dupla vantagem deve reunir-se a situação politica de um Estado para que a sua estabilidade não periclite ou baqueie. Assim, a industria exerce-se com mais seguridade e emulação, tornando-se a alavanca do commercio cujo principio é.

Quanto mais se reflecte sobre o emprego e uso do tempo, mais se deve convir que a riqueza de um Estado deve crescer e perpetuar-se pela industria interna e pelos systemas que a estabelecem proporcionalmente ao numero de homens, á liberdade que lhes deixa exercer as suas faculdades, e ás relações que elles devem ter entre si.

Objectar-se-ha, talvez, que a grande riqueza de todo o Estado politico e, por conseguinte, o bem-estar de toda a nação civilisada, é um dos maiores tropeços aos bons costumes ou aos melhoramentos d'esses costumes; que um povo rico e possuidor dos differentes meios de attrahir o luxo se entrega aos maiores excessos pela facilidade que encontra em satisfazer os seus prazeres, que, pelo habito, se transmudam logo em paixões; que o desejo de riquezas nasceu em toda a parte do amor ao prazer, e que já não se vê povo algum que consinta em ser pobre, porque a pobreza deixou de ser o baluarte da liberdade.

Podêmos responder e oppôr como um axioma evidente — que uma nação, que consumisse mais do que o devido, absorveria todos os proventos da sua industria e do seu trabalho; que, quando o luxo sobe mais depressa e mais alto que o trabalho, perece na sua origem, seccando e desarraigando o tronco que lhe dá a seiva; que, quando o simples artifice quer viver como o fabricante que o emprega, depara immediatamente a ruina; que os bons costumes não podem estabelecer-se e eternisar-se senão pela impulsão dos bons governos; que nunca a pobreza de um povo em um Estado foi um forte estimulo de ordem nem de virtude; que o trabalho que tem por fim matar a fome foi sempre limitado como ella; que, se a industria deve favorecer a liberdade nacional, deve tambem abrir caminhos, varridos de erros e perigos, por onde essa liberdade caminhe tranquilla e segura.

As artes dão, pois, a todas as condições meios de segurança e germens de virtude, uteis aos governos e aos homens que compõem o corpo nacional, carêam a abastança e multi-

plicam os meios. São a base dos maiores systemas para as potencias; evitam ou terminam das revoluções as que damnificam o estado e a nação; civilisam, emfim, com a sua salutar influencia, os povos, muito mais que todas as disposições mysteriosas, cujo exito tem sempre prevalecido sobre os resultados da razão.

Ajudem-nas e incitem-nas, pois, os governos, e cumprirão assim um dos mais sagrados dos seus deveres.

ADOLPHO SALAZAR.

A QUESTÃO DISTRICTAL EM GUIMARÃES

Existe de facto uma questão districtal em Guimarães, questão latente em que por ora poucos se têm demorado a pensar, que a rhetorica e a má vontade tem confundido desvirtuando-a, que tem dado por vezes manifestações irritantes da sua existencia e póde d'um momento para o outro, com a accumulação de novos erros, adquirir uma violencia desordenada, mas que me parece não ter sido ainda estudada no seu verdadeiro fundamento.

Uma observação ao alcance de todos é que — o feliz resultado do esforço corresponde muitas vezes á injustiça da pretenção — pelo motivo de que — o esforço está naturalmenna razão directa dos obstaculos a vencer — e a injustiça ha de ser sempre, apesar de tudo, um obstaculo. Na distribuição dos beneficios districtaes aquella tem sido a regra.

A imprevidencia, a facil benevolencia com os que se impõe, da parte dos que administram; pelo nosso lado a falta de cohesão e a subserviencia ás necessidades politicas do momento, n'aquelles que poderiam organisar e dirigir uma opinião collectiva entre nós, tem dado este resultado: que o municipio de Guimarães, no systema do districto de Braga, exerce a funcção passiva de explorado e não tem outra.

Contentando-nos com o nosso direito, não sabemos *pretender;* logo, não somos attendidos. Creada esta tradição sobremodo grata aos que recebem, se um dia nos lembramos de protestar pela nossa justiça e pelos nossos interesses, claro está que seremos immediatamente considerados como um elemento incoercivel de perturbação. E realmente, fazendo valer o nosso direito, nós iremos sem duvida perturbar no goso dos benesses illicitos os que se prevalecem do nosso estado.

Mas ha perturbações de perturbações. Esta de que se acaba de fallar não há razão para que a evitemos. Bem basta o que já lá vai. Mas a perturbação que póde advir aos negocios districtaes do prolongamento da anarchia, de que adiante se levanta uma ponta do veu, e da tensão dos espiritos, que póde produzir n'um momento dado a reincidencia no mesmo erro, mais que provavel se não soubermos defender-nos, são, me parece, considerações que devem actuar no animo de todos para que se trate de fixar para Guimarães um *modus vivendi* no districto, que não seja prejudicial para este, é claro, mas que tambem não continue a sel-o para aquelle. Antes que se chegue a conclusões extremas parece-me conveniente encarar o assumpto d'este ponto de vista.

Pelo menos é n'esta ordem de idéas e com o desejo de contribuir para esse resultado, que reuni os factos e documentos de que vou servir-me. Julgo que se deve tratar a questão a sangue frio e a tempo, nada avançando que não seja, quanto possivel, rigorosamente exacto. Conhecidas as condições do problema a toda a luz, as consequencias impôr-se-hão mais tarde ou mais cedo como coisa inevitavel, se não faltar quem se interesse pelo assumpto e o trate devidamente.

Não quero fazer um estudo completo e por isso me limito aos altimos dez annos, deixando no escuro todo o periodo, que antecede, desde a creação artificial dos districtos em 1835. É uma simples amostra. Se com ella chamar a attenção dos homens competentes de Guimarães, que os ha e dos mais auctorisados, para esta face d'uma questão de tanto interesse pratico para nós, já o concelho e o districto não terão ganho pouco.

A todos os cavalheiros, que me prestaram as informações de que me utilisei, os meus cordeaes agradecimentos.

Os elementos que julgo indispensaveis para o estudo da questão são os seguintes:

a) Nos ultimos dez annos a Camara de Guimarães tem contribuido directamente para as despezas do districto com as seguinte quantias:

Annos economicos e civis	Expostos, etc.	Engenharia, etc.	Totaes
1.º semestre de 1875 [1]	2:559$370	157$850	2:717$220
1875-1876.....	5:026$713	443$478	5:470$191
1876-1877.....	5:042$753	383$655	5:426$408
1877-1878.....	7:136$503	453$373	7:589$876
1878-1879.....	7:475$522	487$626	7:963$148
2.º semestre de 1879 [2]	3:340$479	482$740	3:823$219
1880.....	9:611$432	695$552	10:306$984
1881.....	9:581$138	759$932	10:339$070
1882.....	8:884$233	618$091	9:502$324
1883.....	6:802$594	801$171	7:603$765
1884.....	9:144$581	551$761	9:696$342
Totaes.....	74:605$318	5:835$229	80:440$547

b) A importancia do imposto para viação districtal liquidada nos ultimos dez annos é a que segue; mas como curiosidade apresento tambem a importancia e percentagem dos primeiros annos desde que se poz em execução o dito imposto, separando por um travessão as parcellas que dizem ao nosso intento e não sommando senão estas ultimas, é claro.

Annos	Percentagem	Importancia liquidada
1871	2 e 3 % [3]	606$535
1872	2 %	641$086
1873	2 %	633$163
1874	3 %	983$247

[1] As parcellas respectivas foram obtidas, dividindo a importancia total do anno, para estabelecer rigorosamente o periodo decennal.

[2] Transição entre o velho e o novo codigo administrativo, entre os annos economicos e os civis.

[3] 2 % sobre a contribuição predial e pessoal, 3 % sobre a industrial.

Annos	Percentagem	Importancia liquidada
1875	3 %	994$703
1876	3 %	1:122$866
1877	3 %	1:094$253
1878	6 %	2:232$031
1879	6 %	2:188$299
1880	8 %	3:892$512
1881	8,2 %	3:993$099
1882	8,4 %	4:011$397
1883	13 %	6:175$566
1884	13 %	6:043$921
Total do decennio.....		31:748$647

c) A verba da despeza que o districto tem feito no mesmo espaço de tempo com os expostos e subsidiados privativamente d'este concelho não a tenho discriminada; por isso que no hospicio se paga cumulativamente ás amas de Guimarães, Vieira e Povoa de Lanhoso; mas póde calcular-se aproximadamente.

A despeza total do hospicio de Guimarães nos ultimos dez annos foi a seguinte:

Annos	Numero de expostos e subsidiados existentes no 1.º de janeiro em			Total de cada anno	Despeza [1]
	Guimarães	Povoa de Lanhoso	Vieira		
1875	265	52	40	357	4:395$535
1876	238	51	37	326	4:165$465
1877	209	40	33	282	3:798$095
1878	181	37	21	239	3:611$810
1879	181	40	28	249	4:176$180
1880	199	40	36	275	5:299$945
1881	220	37	56	313	4:804$055
1882	223	63	47	333	4:820$060
1883	228	52	46	326	4:944$715
1884	246	58	56	360	5:111$895
Totaes	2:190	470	400	3:060	45:125$755

[1] Incluindo a despeza com o pessoal e material do hospicio, renda de casa e expediente.

A despeza do districto, com os expostos e subsidiados do concelho de Guimarães, deve estar para a despeza total do hospicio na mesma razão em que se acha o numero de expostos e subsidiados de Guimarães para o total dos expostos e subsidiados do hospicio; operação de que resulta a quantia de 32:295$886 reis da responsabilidade exclusiva d'este concelho, pelos seus expostos e subsidiados, nos ultimos dez annos.

Para formar o calculo acima servi-me das informações contidas nos seguintes mappas:

Movimento dos expostos e subsidiados do hospicio de Guimarães nos 10 annos abaixo declarados

Annos	Existencia no 1.º de janeiro		Acrescidos		Total		Entregues aos paes e fallecidos		Total em 31 de dezembro	
	Expostos	Subsidiados	Expostos	Subsidiados	Expostos	Subsidiados	Expostos	Subsidiados	Expostos	Subsidiados
(Guimarães)										
1875	196	69	60	58	256	127	67	78	189	49
1876	189	49	57	70	246	119	98	58	148	61
1877	148	61	42	67	190	128	66	71	124	57
1878	124	57	50	60	174	117	49	61	125	56
1879	125	56	53	83	178	139	49	69	129	70
1880	129	70	63	72	192	142	45	69	147	73
1881	147	73	39	79	186	152	54	61	132	91
1882	132	91	58	65	190	156	33	85	157	71
1883	157	71	41	85	198	156	38	70	160	86
1884	160	86	37	78	197	164	38	83	159	81

(Povoa de Lanhoso)

1875	26	26	13	31	39	57	16	29	23	28
1876	23	28	10	28	33	56	15	34	18	22
1877	18	22	7	30	25	52	13	27	12	25
1878	12	25	8	32	20	57	6	31	14	26
1879	14	26	8	28	22	54	6	30	16	24
1880	16	24	11	21	27	45	6	29	21	16
1881	21	16	19	39	40	55	8	24	32	31
1882	32	31	10	22	42	53	8	35	34	18
1883	34	18	11	26	45	44	11	20	34	24
1884	34	24	10	26	44	50	5	25	39	25

(Vieira)

1875	15	25	5	26	20	51	3	31	17	20
1876	17	20	5	23	22	43	6	26	16	17
1877	16	17	1	10	17	27	5	18	12	9
1878	12	9	3	19	15	28	3	12	12	16
1879	12	16	8	27	20	43	5	22	15	21
1880	15	21	4	49	19	70	6	27	13	43
1881	13	43	4	42	17	85	3	52	14	33
1882	14	33	8	35	22	68	9	35	13	33
1883	13	33	5	46	18	79	7	34	11	45
1884	11	45	5	43	16	88	5	43	11	45

d) As praças do corpo de policia civil do districto de Braga, aqui destacadas, fizeram a seguinte despeza no anno passado de 1883:

		Transporte...	445$320
Em janeiro	78$120	julho.....	78$120
» fevereiro.....	70$560	agosto.....	78$120
» março.....	78$120	setembro.....	70$200
» abril.....	75$600	outubro.....	78$120
» maio.....	78$120	novembro.....	75$600
» junho	64$800	dezembro	78$120
	445$320	Total.....	903$600

Em oito annos, desde 1877 a 1884 ..... 7:228$800

Transporte...	7:228$800
Durante todo o anno de 1877, supponho eu, houve a mais duas praças a 360 reis.....	262$800
É pois o total da despeza feita pelo districto, com o nosso destacamento de policia civil, até ao fim do corrente anno, de cerca de.....	7:491$600

E não esqueça, que o destacamento de policia está aqui como que por especialissimo favor, e que elle é muitas vezes durante o anno chamado para serviços estranhos ao concelho e algumas quando mais necessario seria entre nós.

e) Subsidio do districto á Exposição industrial de Guimarães em 1884, reis..... 300$000

f) Com as verbas *c*), *d*) e *e*) fechamos a conta de todas as despezas feitas directamente pelo districto com o concelho de Guimarães!

Mas, o machinismo districtal tem funcções superiores, cujo custeio é justo se distribua proporcionalmente por todos os concelhos (em quanto fôr a actual a organisação administrativa do paiz posto sejam muito discutiveis as suas vantagens geraes) na proporção por exemplo da população das respectivas circumscripções.

A distincção das verbas respectivas só a farei tambem por simples aproximação; porque o unico documento a que na occasião me posso soccorrer é o *Relatorio apresentado á Junta geral do districto de Braga na sessão ordinaria de novembro de 1877 pela commissão districtal. Braga, Typographia Lusitana, 1880.* Julgo ser este relatorio o ultimo publicado. Desde então tem naturalmente parecido desnecessario, visto que ninguem reclamou, dar conta ao publico do andamento da administração districtal: mas na passada sessão o snr. conde de Margaride, um dos dignos procuradores á Junta geral do districto por Guimarães, propoz a impressão d'esse e outros documentos e essa proposta foi rejeitada. Prudente economia! Contentemo-nos pois com o que ha.

Antes, porém, de proseguirmos, devo notar que tendo-se em vista determinar a importancia dos *adiantamentos* feitos ao districto pelo concelho de Guimarães, a importancia do *credito* de Guimarães sobre o districto de que faz parte, a differença entre o que temos pago e o que deveriamos pagar, se os encargos correspondessem aos beneficios, nos ultimos dez annos, é claro que não podemos de fórma nenhuma metter

em linha de conta despezas como as feitas com a direcção superior da viação districtal, de que não ha um palmo no nosso concelho, e outras nas mesmas circumstancias; porque é exactamente a destrinça d'essas verbas o que se pretende liquidar.

Para esse effeito acompanharemos o plano do orçamento da despeza, que vem no citado relatorio, segundo as diversas secções em que elle está dividido.

(1.º) **Expostos**

Pessoal da repartição central d'expostos no Governo civil.....	1:000$000		
Material e expediente da mesma.....	50$000		
	1:050$000	× 10 =	10:500$000

As verbas restantes ficam incluidas, pelo que nos diz respeito, em *c*).

(2.º) **Dotações**

Commissão districtal, 900$000 × 5,5 = ...			4:950$000
Conselho de districto, 960$000 × 5,5 = ...			5:280$000
Remuneração aos empregados do Governo civil	90$000		
Pleitos judiciaes	100$000		
Despezas eventuaes.....	200$000		
	390$000	× 10 =	3:900$000
			14:130$000

As duas primeiras verbas são contadas sómente desde o 2.º semestre de 1879.

(3.º) **Conselho d'agricultura**

Gratificação ao Intendente de pecuaria.....	100$000	
Livros e jornaes.....	50$000	
Material e expediente...	20$000	
	170$000 × 10 =	1:700$000

(4.º) **Policia civil**

Commissario.....:..	400$000	
Dois chefes d'esquadra...	438$000	
Quatro cabos.....	584$000	
Material e expediente...	300$000	
	1:722$000 × 8 =	13:776$000

Contada só desde 1877.

E reunindo todas as verbas, que apuramos relativas a despezas geraes, temos o seguinte:

(1.º) 10:500$000 + (2.º) 14:130$000 + (3.º) 1:700$000 + (4.º) 13:776$000 = 40:106$000 reis.

Ora, sendo a população de todo o districto de Braga de 330:111 almas e a do concelho de Guimarães de 46:385 (*Censo de 1878* por J. C. Brandão e Albuquerque), cabe-nos proporcionalmente n'aquella cifra a quantia de 5:643$016 reis.

Pondo agora por ordem os elementos, que acima fomos determinando aproximadamente, temos o seguinte quadro:

a)			80:440$547
b)			31:748$647
c).....	32:295$886		
d)	7:491$600	Somma...	112:189$194
e).....	300$000		
f)	5:643$016		45:730$500
Differença.....			66:458$692

Quer dizer: nos ultimos dez annos o concelho de Guimarães tem exportado 66:458$692 reis sem compensação de qualidade nenhuma. É como se todos os annos remettessemos para o estrangeiro uma carregação de 350 pipas de vinho, que invariavelmente se afundassem no grande mar. Não é um contracto, não é uma troca de serviços, é um donativo annual com que nós brindamos os demais concelhos do districto para seu regalo e augmento dos melhoramentos d'elles, prejudicando os nossos; digamos a palavra: é uma extorsão monumental.

Esses seis contos seiscentos e tantos mil reis são o preço por que nós pagamos annualmente a honra de pertencermos ao districto de Braga, elles representam o mal-estar de muitos dos nossos conterraneos e (que é do que aqui tratamos) principalmente o da collectividade; porque a nossa instrucção publica é ainda apesar de tudo o rudimento do que devera ser; porque, se temos as linhas geraes do nosso systema de viação, faltam-nos aquellas que o districto devera fazer e o municipio, pela urgencia d'ellas, tem ido abrindo com os seus fracos recursos; porque, com este desvio da legitima applicação dos fundos do concelho, deixam de concluir-se as nossas obras municipaes, não se levantam os nossos edificios publicos, desattende-se ás necessidades mais urgentes do nosso viver social. Escasseiam os meios ás nossas Camaras municipaes, porque nos esbulham em beneficio gracioso do districto.

Grita o contribuinte contra as percentagens verdadeiramente odiosas, lançadas pelas Juntas de parochia sobre a contribuição do estado, e tem razão o contribuinte; mas pelo menos essas sommas bem ou mal applicadas, são gastas dentro do concelho, sabe-se e vê-se para o que ellas são. E que diremos nós d'esses seis contos seiscentos e tantos mil reis, que todos os annos sahem do concelho sem deixarem a sombra d'um beneficio?... Pois bem! que as nossas Camaras, ao contarem todos os annos a importancia das contribuições districtaes, se não esqueçam nunca (é esse o momento psychologico) de que 59 % d'essa importancia e da do imposto para viação districtal são para nós perfeitamente perdidos, sem que se receba em Guimarães nem um ceitil de compensação! E esta percentagem augmentaria ainda por cada anno que recusassemos o nosso periodo de observação até um certo ponto!

Que este é o facto e elle é só por si sufficiente, creio eu, para explicar e justificar a irritação que provocou em Guimarães a creação da policia civil, a emissão dos grandes empres-

timos destinados á viação do districto, a fundação, de iniciativa do Governador civil, da Associação de beneficencia districtal com a sua creche districtal, por exemplo, estabecida na capital do districto! etc. etc. Claro está que ao mais surdo rumor de augmento nas despezas districtaes, Guimarães ha de resentir-se, visto que ha de pagal-as, ou concorrer em grande parte para o seu pagamento, sem d'ahi lhe provir o mais pequeno beneficio.

N'estas condições só por má fé ou ignorancia se póde estranhar a má predisposição que todas as velleidades de progressos districtaes á custa alheia encontram aqui, que todas as novidades que entram fundo na bolsa do concelho sejam mal recebidas.

Não é que Guimarães se negue a pagar a sua quota parte para todas as despezas da civilisação, mas é que a exploração doe. Entremos na communhão dos beneficios como desde sempre entramos na communhão dos sacrificios, e a opposição de Guimarães naturalmente cessará.

Essa opposição tem por emquanto sido puramente platonica, mas é possivel que ella se torne deveras effectiva, se se persistir em negar-lhe acintosamente a justiça que lhe assiste visivelmente.

Já uns certos factos succedidos n'este anno, que vai terminar, de 1884, deram á discussão um tom mais acrimonioso; coisa que parecerá insignificante a muitos, mas que talvez seja symptomatica de futuras perturbações. Entretanto o que é sem duvida mais razoavel é expôr serenamente á Junta geral do districto os aggravos d'este concelho. Provados elles e feitos bem publicos, é de esperar que os seus dignos membros, a cuja illustração não póde escapar o desconcerto de tal situação, não quererão assumir a responsabilidade de a aggravarem com a ambição desorientadamente egoista dos seus committentes ou com a sua propria indifferença.

Guimarães, Dezembro de 84.

L. de Castro.

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

IV

João Antunes Guimarães

Coube-me a honra d'escrever a biographia do nosso socio honorario, o exc.mo snr. João Antunes Guimarães, da freguezia de Donim.

— Escrever a biographia — é o que diz a letra do programma da *Revista,* pois na medida de forças do author obscuro o trabalho não póde transcender dos limites estreitos d'um escorço imperfeito.

Ainda bem que, para nós os collaboradores da *Revista,* para nós os consocios da Sociedade Martins-Sarmento, a parte principal da biographia d'um socio honorario, o traço proeminente e caracteristico, resume-se n'uma breve affirmação: — é um benemerito da instrucção popular.

*

O snr. João Antunes Guimarães é com effeito um cidadão dos mais benemeritos, dos mais dedicados á patriotica propaganda da instrucção popular do concelho de Guimarães.

Pertence s. exc.a ao grupo, ainda limitado, de cidadãos

portuguezes que, inspirando-se nas verdadeiras necessidades do povo portuguez na época presente, dispõe d'uma parte da sua fortuna para acudir com o pão fortificante da instrucção primaria ás novas gerações d'uma larga facha d'um concelho populoso.

A larga pratica da vida, em paiz estranho como no proprio, fez-lhe vêr que era necessario que o nosso paiz seguisse, embora mais tardiamente, a corrente dos paizes cultos; fez-lhe vêr que o problema da instrucção popular, como condição indispensavel da regeneração social, preoccupa o espírito dos homens de letras, determina uma acção decisiva dos estadistas, uma cooperação prestante e infatigavel d'algumas corporações.

Com effeito, no nosso proprio paiz, este movimento civilisador desenvolve-se franca e afoutamente: além da acção do Estado, nas principaes povoações do paiz se trabalha por vulgarisar as instituições d'ensino popular; diversas corporações concentram a sua attenção e os seus esforços para que se generalise a instrucção primaria; diversos cidadãos cooperam, com empenho patriotico, para a consecução d'este fim, incontestavelmente humanitario.

Estudam-se novos methodos; na capital organisa-se a associação das Escólas moveis, que tem por fim a distribuição de missões escolares pelo systema do nosso inspiradissimo poeta e grande pedagogo dr. João de Deus.

A efficacia d'esta associação corresponde á efficacia do methodo. Em Villa do Conde, o benemerito cidadão Manoel Ferreira de Campos solicitou da associação das Escólas moveis uma missão para a freguezia de S. Simão da Junqueira, e, obtida, conseguiu que cincoenta compatricios, com 120 lições apenas, ficassem sabendo lêr e escrever.

A imprensa periodica repetidamente nos dá a noticia de novos triumphos da excellente associação.

Por este processo, abre-se largo campo ás conquistas da primeira, da mais elementar e mais indispensavel instrucção popular. Se se conseguir generalisar o systema das missões, será muito mais facil, e decerto muito economico, desenvolver a instrucção em qualquer concelho, estabelecendo-as nas povoações, nas freguezias, nos bairros, nas fabricas, nas cadêas.

A alguns espiritos, a quem não occorreu a lembrança d'estas missões, talvez parecesse inexequivel, talvez extravagante um projecto da direcção da Sociedade Martins-Sarmento

para que se empregnem esforços tendentes a levar a luz da instrucção elementar ao antro acanhado e tenebroso da cadêa de Guimarães; a outros talvez parecesse que seria absolutamente indispensavel a construcção de novo edificio, para que fosse realisavel aquelle desideratum. Poucos porém negariam a vantagem, para a moralisação dos criminosos, das escôlas nas cadêas: optimo symptoma, que prova como no espirito publico da cidade de Guimarães cala a convicção dos effeitos regeneradores, da acção vivificante da instrucção popular.

A missão obvia a difficuldades, mas, a nosso juizo, não póde offerecer as vantagens, especialmente para a idade infantil, da escóla fixa. Por isso, com a pobreza portugueza n'este ramo d'administração publica — pobreza d'edificios, de professorado habilitado e correspondentemente remunerado —, presta um dos maiores serviços civicos quem levanta um edificio para escóla, quem a funda e a dota convenientemente.

*

O snr. João Antunes Guimarães é natural da freguezia de S. Salvador de Donim, do concelho de Guimarães.

Filho de lavradores proprietarios, nasceu aos 13 de novembro de 1808.

Aos 12 annos d'idade foi para a cidade do Porto onde, na casa d'um tio, começou a sua aprendizagem commercial. D'alli partiu para o imperio do Brazil, continuando na cidade de Pernambuco a carreira encetada, regressando no anno de 1845 com a justa satisfação de quem adquire, em licita profissão e idade pouco avançada, uma avultada fortuna.

Não lhe succedeu, como à muitos que voltam com a sofreguidão de reatar as relações de familia, que deixaram ao emigrar, e beber a largos haustos o ar purissimo d'esta patria do Minho, para encontrarem muitas vezes em volta de si o deserto que o tempo lhes formára ceifando-lhes as vidas mais preciosas; ou para sollicitarem das pessoas mais conjunctas os carinhos, a sollicitude insubstituivel — na ultima phase da molestia que adquiriram na sua longa carreira de trabalho incessante, muitas vezes excessivo, quasi sempre perturbado pelas oppressões da saudade.

O nosso socio honorario, se longe da patria soffreu dias de funda tristeza, se na terra de Santa Cruz o exaltaram cuidados e o opprimiram trabalhos, voltou ainda novo, válido d'es-

pirito e do corpo, para gozar as dôces emoções da vida de familia, para acompanhar ainda a velha mãi á antiga egreja, e rezar as orações que ella lhe segredára desde o berço, com o carinho, com o afago, com a acção communicativa que constitue o manancial inexgotavel d'amor materno, e legitima a perpetua tutela, o inquebrantavel poder das mães.

*

Volvidos alguns annos, quiz o snr. Antunes Guimarães regressar ao Brazil, onde o chamavam negocios pendentes: retiveram-no os impulsos de filho exemplar de face ao manifesto desejo de sua mãi, que quiz poupar-se á dôr lancinante e profunda da segunda separação, quando presentia que não viria longe a hora do ultimo afastamento, o momento supremo do passamento.

O snr. Antunes Guimarães regulou os seus negocios como pôde, com as hesitações e talvez prejuizos que advém da ausencia da séde onde se realisam ou liquidam; mas que lhe importaram prejuizos, se os compensou fartamente a satisfação de poder ser o amparo, o enfermeiro cuidadoso de sua mãi até ao ultimo paroxismo?

*

Desde que estabeleceu a sua residencia permanente na freguezia de Donim, a sua vida publica tem-se assignalado por actos repetidos de mui louvavel prestimo.

Se se quizer estudar o seu caracter pelas manifestações de caridade e devoção christã, vêem-se com relevo na offerta de uma valiosa imagem de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga; na fundação e dotação d'uma nova enfermaria para doze doentes, no hospital da Misericordia da Povoa de Varzim; nos soccorros anonymos, que, como é publico, constantemente distribue pelos necessitados das freguezias de Donim e limitrophes.

Nas suas manifestações altruistas, entre os factos por que se revela a sua benemerita dedicação civica, avantaja-se singularmente a fundação da escóla d'instrucção primaria na freguezia de S. Salvador de Briteiros, proximo á egreja matriz,

no valle ou depressões que orlam pelo poente a raiz do monte da Citania.

Assim, por uma casual coincidencia, os monumentos de civilisações de diversas épocas historicas ligam-se por uma cadêa ininterrupta desde o planalto da Citania até ao fundo do valle de Briteiros: nas eminencias d'aquelle monte, o snr. Sarmento, o illustre archeologo portuguez, põe a descoberto os vestigios venerandos d'uma população remotissima, estuda os problemas que nos occultam o passado, collecciona os monumentos para poder estudar-lhes uma ordem chronologica, e determinar as ligações que possam ter existido entre as populações primitivas e a população contemporanea d'esta parte da provincia; n'este, o nosso socio honorario ergue um monumento á civilisação moderna.

Ao lado da veneranda egreja de Briteiros, onde se presta férvido culto ao Omnipotente, levanta-se o templosinho escolar, onde se acolhem dezenas d'alumnos de diversas freguezias.

Esclarecem as pobres creancinhas o espirito ainda fragil n'este seu primeiro noviciado litterario: cultivando e desenvolvendo a intelligencia, prestam culto a Deus, que os dotou d'essa força d'enorme intensidade se a instrucção a guia, se a moralidade a preserva de precoce morbidez.

Foi o snr. Antunes Guimarães quem construiu o edificio escolar, quem fundou e dotou a escóla, tudo a expensas proprias: por este facto, a Sociedade Martins-Sarmento proclamou-o, como era de justiça, seu socio honorario.

N'este concelho, n'esta cidade, na Sociedade Martins-Sarmento goza s. exc.ª o merecido conceito d'um — benemerito da instrucção.

Oxalá que os beneficios praticados, que os beneficios que ainda póde praticar para incremento das instituições d'instrucção popular n'este concelho, se lhe multipliquem em annos de prospera vida, para que possa gozar o prazer de presenciar os effeitos brilhantes da sua acção benefica.

Janeiro de 1885.

Avelino da Silva Guimarães.

BOLETIM

«Procurar demonstrar a necessidade de desenvolver a instrucção dos nossos operarios é já uma superfluidade, porque é geralmente conhecida e já constitue uma aspiração collectiva e intensa d'esta cidade; demonstrar a conveniencia de cursos nocturnos é igualmente desnecessario, havendo esta Socidade constituido o melhor, o mais vivo elemento de demonstração com a fundação dos dois cursos nocturnos, de desenho e de francez.

«O que, pois, convém é desenvolvel-os, dotal-os de modelos, de livros, de tudo quanto possa tornal-os mais proveitosos; o que convirá é estudar os meios de que haja a lançar mão para augmentar o quadro de novos cursos; o que convirá é pensar nos meios de facilitar a matricula aos alumnos operarios mais desfavorecidos da fortuna.

«Para este estudo, tenho a honra de propôr que a direcção rogue aos seus mui dignos consocios, os snrs. conde de Margaride, digno par do reino e presidente da junta escolar, dr. Antonio Coelho da Motta Prego, presidente da camara municipal, Domingos José Ribeiro Guimarães, presidente da Associação Commercial, João Pinto de Queiroz, presidente da Associação Artistica e professor do curso nocturno de francez, Antonio Augusto da Silva Cardoso, professor do curso nocturno de desenho, para que se dignem constituir-se em commissão, e

auxiliar esta direcção em tão complexo e importante assumpto com o seu esclarecidissimo conselho. — *Avelino Guimarães.* »

Esta proposta do digno presidente da Sociedade, apresentada em sessão de 1 de novembro, teve, desnecessario é dizel-o, approvação unanime.

A illustre commissão referida, de quem a direcção da Sociedade espera receber o maior auxilio na cruzada civilisadora em que anda devéras empenhada, installou-se no dia 24 de novembro, sendo nomeado presidente o snr. conde de Margaride e secretario o snr. João Pinto de Queiroz.

*

Em sessão de 15 de igual mez é approvada com vivo applauso a seguinte importante proposta do snr. dr. Avelino da Silva Guimarães:

«É dever da Sociedade Martins-Sarmento promover, por todos os meios legaes a que possa soccorrer-se, o desenvolvimento da instrucção profissional.

«Na exposição industrial verificou-se que dois ramos de industria feminina — a de renda de linha e a de trabalhos de linha encrespada — accusam lamentavel enfraquecimento, por carencia de incentivos efficazes e, sobretudo, de extracção no mercado.

«É indubitavel que convirá empregar esforços para que se robusteçam, aliás aquellas duas classes de industria vimaranense desapparecerão em breve.

«Como primeira tentativa, convirá que a Sociedade estabeleça premios para os melhores trabalhos em fio de linho, em renda de linha e em linha encrespada, que se exhibam em concurso especial, por alumnas de quaesquer escólas e asylos do concelho?

«Algumas senhoras vimaranenses deram a esta Sociedade a honra de se inscreverem no seu gremio: é ás nossas exc.mas consocias que convém pedir, invocando os seus sentimentos de patriotismo e acrisolada caridade, não só o esclarecidissimo parecer, como o prestante serviço social da sua protecção permanente para o desenvolvimento progressivo das duas indicadas classes de industria.

«Por isso, proponho se delibere rogar ás nossas exc.mas

consocias, D. Adelaide Sophia da Silva Monteiro, D. Maria da Madre de Deus Freitas Aguiar, D. Maria do Carmo Pinheiro Osorio Sarmento, D. Maria Joaquina de Jesus e Castro, D. Maria Josephina da Costa Freitas, D. Felicidade Rosa d'Araujo Figueira e D. Maria da Gloria de Sousa Bandeira, se dignem constituir-se em commissão permanente, indicando a esta Sociedade quanto deva promover, na esphera das suas attribuições legaes, protegendo directamente o desenvolvimento das duas industrias, e podendo agremiar á commissão outras senhoras. — *Avelino Guimarães.* »

O que, em tão limitado tempo, emprehendeu esta dedicada e activa commissão, dil-o-ha o seguinte importante e bem delineado relatorio:

« Exc.mo Snr. — Temos a honra de communicar a v. exc.ª que a commissão nomeada e incumbida pela digna direcção da Sociedade Martins-Sarmento de emittir o seu conselho sobre o que convenha promover-se para fortalecer as industrias vimaranenses de fio de linha, renda e trabalhos de linha-encrespada, protegendo tambem quanto possa, por actos de propria iniciativa, o incremento das mesmas industrias, deliberou se elaborasse o seguinte relatorio circumstanciado, no qual se dará conta de todos os trabalhos da commissão até agora realisados, e se emitte o parecer do que convém promover para a consecução d'aquelles fins.

« A commissão divide, pois, este relatorio em tres capitulos distinctos: o 1.º referido á parte puramente consultiva; o 2.º á parte em que a commissão concorre, além do seu parecer, com actos de coadjuvação por iniciativa propria; o 3.º á parte em que a commissão se esforça em proteger as indicadas industrias e os fins da benemerita Sociedade, por iniciativa exclusiva e propria.

« I. — N'esta primeira parte do seu trabalho, a commissão reproduz o que já teve a honra de aconselhar por officio de 15 de dezembro corrente: promover a direcção que a Sociedade funde um curso de desenho para o sexo feminino, e estabeleça premios para serem conferidos aos melhores trabalhos d'aquellas classes de industria, que se exhibam em um concurso especial. Um e outro meio pareceram á commissão da maxima efficacia para os fins propostos: pelo conhecimento das regras do desenho, ainda o simples desenho linear,

não só as industriaes de renda e objectos de linha crespa, como as que se dedicam ás industrias de flôres contrafeitas, bordados e outras classes de industria, desenvolverão mui notavelmente as suas aptidões industriaes, adquirindo precisão de execução no trabalho, melhor gosto, facilidade na variação, invenção e imitação de riscos e modelos. Pelo estabelecimento de premios em concurso, estimular-se-hão as alumnas das escólas, as aprendizes ou officiaes, á assiduidade no estudo, á pratica, ao cuidado e esmero na execução dos specimens de trabalho, com que pleiteiem o reconhecimento publico do seu merito.

« II. — Pelo que se refere á 2.ª parte, a commissão pondera que muito convém que a digna direcção officie ás corporações que mantéem instituições de ensino feminino, ás professoras, quer regias, quer particulares, do concelho, despertando a sua solicitude para a conveniencia do desenvolvimento das tres classes de industria. A commissão, pela sua parte, já tem empregado a sua acção n'esse sentido, e continual-a-ha. Usando d'um processo mais directo, a commissão já indagou da possibilidade de estabelecer-se ensino regular da renda e de linha crespa, e tem a satisfação de poder informar que não só consegue quem ensine os segredos praticos das duas classes de industria, mas encontrou o maior desejo de diversas alumnas para essa aprendizagem, incluidas duas senhoras que exercem o magisterio, e se compromettem, bem como as demais alumnas, a transmittir a novas discipulas o que aprenderem. Todos conhecem que as duas classes de industria podem adquirir favoravel desenvolvimento se os productos poderem offerecer-se perfeitos e baratos, condições indispensaveis para que o consumo se mantenha n'uma certa intensidade. A commissão terá breve a satisfação d'abrir uma escóla de aprendizagem da renda, com a duração que o ensino das alumnas demandar. E como a casa da Sociedade não tem espaço para o estabelecimento d'essa escóla, tambem a commissão obviou a estas difficuldades, collocando a escóla n'uma sala apropriada.

« É superfluo acrescentar que, para realisar-se aquelle serviço de aprendizagem, será indispensavel fazer algumas despezas, além d'outras em soccorros ás alumnas pobres, pelo que a commissão terá de recorrer ao saldo que, para estas e outras despezas, já destinou a assembléa geral da Exposição.

« No que diz respeito unicamente ao fio de linha, a com-

missão nada mais póde fazer do que aconselhar a que se não enfraqueça ou despreze, antes cuidadosamente se cultive o exercicio e aprendizagem da fiação manual, comquanto reconheça que os productos estrangeiros de fiação mechanica, importados principalmente da Irlanda, reduzem esta classe de industria domestica a condições pouco favoraveis na relação dos lucros. A commissão entende, todavia, que convém não desprezar, no ensino das novas gerações, a fiação manual, o branqueamento sem reagentes que prejudiquem o fio, e a torcedura da linha, não só porque a linha assim produzida é mais duradoura e rija, e offerece maiores vantagens como materia prima d'outras classes de industria, especialmente para a de linha encrespada, mas porque a fiação constituirá sobre a distracção pelo trabalho facil, uma pequena industria sempre mais ou menos lucrativa para as mulheres já entradas no periodo da invalidez, e para todas as outras nas occasiões em que não encontrem trabalho n'outras classes mais lucrativas, por qualquer crise que possa manifestar-se passageira ou permanentemente. A toda a pessoa, que vive do proprio trabalho, convém adquirir o peculio de instrucção industrial necessario que a preserve da fome ou da inacção, quando o ramo de industria preferido deixe de offerecer vantagens compensadoras.

«III. — A commissão estuda os meios de proteger o desenvolvimento d'aquellas industrias por manifestações da sua exclusiva iniciativa. Entre outros a que possa soccorrer-se, empregará os necessarios esforços para que, na occasião do concurso para premios, se abra um bazar de prendas, cujo producto reverta em beneficio do cofre da Sociedade para as suas despezas, especialmente para quanto conspire ao beneficio das industrias cuja protecção foi commettida á commissão, e que esta acceitou no unanime proposito de se desempenhar do honroso encargo com o seu mais extremado zêlo.

«Guimarães, em sessão da commissão, 23 de dezembro de 1884. = *Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmento. — Maria Joaquina de Jesus Castro. — Thereza Elvira de Magalhães Brandão Motta Prego. — Adelaide Sophia Monteiro de Meira. — Maria da Gloria Bandeira Guimarães. — Felicidade Rosa d'Araujo Figueira de Sousa. — Maria Josephina da Costa Freitas. — Maria do Carmo Pinheiro Osorio Sarmento.* »

A direcção, d'accordo com o parecer da esclarecida commissão, resolveu estabelecer o curso e premios indicados, sendo d'esperar que a assembléa geral sanccione essas novas creações, por sem duvida d'um alto proveito publico. O novo curso será regido pelo digno professor da escóla de desenho *Francisco de Hollanda,* o snr. Antonio Augusto da Silva Cardoso, que da melhor vontade se presta a favorecer com mais esse relevante serviço a Sociedade, da qual é um dos membros mais dedicados.

No dia 29 do corrente foi inaugurada a escóla d'aprendizagem de renda de linha, assistindo ao acto a commissão iniciadora. A escóla, regida por uma habil senhora de Vianna do Castello, com grande tirocinio n'esse difficil ramo de ensino, tem funccionado diariamente, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, em uma das salas do palacete do sr. dr. F. Martins Sarmento, por não haver na casa da Sociedade sala disponivel e propria para aquelle fim.

*

Do minucioso e bem concebido relatorio da Exposição Industrial Vimaranense, enviado ao governo de S. M. pelo snr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, e publicado no *Diario do Governo* de 24 d'outubro do anno corrente, não podemos deixar de extractar os seguintes trechos, em que s. exc.ª, ao mesmo tempo que aponta a lamentavel escassez d'instrucção entre nós, faz completa justiça á agremiação que mais se tem empenhado por arrancar este concelho do triste obscurantismo em que vive:

« .....

« Todos lamentam (os operarios) a sua falta de conhecimentos; desejam todos produzir tão bem como se produz lá fóra; mas essas aspirações, aliás justas, quebram-se de encontro á ignorancia.

« Se nós soubessemos » — dizem elles. Alguns mais ousados tentam fazer alguma cousa; poucos, porém, conseguem obter o resultado que procuram, e as decepções que soffrem levam o desanimo aos outros.

« Notei esta differença que me surprehendeu: emquanto n'outras localidades a maior parte dos industriaes pedem a

prohibição da entrada dos productos estrangeiros, e se queixam do peso dos tributos, aqui em geral queixam-se da falta da instrucção que lhes é indispensavel, e esperam anciosamente a creação d'uma escóla industrial que venha derramar a luz no meio das trevas que os cercam.

« Guimarães bem merece este auxilio, porque é uma terra onde ha vida e um povo verdadeiramente laborioso.

«.....

« Quanto á instrucção, pelo que pude avaliar e pelas informações que pude obter, o estado geral da população operaria é em extremo precario. Não havendo na localidade até ha pouco tempo senão as aulas de instrucção primaria, que, forçoso é dizel-o, têm mal satisfeito ao seu fim, a instrucção dos artistas limita-se na quasi totalidade, quando muito, a saber lêr e escrever, e ha mesmo um grande numero que nem essa instrucção rudimentar possue; aquelles que sabem mais alguma cousa — um pouco de francez e algum desenho — têm obtido esses conhecimentos nas aulas da Sociedade Martins-Sarmento, sociedade que tem ainda poucos annos de existencia, pois data apenas de 1882, e que veio com vantagem substituir o collegio das Hortas [1].

« Esta sociedade, constituida por uma pleiade de homens dedicados, tem envidado todos os esforços para derramar a instrucção nas differentes classes sociaes, organisando primeiro uma bibliotheca que se tem desenvolvido com extrema rapidez, e que ella generosamente faculta aos estudiosos, permittindo-lhes a leitura das obras que possue, quer no estabelecimento, quer mesmo no domicilio; e, como se esse grande beneficio não bastasse, creou aulas de instrucção primaria elementar e complementar, e outras, onde são lidas algumas das disciplinas de instrucção secundaria, tudo em cursos diurnos. Mas não parou aqui a solicitude da benemerita sociedade: uma classe de alumnos havia que não podia frequentar as aulas diurnas, e era essa que mais necessitava da instrucção, que a desejava, mas que, não tendo outro patrimonio senão os seus braços, tinha de entregar-se durante o dia ao rude labutar da fabrica e da officina.

---

[1] Quando se extinguiu o collegio das Hortas, já a Sociedade Martins-Sarmento existia. O que succedeu ao collegio foi o Instituto Escolar, creado pela Sociedade.

A. S.

«Pois nem os membros d'essa classe — os operarios — foram esquecidos, porque para elles especialmente foram creadas duas aulas nocturnas, uma de francez, outra de desenho; e, posto que as circumstancias da sociedade lhe não permittissem conceder gratuitamente a instrucção a todos os que a solicitavam, estabelecendo duas classes de alumnos, uma de alumnos que pagavam uma modica mensalidade, outra dos que, provando a sua falta de meios, eram admittidos gratuitamente, ainda assim, a sociedade viu coroados os seus esforços do mais feliz exito, enchendo-se de alumnos as salas de que dispunha, apesar de a maior parte d'elles pagarem uma mensalidade [1].

«Já pelas prelecções dos dignos professores das differentes aulas, já pela propaganda dos differentes socios d'esta tão util agremiação, o terreno está preparado. Todos os operarios, seja qual fôr a sua posição, anceiam pela instrucção e lastimam-se por não poderem adquiril-a. Era quasi a unica protecção que pediam para as suas industrias, e se mais alguma cousa pediam, collocavam sempre a instrucção em primeiro logar. Uma escóla industrial era o seu sonho. Queriam conhecer os segredos da chimica, da physica e da mecanica, e lamentavam que na partilha da instrucção industrial, que s. exc.ª o ministro tão previdentemente fez ha poucos mezes, só lhes coubesse a elles uma simples aula de desenho; mas têm fé que essa aula em breve será transformada na sua escóla industrial, como elles lhe chamam, e que na minha opinião bem o merecem, porque só passando-se alguns dias n'aquella cidade, ou antes n'aquelle concelho, se póde avaliar a sua importancia industrial; importancia que estou certo augmentará consideravelmente, quando a luz da instrucção se derramar por aquella vasta officina que se denomina concelho de Guimarães, onde hoje não ha senão um amor notavel pelo trabalho, trabalho arduo, fatigante e em geral pouco productivo, porque não ha, a guial-o, senão as tradições e a rotina.

«Que um raio de luz alli penetre e tudo se transformará.

---

[1] Pelo contrario: só uma diminutissima parte dos alumnos dos cursos nocturnos pagam mensalidades. Releve-nos o respeitavel relator mais esta rectificação.

A. S.

«É esta a esperança que anima aquelles laboriosos operarios, e que eu creio que em breve se tornará n'uma realidade.»

A previsão do intelligente director do Instituto Industrial portuense não foi illudida: Guimarães foi finalmente attendido n'uma das suas mais ardentes e justas aspirações. Por decreto de 3 de dezembro d'este anno, é creada n'esta cidade uma escóla industrial, comprehendendo as cadeiras de desenho, chimica e arithmetica. Em sessão de 15 d'este mez, a direcção da Sociedade Martins-Sarmento — sociedade que foi a primeira a pugnar pela creação da referida escóla — deliberou que na acta se fizesse menção do muito que se congratulava com os seus dignos consocios e com todos aquelles que cooperaram para que fosse novamente ordenada uma tão util instituição ha tanto reclamada e que muito ha de concorrer para que a industria vimaranense, tão desauxiliada dos poderes publicos, se desenvolva e prospere.

O decreto é concebido nos seguintes termos:

«Attendendo ao que me tem sido representado pela camara municipal de Guimarães, pedindo a creação d'uma escóla industrial n'aquella cidade;

«Considerando o grande desenvolvimento industrial d'este importante centro de producção, affirmado, entre outras manifestações, mais notavelmente pela ultima exposição que alli se celebrou;

«Visto o §. unico do artigo 1.º do decreto de 3 de janeiro de 1884;

«Hei por bem decretar o seguinte:

«Artigo 1.º É creada na cidade de Guimarães uma escóla industrial, que tem por fim ministrar o ensino apropriado ás industrias predominantes n'aquella localidade, devendo este ensino ser eminentemente pratico.

«Art. 2.º A escóla industrial de Guimarães comprehenderá as seguintes disciplinas: arithmetica, geometria elementar e contabilidade industrial; desenho industrial; e chimica industrial.

«§. unico. A cadeira de desenho industrial, actualmente existente na cidade de Guimarães, passará a formar parte da escóla industrial, logo que esta comece a funccionar.

«Art. 3.º O governo mandará inscrever no orçamento do estado para o anno economico de 1885-1886 as quantias ne-

cessarias para a dotação e pessoal das duas novas cadeiras creadas por este decreto.

« Art. 4.º A escóla industrial de Guimarães só começará a funccionar depois de approvadas pelas côrtes as verbas a que se refere o artigo precedente.

« O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, e o das obras publicas, commercio e industria, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 3 de dezembro de 1884. = REI. = *Antonio Augusto d'Aguiar.* »

*

A direcção teve tambem o maior jubilo em vêr o seu distincto consocio honorario, o snr. Antonio Augusto da Silva Cardoso, provido no logar de professor da escóla de desenho industrial d'esta cidade.

Ao habil professor, a quem a Sociedade Martins-Sarmento muitos beneficios deve, reiteramos as nossas cordiaes felicitações.

Guimarães, 31 de dezembro.

O secretario,

Adolpho Salazar.

*

Balancetes

MOVIMENTO DA CAIXA

EM OUTUBRO DE 1884

Saldo do mez anterior	170$670
Despeza d'este mez	149$320
Saldo	21$350

EM NOVEMBRO DE 1884

Saldo do mez anterior	21$350
Receita d'este mez	108$950
Somma	130$300
Despeza idem	46$780
Saldo	83$520

EM DEZEMBRO DE 1884

Saldo do mez anterior	83$520
Receita d'este mez	406$000
Somma	489$520
Despeza idem	109$295
Saldo	380$225

O thesoureiro,

José Miguel da Costa Guimarães.

Advertencia. — A redacção resolveu, por proposta do snr. Avelino Germano, supprimir a Chronica, substituindo-a, quando possivel, por estudos especiaes sobre as questões mais importantes da localidade.

L. de C.

ANNUNCIOS

Revista de Guimarães, 1.º anno, 1884. 1 vol. in-8.º de VII-224 pag..... 800

Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães, promovida pela SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO. 1 vol. de 260 pag..... 300

Pelo correio..... 350

Pedidos a **Adolpho Salazar** — GUIMARÃES.

Noções populares de litteratura portugueza ao alcance de todos, contendo o que é necessario para qualquer pessoa entender o que lê, e escrever, na lingua portugueza, sobre qualquer assumpto, com correcção, pureza, clareza e elegancia, sem auxilio de mestre, por *Antonio Peixoto do Amaral.* Este livro contém tambem lições de analyse logica e grammatical. 1 vol..... 300

Pelo correio..... 320

A cantadeira das ruas, romance original por *Maria Margarida d'Oliveira Pinto,* directora da Escóla Normal do sexo feminino do Porto. 1 vol..... 400

Pelo correio..... 420

Flores mirandezas (poesias escriptas em lingua mirandeza com uma traducção camoneana), por *J. Leite de Vasconcellos.* 1 vol..... 100

Dialecto mirandez, obra premiada no concurso Philologico da Sociedade das linguas romanicas de França, por *J. Leite de Vasconcellos.* 1 vol..... 300

Compendio de Historia Universal, segundo o plano de *Mgr. Daniel.* 2 vol..... 1$200

Mappas ardosiados de Portugal e Europa, para as escólas primarias..... 200

Diccionario de algumas phrases, palavras e sentenças peregrinas, traduzidas e explicadas em portuguez por *Narciso José de Moraes.* Cartonado..... 200

Compendio de Historia Universal, para os lyceus e escólas normaes, por *Francisco Pedro Brou.* 2 volumes..... 1$000

Manual de citações camoneanas, collecionadas por *Narciso José de Moraes.* 1 vol..... 200

Pelo correio..... 210

Á venda na LIVRARIA PORTUENSE de **CLAVEL & C.ª**, editores — **Porto.**

A Horta, por *Joaquim Casimiro Barbosa.* 1 vol..... 1$000

Editor, **José Marques Loureiro** — PORTO.

O Agricultor Portuguez, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas; orgão do conselho de agricultura do districto do Porto e da commissão central antiphylloxerica do norte. Por anno, franco de porte..... 3$000

Assigna-se na livraria de **Ernesto Chardron** — PORTO.

Revista Escolar Portugueza, sob a direcção de José Elias Garcia e Dr. José da Cunha Castello Branco Saraiva. Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez. Anno..... 1$200

Correspondencia ao gerente **Anselmo de Sousa,** rua dos Retrozeiros, 141 — LISBOA.

Manuel Joaquim da Cunha

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE

MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção populâr
no concelho de Guimarães

VOLUME II

N.º 2 — Abril — 1885

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1885

Summario d'este numero

os interamnenses; por *J. Leite de Vasconcellos.*

le social e christã pela instrucção popular; *Avelino*
lva Guimarães.

os socios honorarios — V. D. Maria Alexandrina
a Marques; por *D. Ferreira.*

a; pelo secretario *Adolpho Salazar.*

cetes; pelo thesoureiro *José-Miguel da Costa Guima-*
es.

Revista de Guimarães sahirá nos mezes janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura 800 reis; cada numero avulso 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Direcção da Sociedade Martins-Sarmento, **Guimarães.**

DIALECTOS INTERAMNENSES [1]

III

LINGOAGEM POPULAR DE BAIÃO

Como ponderei na introducção geral dos *Dialectos minhotos,* estas notas não levão ordem geographica: por isso escusão os leitores de extranhar se do Alto-Minho saltei para as margens do Douro. A ordem rigorosa só a poderei dar quando eu possuir completamente os materiaes de que careço para a *Dialectologia portuguesa,* materiaes que todos os dias me esforço por arranjar.

O concelho de Baião fica entre os de Marco de Canavezes,

---

[1] Apesar do que eu disse no primeiro capitulo d'estes estudos, substituo d'ora avante a denominação *Dialectos Minhotos,* que primeiro usei, pela de *Dialectos interamnenses,* que é mais generica e verdadeira. Como lá demonstrei, *interamnenses* significa *de entre os rios Minho e Douro,* e é assim que os auctores antigos chamárão aos habitantes das duas provincias comprehendidas entre aquelles dois rios. Hoje o termo *interamnense* é só conhecido dos eruditos, mas isso não obsta a que eu o empregue, e faça por o propagar: se já se não usava, use-se agora, pois que tem por si a auctoridade do passado e exprime com rigor e exactidão o que se deseja.

Mezão-frio e Amarante, do mesmo lado do rio, e os de Rézende e Sinfães, do lado opposto. Esta posição geographica explica até certo ponto as analogias da lingoagem de Baião com as de alguns dos concelhos mencionados. Baião, na divisão official do país, pertence á moderna provincia do Douro, á região vulgarmente chamada *Baixo-Douro;* na divisão antiga fazia parte de Entre-Douro-e-Minho. Á semelhança do que acontece com outros concelhos do Norte de Portugal, *Baião* é uma designação abstracta que não corresponde a uma dada povoação, mas a todo o concelho. A capital é Campello.

No presente estudo cinjo-me principalmente á lingoagem da freguesia de S. Thomé de Covellas, que porém não differe, ou, se differe, é muito pouco, da de outras localidades vizinhas, como Santa Cruz do Douro, Louredo, etc., com alguns habitantes das quaes tive occasião de fallar. D'aqui o titulo generico que dei a este capitulo.

S. Thomé de Covellas jaz na margem direita do Douro, num terreno muito accidentado, cortado de valles e serras [1]. O solo é humido, arborisado, e productivo em vinho (tanto *de enforcado,* como de *vinhas*), milho, feijão, azeite, batatas e hortaliça. A paisagem não encanta, e pelo contrário tem o seu quê de agreste e melancolico: aos lados, pinhaes negros e mattas cerradas que como que encarcérão o espirito, sem lhe dar um horisonte largo em que se possa expandir livremente: em baixo, o Douro caudaloso e soturno, com os seus *pontos* ou escolhos, onde a cada passo os barcos naufrágão; em frente, as montanhas da Beira-Alta, como uma barreira inaccessivel e lugubre para alem da qual exista o desconhecido [2]. Nesta região do Douro quasi não ha povoações, sendo cada freguesia constituida já por pequenos bairros de meia duzia de habitações ou ainda menos; já por edificios isolados

---

[1] O proprio onomastico traduz os accidentes do solo: *Foz,* nome de uma *casa* na freguezia, é o lat. *faucem; Covellas,* plural de *Covella,* é um deminutivo de *cova* (e não um composto de *cova bellas,* como alguem falsamente suppoz). Parece que o nome primitivo da freguezia foi *Covella* e não *Covellas;* pelo menos em mss. antigos da parochia, encontro escrito *S. Thomé de Covella.*

[2] Não se cuide que com esta palavra *desconhecido* pretendo fazer estylo: em verdade, fronteiro á freguezia, ha o celebre *Penedo de S. João* no alto de uma montanha, no qual a tradição popular localisa interessantes lendas de mouras encantadas.

conhecidos pelo nome de *casas,* a que está appensa uma *quinta,* onde vive geralmente a nobreza, como nos velhos solares da Edade-média; já finalmente pelo templo e residencias parochiaes, que téem o simples nome popular de *a igreija.*

Os materiaes linguisticos que vou analysar forão todos colhidos por mim, uns nas ferias do Natal de 1884, outros algum tempo antes. Devo aqui agradecer a meu primo Adriano Leite Cardoso Pereira de Mello, abbade em S. Thomé, e a meus primos da Casa de Covella, de que é representante actual o Exc.mo Snr. Antonio Brandão de Andrade da Cunha e Lima, commendador da Ordem de Christo e cavalheiro de apreciaveis qualidades, o valioso concurso que me prestárão na minha tarefa dialectologica.

A) Phonologia

Farei algumas considerações preliminares sobre certos sons:

b..... entre vogaes tem o valor de bilabial branda, como na Beira-Alta. Assim na palavra *baba* o primeiro *b* não é egual ao segundo.

p..... é levemente aspirado, sempre ou quasi sempre, pelo menos em syllaba final, antes de *e* e *i,* por ex. *principio, ópio, cópe* (= copo). Este som encontra-se tambem no Porto, etc.

d..... entre vogaes aproxima-se do *th* brando inglês.

s..... } Como na Beira-Alta e na maior parte de
z..... } Entre-Douro-e-Minho. Vid. *Dialectos beirões*, v, 1. — Tanto *s* como *ç* (e *c* antes de *e* e *i*) tem o mesmo valor.

x..... Individualmente tem o valor do *ch* francês; mas só me recordo de o ter ouvido a uma pessoa. No resto soa como em português na palavra *caixa.*

ch..... representa a explosiva palatal surda (*ch* castelhano).

æ..... Representa o *a* do inglês *can;* mas existe unicamente na conjuncção *mas,* o que tambem é frequente no Porto.

*

Já o Principe L. Luciano Bonaparte, que tanto se tem occupado da phonetica das lingoas romanicas, dá a pag. 3 do seu opusculo *On Portuguese simple sounds compared with those of Spanish, Italian, French, English etc.*, que eu devo á sua amizade, o mesmo som como existente em *mas*. Em todo o caso devo dizer que essa pronúncia de *mas* não se extende ao país todo.

ĕ..... É o *e* surdo que se ouve no fim das palavras etc. Não o represento adeante por notação especial, apenas o indico sem accento.

O *é* e o *ó* (*pé, pó* etc.) são tão abertos como na Beira-Alta. Sobre o *i* e *u* nada ha que notar. O ditongo *eu* nas terminações (morreu, meu, eu, Deus etc.) tem um som aberto especial. Todas as vogaes antes de *n* e *m* (ex. *canna, cama*) são nasaladas sem gutturalisação; as nasaes mediaes, por exemplo *campo, santo,* são gutturalisadas como em grande parte do Minho; o *a* nasal final (*irmã, maçã*) é um pouco mais resonante que na Beira-Alta. Ha pois differença em Baião no *a* nasal das seguintes palavras: *manto, irmã, ramo* [1]. As outras nasaes são em geral gutturalisadas.

1. Ao ditongo *ão* da lingoa escrita corresponde muitas vezes em Baião *óum,* isto é, o ditongo *óu* nasal. O *u* d'este ditongo é ás vezes mal distincto, e o *ó* não é tão aberto como em *pó*. Cf. *Dialectos minhotos,* I, 1. — Exemplos: *tissóum, carbóum, antóum, tanchóum, rezóum.* Diz-se ainda ás vezes *póumbinha* (=pombinha), *cóumprar* (=comprar). Diz-se *póum* (= pão), mas *mão* e *cão.* Em todo o caso ha muita gente,

[1] O primeiro que de um modo geral distinguiu em português vogaes gutturalisadas e não gutturalisadas creio que foi o meu amigo Gonçalves Vianna, a quem a nossa phonetica deve muito. Estas differenças porém entre as nasaes mediaes e finaes não tinhão ainda, que eu saiba, sido notadas: são-no agora pela pela primeira vez.

mesmo do povo, que pronuncia sempre *ão*, nas condições em que se ache marcado na lingoa litteraria.

2. A gente de Louredo ouvi tambem *menhão, irmão* (= irmã), e com um *e* surdo para apoio: *menhãoe, irmãoe, maçãoe*. Cf. *Dialetos minhotos*, I, 3. — Creio que mesmo em S. Thomé não será difficil observar esta pronuncia ao lado de *irmã*, etc.

3. A *en* e *em* da lingua escrita corresponde sempre em todas as condições *éin* e *éim*, isto é, o ditongo *éi* nasal. Exemplos: *véinto, téimpo, béinder* (= vender), *téim, qéim* (= quem), *béinção*, etc. Assim *mãi*, cujo *a* é muito aberto, não rima com *téim*, o que acontece por exemplo na Beira-Alta, onde se diz *mãi* e *tãi*, cujo *a* é fechado (*â*) embora nasalado. — Este som *éim* = *em* encontra-se tambem no Marco, Amarante e Sinfães.

4. Diz-se *andáro* (= andárão), *mato'-te* (= matão-te), *fôro* (= forão), *biéro'* (= vierão), *fugiro'* (= fugirão), *alumeio'* (= alumeião), *hóme* (= homem). Cf. *Dial. minh.*, I, 2 e 4.

5. Como eu já disse acima, o *a* tonico antes de nasal é levemente nasalado. É aberto em *montánha*, mas tambem se diz *montânha, bânha* e *mânha*; é aberto em *cáma, láma, ráma*, etc.

6. O *o* tonico é aberto antes de nasal, como *nóme, fóme, cóme*, o que faz differença da Beira-Alta, onde se diz *nôme, fôme, côme*.

7. O *e* tonico é aberto antes de nasal, como: *péna, piqéna, gémo, gémes, géme, trémo, trémes, tréme, témo, témes, téme, nubéna* (= novena), *ténho, ténha, lénha, cardénha, arénha, bénho, bénha* etc. [1]. Num conto pop. de Santa Cruz acho escrito *séinha* (= senha). Ouvi tambem em S. Thomé: *léinha* e *téinho*. — Cf. §. 3. Assim de modo algum podem rimar *bénha* (verbo) e *bânha* (preparado pharmaceutico), *lénha* e *mânha*.

8. Ao *es-* inicial de lingoa escrita corresponde *s-*: *strêla*

---

[1] Na Beira-Alta (Mondim) diz-se *tânha, cardânha, gêmo, gêmes, vânho* etc.

(no Minho *stréla*), *sterco, star* (mas tambem *tá* = *stá*), *squêrdo, straçar* etc. Cf. *Dial. minh.*, I, 6.

9. No preterito dos verbos da 3.ª conj. ha a terminação *io* (dissyllabo) como na Beira, e não *iu* (ditongo) como no Minho: *fugio* (fu-gi-o), *mentio* (men-ti-o), palavras que rimão bem como *tio* (ti-o), *frio* (fri-o).

10. O *l* final de syllaba ora é gutturalisado, ora não é: *qintal* e *qintale, mal* e *male*. Ora parallelamente se diz *mar*, ora *mare;* ora *andar*, ora *andare*, etc. São as fluctuações da lingoagem popular. Cfr. *Dial. extrem.*, I.

11. Assimilação. Na lingoagem corrente de Baião encontrão-se diversas assimilações, como:

a) de *s* a *r*, ex.: *com todo'reparti* (= com todos reparti), *adeu'rapariga* (= adeus rapariga); *tende'raiba* (= tendes raiva);

b) de *s* (*z*) e *r* a *l*, ex.: *tê la* (= *ter la*, por *ter a*), *fê-la* (= fêz-la), *mettê-lo* (mettêr-lo), *botar'-l'o* (= botares-l'o), *cortarde-la* (= cortardes-la);

c) de *s* a *n*, ex. numa canção: *festa' no Vizeu* (= festas no Viseu); noutra: *bós que stai' na bôua cama.*

12. Crase. Ha varias crases, quer de vogaes reunindo-se numa unica, quer de vogaes juntando-se para formarem ditongo. Ex.: *trago' no dedo* (= trago-o no dedo); *ou ' amor* (= ou o amor); *atéu* (= até o); *stáu* (= stá o); *éum* (= é um). Eis um quadro schematico d'este phenomeno, que é vulgar no Norte do país:

o (u) + o (u) = o (u)
ou + o (u) = ou
é + o (u) = éu
á + o (u) = áu.

13. Syncope. Encontra-se em Baião, como na Beira-Alta: *or' diga* (= ora diga), *se for'z ó mar* (= se fores ó mar. Cf. *Dialectos beirões*, VI, 2). Diz-se tambem: *roubador's* (= roubadores), *olh' lá* (= olhe lá), *n'nhũa* (= nenhũa), *dois'tões* (= dois testões. Houve dissimilação), *máóres* (= maiores. Como no Minho).

14. Epenthese:

a) De *e* no grupo *cons.* + *l*, como *felores, afelita, pelanta, pelantada*. Cf. o meu *Dialecto brazileiro*, §. 11. É o que em linguistica se chama *swarabhakti*.

b) De *i*, para evitar o hiato, como na Beira Alta e outros pontos do Norte entre *a* (tonico ou atono) e *e* tonico, de um lado, e *a* e *e* tonicos do outro, como: *a-i-auga, a-i-elle, é-i-elle, é-i-ella* etc. Cf. *Dial. beirões,* II, §. 4, e *Dial. minh.* na introducção. — Ouvi porém a gente de Louredo e S. Thomé dizer *já-i-a vi,* o que é um phenomeno novo; parece porém que é só n'este caso, porque as mesmas pessoas dizião *vem cá a Maria.* Para a Beira, cf. *Dial. beirões,* V, 5.

15. Apherese. Nota-se uma apherese em *sucèninha* (= açuceninha), *Jidio* (= Egydio), etc.

16. Existe, como na Beira-Alta (Mondim) e contrariamente ao Porto, a têrminação, *-êlho, -êlha,* por ex. *juêlho, burmêlho, urêlha, ubêlha.*

17. Contrariamente ao Minho, diz-se *ruim* (ru-im) como na Beira. No Minho ésta palavra é um ditongo (*rúim*).

18. Por influencia das labiaes, diz-se *buber* (= beber), *lubar* (= levar), *dubaixo* (= debaixo).

19. Por influencia do *r,* diz-se *baremos* (= veremos). Este phenomeno é comparavel ao que se dá noutros pontos do paiz em *sarrar, amaricano,* etc.

20. O *z* entre vogaes muda-se no som vizinho *j* em *qijér* (= quizer), *prejunçóum* (= presumpção).

21. Como em todo o Norte ha fluctuação entre *ou* e *oi,* dizendo-se: *coube* ou *coibe* (= couve), *ôitro* (= outro), *ôitre* (= outrem), *trôixe* (= trouxe). Os unicos casos de condensação de *oi* e *ou* em *ô* e *ó* creio serem *rôxo e lòreiro.* Este ultimo é vulgar no Norte; o primeiro é verdadeiramente esporadico, e até só o ouvi a uma pessoa.

22. A terminação *-oa* da lingoa escrita sôa *-oua*: bôua (= boa), pessôua (= pessoa).

23. Diz-se *mĕl reis* (*e* surdo) por *mil reis.*

Parece-me serem estes os factos mais salientes da phonetica de Baião. Nas secções seguintes indico porém outros ainda.

B) Morphologia

24. Artigos. *a*) Quando se repete o art., o segundo acompanha-se de *a,* que fórma crase com elle, como: *o piolho e á pulga, o lobo e ó lióum.* Cf. *Dial. beirões,* V, 20.

b) O art. archaico *lo, la* conserva-se em certas fórmas onde houve assimilação. Vid. §. 11-*b*.

c) O art. indefinido é *ũa* para o feminino [1]. Nos outros casos não ha differença do português usual.

24. Pronomes. Já citei no §. 13 a fórma *n'nhũa* que existe ao lado de *nenhũa*. Uma fórma interessante é *qia*, que corresponde a *quê* em pausa e interrogação, por ex. *p'ra qia?* (= para que?), *o qia!* (= o quê!). — Em vez de *lhe* e *lhes* diz-se *le*. Diz-se *qáis* (= lat. *qualis*) por *qual*.

25. Verbos. *a*) A phonetica imprime fórmas diversas aos verbos: vid. §§. 4, 6 e 7.

b) Do verbo *ser* existe a fórma *fumos* (= fomos). Cf. *Dial. beir.*, v, 23.

c) Do verbo *fazer* existe na 1.ª pessoa *fês* (= lat. *feci*). Vulgar no Minho.

d) O verbo *trazer* tem tres fórmas parallelas: *trouve, troufe* e *trôixe*. Vulgares no Minho.

e) O verbo *dizer* tem a fórma *dixe*. Vulgar na Beira e Minho.

f) O verbo *vir* tem a fórma *béu* (= arch. *veno*). Vulgar na Beira.

g) O verbo *estar* tem as fórmas *stá* e *tá*. Cf. os meus *Dialectos extremenhos*, I, na *morphologia* (verbos).

h) Ouvi uma fórma em *-aides* (correspondente á mod. *-áis*, ant. *-ades*) na 2.ª pess. plural, ex. *andáides* (por *andaes*). Ouvi fórmas analogas em Guimarães. — Mas tambem existe em Baião a terminação *-ais*.

i) A 2.ª pessoa do sing. no preterito tem um *s* analogico com as segundas pessoas do sing. de todos os verbos, ex. *tu fostes*.

26. Particulas:

a) A preposição *para* tem diversas fórmas: *pára, pera* (com *e* surdo. Cf. *Dial. beir.*, not. 7), *p'ra* e *pá*: em *pó* (= para o) ha crase do *a* com *o*, pois que a serie genetica foi *para o, pá o, páu, póu*.

---

[1] A forma *ũa* corresponde á litteraria e vulgar *uma*. Fica para outro logar resolver a seguinte questão: se *uma* provém directamente de *ũa*; se do lat. *una*, pela mudança de *n* em *m* em virtude de uma influencia do *u* inicial, que, sendo labial, labialisaria tambem o som seguinte, sem lhe deixar perder o carater, que este tinha, de nasal.

b) A prep. *por* ligada com o artigo tem éstas fórmas: *pulo* (= por lo), *pula* (= por la); tem a fórma *pi* em *pi a baixo* (= por ahi a baixo). Talvez tambem exista a fórma *pro*.

c) A prep. *sobre*, ligada com o art., tem ésta fórma: *sub'los* (= lat. *super[il]los*). Como se sabe, Camões (*Redondilhas* por ex.) tem *sobolos*. — A mesma prep. tem outra fórma em *seburélle* (= sobre elle), cuja evolução foi *suber elle* (como algures), *subur elle* (por influencia da labial) e d'aqui por dissimilação *sebur elle*.

d) O adverbio *num*, que se usa antes de outra palavra (ex. *num bou*), desnasalisa-se em certos casos: *nu' bus salbais* (= num vos salvais), *nu'salbo* (= num salvo). — Um facto semelhante se deu com *nã* = *ná* na Extremadura (vid. *Dial. extremenhos*) e *cum* (vid. este §. em *e*).

e) Factos diversos: *despois* (= de ex post) e *òpôis* (= ao depois), *indebéim* (= ainda bem), *dubaixo* (vid. §. 18), *indasque* (por *aindaque*), *cu'elles* (com elles. Cf. este §. em *d*), *neija* (por *nanja*), *incretanto* (por *entretanto*), *cuma* (= como, ex. « *cuma-i-elle* »), *támeim* (= tambem).

27. Plural. O plural de *maçã* ou *mação* é *maçães*, como em geral no Minho. É por analogia.

Nos *Textos* aponto outros casos em notas.

C) Syntaxe

28. Num conto pop. em prosa lê-se: « *s'um filho terieis, a quéim no darieis?* », onde *terieis* está em vez de *tivesseis*.

29. Numa canção:

Quéim *me* fora péinte d'oiro

onde *me* está elegantemente.

30. Noutra canção:

Oh! *que tão* serena noite!

em vez de *oh que noite tão serena!*

31. É frequente, como no português archaico, e em gal-

lego, a tmese do pronome *me* no verbo *haver* conjugado reflexamente: *hei-me-de, hei-te-de* etc.

32. O verbo *dever* acompanha-se da preposição *de* em *debia de star*.

33. Phrases diversas: *num faz minga* (Vid. *Dial. minh.* I, 12), *num é mister, num cobr'a péna* (por *não vale a pena*).

34. Num canto popular lê-se «*todas moças* que me vio'» (= todas as moças que me vião), onde depois do pronome *todas* falta, talvez por causa do metro, o artigo. Esta construcção não é todavia vulgar. Cfr. *Dial. extremenhos*, I (Syntaxe).

35. Antes de *mais* emprega-se *a*, ex. «o pai *a* mais a mãi». Este *a* parece ser a conjuncção *e*, que, por influencia da labial seguinte, se mudou em *a*.

Nos *Textos* encontrão-se outros phenomenos syntaxicos.

D) Textos populares

Estes textos, que dou como amostra da lingoagem de Baião, forão todos colhidos por mim directamente do povo.

I. *Bérsos da scritura* [1] (desafio entre um *cantador* e uma *cantadeira*):

1.

Deus te salb'ó cantadeira,
E te cubra de bèinçóum,
A mais a qantas pessôuas
Que neste logar istóum,
A mais a qantas pertence'
Àu mana [2] jèraçóum.

2.

Deus me salbe, Deus te salbe,
O' pobo qi aqui stá,
O salbar é cortezia,
A gheloria [3] Deu' la [4] dá:
Qéim me der'à mim sabere
De qe condiçóum virá.

---

[1] É a denominação que me derão. A fórma d'estes versos não é vulgar no nosso povo. — Esqueceu-me dizer acima que o *v* é quasi sempre substituido por *b*. Ver *Dial. minh.* I, 9. — Em Rio Tinto, suburbios do Porto, informa-me o meu amigo João Diniz que se diz por exemplo: «ninguem, como fulana, *cantava pela Escriptura*»; e que *cantar pela Escriptura* significa principalmente cantar cantigas onde entra *Adão, Eva* e outros personagens biblicos.

[2] = á humana. Cf. §. 12.

[3] Cf. §. 14-*a*.

[4] Cf. §. 11-*b*.

3.

Eu darei ôiro por prata,
Darei prata por letôum [1],
A qéim m'a mim maiz [2] stimar
Darei-l'o meu coraçóum,
Tàméim le dou o castigo,
Se me faltar á rezóum [3].

4.

Tu num faças tanta bulha,
Deix'ò cãozinho drumire,
Si o chegas àcordare [4]
A' pressa pódes fugire,
Antes [5] bale ficar male
Ca [6] todos d'iss'se [7] rire.

5.

Num ti eizaltes com isso
Q'eu sou de ralo taléinto:
Cantadeiras comu tu
Combato cóm mais d'um céinto,
Sendo ellas tais e qais,
Póde bir um regiméinto.

6.

Stou armada de sciéincia,
P'ra fazer òppossiçóum [8]:
Juro á fé de qéim sou,
Q'inda t'heide dar liçóum,
Hei-te [de] dar [9] ũas càlcinhas,
Has-de ser um figuróum.

7.

Tu as calças me num dás,
Tira d'ahi o séintido;
Tu as calças me num dás,
Eu te darei um bestido,
De dôze metros de largo,
Ôitros dôze de cômprido.

8.

C'o bestido que t'eu dére
T'hades [10] ber béim béincilhada,
Cómo [11] a mosca n'àrânha
E a frumiga [12] na giada,
Mas tàlbês que tu já ténhas
A faldrinha béim mijada.

---

1 = latão.
2 = maize = mais.
3 = razão (dissimilação).
4 = a acordar.
5 por *mais*.
6 = lat. *quam*.
7 = *d'isso se*.
8 = opposiçóum. Houve confusão com *possiçóum* (= procissão).
9 Cf. §. 31.
10 Como o verbo *haver* se acompanha sempre da prep. *de*, o povo identifica-a ás vezes com elle e conjuga *heide* e *hades*.
11 É outra fórma de *cumo*. Tambem se diz *coma* em certas comparações.
12 metathese, como em *drumir*. Tambem se podia explicar assim: *furumiga, f(u)rumiga*.

9.

A mim num me cauza susto
Oubir êssas [1] suas jónas:
Léimbra-se-me que tàlbês
Urinass'as pantalónas:
Bota balas para a fréinte,
Num me steijas cóm as zónas.

10.

Prègunt', olha, reprègunta,
Prèguntár-ti eu já bou,
Qais foi o hóme mais forte
Que no mundo se criou;
Se m'o nu' saibas [2] dizer
P'ra t'inxinar [3] aqui stou.

11.

Pára mim êssa pregunta
Nu'me causa afeliçóum:
Eu só qero qe me digas
Qéim éu [4] pai e máĩ de Seissóum: [5]
Ópois, se m'o dixeres, beremos...
Nu'mereces galardóum.

12.

O pai era Manuéle,
A máĩ era Diolina:
Qer tu qeiras, qer nu' qeiras,
Heide ficar por cima.
Ténho lido éim mũito libro,
A mim ninguéim m'inxina.

13.

Num t'inzaltes cum isso,
Que num téins esse regalo:
Mais fácele seráu [6] Diabo
No Inferno dar um stalo
Do qi haber ũa gallinha
Qe possa serbir de gallo.

14.

O' minha canninha berde,
Faço-t'andar num sarilho:
Eu só qero qe me digas
Qéim é [a [7]] máĩ, filha do filho;
Mas intóum só se tu fôres
Ũa meada séim custilho.

15.

O' minha canninha bêrde,
Eu de mim sou dezertôra:
Qéim é [a] máĩ, filha do filho,
É [a] Birge Nossa Sinhôra,
Ell'é [a] máĩ, filha do filho,
Da minh'alma [8] peccadôra.

16.

Eu, béindo fôrça na fréinte,
E tocar tambor na guerra,
Logo se me reprezéinta
Que para mim tudo é terra.
Tu nu' sabes, cantadôre,
Quanto éim mim s'incerra.

---

[1] Diz-se *êssa* e *êsta* (por *éssa* e *ésta*).
[2] *saibas* (conjunctivo) por *sabes*.
[3] *inxinar* (= ensinar), pela mudança de *s* no som visinho *x*.
[4] Vid. §. 12.
[5] = Sansão?
[6] Ver §. 12.
[7] é = é + a. Cf. §. 12.
[8] A pessôa que me dictou estes versos diz indifferentemente *minh'alma*, e *minha-i-áuga*, etc. Cf. §. 14-*b*.

17.

Eu sou digno de macamarte [1],
Á guerra inqelinado [2] :
Se lebantas o stéindarte [3],
Aqui o bês scangalhado ;
Consant' [4] o tu mer'ceres,
Assim tu terá' [5] lo pago.

18.

Nesse seu téimpo se crio'
Néim nos carbalhos no sôuto ;
Se num souber's [6] qéim eu sou
Digo-te de pôuco a pôuco :
Falla lá cumo qijéres [7],
Respondo pêlo qui ôuço.

19.

Aqui téins ó pé firme,
Cum'ó santo no altar :
Se me dér's [8] um bufetóum,
Dois ou três hasde lubar,
Qu'é qestume [9] qui eu ténho
De pagar e repagar.

20.

S'oubir's dezer q'eu que morri,
Roga p'la minh'alma a Deus :
Nu me posso demorare,
Cantadeir' adeus, adeus :
Taméim [10] rogo pĕla tua,
S' ell' oubi' los rogos meus [11].

II. Cantigas :

Loubado sej'ó Sinhor,
Q'atéu [12] guardar é bô [13] :
O chapeu que leb'ó noibo
Ficou do pai do abô.

Fui-me confessar ó Carmo
E vim commungar á Sé :
Dérão-me de penitéinça
Que num fallass'a Jozé.

A penitéinça é grande,
Eu nu'na posso cumprir :
Heide fallar a Jozé
Adonde qer qi o eu vir.

Barco, que báis pi a baixo,
Comtigo leba-l'areia :
Tóma, leba-m'ésta carta
O' meu amor qi a leia.

---

1 = *bacamarte.* Houve assimilação de *b* a *m*.
2 = inclinado. Ver §. 14-*a*.
3 = * *stendarte* = *estandarte,* postoque a etym. seja o lat. *extendere.*
4 = *consoante.*
5 Ver §. 11-*b*.
6 Ver §. 13.
7 Ver §. 20.
8 Ver §. 13.
9 = custume (costume). Dissimilação : ĕ.... *u* = *u*.... *u*.
10 = *tambem.* Assimilação.
11 Nestes versos não ha aquelle lyrismo apaixonado, e por vezes tão delicado, da nossa poesia popular, mas a arrogancia e a fanfarronice dos fadistas da aldeia. São importantes tambem por esse caracter que revélão.
12 Ver §. 12.
13 = bom. A serie foi : lat. *bonum,* * *bono,* arch. *boo.*

Strêllas do ceu, bind'a baixo,
Bonda [1] lá ficar só ũa:
Ũa strella-i-é bastante
Par'ácompanhá'la lũa.

Téinde'los dèintinhos ralos,
Mettei-le [2] crabos no meio:
Os teus beiços berte' [3] séingue [4],
Os teus olhos m'alumeio' [5].

Dá-me cá [a] tua mão squerda,
Qe t'a quero apertar,
Q'eu a dreita num t'a quero,
Qe tu téins a qéim na dar.

Q'ando s'o amor incontra,
Cauza pénas e dá gôsto:
Sobressalta o coraçóum
Assobem nas côr's ó rosto.

Os setistrêllos cahiro',
Déro na folha da coube:
Taméim eu heide cahir,
No coraçóum de quéim m'oube.

Heid'amà'-la corrèiinha,
Neij'à correia da roca.
Heid'amá'lo meu amor
Que me passa pela porta.

Fui ó jardim do teu peito
Colhê'la ruim felor:
Achei um butóum fichado,
Has-de sê'lo meu amor.

A-i-auga d'aquelle rio
Preguntou á do ribeiro
Q'al amor era mais firme:
S'o segundo, s'o purmeiro [6].

III. Conto popular:

Andava no mundo o Sinhor e S. Pedro, e passâro' p'rum quintale muito pelantado de q'antas culidades de pelantas de fruita habia no mundo, e dixe-l' agora S. Pedro ao Sinhor:

—Jazus! que quintale tão pelantado de cantas [7] pelantas ha no mundo!

Diz o Sinhor a S. Pedro:

—Mas quem nas pelantou num se salba.

E dixe-l' agora S. Pedro:

—Antóum [8] porque se num salba, Sinhor?

—Porque foi pelantado ao Domingo.

E diz agora S. Pedro ó Sinhor:

---

1 = *bonda* por *basta*. Frequente na Beira.
2 *le* serve para o sing. e plural, como o archaico *lhe*.
3 = vertem.
4 = sangue.
5 = alumião ou alumeião.
6 = primeiro.
7 = quantas.
8 = então.

— Antóum por ser pelantado ó Domingo, num se salba?

Diz:

— Não; só se cortasse as fruiteiras todas, e as botasse a um monte e as deixasse seccar e le botasse o fogo e depois se botasse ao meio do fogo elle; só assim se salbaria.

E agora passa o S. Pedro sòzinho por oitra bez lá e incontra o dono lá e dixe:

— Tendes aquí um quintal bem pelantado de cantas pelantas ha no mundo!

— Tenho.

Mas dix'agora S. Pedro:

— Mas nu' bus [1] salbais.

Mas diz agora o dono:

— Antóum porque me nu' salbo?

Diz:

— Porque as pelantastes ó Domingo.

— Isso pelantei. E antóum num terei rumédio para me salbar?

Or' diz agora S. Pedro a-i-elle:

— Téindes, téindes, se cortarde-las pelantas todas e as botardes a um monte e le botar'lo [2] fogo e bus botardes ó meio do fogo a arder.

E dixe agora o dono:

— Ah isso boto eu!

Cortou as pelantas todas e botou-as ó monte e botou-l'o fogo, e ardeu num carbóum. E salbou-se. E agora tornou a passar o Sinhor por lá e mais S. Pedro e diz S. Pedro ao Sinhor:

— Ai! que já'qi num stóum nas [3] plantas que cá stabo'! [4]

— Pois tu dixeste'-le que si as cortasse e as botasse a um

---

[1] = não vos.

[2] = *botardes-le-o*. Na pronuncia popular ha de ordinario fluctuações; é por isso que *botar-l'o* assenta em *botares-l'o*: a fórma *botares* tanto póde ser a 2.ª do singular como a 2.ª do plural, pois que em D. Francisco Manoel, por ex., leio: «se vos *achares* (= mod. *achardes*)», «se vós lhe *puzeres*» (= mod. *puzerdes*): *Apologos Dialogaes*, ed. 1721, p. 15 e 104.

[3] = estão as.

[4] = estavão.

monte e se botasse ao meio a arder, que se salbaba! Bai lá dentro e olha s'inda achas ũa fruitinha das pelantas que lá 'bia [1]...

E foi S. Pedro e pècurou [2], pècurou, e num achou nada. E diz agora o Sinhor:

— Torna lá e torna a dar bolta.

Tornou lá, tornou a dar bolta, pècurou, pècurou, achou ũa maçãzinha autr'a folhada, muito berdinha, muito brumelhinha... e deu-a ó Sinhor, e o Sinhor foi pelo mundo e mais elle, e encontrou o Sinhor uma Maria, birge, pura, e pegou na maçãzinha e deu-l'a e dix'assim:

— Olha que tu num comas êsta maçã [3]; neim na comas, neim na dês.

E despois ella séimpre [4] a comeu, e alcançou S. Thomé de Mira [5]. E acabou.

[Contado por um velho de Santa Cruz do Douro].

E) Vocabulario

D'este pequeno vocabulario, que de maneira nenhuma póde ser completo, excluo os termos que, differindo apenas dos da lingua ordinaria em alguns pontos estudados acima, facilmente se traduzem ou se prevêem, taes como aquelles em que ha *éin* = *em*, *b* = *v*, etc.

Adregar, acontecer, calhar: «*s'adreg'* à bir á memoria». Do lat. *ad-regulare*. Vid. os meus *Dial. beirões*, II, pag. 8.

Afelito, afflicto. Vid. *Phonologia*, §. 14-*a*.

Albértuio, Alberto. Ha aqui um facto comparavel com est'outros da lingoagem popular de diversos pontos: *trévulas* (= trevas), *estátula* (= estátua). O P.e Carmelo no *Compen-*

---

[1] = lá havia.

[2] = procurou.

[3] A phrase *olha que tu* é muito vulgar tambem na Beira-Alta. Em Tras-os-Montes dizem mesmo: *olha a ver*.

[4] É tambem muito vulgar na Beira *sempre*, que significa *de facto*, *apezar de tudo*. etc.

[5] isto é, *concebeu e deu á luz S. Thomé de Mira*.

dio de Orthografia, p. 705, traz *trégolas* como a fórma pop. de *trégoas.* A terminação parece corresponder ao lat. *-ulus:* Cfr. Diez, *Gramm. des lang. roman.,* II, 298-229. — Em S. Thomé ouve-se tambem o deminutivo *Albertulinho,* cujos elementos são pois *Albert-ul-inho.* — Em Nespereira (Sinfães) diz-se *Albértulo,* e *Robértulo* (= Roberto).

Abélo, Abel. O povo accrescenta *e* ás consoante finaes, e por isso de *Abéle,* como tambem se diz, vem *Abélo,* com a mudança do *e* final em *o,* em attenção a ser masculino o nome.

Algures, em alguma parte. Este nome é aqui já pouco usado; mas elle encontra-se muito no Minho.

Alpéindre, casa da eira.

Alumiar, nomear. Em Viberbo, *Eluc., lomear.* Do lat. *nominare.*

Altar, ou *certã da azenha,* é o sitio onde poem as ceiras.

Amistade, amizade. Este termo, com quanto pareça á primeira vista esporadico, porque lembra o cast. *amistad,* é porém muito usado lá e noutros pontos do Norte. Corresponde a uma fórma lat. * *amicitatem* (de *amicus;* Cf. *bonitatem,* etc.): * *amicitate(m),* * *amicetade, amistade.*

Angùstia, Augusta (nome proprio). Ha por ventura uma falsa analogia com o lat. *angusta,* que se conservou no port. arch. sob a fórma *angosta.*

Antóum e intóum, então.

Aprezigar, aprezígo. O que se come além do caldo chama-se *aprezigo.* D'ahi até á phrase: «*aprezigar* com pão».

Arrigar, arrancar. Ex. «*arrigar* uma arvore». Do lat. *eradicare* (ex-radicare): * *arraicare,* * *arricare, arrigar.*

Assubir, subir. Vulgar no Minho.

Barruzão. Chama-se *nabal barruzão* o que é mais serodio que o outro; existem duas especies: branco e preto. — Ha por ventura uma allusão ao Barroso, d'onde viria alguma especie para aqui.

Batuqinho, de *batoque.* Cfr. esta advinha popular do *ovo:*

Q'al é coisa, q'al é ella,
Num téim arco, néim arquinho,
Sta' cheia até ao *batuquinho.*

Aqui *até ao batuquinho* quer dizer *até ao cimo,* por allusão ás pipas.

Bèincilhar, atar com um *bèincilho* (= lat. *vinciculum*).

Biuleiro, violeiro, que toca viola. Cantiga pop.:

O annel que me tu déstes,
Antoninho *biuleiro,*
Era-me largo no dedo,
Perdi-o no teu *lameiro.*

Bitaro, Victor.

Bô, bom. Vid. *Textos,* onde rima com *avô.*

Bôua, boa. É esta a pronúncia de todo o Norte.

Ca, do que. Do lat. *quam.* É archaico.

Cálres, Carlos. A fórma intermedia foi * *Calros.* — Tambem em Sinfães se diz *Carles.*

Camilia, Camila. — Tambem se usa no Porto.

Cantadeira, a que anda a cantar ao desafio nos descantes.

Cantadôre, o que anda a cantar ao desafio nos descantes.

Capánho, cesto pequeno.

Cardénha, cardanho.

Carito, abertura que marca o nivel ou bitola numa vazilha.

Casco, pipa.

Clis. A expressão *sol clis* quer dizer *sol que queima.* Em varios pontos do Minho *sol clis* significa *sol eclypsado:* clis = (e)cli(s)s(e) = (e)cli(p)s(e).

Côco, copo de lata. De certo o termo deriva de *coco,* fructo do *coqueiro.*

Condôito, synonimo de aprezigo. Parece que é o lat. *conductus.* Usa-se já muito pouco. — F. Adolpho Coelho, in *Questões da ling. port.,* p. 382, dá *condoito* como termo antiquado, e attribue-lhe a mesma etymologia.

Confita. A phrase *á certa confita,* muito usada no Minho, significa *finalmente, logo em seguida,* etc. *Confita* parece vir do lat. *conficta.*

Cope, copo de vidro. Vid. *Dial. extrem.,* I (*vocubalario*).

Cuvilhête, malga pequena de barro. Tambem na Beira e Minho.

Cristã, questão. Muito usado tambem na Beira. Parece provir, por etym. pop., de *christã.*

Cróssa, palhoça. Usado tambem na Beira.

Cuma, como. Usa-se em comparações antes dos nomes e pronomes. Tambem na Beira, Minho, etc. Arch. *coma.* O etymon é o lat. *quomodo:* * *quoma(do).* (Cfr. pop. *incómado* = incommodo).

Cumo, como.
Custilho, ?
Delaida, Adelaide. O *e* final foi mudado em *a* por causa da analogia com os nomes femininos em *-a*.
Despois, depois. Vulgar no país.
Dezer, dizer. Idem.
Dreito, direito. Vulgar tambem no Minho.
Èizaltar e inzaltar, exaltar.
Fácele, facil.
Fatôco, floco de neve.
Fatucar, nevar.
Féro, forte de saude, robusto.
Fragõis, augmentativo de *fragas*. Cant. pop. :

Indas q'eu viva mais annos
Do que fragas e *fragõis*,
Nunca téim de me squècer
As tuas ingratidõis.

Fruita, fructa. D'aqui *fruiteira*.
Guiteria, Quiteria. Idem no Minho.
Ilénia e Inlênia, Helena. O segundo é mais usado.
Im e éim, em. Ás vezes *im*, antes de nasal, perde a nasal propria: *i' meu peito* (=im meu peito).
Imbelina, Umbelina.
Incretanto, entretanto. Dissimilação extraordinaria.
Indasque, ainda que. Vulgar no Norte.
Injerricada, engelhada.
Inlénia, vid. *Ilénia*. O *i* inicial atono nasalou-se, porque isso é uma tendencia geral da lingoa.
Insinho, engaço. No Minho, como diz Roquette no *Dicc. Port.*, e eu sei por outra fonte, este termo tem a fórma *ancinho*.
Intóum, vid. *antóum*.
Intraméintes, entretanto.
Inxinar, ensinar.
Inzaltar, vid. *cizaltar*.
Jabêl, Isabel. A fórma intermedia póde ter sido *Ijabel*. Na *Chronica dos Carmelitas*, de Fr. José Pereira de Sant'Anna, Lisboa, 1745, pag. 919, lê-se numa carta attribuida ao Condestavel D. Nuno, *Zavel*.
Jacintra, Jacintha. Vulgar no Norte.
Jazus, Jesus.

*

Jeintar, jantar.
Jidio, Egydio.
Joaninha, pipo pequeno.
Jónas, ? Vid. *Textos,* 1, cant. 9.
Jufina e Jazufina, Josephina. A primeira fórma é mais usada. *Jazufina,* está para * *Jesufina* (que se formou por influencia de *Jesu*), como *Jasus* para *Jesus. Jufina* vem por dissimilação de * *Jejufina.*
Juzã, gonzo onde gyra o eixo na azenha. Parece corresponder ao ant. port. *juso* (= lat. *deorsum,* transformado em *josum, jusum:* vid. Diez, *Gr. des l. rom.,* II, 435). Em port. arch. tambem ha *jussã* (ou *jusã*) como adverbio (apud Viterbo, s. v.).
Lameiro, campo á beira do rio ou regato. De *lama.*
Landres, ? (do cavallo).
Lareira, pedra do caminho. De * *lararia* (Cf. *lararium*).
Leixandre, Alexandre.
Lòreiro, loureiro.
Lũa, lua. Cant. pop.:

Strêllas do ceu bind'a baixo,
Bonda lá ficar só ũa,
Ũa strella-i-é bastante
Par' àcompanhá-la *lua.*

Lũár, luar.
Lubar, levar.
Madanélla, Magdalena. Metathese antiga e vulgar no país.
Màjéira: na phrase « levadado da *màjeira* ».
Mangalona, Magalona. Etym. popular por influencia de *manga.*
Manjárra, pau que os bois púxão para fazerem moer a azenha.
Mastura, mistura. Vulgar noutros pontos.
Masturar, misturar.
Mèindinho (dedo): dedo minimo. Na Beira *mêndinho.*
Metildes, Mathilde. Sobre a paragoge do *s,* vid. *Dial. extrem.,* I, phonologia. O *a* de *Mathilde* foi mudado em *e,* talvez por influencia do *i* da syllaba tonica.
Nebairo, nevada. Do lat. *nivarium.*
Neija, nanja (não já). Sobre *nanja* vid. *Zeitschr. f. rom. Phil.,* VII, 105, no art. da Snr.ª D. Carolina Michaelis sobre *Port. Etymologien.* Já o intelligente e erudito philologo portu-

guês do seculo passado Antonio das Neves Pereira diz nas *Memor. de Litterat. Port.*, IV, 397 que «*nanja* é composta de *não* e *já* como *tambem* de *tão* e *bem*, ou como *mancheia* composta de *mão* e *cheia*, *tamanho* de *tão* e *manho*, isto é, *magno*». Todos estes exemplos servem para mostrar que *ão* medial se tornou *ã*.

Neta, fio que regula a medida para dubar. Do lat. *nete?*

N'nhũa, nenhuma.

Númaro, numero. O *e* mudou-se em *a* por influencia do *r* (Cf. *phonologia* §. 19).

Ó-ó, boi (em linguagem infantil). Esta palavra é uma imitação do grito de que o lavrador se serve para guiar os bois a lavrar.

O'pôis, depois. De *ó*(=*ao*)[*de*]*pois*.

Pála, parte do peito das camisas da mulher.

Pantalónas, calças. É termo classico. Cf. o fr., ital. e cast. *pantalon*.

Pêcurar, procurar.

Pegureiro, pastor.

Penitéinça, penitença.

Pera, para.

Pezuría, synonimo de *aprezigo*.

Pi a baixo, por hi a baixo. — Tambem se usa em Vimieiro (Douro).

Piurrinha, piasca ou peão pequeno. Os elementos da palavra são *peo-rr-inha*, pois suppõe-se a fórma intermedia *peôrra* em que entra o suffixo *-ôrra* (Cf. *grandôrra* de *grande* etc.) e a base * *peoa* feminino de *peão* (= lat. *pedonem*).

Pôldras, passadeiras de pedra nos rios.

Prejunçóum, presumpção.

Prêza, poça de agoa. Já a encontro em doc. mss. do sec. XVI de Sinfães.

Pruficio, na phrase «*bom pruficio*» que se diz quando se dá de beber. Formado do verbo latino *proficio*. Tem talvez origem litteraria e não popular.

Pulo, pelo.

Purmeiro, primeiro. Vulgar noutros pontos.

Q'áis, qual. Lat. *qualis*.

Q'er não! em exclamação, quer designar: *não tem duvida!* etc.

Qía, quê (em exclamações).

Ralo, raro. Dissimilação muito usada.

Razõu, razoilo.

Repígo, respigo. Cant. pop. :

Béim sei q'andais ó *repígo*
Na bide q'eu bèindimei,
Béim sei q'andaides logrando
Amores q'eu ingeitei.

Roupeiro, cesto para roupa.

Sãigue e **séingue**, sangue.

Sangra, liquido escuro que se separa do azeite. Derivados: *sangradura* (orificio por onde sae a *sangra*), *sangrar* (verbo respectivo a *sangra*). A base é de certo o lat. *sanguinem*, que deu em cast. e num dialecto transmontano *sangre*.

Scádia, escada. Cf. *Dial. extrem.*, I (*Vocabulario.*)

Scaleira, escada de pedra. Na Beira *iscaleira*. Do lat. *scala*.

Scrapiar, carmear a lã. De *carpear*.

Séinha (séi-ɲha), senha.

Sêssago, *recto* do homem e dos animaes. Do lat. *recessus*. — Esta etymologia é confirmada por *sêsso* (cêsso) que se usa no mesmo sentido em Azoeira (Extremadura). Em Nespereira (Sinfães) diz-se *sêssego* no mesmo sentido, e *ressêssego* no sentido de *pão duro, pão de dias* (lat. *recessus, a, um*). — Em *sêssago*, por *sêssego* (que foi a fórma primitiva: Cfr. a fórma de Azoeira) houve apherese do *re* inicial por analogia com outras palavras em que elle é adventicio; a terminação parece corresponder a um sûffixo *-ego* (= *-ĭcus*). — Antonio das Neves Pereira, in *Mem. de Litt. Port.*, V, 187, dá o termo *irtigo* como a fórma popular de *hirto*, e por tanto com o mesmo suffixo sob a fórma *-igo*; diz o sabio philologo: « ficou com elle a gente do campo e as regateiras da praça: mas que importa, se assim o traz Barros? ».

Sètistrêllos, set'estrello. Cant. pop. :

Os *sètistrêllos* cahiro'
Déro' nas folhas da coube:
Taméim eu heide cahir
No coraçóum de qéim m'oube.

Cfr. o meu livro *Tradições pop. de Portugal*, §. 45.

Siléstre, cousa inesperada, rara. « É um *siléstre !* ». De *celeste*, de que ha tambem á fórma popular *celestre*, d'onde vem *siléstre* por dissimilação.

Sternecidos, ternos: « *sternecidos* ais ».

Sub'los, sobre os.
Sucèninha, assuceninha.
Sulidade, Soledade (nome proprio).
Tamburête, cadeira pequena.
Tàméim, tambem.
Tanajinha (ta-na-ji-nha), tão de préssa. — Conheço uma quadra feita ha muitos annos por um padre de Cárquere em que entra esse termo:

Adeus Pêso, adeus Béba,
Adeus Quintã e Bèbínha,
Adeus, que me vou embora,
Não torno cá *tanajinha*.

Em Feirão (serra na Beira, perto de Lamego), e em Sinfães, tambem se usa o termo. — Cfr. *Dial. beirões*, II, pag. 9.
Tremunhado, sitio onde se põe a ceira do azeite, em volta do *altar*.
Trépa, ramo de pinheiro.
Tupada, pancadas de encontro ao pé. Na Beira *tupadella*.
Ublada, oblada ou congrua em milho paga ao parocho por cada casal. Do lat. *oblata*.
Uveira, arvore com vides. — Derivado de *uva*.
Zonas, ? Vid. *Textos*, I, cant. 9. — O meu amigo João Diniz diz-me ter ouvido a gente de Bragança o termo *enzônas* no sentido de *impostura*. Effectivamente faz sentido nos *Textos*, I, estrophe 9, e *zonas* podia provir de *inzonas* ou *enzonas* (pela apherese vulgar de *in*); mas a etymologia d'estes ultimos é-me desconhecida.

Do estudo precedente resalta mais uma vez que a lingoagem popular obedece a regras, e que por tanto não é indigna da investigação meúda, como muitos erradamente suppoem. Dá-se uma cousa curiosa com os que escarnecem da falla do povo: é que esses pseudo-criticos não sabem uma palavra de glottologia, não fórmão mesmo uma ideia da maneira como as lingoas se desenvolvem no espaço e no tempo. Em taes condições, como hão-de julgar o que outros, que pássão uma parte da vida a meditar e a coordenar, trazem a publico como fructo do seu exame? Ha aqui um proconceito e nada mais. Dizem elles: a lingoagem é um phenomeno vulgar:

logo todos estão aptos para a dominar e explicar; o povo é de ordinario ignorante: logo os seus dialectos devem ser disparatados. Pouco custa refutar este raciocinio. Tambem a vida, de um modo geral, é um phenomeno, ou antes um complexo de phenomenos vulgares, e comtudo, apezar do adagio castelhano

De medico, poeta y loco
Todos tenemos un poco,

e do grande numero de charlatães que páirão como corvos sobre os povos, a chave d'esses phenomenos só com direito pertence ao physiologista e ao pathologista; por outro lado a transformação das lingoas não depende do acaso, mas de muitas condições que se achão na natureza humana, e como a natureza humana não é de certo um disparate, segue-se que a lingoagem popular, em que essa transformação em alto grau se manifesta, não póde ser de modo nenhum na sua essencia um facto irregular e arbitrario.

Os que se riem dos dialectos populares cáiem em maiores contradicções ainda: pois d'onde veiu a lingoa que elles fallão? Surgiria por encanto no gabinete dos sabios e dos grammaticos? Seria o cumulo da estupidez suppôr tal cousa. A lingoa portuguesa formou-se na bôca do povo rude e analphabeto, que dos romanos, que conquistárão a Lusitania, herdou o latim que estes para cá trouxerão, e que elles proprios tambem modificárão; só no seculo XII apparece pela primeira vez escrita em documentos, e nas edades posteriores começa a ser orgão de uma litteratura nascente. De modo que a sonora lingoa de Camões e de Vieira,

Uma lingoa mais dura do que as armas,

tem, como todas as lingoas, uma origem humilde: brotou á superficie da alma simples e ingenua do povo.

A moderna lingoagem popular é em parte a conservação das primitivas phases, em parte a evolução do que a litteratura fixou em obras immorredouras, e sempre por consequencia a vergontea viçosa de um tronco fecundo e antigo. Nada pois de insultos sobre ella.

Referindo-me agora a Baião: no dialecto geral interamnense deve formar-se um grupo, que chamarei *sub-dialecto baixo-*

duriense [1], correspondente ao Baixo-Douro; nelle está comprehendida a falla de Baião, que se caracterisa pelo *éin* (vid. §. 3), pelo *eu* (vid. supra), pela ausencia do *áur*, que se encontra no sub-dialecto baixo-minhoto, e por muitas outras particularidades que ficão mencionadas acima. — No estudo sobre a phonetica andaluza, pelo professor Hugo Schuchardt, da Universidade de Vienna, *Die Cantes Flamencos*, Halle 1881, pag. 56, lê-se: «so las ich z. B. in Sevillaner Hdss. des 15. und 16. Jahrh. *Viccinte, Lloreinte, Clemeinte:* als neuandalusische ist mir eine solche Neigung des *e* zur Diphthongirung (*wie wir sie im Portugiesischen wahrnehmen*) nicht bekannt». O dr. H. Schuchardt não diz quaes os casos a que se refere da ditongação do *e* português, de certo é aos da ditongação do *e* antes de vogal (ex. *ideia* = idea, *teia* = tea etc.), que é mais conhecida do que a ditongação dialectal que eu menciono do *en* em *ẽi* (*ein, eim*); em todo o caso compare-se o phenomeno andaluz dos sec. XV e XVI de *Viceinte, Lloreinte* e *Clemeinte* com o que se passa em Baião. Tambem Gonçalves Vianna, *Étude de phonologie portugaise*, pag. 11, dá *ẽi* como a pronúncia de *em* no Alemtejo, Algarve e Brazil. Eu por mim tenho ouvido a gente do Algarve a terminação *em* ao lado de *eim*. A evolução foi pois:

en (*em*) primitivo e dialectal;
ẽe archaico;
ẽi dialectal; [2]
ãi na Beira-Alta (Mondim).

Entre *ẽi* e *ãi* póde admittir-se um intermedio que apparecerá ainda.

As mais considerações, que caberião aqui, ficão para a conclusão geral do meu estudo sobre o *dialecto interamnense*.

Porto, Janeiro de 1885.

J. Leite de Vasconcellos.

---

[1] *Duriense* deriva de *Durius*, que é o nome latino de *Douro*. Em AA. antigos leio tambem *trans-duriense*, por ex. no *Compendio de Orthogr.* do P.e Carmelo, p. 422.

[2] O *i* porém que tenho ouvido aos algarvios não é tão distincto como o de Baião; além d'isso o ditongo nasal ahi não é gutturalisado.

CARIDADE SOCIAL E CHRISTÃ PELA INSTRUCÇÃO POPULAR [1]

MINHAS SENHORAS; MEUS SENHORES:

É esta a segunda vez que me cabe a honra d'occupar este logar. A primeira, ha dois annos: vim cumprir o compromisso contrahido com o meu amigo o snr. Domingos Leite de Castro, então mui digno bibliothecario.

Escolhi para objecto da conferencia a defeza d'uma deliberação da direcção d'esta sociedade, sob proposta minha, tendente a conseguir um inquerito exacto das industrias de Guimarães.

Relatei qual era o quadro principal das suas industrias, as causas provaveis da decadencia de muitas; indiquei o que me parecia conveniente para as reanimar, e affirmei, com optimas authoridades, que o mais efficaz remedio seria o desenvolvimento da instrucção.

A exposição de Villa-Flôr, quanto se tem escripto ácerca d'ella, vieram dar razão ás minhas humilimas affirmações,

---

[1] Conferencia realisada, no dia 9 de março, na sala da bibliotheca da SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO, por Avelino da Silva Guimarães.

vieram demonstrar (segundo penso) que o meu estudo fôra imperfeito, mas não fôra excessivamente ligeiro.

Venho agora, pela segunda vez, cumprir o compromisso contrahido com o meu amigo e collega o snr. Joaquim José de Meira, mui digno bibliothecario.

A escolha do assumpto para esta conferencia não foi casual. Observei com a mais agradavel surpreza que um grupo numeroso e distincto de senhoras vimaranenses honrou esta sociedade inscrevendo-se na lista dos socios. A pouca vulgaridade de factos analogos em agremiações d'esta indole fez com que o meu espirito cogitasse sobre qual a natureza do sentimento que propelliu s. exc.as a fazerem parte d'esta agremiação.

O que era claro para todos, não me foi tambem muito difficil descobril-o: é que os fins d'esta sociedade constituem uma das formulas por que as sociedades modernas manifestam o sentimento cada vez mais intenso de caridade social; é que este sentimento ostenta maior energia na alma extremamente sensivel das senhoras.

Para chegar a uma convicção profunda, tinha dois processos a adoptar, dois criterios a preferir: o estudo de definições; o estudo de factos.

Foi este o caminho, que o meu espirito proseguiu. O conjuncto d'este meu trabalho intellectual, o resultado d'este trabalho, a demonstração que organisei para convicção propria, é o objecto d'esta conferencia.

E sob este plano, veremos: Como se define a caridade? Como ella se manifestou, exerce e tem exercido: 1.º pelas instituições d'instrucção primaria; 2.º pelas d'instrucção especial.

*

Define a caridade um notavel escriptor: o sentimento que nos impelle a soccorrer os necessitados.

Outros a definem, mais incisivamente, em tres unicas palavras: amor do proximo.

Uma e outra claramente nos dizem que a caridade se póde exercer onde quer que se ouça um grito d'angustia, onde quer que haja o aspecto d'uma penuria, a revelação d'uma fraqueza.

Exerce largamente a caridade o afiliado da cruz vermelha, que acode a um campo de batalha, depois que a artilheria cessou de trovejar e disseminar a morte, quando a planicie ou o valle se cobre d'um gigantesco lençol de cadaveres, e procura entre os mortos os feridos para os conduzir a um hospital ou ambulancia, entre os feridos os moribundos para lhes dirigir as ultimas palavras de conforto.

Sem duvida que o soldado, que se encontra longe da patria, longe da familia, mortalmente ferido ou mutilado, sente n'essa hora extrema uma das mais profundas agonias. Vê-se isolado entre montões de cadaveres, entre as torrentes de sangue quente de camaradas e inimigos. Os estertores dos moribundos, os gritos lancinantes dos feridos, as dôres mortaes dos proprios ferimentos, aggravam-lhe a insulação moral em que se encontra, o pavor profundo que o assalta. Se ouve uma voz humana e compassiva, se encontra um homem a quem confie o ultimo segredo, em quem deposite a sua ultima e mais-pujante flôr d'alma, de certo que a agonia do moribundo se mitiga, de certo que o soldado da cruz vermelha acode a uma extrema agonia moral.

Dar remedio ao enfermo pobre, offerecer gasalhado ao desvalido, são actos d'incontestavel caridade. Acode-se a penurias e fraquezas. Mas exerce um acto de relevante caridade quem diz ao estrangeiro perdido nas encruzilhadas d'uma estrada, no labyrintho d'uma cidade populosa: — eu guio-te, eu ensino-te o caminho. Acode-se a uma verdadeira fraqueza, não pelo pão, não pelo remedio, não pelo agasalho, mas pelo ensino.

Ensinar é pois um acto de caridade.

Encontrar na rua, á porta d'uma casa, ou sobre o banco de pedra d'um passeio, um recem-nascido quasi exanime de frio, levantal-o, aconchegal-o a si, e bafejal-o de modo que no pequenino corpo volte a circular-lhe o tenue sopro de vida, é exercer a caridade; mas não exerce menor acto de caridade quem lhe educar os primeiros fulgores da intelligencia, quem maternal e dôcemente lhe infiltrar as primeiras noções das cousas, as palavras por que ellas se designam: logo ensinar é exercer um acto de relevante caridade.

*

Eu entendo que o sentimento de caridade é tão forte no coração do homem, que onde quer que tenham vivido homens mais ou menos esse sentimento se ha de ter manifestado em presença de mutuas fraquezas.

É certo comtudo que hoje todos affirmam e demonstram que o sentimento de caridade, embora innato, embora impresso na alma como uma lei de sociabilidade, era frouxo nas primeiras edades da humanidade; as suas manifestações individuaes eram excepcionaes nas primeiras sociedades, onde a dureza de costumes como na Grecia de Lycurgo, onde o espirito de conquista, de guerra, de dominio, como entre os romanos, onde a ignorancia, como entre os barbaros, dava o predominio psychologico a outra ordem de sentimentos.

É verdade que o Velho Testamento narra o exemplo commovente de caridade individual do rico Booz, ordenando aos ceifeiros o fingido descuido, para que Ruth, a triste viuva de Noemi, tivesse mais que respigar sem que á face lhe subisse o calor do acanhamento ou da vergonha.

É verdade que Cesar Cantu affirma que Pisistrates creou em Athenas um asylo para soldados invalidos.

É verdade que Voltaire affirma que os romanos tinham no porto d'Ostia uma casa para estrangeiros.

Mas esses factos isolados apenas podem convencer da preexistencia, da immanencia d'um sentimento, que o espirito do christianismo, que a luz vivida da civilisação levantaria á cathegoria d'uma verdadeira lei moral, d'um principio de sociabilidade.

Se em Athenas havia, como uma alvorada de caridade social, um asylo para soldados invalidos, por outro lado as leis d'Esparta condemnavam á morte as creanças invalidas ou disformes; se os romanos tinham uma casa para estrangeiros, por outro lado reduziam os vencidos a escravos, os escravos e filhos d'escravos a cousas insensiveis, a puras machinas de trabalho.

Como affirmam Littré, Guizot, Ortolan, Chateaubriand, o philosopho, o historiador, o jurisconsulto, o litterato, todos eminentes, a caridade, este nobre impulso da alma humana, com a intensidade de manifestações, quer individuaes, quer collectivas, que hoje conhecemos, é um producto da civilisação.

A chamada edade d'ouro nunca passou d'uma creação chimerica, como observa Ortolan. As primeiras sociedades eram dominadas pela ignorancia, pela desegualdade, pela ser-

vidão; ou, como ensina Spencer, apenas manifestavam o esforço para a mutua subjugação, para a mutua destruição.

Não quero com estas affirmações negar que houvesse um certo grau d'instrucção em antigos povos. Pelo contrario é sabido que a China, o Egypto, Grecia, Roma, e outras nações cultivavam a instrucção com notavel desenvolvimento. A sua architectura creou escólas; a litteratura, a philosophia, a poesia, a historia, a jurisprudencia, levantaram monumentos immorredouros. As suas industrias surprehendem-nos; as da China tem origens remotissimas; os archeologos, estes benemeritos exploradores dos monumentos historicos, exhumam constantemente na Grecia, na India, na Italia, no Egypto, verdadeiras preciosidades para a historia da arte, para a histotoria das industrias. Os arabes fabricavam as celebres espadas de Damasco, com aço fino, obtido por um processo ainda hoje desconhecido, não obstante as grandes descobertas da sciencia, não obstante as immensas conquistas da cutelaria moderna.

Mas a instrucção nos antigos povos não tinha o caracter beneficente que hoje se lhe attribue, que hoje a determina no seu desenvolvimento: ou se baseava em systema d'educação nacional, como na Grecia, ou era o privilegio de castas sacerdotaes e aristocraticas, como no Egypto, como na India. A instrucção profissional herdava-se pelas tradições de familias operarias.

Para que o sentimento individual desabrochasse e se expandisse, para que a caridade collectiva, social, se estabelecesse como um principio organico traduzindo e regulando os sentimentos individuaes, foi necessario que interviesse a palavra persuasiva, o exemplo vivo de Christo, prégando a caridade como um dever, a protecção aos desvalidos, a protecção aos fracos e pequenos como o cumprimento indispensavel, impreterivel d'uma lei divina.

Estabelecida a lei moral, dada ao sentimento a força d'um principio de vida social, arroteou-se para a caridade, para o dever d'acudir a todas as fraquezas, um vastissimo campo. O miseravel que se debate desde o berço; o grande pela riqueza, talento ou nobreza, que cae sobre os escombros d'um demoronamento rapido; o viandante que é colhido por subita desgraça a meio da carreira da vida; a creança que não tem forças, o velho que as perdeu; o imbecil que nunca chegou a ser adulto, o louco que representa uma grandeza abatida; o pai desprezado, o filho esquecido, a amante trahida: tudo pede um

momento d'abrigo, tudo pede uma gota de balsamo, um raio de luz e de sol a esta santissima lei, verdadeira lei compensadora, moderadora de todas as vicissitudes humanas.

As instituições de caridade, de tão diversa indole, algumas de tão complicado organismo, devem-se pois primariamente á lei moral revelada pelo sentimento impresso pelo Creador; devem-se aos santos preceitos do Evangelho; devem-se á intensa luz da civilisação, que successivamente vai ganhando todos os povos do mundo.

Este desenvolvimento é tão largo, o sentimento cria tão variadas e intensas expansões, tão numerosas e fundas raizes, que os povos cultos julgam-se solidarios nas grandes calamidades. As nações civilisadas, especialmente as d'origem latina (me parece) reconhecem-se, estreitam-se, tendem a formar uma unica familia na communhão dos sentimentos de benevolencia. Isto revela um progresso immenso na vida do sentimento, na vida moral dos povos.

*

INSTITUIÇÕES D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Este sentimento assim apurado, a convicção de que o sentimento corresponde a uma verdadeira lei moral, tem as suas manifestações, egualmente variadas, egualmente intensas, nas instituições d'instrucção popular.

Vejamos pelos factos como o sentimento se desenvolve, como se expande e alastra pelas instituições d'instrucção primaria.

Desde que se conheceu que a ignorancia é uma fraqueza, a Egreja, as instituições pias, empregaram os primeiros esforços para a vulgarisação da instrucção primaria. É com effeito nos esforços da Egreja que encontramos a genese d'esta potente alavanca de civilisação progressiva.

S. Basilio foi dos primeiros a aconselhar a educação das creanças nas escólas conventuaes.

S. Chrysostomo ordenou que as escólas se franqueassem aos leigos, e exhortou os paes para que mandassem os filhos frequental-as.

A grande ordem dos Benedictinos, fundada em 549, teve

escólas nos seus 15:000 mosteiros, internas para os monges, externas para os leigos.

A Egreja no concilio de Latrão em 1179 ordenou que nas cathedraes se fundassem escólas gratuitas.

Successivamente a intervenção da caridade christã se amiudou, se multiplicou, chegando, em 1614, José Casalvans a fundar em Roma a ordem dos Prioristas com o fim especial de derramar a instrucção.

A corrente ganhou o poder civil, e Carlos Magno no seculo VIII não só creou escólas, mas declarou n'uma capitular obrigatoria a instrucção primaria.

Os diversos estados da Allemanha (a primeira na Europa como os Estados-Unidos no novo mundo), começaram a desenvolver, a vulgarisar as instituições d'instrucção primaria, especialmente desde os seculos XV e XVI.

Ao desenvolvimento da instrucção pela caridade christã, seguiu-se pois posterior desenvolvimento pelo sentimento collectivo de caridade social.

É certo que para a intervenção dos governos, que para a intervenção de corporações leigas, outra ordem de sentimentos fôra concomitante; mas isso pouco importa á nossa demonstração: o facto essencial a affirmar é que a nova formula de caridade, que o sentimento religioso descobriu, foi perfilhada e seguida pelo poder civil, pelas instituições leigas. A mesma fórma, o mesmo sentimento, foram causas determinantes do largo desenvolvimento da instrucção.

E nem este facto póde extranhar-se, ou repellir-se por inverosimil. Herdam-se as idéas e os sentimentos como os trabalhos materiaes. As idéas desde que se enunciam, e publicam, os sentimentos desde que se manifestam ou revelam, entram no dominio e uso commum, como a agua, a luz, o sol. São irreductiveis a propriedade exclusiva. Desde que se generalisam, formam modificações consequentes na atmosphera do mundo moral.

A primeira idéa, que se enunciou, o primeiro sentimento que se revelou ao mundo externo, foram as forças que estabeleceram o primeiro movimento. Se veio outra ordem d'idéas ou de sentimentos, como novas forças para producção do mesmo resultado, o movimento adquiriu maior velocidade, creou maior energia, mas não perdeu a indole primitiva. Os rios caudalosos contém sempre as aguas das primeiras affluencias, as gottas das primeiras nascentes.

Bastava pois o exemplo, bastava a doutrina: o exemplo,

as idéas, as manifestações dos sentimentos como os productos da razão, contagiam, fazem sempre conquistas mais ou menos largas no mundo intellectual, na vida do sentimento.

N'este grande movimento da Allemanha retardou-se a Austria. As escólas n'este paiz eram geralmente sustentadas por corporações religiosas de mulheres, ou pelas dos irmãos Prioristas: só no seculo XVIII o exemplo subjugou inteiramente o Estado.

Devemos porém accrescentar como um preito d'honra áquelle paiz, que em poucos annos ganhou o terreno perdido, e que foi uma senhora, a rainha D. Maria Thereza quem em 1771 deu largo impulso á instrucção popular, e fundou em Vienna d'Austria a primeira escóla normal austriaca.

De certo por este salutar exemplo é notado com encarecido louvor o facto de as princezas e senhoras da maior aristocracia da Allemanha tomarem sempre logar proeminente em todas as iniciativas tendentes ao desenvolvimento da instrucção popular.

Com os diversos estados da Europa deram-se factos identicos, começando uns mais cedo, como Saxe, outros mais tarde, por desenvolver a instrucção primaria, seguindo os exemplos salutarmente dados por diversas corporações pias, e de beneficencia.

*

Não me demorarei mais na indicação de factos comprovativos, porque fatigaria a benevolente attenção de v. exc.as Apenas lembrarei dois factos muito caracteristicos.

Em 1857 reuniu-se em Francfort um congresso internacional de beneficencia. Entre outras conclusões, o congresso estabeleceu — que deve ser obrigatoria a instrucção primaria.

Um outro facto, sobre que invoco a esclarecida attenção de v. exc.as, passa-se modernamente na Inglaterra.

N'este paiz, a terra de grandes extravagancias e simultaneamente a terra abençoada de grandes instituições d'utilidade pratica, a caridade pela instrucção cria as mais variadas instituições, preoccupa os mais levantados espiritos, congrega as mais prestantes corporações. Entre essas instituições, avultam pela originalidade da fundação, pela persistencia da lucta contra as trevas da ignorancia, as sociedades de protecção pela escóla e pelo officio para os criminosos, vagabundos, filhos d'uns e d'outros. A lucta é portanto contra os ladrões, contra

os ebrios, contra os assassinos, contra toda a especie de gatunagem, de desvergonhados d'ambos os sexos.

Ao lado d'estas sociedades, funda-se a dos missionarios da cidade de Londres, empregando a sua actividade em promover que os velhos criminosos e vagabundos mandem os seus filhos á escóla.

Ainda se criam casas de refugio, onde encontram gasalhado os pequenos vagabundos.

Além de todas estas instituições, ha ainda uma complementar em Londres, com o unico fim de angariar professores para taes discipulos. E era indispensavel. Por mais de uma vez tem succedido que o professor se vê entre assaltantes em vez de se encontrar com discipulos doceis. É licito imaginar quantas vezes o pobre mestre-escóla será surprehendido pela inopinada algazarra, e terá de gritar por soccorro emquanto os larapios fazem mão baixa sobre os livros, sobre a mobilia escolar, a caixa do rapé, os oculos, o lenço, a cabelleira do mestre!

É preciso confessarmos que estas instituições tem uma face apparentemente comica; mas qual é o individuo por mais digno, qual é a instituição por mais prestante, que nas manifestações da sua actividade, ou nos elementos e condições do seu organismo não offereça uma face para as investidas do ridiculo?

Não se intimidam com isso os benemeritos inglezes: attendem unicamente á utilidade da lucta, como o ourives que não despreza o ouro porque se envolve de materias extranhas.

Quem se intimidar com o ridiculo não póde tomar logar na maior parte das luctas sociaes.

A grandeza d'aquellas instituições é a persistencia da lucta travada contra a ignorancia e contra o crime que d'ella deriva. Offerecem-se á justa admiração do mundo os monges de S. Bernardo, que circumscrevem a sua actividade em adorar a Deus nas alturas dos Alpes, e em luctar contra as tempestades e contra a neve arrebatando-lhes numerosos viajantes perdidos e vencidos n'essa lucta ingente. O que são as falladas associações inglezas? São corporações de homens quasi iguaes áquelles na dedicação e no esforço, luctando contra o crime, luctando contra as negras tempestades da ignorancia, não pela força, mas pela palavra, não pelas armas, mas pela instrucção, pela educação intellectual e moral.

Aquelles acodem ao viajante salvando-o do gelo das neva-

das; estes acodem e salvam muita creança de boa indole, muito criminoso regeneravel, muita victima d'uma educação desprezada ou pervertida. Se aquelles salvam muito viajante perdido nas geleiras de montanhas gigantescas, estes salvam muito viajante perdido no labyrintho das grandes populações, por entre as revoltas tempestades da vida, livrando-o do gelo da ignorancia, do gelo que produz a morte da alma, que extingue o prazer do trabalho, que paralysa o sentimento do bem.

Na Inglaterra o sentimento de caridade pela instrucção popular é tão intenso e é tão extenso que é rara a parochia rural em que as familias ricas, as pessoas illustradas, se não occupem d'este assumpto como d'uma occupação ordinaria da vida.

*

INSTITUIÇÕES DE INSTRUCÇÃO ESPECIAL

Não cansarei a attenção de v. exc.as com a lembrança de factos com que constituo este segundo capitulo de provas: bastarão alguns, que, por salientes, comprovam como a humanidade culta tem comprehendido que a caridade se exerce largamente pela instrucção especial.

Chamemos a França antiga, a França contemporanea em nosso auxilio.

Estudando aquella, encontramos que em 1545 se fundou em Paris o hospital da Trindade, onde eram admittidas creanças pobres, e divididas em duas classes: á 1.a, á dos mais novos, ensinava-se a lêr, escrever e cantar; á 2.a, á dos adultos, facultava-se-lhes a aprendizagem d'um officio. As manufacturas eram vendidas; o producto dividia-se em duas partes: uma pertencia á casa, a outra formava o primeiro peculio de resistencia do alumno, que lhe era entregue aos 25 annos, idade em que sahia do hospital para entrar na vida civil.

Os officios e industrias escolhidos para aprendizagem eram quasi sempre os de classes desconhecidas no paiz, e assim a benemerita instituição augmentava o quadro industrial da França sem estabelecer concorrencia ás industrias preexistentes.

A França contemporanea offerece-nos exemplos semelhan-

*

tes aos da Inglaterra. Ha tambem em França uma sociedade de beneficencia, tendo por unico fim recolher rapazes que tenham soffrido alguma condemnação, procurando-lhes officinas de aprendizagem, educando-os assim para o trabalho honesto.

Não se limitam as manifestações de caridade social pela instrucção, em França, áquella sociedade: ha outras, com diversa organisação, com outros fins especiaes. Sabeis como a caridade do cidadão Martin o inspirou a fundar em Lyão a celebre escóla industrial Martinière, frequentada por mais de 400 alumnos.

Se da França, d'este paiz de raça latina, passamos para o norte, para um paiz de raça slava, ahi encontramos algumas notaveis e sympathicas instituições. Em Agram, capital da Croacia, um só homem, o bispo Strossmayer, constituiu, com as suas economias, um museu d'artes industriaes com a bibliotheca respectiva; com o capital de 100 contos, estabeleceu uma academia de sciencias e artes. Vendo que a população feminina, empregada no exercicio de industrias caseiras, decahia em abatimento por falta de instrucção e de estimulos, fundou no convento de freiras d'Agram, uma escóla de bordar, uma escóla de fazer renda, accrescentando-lhe uma officina de tinturaria.

O snr. Joaquim de Vasconcellos, authoridade eminente n'estes assumptos (a quem muita vez citámos nos nossos humildes trabalhos) e a quem devemos estas noticias, accrescenta que o exemplo do venerando prelado não é isolado: os sacerdotes, as pessoas illustradas e influentes, os fidalgos polacos, hungaros e bohemios rivalisam entre si n'estas manifestações de verdadeira caridade.

*

Se estes exemplos não fossem bastantes para tornar evidente como pela instrucção popular se exerce a caridade, a evidencia conseguil-a-hiamos lembrando apenas duas ordens de instituições de ensino — a dos cegos, a dos surdos-mudos.

É grande a fraqueza organica do cego, do surdo-mudo. Se vivem em meio social, onde a instrucção é geral, encontram-se no estado afflictivo do homem esfomeado ou sedento, que tem em volta de si abundancia de viveres ou d'agua, e não póde colher uma gotta, não póde tomar uma mealha.

É profunda a angustia do cego, ou do surdo-mudo pobre, que se conhece cheio de vida e de força, e não póde empregar a sua actividade para acudir ás necessidades da existencia.

Estas supremas angustias, estes dolorosos espectaculos, inspiraram os pedagogos ao estudo de methodos, as almas bemfazejas á fundação de casas d'ensino. Os nomes dos pedagogos Pedro de Ponce, hespanhol, no seculo XVI, do nosso compatricio de raça judaica Jacob Rodrigues Pereira, e do francez de l'Épée, no seculo XVIII, e d'outros, conquistaram, como mestres e inventores de methodos, até hoje o louvor e a admiração de quantos se interessam pelas cousas d'instrucção popular, pelos progressos de beneficencia social.

O allemão Haüg, inventor das letras em relevo para os cegos, e fundador da respectiva escóla em 1784, ha de ter sempre um logar proeminente na historia das conquistas pedagogicas. Inventados os meios de ensino, as almas bemfazejas congregaram-se para a fundação de asylos e de institutos, e hoje o surdo-mudo e o cego podem adquirir instrucção litteraria, podem adquirir instrucção profissional com que se distráiam das suas amarguras, com que provejam á sua alimentação.

*

O MOVIMENTO PORTUGUEZ

Estas manifestações, estes bons exemplos de caridade social, que são hoje vulgarissimos nos paizes da Europa, encontram-se tambem hoje no nosso paiz com crescente frequencia.

É verdade que a instrucção propriamente popular no nosso paiz foi por muito tempo descurada pelo poder civil. Por isso mesmo as corporações religiosas, que fundaram escólas, e n'ellas admittiram os filhos do povo, prestaram á causa da civilisação relevantissimos serviços.

A Misericordia de Lisboa desde 1498, o Collegio d'orphãos fundado por D. Brites, mulher de D. Affonso III, o Collegio dos orphãos fundado no Porto em 1651 pelo padre Balthazar Guedes, o Seminario bracharense fundado em 1792 pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, e diversas outras ins-

tituições satisfizeram por muito tempo ás mais urgentes necessidades, até que o Estado, pela iniciativa vigorosa do marquez de Pombal, assumiu a direcção suprema da vulgarisação de instituições de ensino gratuito, quer litterario, quer profissional.

Esta intervenção do Estado foi porém de curta duração: desde que o grande marquez decahiu até que se estabeleceu o regimen constitucional, houve um periodo de confusão e de trevas.

Agora tudo coopera para a santa cruzada da instrucção popular. Á iniciativa do Estado, mais largamente desenvolvida, correspondem os louvaveis esforços de benemeritos cidadãos e das corporações, como por exemplo da Misericordia de Valença, da Casa Pia de Paços de Sousa, das Ordens da Trindade e do Carmo, no Porto, da Associação das escólas moveis de Lisboa, da Sociedade de instrucção do Porto, da Sociedade de senhoras de Lisboa, para protecção de menores desamparados, e de tantas outras instituições que começam a vulgarisar-se por todo o paiz.

As nossas leis estabelecem os meios de soccorrer os alumnos pobres, e incitam á organisação de commissões e sociedades de instrucção popular.

Entre as instituições de caridade social, por que se caracterisa esta época em Portugal, não deixarei de citar a escóla de marinheiros do Porto, creada ha pouco tempo pelo governo, deferindo á representação d'uma benemerita commisssão de cidadãos portuenses.

O asylo, o albergue e a escóla, tudo se concentra na velha corveta *Sagres*. É ahi que uns rapazinhos esfomeados e vagabundos, perdidos no lodo das ruas, encontram gasalhado e ensino: — roupa que lhes cobre a nudez, pão que lhes extingue a fome, disciplina que os moralisa, ensino litterario e aprendizagem technica de marinhagem, adquirindo assim o capital, as armas com que possam prestar serviços á sua patria, e assegurem um trabalho honesto na lucta pela existencia.

*

E para que respigar exemplos por diversos paizes da Europa, para que procurar factos por diversas terras do paiz, se os temos tão perto de nós, tão de propria casa?

Não temos irmandades fundando escólas para os filhos dos seus irmãos?

Não temos alli, no edificio fronteiro a este, um asylo d'orphãos d'ambos os sexos?

O que é esta casa da Sociedade Martins-Sarmento? É uma casa de caridade; é uma instituição (como diz um meu intelligente collega e amigo, que está a ouvir-me) de beneficencia espiritual.

N'estas salas, que se povôam de livros, encontra o pobre farto alimento para seu espirito; nas salas das aulas encontra o desfavorecido de meios, o filho do jornaleiro, o artista, o filho do artista, o negociante apoucado, o filho do negociante, o filho do lavrador, o filho do advogado, emfim o filho do povo, escóla onde aprenda, professor zeloso e dedicado, verdadeiramente dedicado e zeloso, para o guiar na ardua tarefa do estudo. Quanto o permittem os seus recursos, esta sociedade fornece ao alumno pobre subsidio em livros.

O que é portanto esta casa senão uma instituição de beneficencia espiritual, senão o conjuncto de instituições de vulgarisação de instrucção?

Ninguem aqui se agremiou para recreio; ninguem com a menor idéa d'um lucro. Não: todos sentem na sua alma o desejo intenso de soccorrer os fracos, os pequenos, os pobres. Todos conheceram que a época presente se caracterisa por uma lucta cada vez mais energica, cada vez mais viva: a lucta das idéas, da perfectibilidade litteraria, da perfectibilidade scientifica e da perfectibilidade industrial.

Os elementos tradicionaes de industria, com que viveram em Guimarães milhares de familias operarias, empallidecem e extinguem-se em face dos novos progressos. A sciencia conquista novas descobertas em beneficio da arte: quem as não apropriar, quem não acompanhar sem perda d'um momento esta ingente evolução, não pára, não se converte em estatua como a mulher de Loth, porque lhe succede muito peor, porque é arrastado, como um verdadeiro detricto, na violencia da corrente. Já temos infelizmente assistido a estes naufragios afflictivos. N'esta ultima decada temos presenceado d'esses espectaculos dolorosos. Já vimos o que succedeu com a classe dos pregueiros, estamos assistindo á lucta obscura mas tenaz, mas heroica dos ourives, dos cuteleiros, e d'outras classes de industria.

Se ha portanto época em que todo o soccorro é insufficiente, todo o estimulo pequeno; em que é indispensavel

vulgarisar as instituições escolares, e travar a lucta a todo o transe contra a ignoraneia, é a que agora atravessamos.

E essa nobilissima missão pertence a todas as pessoas, que pela sua posição de fortuna, pela sua illustração, podem incluir-se n'uma larga esphera de classes directoras.

É um dever de consciencia; é um dever de civismo.

É esta a época em que o sentimento de caridade tem larguezas para as mais pronunciadas expansões.

Quem póde, que empregue tempo e esforços em acudir á ignorancia do pobre: desde a sala de asylo, onde se acolham as creancinhas para começarem brincando a adquirir as primeiras noções das cousas, até as escólas industriaes e profissionaes, os horisontes são largos, o campo vastissimo, a colheita será infelizmente abundante.

É indispensavel que todos os que tem o espirito esclarecido, o coração com energia para o bem, se congreguem como os antigos cavalleiros de Christo, remindo para os dominios da instrucção os terrenos ainda por desbravar, os terrenos ainda sujeitos ao imperio da ignorancia, ao imperio das trevas.

Chamar o povo á comprehensão das grandes maravilhas da creação, dos thesouros da arte e da sciencia que póde possuir; desvial-o das vaporisações da taverna onde a intelligencia se deprime, e o coração endurece, das oppressões do jogo e do vicio, das depressões profundas do crime — é conquistar o incremento da dignidade social, é conseguir que para cada homem a intelligencia valha um mundo, o coração valha um firmamento pelas expansões de sentimentos de nobreza, como um espelhamento brilhante, como crystallisações scintillantes da bondade do Creador.

Peço licença para repetir — é um dever de consciencia, é um dever de civismo!

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

V

D. Maria Alexandrina Vieira Marques

Hoje — que nada ha indifferente para as vistas prescrutadoras da historia; hoje — que os pequenos factos da vida social se enfileiram lado a lado dos grandes para a explicar e perpetuar; hoje — que os nomes humildes dos que trabalham se vêem reunidos sob o tecto protector e beneficiente da escóla em fraternal convivio com os dos representantes dos mais illustres trabalhadores do passado; hoje — comprehende-se na verdadeira significação, na sua elevada e civilisadora missão a parte d'esta *Revista* a que agora ligamos o nosso nome obscuro.

A gratidão popular para com os seus bemfeitores mais devotados, embora gravada fundo nas paginas inolvidaveis da sua memoria reconhecida, nem por isso deixa d'exigir mais vasto campo d'expansão do que o que os seus ingenuos e candidos corações podem fornecer-lhes; precisa de mais larga publicidade.

Por isso nós — interprete fidelissimo, mas incompetente, do seu intimo sentir — vimos render a homenagem bem merecida e justamente alcançada por serviços reaes incontestaveis e valiosos á causa santa do povo, prendendo mais uma tela, apoucada no desenho e mesquinha nas côres, confessamol-o sem falsas vergonhas, na, ainda que restricta, sympa-

thica e brilhante galeria dos nossos socios honorarios, dos desinteressados e venerandos propugnadores da instrucção popular.

Traçar em breves linhas o esboço biographico da exc.ma snr.a D. Maria Alexandrina Vieira Marques, eis, em verdade, o fim que nos propomos, tal o dever de cujo cumprimento nos desempenharemos dentro dos apertados terminos das minguadas forças da nossa intelligencia.

*

Isto que escrevemos, dizemol-o aqui bem alto para que todos nos possam ouvir, não é favor, é justiça.

Quando os poderes do estado occupam as suas attenções mais desveladas, gastam os seus esforços mais estremados, e perdem as suas energias mais proveitosas em luctas as mais das vezes estereis para os interesses mais immediatos do paiz; quando quasi sempre põe o maximo cuidado no galardoar insipiente de meritos pouco legitimos ou falsamente apregoados como uteis; que estranhezas póde causar que nós — em nome d'uma agremiação cujo lemma se traduz na protecção mais decidida á instrucção popular — queiramos levantar do esquecimento e da ingratidão nomes justamente benemeritos, manifestamente crédores do reconhecimento nacional?

Quando aquelles parecem descurar ou tratar com menor interesse a educação e instrucção do povo, tornando-lhe assim mais ardua a lucta da existencia; que surpreza poderá produzir que nós, dentro dos parcos recursos das nossas posses, queiramos pagar uma parte diminuta da divida de todos, que nós fomentemos e estimulemos por um meio legitimo, o auxilio particular?

E no emtanto, aquelles como nós e como todos sentem vivissima necessidade da remodelação moral e da reconstituição intellectual do nosso paiz.

E estas sómente podem alcançar-se, como bem affirma um escriptor notabilissmo dos nossos dias, pelo concurso poderoso do saber e da educação. E, de facto assim é. Sem sciencia e sem educação não podem existir liberdade e moralidade; sem moralidade e sem liberdade, debalde se poderá attingir a verdadeira, e legitima felicidade.

« Quem é — perguntava no dia 9 de julho de 1883, no

Porto, o nosso illuste socio honorario o dr. Bernardino Machado — que póde ser livre sem o saber? não conheça as leis da natureza e queira ser operario, não conheça a lei moral e queira ser homem e cidadão? Ser livre é saber!.....

.....

Só com a liberdade, que é o saber, se caminha em progresso para a egualdade, para a felicidade [1]. »

Sciencia e educação, pois, taes são os meios efficazes, indispensaveis, que na actualidade, com o mais seguro passo, podem conduzir o homem, assim ao cabal cumprimento dos seus deveres de cidadão como ás supremas culminações do poder.

Com a sciencia — as primeiras noções das cousas, aclareiam-se nos espiritos, como os mais obscuros pontos d'um horisonte se illuminam quando batido pela luz rutilante do meio dia: com a educação — os costumes suavisam-se como ao contacto intelligente e continuado do lapidario se desgastam as imperfeições d'um diamante não facetado. Tanto mais que vai principiando a comprehender-se e acceitar-se como verdade difficil de contestar, que a dominação do futuro tem de pertencer, não ao mais valente guerreiro, ou ao nascido em berço mais fidalgo, mas sim ao mais sabedor e ao mais virtuoso. É esta a lei fundamental que tem de cumprir-se, é este o facto social que tem fatalmente de realisar-se: negal-o — o mesmo será que desconhecer a tendencia natural para a perfectibilidade, o mesmo será que blasphemar o progresso continuo da civilisação.

Se, pois, como tudo nos leva a crêr, o homem resiste á natureza que o circumda e o contém unicamente pelo esforço gigantesco do seu pensamento, é claro que a escóla, como dizia ainda o dr. Bernardino Machado, « *tem de ensinar como se ha de proceder na natureza e como se ha de proceder na sociedade; tem de definir a liberdade que pertence ao homem perante as forças physicas, e a liberdade que lhe pertence perante os direitos dos seus similhantes.* »

Além de que o desenvolvimento geral do pensamento, de que o ensino primario é o baptismo social, constitue evidentemente a sciencia e pede instantemente a educação. Conferir-

[1] Allocução e discurso proferidos na cidade do Porto, no dia 9 de julho de 1883, pelo dr. Bernardino Machado.

lhe aquelle baptismo — base primordial, indestructivel do bem-estar individual e do bem-estar publico — ao passo que é um dos mais sagrados deveres dos governos e da sociedade, é igualmente uma necessidade inadiavel para a conservação da nossa autonomia.

Diffundir por todos os recantos do paiz a instrucção, tendo em vista gravar bem fundo nos espiritos infantis as noções rudimentares do saber, da virtude e do trabalho, tal é e tal devia ser o primeiro e o mais sério cuidado dos poderes publicos. E no emtanto quantas vezes a iniciativa particular suppre a falta de zelo ou o esquecimento indesculpavel d'aquelles; quantas, quantas vezes?

É um d'estes factos de civilisadores e humanitarios proveitos, exemplo a todos os respeitos digno de originar imitadores, aquelle de que passamos a occupar-nos registando-o.

*

O *Diario do Governo,* n.º 101, de 5 de maio de 1877, publicou uma portaria assignada pelo ministro do reino, o fallecido estadista, duque d'Avila e de Bolama, na qual não só se accusa a recepção de um requerimento da nossa exc.ma socia honoraria e de sua familia pedindo a creação de uma cadeira d'instrucção primaria para o sexo masculino no logar das Gayas, freguezia de S. Martinho de Sande, mediante o offerecimento ao estado de um edificio e quintal annexo construidos expressamente para tal fim, avaliados na quantia de 1:800$000 reis, mas tambem se louva o «*seu empenho e patriotismo pelo derramamento da instrucção popular*» e se declara acceitar esta doação com a clausula n'ella imposta, de ser creada dentro de um anno a referida cadeira.

D'aqui, do extracto d'este documento official, infere-se facilmente a parte importantissima que na creação d'esta escóla teve a nossa exc.ma socia honoraria, e, portanto, qual a qualidade de serviços prestados á instrucção popular d'este concelho, que lhe conferiu o direito de ser admittida no gremio da Sociedade Martins-Sarmento.

Sem a sua valiosissima doação, sem a sua preciosa iniciativa talvez que esta importante freguezia rural do concelho de Guimarães ficasse por largo tempo privada *da sua instrucção primaria,* segundo a phrase do dr. Bernardino Machado, talvez

se debatesse ainda nas garras implacaveis da ignorancia mais completa. Hoje, não é sómente a aula de ensino primario para o sexo masculino que fructifica e progride sob as vistas beneficentes d'esta familia, é tambem a do ensino primario para o sexo feminino.

*

A exc.ma snr.a D. Maria Alexandrina Vieira Marques é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu na freguezia da Candelaria. Foram seus paes Joaquim Vieira da Cunha e D. Thereza Joaquina Bordallo Vieira da Cunha. Casou n'aquella cidade com Manoel José Ferreira Marques, natural da freguezia de S. Martinho de Sande, onde nasceu aos 3 de junho de 1816, e com quem volvidos alguns annos, veio para Portugal, assentando residencia definitiva em Lisboa.

Embora nascida em terra estranha, a nossa exc.ma socia honoraria é devéras portugueza e portugueza de boa lei, pelos affectos mais suaves do seu bondoso coração.

É assim que não só — vivo o marido — animou e applaudiu o projecto levantado que elle havia concebido de dotar a terra do seu nascimento com uma escóla primaria, segundo as exigencias e os preceitos das modernas invenções da pedagogia e da hygiene e ao qual dera principio, mas tambem — morto elle — o que succedeu em Lisboa a 22 de dezembro de 1873 — continuou solicito n'aquelle empenho até sua final realisação.

Em 2 de maio de 1877 foi, finalmente, posto o remate em obra tão meritoria, com a doação e acceitação do edificio da escóla e jardim annexo.

Com os seus actos de louvavel civismo e de subida philantropia, junto com a suavidade do seu fino trato tem a nossa exc.ma consocia sabido conquistar, não só as sympathias mais estremadas, mas até a gratidão mais pronunciada d'aquelles a quem constantemente ha beneficiado, conseguindo, por esta fórma justissima, tornar inteiramente real a phrase do poeta: — *Utili dulci.* O util — concorrendo para que fosse ministrado o pão do espirito a tantas creanças que d'elle careciam; o agradavel — deixando sobre a face da terra um traço brilhantissimo da sua passagem, cuja projecção abrange não só o presente, mas ha de estender-se até o futuro.

D. Ferreira.

BOLETIM

Não sendo permittido aos individuos do sexo feminino maiores de 12 annos frequentar de dia a escóla de desenho industrial «Francisco de Hollanda», instituiu a Sociedade Martins-Sarmento, por proposta da illustre commissão de senhoras, uma escóla diurna de desenho destinada ás pessoas do referido sexo, que hajam completado aquella idade.

O novo curso, de cuja regencia obsequiosamente se incumbiu, como dissemos no boletim precedente, o snr. Antonio Augusto da Silva Cardoso, inaugurou-se no dia 29 de janeiro ultimo, sendo frequentado por 19 alumnas, a quem a sociedade não exige mensalidade alguma.

*

Egualmente por alvitre da prestante commissão referida, nomeada, como se sabe, para promover o progredimento das industrias femininas de fio de linho, renda de linha e linha encrespada, deliberou a direcção d'esta sociedade premiar os melhores trabalhos d'esses ramos de industria, hoje em estado de vitalidade precaria.

N'esse intuito, resolveu abrir um concurso especial dos mencionados trabalhos, cuja direcção foi confiada á elevada competencia da respeitavel commissão.

Eis o programma do concurso:

Artigo 1.º São estabelecidos premios para os melhores trabalhos de fio de linho, renda de linha e linha encrespada, produzidos no concelho de Guimarães, por alumnas de quaesquer escólas, ou outras pessoas do sexo feminino, que não exerçam ou tenham exercido o magisterio d'estas artes.

Art. 2.º Só podem concorrer as pessoas cuja idade seja comprehendida entre 10 e 35 annos.

Art. 3.º Os productos, que concorrerem a premio, serão entregues á exc.ma commissão de senhoras até ao dia 15 de maio do corrente anno, e, findo o concurso, ficarão pertencendo á Sociedade Martins-Sarmento.

Art. 4.º As concorrentes terão de provar que foram as proprias que executaram os trabalhos apresentados, já trabalhando perante aquella exc.ma commissão em especimen do mesmo trabalho, já satisfazendo a outras informações e provas que ella lhes exigir.

Os trabalhos para a prova serão executados no dia ou dias que a mesma commissão designar depois do dia 15 de maio.

Verificando-se que a concorrente não sabe produzir o trabalho exposto ou não quer submetter-se ás provas exigidas, será excluida do concurso, mas o producto não será restituido.

Art. 5.º Além dos premios pecuniarios, estabelecidos para as diversas secções, haverá diplomas especiaes para menções honrosas. Tanto estes, como os de premio pecuniario, serão assignados pela commissão de senhoras.

Art. 6.º O concurso de fio de linho subdividir-se-ha em duas secções: 1.ª fio por córar; 2.ª fio córado sem reagentes e torcido.

§. 1.º Na primeira secção haverá duas classes para premio: 1.ª productos de fiadeiras de 10 a 18 annos; 2.ª productos de fiadeiras de 18 a 35 annos.

§. 2.º O premio pecuniario para a primeira classe será de 2$250 reis, e para a segunda d'igual quantia.

§. 3.º Para a segunda secção haverá um premio de 2$250 reis.

Art. 7.º Para os trabalhos de renda de linha haverá 4 classes:

A 1.ª classe comprehende as rendas do risco n.º 1, e corresponde-lhe um premio de 6$000 reis.

A 2.ª as rendas do risco n.º 2 e um premio de 5$000 reis.

A 3.ª as rendas do risco n.º 3 e um premio de 4$000 reis.

A 4.ª as rendas do risco n.º 4 e um premio de 3$000 reis.

§. 1.º Os riscos a que se refere o presente artigo estão patentes na escóla de renda de linha da sociedade, para exame de todas as pessoas, quer sejam alumnas, quer estranhas, que desejem concorrer.

§. 2.º Qualquer concorrente póde sêl-o a todas as classes, mas, uma vez premiada n'uma das classes, não póde sêl-o ao mesmo tempo nas classes inferiores.

§. 3.º As concorrentes, além dos trabalhos que lhes são especialmente designados como provas de concurso, poderão e deverão mesmo apresentar outros trabalhos de renda, como elementos auxiliares da apreciação do jury.

Art. 8.º Para os trabalhos de linha encrespada o premio pecuniario é fixado em 9$000 reis.

*

Esta agremiação completou no dia 9 do corrente tres annos de existencia. N'esse dia houve na casa da sociedade distribuição solemne de premios aos alumnos distinctos de differentes escólas do concelho, primarias e secundarias, inaugurou-se o importante museu archeologico e numismatico, e realisou uma conferencia publica o snr. dr. Avelino da Silva Guimarães.

Ao acto solemne da distribuição de premios, que teve logar na sala principal da bibliotheca, presidiu o muito digno presidente do senado vimaranense, o snr. dr. Antonio Coelho da Motta Prego, a quem pelo não menos digno presidente da direcção da sociedade foi dirigida a seguinte allocução:

Senhor presidente da camara municipal: — Voltamos mais uma vez a festejar o anniversario da installação d'esta sociedade, e mais uma vez v. exc.ª nos concede a honra da sua esclarecida presidencia, mais uma vez as dignas auctoridades municipaes, judiciaes, administrativas e militares, imprensa, representantes de corporações, professores e alumnos nos dão a honra d'abrilhantar com a sua presença esta nossa festa escolar.

A todos expressamos a nossa gratidão.

Vemos na benevolencia de todos que esta festa annual da Sociedade Martins-Sarmento traduz que as suas instituições, que os fins d'esta agremiação constituem uma aspiração collectiva de todo o concelho.

A concorrencia com que honram esta casa revela que todos hoje reconhecem a necessidade impreterivel de desenvolver com largueza a instrucção popular; que por esta e instituições identicas se rime o erro de se haver deixado escoar tão largo periodo de liberdade politica sem se vulgarisarem as instituições d'esta indole, que, ao mesmo tempo que são seu producto como afflorescencias que brilham com limpida atmosphera e sol vivificante, a consolidam e lhe aperfeiçoam o organismo.

Pedimos a v. exc.ª a honra da presidencia a esta sessão de distribuição de premios, com os quaes, galardoando-se os alumnos, se reconhece o zelo dos professores: mas pedimos ainda mais: pedimos que v. exc.ª, que representa officialmente este concelho populoso, e assim demonstra que n'esta festa se interessam todos os vimaranenses, se digne conferir a dois professores benemeritos, os snrs. Antonio Augusto da Silva Cardoso e João Pinto de Queiroz, os brindes com que a Sociedade Martins-Sarmento offerece a manifestação publica de gratidão aos seus serviços escolares, ao seu zelo pela instrucção popular, aos seus serviços relevantes á causa patriotica e beneficente da instrucção da classe operaria.

Com a festa d'hoje, e para que seja mais completa, mais brilhante, inauguramos o museu archeologico e numismatico, o nosso princi-

ro museu, onde o rico como o pobre, onde o nobre como o plebeu encontrarão um novo manancial d'estudos; offerecemos ao exame publico, devidamente acondicionados, os productos industriaes que pelos respectivos expositores de Villa-Flôr foram offerecidos a esta sociedade, e com o que constituimos os primeiros elementos d'uma tentativa para futuro museu industrial, que possa estabelecer-se quando os productos abundem, quando haja largueza d'edificio onde se desenvolva.

Muito nos honrará v. exc.ª se tambem se dignar declarar aberto aquelle museu, e este pequeno peculio; aquelle como uma instituição realisada, este como a revelação d'uma patriotica aspiração. N'este, encontrará v. exc.ª tambem, como preciosas primicias, os primeiros trabalhos das alumnas na escóla temporaria de renda de linha, devida á prestante iniciativa e exemplar dedicação das senhoras que primeiro se inscreveram na lista dos associados d'esta corporação, e desde logo demonstraram que as senhoras vimaranenses sabem occupar logar proeminente nas instituições sociaes, quando surde intensa a propulsão de sentimentos de beneficencia, quando se aviva o sentimento immaculado do amor pela patria.

A esta allocução respondeu o snr. presidente da camara nos seguintes termos:

Meus senhores: — A benemerita Sociedade Martins-Sarmento continúa conquistando o applauso publico ás sympathias e adhesões de todos os vimaranenses e de todos os que amam o progresso da instrucção.

Prosegue impavida e sempre digna e sempre nobre no cumprimento da sua missão, traduzindo a sua actividade intelligentemente dirigida em factos importantissimos para a prosperidade de Guimarães.

Essencialmente consagrada ao desenvolvimento da instrucção, deve-se-lhe, além das instituições já fundadas, mais a creação de um poderoso meio de ensino: o museu archeologico e numismatico. Bem haja a Sociedade Martins-Sarmento!

O exc.mo snr. presidente da direcção tocou modestamente em dois factos, sem duvida muito honrosos para a Sociedade Martins-Sarmento, e que muito engrandecem a nossa terra.

No anno findo, em igual dia, a honrosissima exposição vimaranense era ainda um projecto, e esse projecto, graças a quem o concebeu, a quem o planeou e organisou, e a quem concorreu para a sua effectivação, converteu-se no glorioso certamen de Villa-Flôr. O que a exposição foi, o que patenteou, a importancia d'esta cidade e concelho que revelou, fazem com que aquelle arrojado e felicissimo emprehendimento se converta no facto mais brilhante da historia moderna de Guimarães. Produziu optimos fructos, e um d'elles foi o tornar-se indiscutivel acto de justiça a concessão da Escóla Industrial.

O outro facto é uma modesta escóla, a escóla de renda, cujos especimens se vêem acolá. Um pequenino outeiro descobre-nos ás vezes rasgados horisontes. A escóla de renda revela que a instrucção encontrou fervorosas adeptas nas senhoras de Guimarães.

A causa da Sociedade Martins-Sarmento, a causa da instrucção está plenamente ganha, desde que conquistou para o seu lado a amavel, a dedicada companheira do homem. Ella, que no recondito do lar domestico afoitava os tibios, amparava os vacillantes, inflammava a

coragem dos bravos, comprehendeu que era falsear a sua missão não traduzir em acções benemeritas os recursos das suas nobres faculdades. É por isso que nós as vemos enthusiastas cooperadoras da Sociedade Martins-Sarmento.

Sem o concurso das gentis damas vimaranenses a obra da benemerita sociedade seria incompleta, porque só ellas podem e devem promover efficazmente a instrucção do seu sexo.

Snr. presidente da direcção da Sociedade Martins-Sarmento: agradeço a v. exc.ª a honra que conferiu á vereação de Guimarães, convidando-me a presidir a este acto solemne. Agradeço, egualmente, o permittir-me que me associe ao publico testemunho de alto apreço e estima que a sociedade presta n'este momento aos distinctos professores, os exc.mos snrs. João Pinto de Queiroz e Antonio Augusto da Silva Cardoso. O melhor galardão que s. exc.as podem receber pelos seus relevantes serviços á causa da grandeza e prosperidade de Guimarães, consubstanciadas no ensino aos industriaes, na sua instrucção profissional, é o reconhecimento publico, de que me honro de ser interprete.

E agora permitta-me v. exc.ª que declare que me julgo realmente feliz em acceder ao desejo de v. exc.ª de inaugurar o museu numismatico e archeologico da Sociedade Martins-Sarmento, e faço-o tanto mais gostosamente quanto prevejo, que a actividade, o zelo, a vontade intelligentemente dirigida da Direcção, não encontrou n'este museu o termo das suas creações, e, qual Ashaverus, a sociedade mais uma vez ouvirá a fatidica voz do progresso, que lhe brade: ávante!

Declaro inaugurado o museu archeologico e numismatico da Sociedade Martins-Sarmento.

Em seguida, pedindo a palavra o reverendo snr. padre Abilio Augusto de Passos, um dos mais respeitaveis e talentosos membros do clero vimaranense, proferiu o formoso discurso que reproduzimos e que o auditorio, copioso e selecto, entrecortou com vehementes applausos:

Instrucção, thema sempre antigo e sempre novo das variadas aspirações do homen, base sempre firme de seus cogitares assiduos, fanal sempre vivido, estrella sempre lucida, facho sempre acceso a conduzir-lhe os passos, a acompanhal-o desvelado, a guial-o solicito por entre as sombras da existencia, atravez dos escarceus da vida.

Busca-se como a felicidade, e como ella ha de encontrar-se um dia, que será o postrimeiro da existencia hominal; porque, após elle, nada ha mais que aprender, nada mais que desejar.

Luz da alma, como o sol é luz do mundo, dá-nos o que temos de melhor e mais valioso: os gosos do espirito, os inebriamentos d'alma — do sêr pensante, intelligente e activo, que se agita em nós e nos agita, que se expande em nós e nos expande, que nos faz sentir a alegria que a exalta e a dôr que a opprime, a belleza que a encanta e a fealdade que a horrorisa, o bem que a transfigura e o mal que a confrange.

A instrucção foi, é e será sempre o guia da existencia atravez dos precipicios que a cercam, como a bussola o ha de ser atravez da vasti-

dão dos mares, por entre os recifes e os baixios, nas correntes encontradas e vagas alterosas. Todos os dias ganha maior vulto, mais accentuado criterio, mais reconhecido merecimento, mais especifico encanto como a planta exposta ao sol em terra fertil, que de momento a momento vae alargando o tronco, espalmando os ramos, engrinaldando-os de folhas mimosas, ennastradas com flôres olorantes e seguidas de fructos opimos.

A instrucção estadea-se no magisterio, o magisterio firma-se, robora-se na escóla, fórma-se dos discipulos que a frequentam, que se applicam, que escutam o mestre, que o attendem, que o amam e que o respeitam. Gradação mysteriosa e symbolica da sociabilidade humana, que, começando por um ideal grandioso, base de todas as venturas moraes, sociaes e religiosas, acaba pelo começo d'um homem, pela creança; e, começando com ella, condul-a na juventude, acompanha-a na virilidade, segue-a na velhice, entornando-lhe sobre a existencia os poucos instantes de ventura que gosa desde o berço ao tumulo, desde o nascer ao morrer, desde a aurora da existencia ao occaso da vida.

A escóla é o coração da sociedade, d'onde mais tarde hão de brotar as virtudes que a enaltecem, as glorias que a exaltam, os brios que a corôam, as venturas que a esperam. Dê-se vida a esse coração, inoculando-lhe um sangue puro, fecundo, animado, e teremos uma sociedade exemplar, laboriosa, cheia de merecimentos. Deixe-se-lhe ao contrario trasvasar um sangue impuro, aquecido no fogo das paixões e alterado nas idéas subversivas, e teremos os negregandos effeitos que infelizmente se denotam em as nações, aonde arrancaram a religião do ensino e Deus da escóla.

Sim, a escóla sem Deus assemelha-se a um cego irritado vibrando um punhal, ou a um doido furioso brincando com dynamite; aquelle fere sem o saber, este destroe sem consciencia.

Se, porém, a escóla é o coração da sociedade, é tambem o sangue d'esse coração.

Quem não sabe é como quem não vê, e os cegos do espirito são infinitamente mais perigosos e desgraçados que os cegos do corpo.

Bem haja a escóla que nos fornece a instrucção sadia, bem haja o mestre que a dispensa, que abre as portas d'essa intelligencia pequenina aos esplendores do eterno sol, aos reverberos deslumbrantes do seu foco fulgentissimo, que é Deus.

Eu não sei a quem dê a preferencia, se á creança que aprende, se ao mestre que ensina; mas começo pelo amor á creança e acabo pelo respeito ao mestre.

A creança tem os encantos da innocencia, os sorrisos desmaliciados, os dizeres chistosos, o typo da existencia vaporosa, aerea, quasi celeste, uma apparencia sobrenatural, como que umas azas alvinitentes, que só mais tarde cresta o halito esbrazeado das paixões, as contrariedades do mundo, o materialisar do existir. Quem vive no meio de creanças parece demorar n'um viveiro d'aladas avesinhas, como ellas alegres, como ellas palreiras, como ellas expansivas.

Mas se a creança tem estas attracções, o mestre tem mais substancial valimento. É elle a vara magica que faz surgir d'aquelle sêr embryonario as graças que nos seduzem, as vantagens sociaes que nos encantam e os subidos merecimentos que nos enthusiasmam.

Quem fez os grandes homens? Os grandes mestres. Quem são os grandes mestres? Os que se consagram d'alma, vida e coração ao mis-

ter do ensinamento, gastando n'isso a sua vida, a sua intelligencia e actividade, o seu talento de aptidão.

Todas as pessoas na sociedade têm um valor material e moral, todas uma posição relativa e apropriada, umas ou outras mais ou menos gloria, maior ou menor esplendor, quer elle cerque a fronte de Galileu que abre as portas do mundo, de Martin que descobre a America ou de Colombo que a encontra, de Miguel Angelo que arremessa aos espaços a cupula de S. Pedro, de Vico que dá o ser á historia e Guttenberg á imprensa, todas estas scintillações não tiram o brilho ao magisterio, que n'ellas toma parte.

E assim póde não ter rendimentos condignos, podem faltar-lhe as ovações d'um povo, póde viver na miseria e no abandono até, póde ser e tem sido martyr do ensino, como o crente da religião e os sabios do estudo, mas a nossa consciencia que diga, com o desassombro com que costuma fallar: o que somos, a quem o devemos? A nossos paes dirão alguns, a nossos mestres clamarei eu...

Os paes pelo affecto que consagram aos filhos, pela condolencia natural, pelos que-fazeres da sua vida podem acaso descurar um pouco da sua illustração; os mestres nunca. Ora com sorrisos, ora com censuras, já com leves punições; umas vezes com premios, outras com castigos, estão sempre na brecha, sempre no estudo, no cuidado zeloso e constante, activo e fructifero.

E se o ensino tem espinhos como as roseiras, tambem tem flôres como rosas.

O mestre é como que um redemptor quando espanca as trevas da ignorancia, accende os lumes da intelligencia, manuseia os sentimentos do coração e imprime as convicções da alma. É collaborador da divindade, quando insuffla no espirito da creança o espirito do seu sêr, quando lhe inspira n'alma o sentir da sua alma, o foco de seus conhecimentos, a vida da sua vida, o causal dos seus destinos.

E se eu disser que o mestre é apostolo do Divino Jesus, serei apupado d'incongruente? Não sei; se, porém, o *docete omnes gentes* cabe aos Apostolos, tambem cabe aos que lhes obedecem. Aquelles que teem o ensino como profissão, tambem podem ter o nome e a sociedade lh'o confere ás vezes nos momentos de sua gratidão, chamando-lhes apostolos do ensino, ainda que outras vezes os deixa morrer á fome.

Embora! o dever superior a tudo, e o que em dadas circumstancias cahir no olvido, tem na sagração da historia, na benevolencia da humanidade o premio condigno!

Dignos representantes do magisterio primario, ensinae como Jesus vos manda, com a doçura que vos inspira quando aconchega ao seio as creanças e censura acremente quem as escandalisa.

Ensinae, tendo como norte os principios da regeneração universal, que salvou o mundo do cahos em que jazia e lhe fez repontar uma aurora de venturas, um céo d'esplendores, e formou um grupo d'irmãos na confraternidade universal que os estreita, que os aperta, que os vincula sob um titulo amplissimo — humanidade, sob um thema sympathico — fraternidade, sob um principio commum — egualdade, sob um thema constante — liberdade, sob um ponto fixo — civilisação!

Sim, senhores, humanidade, fraternidade, igualdade, liberdade, civilisação, eis as grandes vantagens do christianismo, eis os grandes luminares da historia, eis os grandes proclamadores do progresso que teve a sua aurora no Calvario e os seus crepusculos na lapa de Be-

lem, nas margens sorridentes do lago de Tiberiades, na formosa Judeia e na encantadora Bethania.

Quem, pois, favorece o ensino tem o seu nome vinculado aos commettimentos luminosos, aos esplendores do genio, ás culminações da arte, aos reverberos da sciencia, á magia do saber.

Bem haja a Sociedade Martins-Sarmento, bem hajam os seus esforços, bem haja quem os secunda, bem hajam os mestres que accederam ao seu convite, os discipulos que acorreram solicitos e os premios que os vão tornar alegres!

Depois do snr. padre Abilio de Passos seguiu-se a fallar o snr. dr. Avelino Guimarães, presidente da direcção da sociedade, cujo discurso foi tambem vivamente applaudido. Transcrevemol-o:

Senhor presidente: — Pedi a palavra a v. exc.ª para agradecer tanto a v. exc.ª como ao snr. padre Abilio de Passos as palavras d'encarecimento, que, em discursos tão brilhantes, se dignaram dirigir á Sociedade Martins-Sarmento.

Pelos esforços d'esta agremiação algumas conquistas se tem feito em prol da instrucção popular; mas o campo é tão vasto, que a lucta não póde, não deve cessar.

A lucta é o caracteristico da vida: se não ha vida sem movimento e combate, porque *vivre c'est combattre*, viver é combater, a lucta pela instrucção popular em Guimarães dá-se agora gravissima, n'este momento historico, no qual todo o enfraquecimento seria uma derrota, o descanso importaria a ruina d'um dos maiores elementos da riqueza publica vimaranense — a riqueza da sua industria, a decadencia do seu commercio.

Todos, felizmente, conhecemos que á facilidade de communicações, que ás conquistas da navegação, que aos progressos das vias ferreas, que á rapidez nas transmissões do pensamento, que, emfim, a todos os progressos materiaes se deve a vulgarisação, a democratisação das commodidades e distracções populares; mas, que de todos os progressos advêm responsabilidades, como de toda a emancipação advêm perigos.

Á avesinha implume acodem os paes com o alimento, e com o agasalho do ninho; ha, durante esse periodo de creação, um dramasinho intimo, cheio d'attracções e ternuras; mas para a ave adulta, livre, emancipada, tendo creados os instrumentos da lucta, o ninho desfaz-se, o gasalhado paterno cessa, e ai d'aquella que não percorre o espaço em busca, que lhe mantenha as forças, ou se não acautele dos perigos, que lhe ameaçam a existencia!

Tambem a industria vimaranense, não obstante viver apenas dos seus elementos tradicionaes, póde subsistir afoutamente em quanto determinadas condições commerciaes e difficuldades de viação maritima e terrestre lhe foram verdadeira tutela, ou antemural da lucta ingente; hoje porém essa tutela cessou: se tem vastissimo campo para a lucta, é necessario que para ella se aperceba, que para ella se arme convenientemente. Se não buscar na associação a força, na instrucção geral e profissional as armaduras, entregue a si mesma, emancipada, mas responsavel, a sua ruina será inevitavel.

O periodo de crise, que hoje nos envolve e assoberba, já surprehendeu e ameaçou outros povos. Que fizeram elles? Instruiram-se, fortaleceram-se.

Não invocarei para prova os grandes trabalhos e progressos da Allemanha, Estados-Unidos e outras nações cultas. Não: bastará lembrar a Hespanha, a nação nossa visinha. E d'esta, não invocarei a Andaluzia, a herdeira, a grande depositaria da brilhante industria arabe; não fallarei da Catalunha, onde a industria moderna de Barcelona é activissima, onde são vivas as tradições da antiga industria, d'onde a Europa herdou o celebre processo catalão do ferro malleavel. Fallarei sómente da Galliza, tão calumniada por nós, suppondo-a apenas digna d'attenção pelo movimento maritimo de Vigo, ou pelas tradições de fervor religioso de S. Thiago de Compostella. E, todavia, é na Galliza, é em S. Thiago de Compostella que se encontram collegios bem estabelecidos, uma universidade respeitavel, optimas escólas de surdos-mudos e de cegos; e, todavia, é na Galliza que vamos descobrir, com existencia secular, uma sociedade d'instrucção popular, com organisação semelhante, com fins e aspirações identicas aos da Sociedade Martins-Sarmento: é a *Sociedade Economica dos Amigos do Paiz*, que sustenta uma escóla d'artes e officios, que publica uma revista de vulgarisação, que promove a primeira exposição industrial da Galliza, que, finalmente, levantou os industriaes gallegos á altura, que só a instrucção fecunda e apropriada podia levantar.

Vemos, pois, como a Galliza, que suppunhamos apoucada; vemos como a Galliza, que tanto calumniamos, se ostenta digna, progressista, patriotica, hasteando uma nova bandeira — a da instrucção popular; cultivando o novo lemma — *Soccorre, ensinando*.

Tenho o maximo prazer em reivindicar para a Galliza o preito, que ella merece, a reparação de calumnias que lhe é devida: é que tambem na minha alma de vimaranense sangra ainda funda a ferida d'uma prolongada calumnia. Tambem Guimarães, até ha pouco, era apontada como terra d'inertes, como povoação d'egoistas. Ninguem via que aqui se trabalhava, que aqui sempre se trabalhou; ninguem via que aqui se levantam, se agglomeram instituições benemeritas: para que os detractores se surprehendessem, para que a calumnia se retrahisse e abatesse, foi necessaria a ostentação d'uma exposição industrial: foi necessario que nós, os vimaranenses, cerrassemos fileiras, cobrassemos animo e brio, e affirmassemos ao paiz que eramos ainda vivos, que eramos os primeiros em agruparmo-nos em volta da nova bandeira, que em terras portuguezas eramos dos primeiros em cultivar o novo lemma.

E assim provamos que não nos intimida a lucta, quando ella é necessaria. Provamos que quando em S. Mamede ou Ourique se exigiam soldados, não escassearam soldados vimaranenses: que quando se pedia á obscuridade d'uma officina a heroicidade do trabalho, o concelho de Guimarães se agitou e constituiu um dos maiores elementos de riqueza nacional. É assim que nós ainda provamos que, quando se demanda o esforço patriotico para que Guimarães reivindique merecidos creditos e se robusteça pela instrucção popular, as benemeritas corporações de Guimarães se agitam e fundam as suas escólas, ergue-se esta instituição novissima, soccorrendo pelo ensino, estimulando pelo exemplo, creando com a bibliotheca, com escólas, com museus, com publicações, com conferencias, um novo arsenal para o povo, um novo manancial de abundancia.

Penso que com esta instituição se vae completando o quadro dos monumentos de Guimarães: para a historia da sua opulencia, militar, e politica, aponta com justo orgulho para o seu castello com a torre gigantesca; aponta para a modesta, mas venerandissima egreja de S. Miguel do Castello; para os restos mutilados, mas ainda magestosos, dos velhos paços dos duques de Bragança; para a historia da sua vida religiosa e devota, ostenta os seus templos magnificos, mostra os seus velhos albergues, mostra os seus novos asylos, abre os seus numerosos hospitaes; para a historia dos seus ultimos triumphos industriaes, lembra o palacete de Villa-Flôr; para a historia da sua instrucção popular, prepara e agrupa os materiaes d'um grande monumento nas instituições escolares das corporações, nos trabalhos e instituições escolares d'esta agremiação.

É preciso, porém, que o trabalho não cesse, que a lucta não arrefeça: a causa não é das corporações de Guimarães, não é d'esta sociedade, não é d'esta cidade — a causa é de todo o concelho.

A historia portugueza contém monumentos numerosissimos da sua gloria militar e civica. Entre elles, dizem-nos ainda os echos de Dio que na defeza da velha fortaleza parece que cada pedra se converteu em soldado, cada soldado se levantou um heroe. Eu tenho fé que n'esta nova campanha, para a defeza da velha fortaleza industrial de Guimarães, cada cidadão ha de ser um soldado, cada um d'estes soldados será um heroe pelã dedicação e pelo esforço!

Não pedindo mais ninguem a palavra, procedeu-se á distribuição dos premios, que foi feita do modo seguinte: aos alumnos das escólas de instrucção primaria elementar e complementar, em numero de vinte e tres, dois livros lindamente encadernados; aos dois alumnos distinctos de portuguez e de francez do instituto escolar da sociedade o premio creado pelo corpo docente; ao alumno mais graduado do curso nocturno de francez metade do premio *Guimarães-Ferreira* (4$500 reis); aos cinco alumnos do curso nocturno de desenho o premio instituido pelo snr. dr. F. Martins Sarmento (18$000 reis) a um, a outro a parte restante do premio *Guimarães-Ferreira* (4$500) e aos demais, diplomas honorificos.

Eis a relação dos alumnos premiados:

Gaspar Ribeiro d'Abreu Mascarenhas, alumno da escóla official de Guimarães. Professor, Antonio Luiz Guimarães.

Margarida Rosa d'Almeida, idem. Professora, D. Maria da Soledade Rodrigues Avelino.

Alberto Gomes de Sousa, da escóla official de S. Torquato. Professor, Antonio José Lages.

Anna do Amor Divino Alves, idem. Professora, D. Julia Augusta Leite de Freitas.

Antonio Marques Teixeira, da escóla official de S. Martinho de Sande. Professor, Francisco Emilio Pedreira e Mattos.

Olivia Mendes, idem. Professora, D. Joanna da Conceição Ferreira Marques.

Alberto d'Oliveira, da escóla official de S. Lourenço de Sande. Professor, José Antonio Crespo Guimarães.

Manoel da Silva Oliveira, idem de S. João de Brito. Professor, padre José Maria da Silva Amorim.

Joaquim José da Silva Corrêa, idem de S. Jorge de Selho. Professor, Alexandre José Rodrigues.

Alvaro Ribeiro de Freitas Guimarães, idem de S. João das Caldas. Professor, Antonio José de Barros.

Etelvina Teixeira Dias, idem. Professora, D. Gertrudes Julia Pereira de Castro.

José de Miranda Pedrosa, da escóla official de S. Miguel das Caldas. Professor, Antonio Pereira da Silva Caldas.

Jacintho Alves Ribeiro, idem de Nespereira. Professor, Antonio José de Mattos Teixeira.

Abel de Vasconcellos Cardoso, da escóla do Asylo de Santa Estephania (classe elementar). Professor, padre Antonio Garcia Guimarães.

Raul de Vasconcellos Cardoso, da mesma escóla (classe complementar). Professor, idem.

Sophia Barbosa de Paiva Baptista, da escóla do sexo feminino do mesmo asylo. Professora, D. Emilia Novaes da Silva.

Rodrigo Augusto da Graça Alves, da escóla do Sagrado Coração de Jesus. Professor, padre Antonio de Freitas Silva Coutinho.

Maria d'Oliveira Neves, da escóla da Real Irmandade dos Santos Passos (classe elementar). Professora, Irmã Olivia do Menino Deus.

Anna Emilia da Silva Mello, idem (classe complementar). Professora, Irmã Maria Salomé.

Manoel José Gonçalves, da escóla nocturna primaria, em Guimarães, subsidiada pela camara municipal. Professor, Francisco José Alves Mourão.

Antonio Pedrosa, da escóla nocturna primaria em S. João das Caldas. Professor, padre José Joaquim Gomes.

Antonio Gualberto Pereira, da aula de instrucção primaria elementar do instituto escolar da sociedade. Professor, José Benedicto de Magalhães Gonçalves.

Alfredo d'Oliveira Sousa Peixoto, da aula de instrucção primaria complementar do mesmo instituto. Professor, padre Manoel Vieira Reis.

Carlos Alberto Bezerra do Rego Cardoso, da aula de portuguez do mesmo instituto. Professor. A. Salazar.

João Pinto da Cunha Andrade, da aula de francez do mesmo instituto. Professor, João Pinto de Queiroz.

José Pinheiro, do curso nocturno de francez da sociedade. Professor, idem.

Manoel d'Oliveira Coutinho, do curso nocturno de desenho da Sociedade. Professor, Antonio Augusto da Silva Cardoso.

Zeferino Affonso Moreira, idem.

José Mathias dos Santos, idem.

João de Sousa Neves, idem.

Augusto Pedro Pereira, idem.

*

O museu archeologico e numismatico, inaugurado, como dissemos, no dia 9, encerra muitas e verdadeiras preciosidades.

A secção de numismatica, organisada com o maior zelo e proficiencia pelo illustre numismata, dr. José de Freitas Costa, comprehende para cima de mil exemplares, sendo setecentas moedas portuguezas, cento e cincoenta e tantas romanas, egual numero de estrangeiras, duas celtiberas, quatro dos reis wisigodos de Hespanha, cinco maltezas (d'um grão-mestre portuguez), *jetons,* etc.

Das portuguezas, ha sessenta e tres de ouro, cento e setenta e seis de prata, trinta e cinco de bilhão (prata com muita liga), uma de calaim (estanho indiano), onze de bronze e quatrocentas e quatorze de cobre. Entre ellas, ha algumas de muita raridade, como o *maravedi, aureo,* ou *soldo d'ouro* de D. Sancho I, os *dinheiros* d'este monarcha, os de D. Sancho II, de D. Affonso III, D. Diniz, D. Pedro, I o *real de prata* de D. Fernando, etc.

As de *bilhão,* quasi todas do reinado de D. João I, são tambem de subido merecimento, porque algumas d'ellas offerecem variantes que os catalogos dos colleccionadores ou tratadistas de numismatica portugueza não mencionam.

Vê-se alli o *cinquinho* de D. Manoel, que é rarissimo, alguns *cruzados d'ouro* de D. João III e o *S. Vicente* do mesmo monarcha, todos elles muito raros e preciosos. Tambem se vêem diversas moedas coetaneas da dominação dos Philippes e algumas de D. Antonio, prior do Crato, tendo o açôr por carimbo, e d'estas merece especial menção o *cruzado de sete dinheiros,* moeda de prata.

As de D. João V são muito valiosas e interessantes por conterem variantes não conhecidas, e offerecem tambem muita curiosidade e merecimento as moedas das nossas colonias, principalmente algumas antigas de Gôa.

A collecção de medalhas, cujo numero excede a cem, é tambem muito curiosa e opulenta, não só por conter algumas raras, por exemplo a dos empregados do Santo Officio, mas tambem por comprehender todas ou quasi todas as das nossas luctas civis, as das inaugurações, exposições, etc. D'entre as

medalhas commemorativas merecem referencia especial as dedicadas a Camões, cuja collecção se póde chamar completa, porque não só encerra as que se cunharam por occasião do tricentenario do poeta, como por conter outras anteriores.

Em toda a collecção de medalhas abundam as que foram gravadas pelo nosso distincto compatricio e notabilissimo artista, Arnaldo Mollarinho.

A secção archeologica, dirigida e coordenada pelo snr. dr. F. Martins Sarmento, coadjuvado pelo illustrado reitor de Mascotellos, o rev. padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, compõe-se nomeadamente do seguinte:

1.º — *a*) Objectos de pedra encontrados em antas, antellas e cavidades de penedos; machados, pontas de setta, facas, pontas de dardo. Alguns d'estes objectos pertencem ao concelho de Guimarães (arredores de Sabroso). Duas urnas cinerarias, uma de uma anta, outra de uma antella.

b) Machados de pedra, encontrados em Castros ou immediações d'elles, como Sabroso, Citania, Castêllo de Guifões, Monte da Senhora, etc.

c) Machados de bronze, de fórmas differentes, um de Pinhel, outro de Traz-os-Montes, outro de Fafe.

d) Machados de ferro, um de Sabroso, outro da Citania (fórma differente).

2.º — *a*) Fragmentos de ceramica ornamentada de Sabroso, mostrando mais de cincoenta themas ornamentaes differentes.

b) Vasilhas encontradas n'um cemiterio de Moreira de Conegos.

3.º — *a*) Objectos de bronze encontrados na Citania: alfinetes ou pregos de differentes fórmas; fibulas idem; contas de collar, uma com ornamentação em esmalte preto; braceletes; agulhas, etc.

b) Vazilhas encontradas em um cemiterio de Moreira de Conegos.

4.º — *a*) Objectos de bronze encontrados em Sabroso, quasi identicos aos da Citania; mas uma pulseira e duas fibulas que se não acham acolá.

b) Vazilhas e alampadas de barro achadas em differentes partes, Citania, Freixo (Marco de Canavezes), etc.

c) Objectos de metal encontrados em Vizella (explorações para os banhos); moedas.

d) Objectos d'ouro, sendo os unicos dignos de nota (por evidentemente antigos) duas pulseiras achadas em Folgosinho (Beira).

5.º — *a*) *Inscripções:* Aras dedicadas a deuses, algumas contendo nomes de deuses até hoje desconhecidos. Lapides tumulares, algumas desconhecidas até hoje, como as de Carqueres e Negrellos. *Pedras ornamentadas:* Specimens da Citania, Sabroso, Cividade d'Ancora. *Esculptura*: Estatua incompleta, de Baião. A figura tosca d'um animal, idem. Figuras em relevo (humanas) das proximidades do Monte da Saia (Barcellos), etc. Tumulo (carneiro) da época christã, com *swastika*. Tumulo de tijolo (época romana) encontrado no monte da Fornalha, freguezia d'Abbação. Capiteis de columnas encontradas não longe do tumulo, na mesma freguezia.

Aos cavalheiros que se dignaram fornecer materiaes para o museu archeologico-numismatico, os snrs. dr. F. Martins Sarmento, dr. José de Freitas Costa, barão de Pombeiro, padre Antonio Affonso de Carvalho, Arthur Veiga de Lacerda, Custodio da Costa, José Joaquim d'Oliveira, Manoel Joaquim Gonçalves, dr. Eduardo Martins da Costa, Diniz da Costa Santiago, José de Castro Sampaio, dr. Gaspar Leão, Albino Dias Leite, padre Candido França, Elias da Silva Machado, Antonio Corrêa d'Abreu, Manoel Antonio Dias, Joaquim José Machado Guimarães, dr. Manoel Rebello de Carvalho, Antonio Montenegro, dr. Francisco Pinheiro Osorio, Antonio José Ribeiro, padre Abilio Augusto de Passos, João Baptista Pinto da Cunha, Antonio Maria Rebello de Magalhães, etc., significamos, em nome da sociedade, o mais vivo reconhecimento.

*

A conferencia foi realisada na sala principal da casa da sociedade pelo snr. dr. Avelino da Silva Guimarães perante um auditorio numeroso, a quem s. exc.ª soube encantar com a sua palavra elegante e fluente, revestindo uma doutrina attrahente e sã. A apreciabilissima conferencia, que versou sobre «a caridade social e christã pela instrucção popular», illustra o presente numero da *Revista de Guimarães*.

*

No mesmo dia foi executado pela primeira vez o hymno da sociedade, primorosa composição da exc.ma snr.ª D. Maria da

Gloria de Sousa Bandeira. A lettra do hymno, formosissima, é devida á penna eloquente do snr. dr. José de Freitas Costa, nosso bondoso amigo.

*

Durante este trimestre, a sociedade soffreu a lamentavel perda de dois dignos e estimaveis consocios, os snrs. Gualter Martins da Costa e Antonio Candido Augusto Martins, a cujas respeitaveis familias manifestamos o mais sincero condoimento.

*

Em sessão d'assembléa geral, realisada no dia 16 do corrente, procedeu-se á eleição da nova direcção, que ficou assim constituida:

Directores effectivos: Domingos Leite de Castro, Eduardo Almeida, Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira, padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, dr. José da Cunha Sampaio, dr. Joaquim José de Meira, e Adolpho Salazar.

Directores supplentes: Avelino de Sousa Guimarães, Domingos Martins Fernandes, Gaspar d'Almeida Loureiro Cardoso Paúl, José Joaquim d'Oliveira, José-Miguel da Costa Guimarães, Manoel Antonio da Silva Villaça e Manoel de Freitas Aguiar.

A nova gerencia toma posse em sessão d'ámanhã, como preceitua o regulamento da sociedade.

*

A bibliotheca continúa a ser favorecida com offertas importantes de livros e jornaes. Eis a relação dos ultimos offerentes:

Gabriel d'Almeida	1	vol.
Clavel & C.ª	6	»
Dr. J. J. de Meira	4	»
A. de La Rocque	1	»
Bibliotheca Publica do Porto	1	»
J. Leite de Vasconcellos e Clavel & C.ª	1	»
Empresa Litteraria Luso-Brazileira, de Lisboa	1	»
Padre F. J. Patricio	1	»
Antonio Joaquim de Meira	1	»

Atheneu Commercial do Porto.....	1	vol.
Dr. F. Martins Sarmento.....	26	»
Sociedade Philomatica da Marinha Grande.....	1	»
Costa Goodolphim.....	31	»
A. de Magalhães.....	67	»
Associação dos professores primarios do norte de Portugal.....	1	»
José Guilherme de Parada e Silva Leitão	1	»
Joaquim de Vasconcellos.....	1	»

Além dos periodicos já mencionados nos boletins anteriores, tem esta sociedade recebido ultimamente mais os seguintes, que muito agradece: *Imparcial, Republicas, Correios e Telegraphos, O Industrial Portuguez, O Petiz, Commercio da Figueira, O Liberal, Revista do Minho.*

Guimarães, 31 de março.

O secretario,

ADOLPHO SALAZAR.

BALANCETES

Movimento da Caixa em janeiro de 1885

ENTRADA

Saldo do mez anterior	380$225
Receita d'este mez	278$870
	659$095

SAHIDA

Despeza d'este mez	70$445
Saldo que passa para fevereiro	588$650
	659$095

Em fevereiro de 1885

ENTRADA

Saldo do mez anterior	588$650
Receita d'este mez	500
	589$150

SAHIDA

Despeza d'este mez	43$120
Saldo que passa para março	546$030
	589$150

Em março de 1885

ENTRADA

Saldo do mez anterior	546$030
Receita d'este mez	128$000
	674$030

SAHIDA

Despeza d'este mez		319$010
Saldo que passa para abril, a saber:		
Parte do fundo permanente	20$100	
Fundo disponivel	334$920	355$020
		674$030

O thesoureiro,

JOSÉ-MIGUEL DA COSTA GUIMARÃES.

ANNUNCIOS

Revista de Guimarães, 1.º anno, 1884. 1 vol. in-8.º de VII-224 pag..... 800

Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães, promovida pela SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO. 1 vol. de 260 pag..... 300

Pelo correio..... 350

Pedidos a **Adolpho Salazar** — GUIMARÃES.

Noções populares de litteratura portugueza ao alcance de todos, contendo o que é necessario para qualquer pessoa entender o que lê, e escrever, na lingua portugueza, sobre qualquer assumpto, com correcção, pureza, clareza e elegancia, sem auxilio de mestre, por *Antonio Peixoto do Amaral.* Este livro contém tambem lições de analyse logica e grammatical. 1 vol..... 300

Pelo correio..... 320

A cantadeira das ruas, romance original por *Maria Margarida d'Oliveira Pinto,* directora da Escóla Normal do sexo feminino do Porto. 1 vol..... 400

Pelo correio..... 420

Flores mirandezas (poesias escriptas em lingua mirandeza com uma traducção camoneana), por *J. Leite de Vasconcellos.* 1 vol..... 100

Dialecto mirandez, obra premiada no concurso philologico da Sociedade das linguas romanicas de França, por *J. Leite de Vasconcellos.* 1 vol..... 300

Compendio de Historia Universal, segundo o plano de *Mgr. Daniel*. 2 vol..... 1$200

Mappas ardosiados de Portugal e Europa, para as escólas primarias..... 200

Diccionario de algumas phrases, palavras e sentenças peregrinas, traduzidas e explicadas em portuguez por *Narciso José de Moraes*. Cartonado..... 200

Compendio de Historia Universal, para os lyceus e escólas normaes, por *Francisco Pedro Brou*. 2 volumes..... 1$000

Manual de citações camoneanas, collecionadas por *Narciso José de Moraes*. 1 vol..... 200

Pelo correio..... 210

Á venda na LIVRARIA PORTUENSE de **CLAVEL & C.ª**, editores — **Porto.**

A Horta, por *Joaquim Casimiro Barbosa*. 1 vol..... 1$000

Editor, **José Marques Loureiro** — PORTO.

O Agricultor Portuguez, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas; orgão do conselho de agricultura do districto do Porto e da commissão central anti-phylloxerica do norte. Por anno, franco de porte..... 3$000

Assigna-se na livraria de **Ernesto Chardron** — PORTO.

Revista Escolar Portugueza, sob a direcção de José Elias Garcia e Dr. José da Cunha Castello Branco Saraiva. Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez. Anno..... 1$200

Correspondencia ao gerente **Anselmo de Sousa**, rua dos Retrozeiros, 141 — LISBOA.

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO

DA

SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

VOLUME II

N.º 3 — Julho — 1885

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1885

Summario d'este numero

I. Notas para a historia dos hospitaes de Guimarães; por *J. de Meira.*

II. Apontamentos sobre a alimentação das especies pecuarias no Minho; por *João Coelho da Motta Prego.*

III. Gaspar Estaço de Brito, 156.?—1626; por *D. Leite de Castro.*

IV. A Capella de S. Thiago e as ossadas apparecidas na travessa do mesmo nome; pelo *Padre Abilio de Passos.*

V. Boletim; pelo secretario *Adolpho Salazar.*

VI. Balancetes; pelo thesoureiro *Eduardo Almeida.*

A **Revista de Guimarães** sahirá nos mezes de janeiro, abril, julho e outubro, em fasciculos de 48 paginas.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custará por assignatura 800 reis; cada numero avulso 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Direcção da SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO, **Guimarães.**

NOTAS

PARA

A HISTORIA DOS HOSPITAES DE GUIMARÃES

O hospital da misericordia

1604-1843

Depois que a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, governando o reino por D. Manuel, ausente em Castella, instituiu em 1498 na sé de Lisboa a primeira confraria de Nossa Senhora da Misericordia, com o destino especial de proteger e ajudar a pobreza, não tardou que as outras terras mais importantes do paiz seguissem o exemplo da capital, affirmando o seu caracter beneficente no estabelecimento d'iguaes instituições.

Uma das que mais promptamente se intrometteu no sympathico movimento, a que o benemerito trinitario hespanhol, fr. Miguel de Contreiras, imprimiu tão vigoroso impulso, foi incontestavelmente a antiga villa de Guimarães.

Assim, logo depois que foi instituida em Lisboa aquella irmandade, houve sempre aqui 12 irmãos, 6 nobres e 6 do povo, com um provedor, que exerciam as obras de misericordia com toda a caridade e zelo, distribuindo pelos pobres enfermos da villa alimentos e remedios.

E esta situação continuou até que no anno de 1585 se constituiu definitivamente a confraria da misericordia, sendo a sua primeira instituição no claustro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, na capella de S. Braz, que por esse facto ainda hoje é conhecida pela denominação de *misericordia velha*.

Além do seu templo vasto e magestoso, para cuja construcção, começada em 1588, muito contribuiram os esforços e provada devoção de Pero d'Oliveira, cavalleiro de S. Thiago, uma das primeiras e mais importantes obras d'esta corporação foi por certo a fundação d'um hospital, onde, além d'outros, podessem ter tratamento os enfermos pobres da villa, até alli soccorridos domiciliariamente.

Essa creação tornou-se effectiva, antes mesmo que a irmandade deixasse o claustro da collegiada e se installasse na parte habitavel da sua propria casa, construida concorrentemente com o templo e a elle annexa, pois que a transferencia só teve lugar em 1606, ao passo que o hospital já funccionou em 1604, consoante se deprehende muito claramente d'um termo [1] de mesa d'esse mesmo anno.

Na historia d'este estabelecimento de beneficencia, desde a sua origem até ao presente, é natural assignalar dois periodos distinctos: um começando na data da sua fundação e terminando pouco mais ou menos pelo anno de 1843, e o outro principiando então e expirando no momento actual. As modificações operadas em todo o seu regime, durante aquelle anno e os antecedentes mais proximos, justificam de sobejo a distincção proposta.

A transferencia do hospital para edificio mais proprio e mais hygienicamente situado; o regulamento administrativo approvado e posto integralmente em vigor em 1840, definindo bem as funcções e as responsabilidades dos differentes orgãos que constituem o organismo hospitalar; a promulgação do codigo administrativo de 1842, não podiam deixar d'exercer mais ou menos influencia sobre a vida e andamento d'esta instituição.

Por isso nas notas que sobre este assumpto nos lembramos colligir, começaremos pelo primeiro periodo, referindo tanto quanto os esclarecimentos colhidos nol-o permittirem, o que de mais notavel se nos offereceu com relação ao edificio hospitalar, aos seus habitantes — os doentes —, ao corpo clinico que os tratava, á pharmacia que lhes fornecia os medicamentos, ao pessoal d'enfermeiros que mais directamente os vigiava, mi-

---

[1] N'esta data a mesa em sessão resolveu, entre outras providencias sobre os doentes tratados no hospital, que nenhum deixasse de ser confessado no proprio dia d'entrada, ou o mais tardar no dia immediato.

nistrando-lhes alimentos e remedios, e finalmente as relações que estas differentes individualidades mantinham com as mesas administrativas.

*

Parece pelos documentos consultados que a installação do hospital se fez em principio n'umas casas que a irmandade havia adquirido logo nos primeiros tempos da sua instituição, e que eram situadas um pouco abaixo do local em que se edificou a egreja, tinham frente para o campo hoje denominado da Misericordia e em parte formavam o lado oriental da estreita viella d'Arrochella.

Não será por isso arriscado conjecturar-se que o edificio hospitalar primitivo havia d'encontrar-se nas condições mais deploravelmente improprias para os fins a que o destinaram.

Além da sua má localisação n'um dos pontos da villa em que as edificações eram mais apertadas e conchegadas, havia a considerar muito especialmente a circumstancia de nunca ter presidido á sua construcção a idéa do destino especial a que mais tarde foi applicado. Era uma casa vulgar como na época se construiam, talvez relativamente boa para habitação d'uma familia, mas inquestionavelmente pouco propria para a accommodação d'um hospital.

E tanto que não decorreu muito tempo sem que as administrações da misericordia, com uma solicitude que hoje se não excede, resolvessem construir, não obstante os seus recursos insignificantes, edificio mais apropriado, mostrando por este modo que ao fundarem o seu hospital em 1604, reconheciam já perfeitamente que o edificio para elle destinado não reunia as condições indispensaveis a esse estabelecimento.

N'este primeiro plano d'obras levado a effeito, mantiveram-se as condições originaes de localisação: mas ás accommodações pequenas, acanhadas, avêssas a qualquer idéa de conveniencia ou bem-estar do doente, substituiram-se salas um pouco mais amplas, mais arejadas, mais abertas ao sol e á luz.

A reforma, cuja data de começo não pudemos descobrir, terminou pelo anno de 1634, realisando um melhoramento consideravel.

Caminhando a affluencia de doentes n'uma progressão crescente e havendo no espirito de todas as administrações o de-

*

sejo de melhorar cada vez mais as condições da casa, vêmos passados alguns annos, em 1672 o provedor Antonio de Sousa Mesquita fallar em sessão de mesa no lanço d'hospital, que fica para o lado de S. Paio, não estar fechado de pedra. e ser isso, além de pouco decente, bastante perigoso.

Ponderadas estas razões foi resolvido completar aquella obra, empregando-se n'ella 54$000 reis, que andavam indevidamente mettidos no thesouro, porquanto os dera para aquelle unico e especial fim o ex-provedor Antonio de Freitas Carvalho. Esta parte da casa, não obstante a resolução que fica referida, ainda em 1674 estava por acabar e não tinha portanto as condições necessarias para servir d'hospital.

Por esse motivo e porque então a misericordia estava em vesperas d'uma tremenda crise financeira, cujos prenuncios se iam já declinando, e consequentemente incapaz de dispender a mais pequena somma sem risco grave para a sua existencia, assentou a mesa que era grande proveito e utilidade para a corporação alugar essa parte da casa aos officiaes da camara para as suas audiencias e vereações, fazendo-se para isso só os concertos indispensaveis. Foi este arrendamento que deu lugar a um procedimento [1] pouco correcto e menos digno do senado vimaranense perante uma instituição, que já n'aquella época ia dispensando largos beneficios.

Depois d'isto decorreu um largo periodo de tempo sem que

---

[1] A camara de Guimarães auxiliou em principio a instituição, chegando a conceder-lhe 500 cruzados, que estavam depositados dos sobejos das cizas, concessão que foi authorisada por alvará de Philippe II. passado em Madrid em 1587.

Mas esta protecção terminou bem depressa.

Em 1628 uma parte dos vereadores procurou obstar ao cumprimento da provisão que concedia á misericordia a terça parte das *imposições*, cobradas pela camara para as suas despezas e consistentes n'um ceitil por cada quartilho de vinho ou azeite, e por cada arratel de carne, peixe e pescado.

Em, 1674, sendo feito o arrendamento acima referido, obrigou-se a camara ao pagamento de 18$000 reis de aluguer por cada anno.

Passaram-se 4 annos e ao cabo d'elles, a mesa da misericordia, sendo provedor o conego João dos Guimarães Ferraz, resolveu mandar fechar as portas da casa das audiencias, visto que os officiaes da camara não pagavam a renda dos annos atrazados. A camara não se contentando com o *calote pregado* á beneficente corporação, queixou ainda ás justiças dos officiaes e irmãos da mesa, e outros que por mandado d'esta tinham executado aquella diligencia de fechar as portas.

o edificio hospitalar experimentasse modificações apreciaveis e dignas de serem notadas e discutidas nas sessões da mesa. O hospital ia funccionando, como podia, com as suas enfermarias geraes de doenças communs para homens e mulheres, e as suas enfermarias privativas de doentes de *morbo gallico*.

A não ser a compra que a corporação fez em 1764 d'umas casas, junto d'outras que possuia defronte da egreja de S. Paio, para o fim de n'ellas ser installada a casa de convalescença dos pobres, nada mais houve d'importante até ao anno de 1813, em que o provedor Francisco Barroso Pereira propoz e conseguiu da mesa mandar concertar a parte da casa denominada *hospital de baixo,* [1] por não haver, em consequencia do grande numero de doentes militares e civis, lugar para as camas nas outras enfermarias.

O concerto consistiu em soalhar, forrar e abrir janellas nas frestas, porque tal como estava tinha o soalho pôdre, offerecia grandissimo perigo, era escuro e falto d'ar, e não podia emfim com o peso das camas dos doentes affectados de venereo.

Passando depois ao anno de 1825 temos a mencionar a abertura de novas janellas nas salas para prover ao seu melhor arejamento e a resolução tomada de mandar construir uma enfermaria para o lado de S. Paio.

Depois d'isso nada mais occorreu de notavel e digno de menção até 1836. A 8 de janeiro d'este anno recebeu a mesa um officio do provedor do concelho, acompanhando outro do governador civil em que se participava a concessão feita pela rainha do extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos para a installação mais conveniente do hospital, em vez do de S. Domingos que a mesa havia requerido.

A concessão foi acceite não obstante a maioria da mesa preferir este ultimo convento.

Depois de varios incidentes, a mesa, que em 22 d'agosto de 1837 chegou a mandar lançar até á quantia de 4:000$000 reis no convento de S. Domingos, que se julgava ir á praça em razão de terem sido publicados uns annuncios pouco claros, deliberou em 1 de dezembro de 1839 representar novamente pedindo se lhe ratificasse a concessão do convento dos Capuchos e annexos respectivos, visto que alguem, sob o titulo de

---

[1] Era onde se fazia a cura das doenças venereas.

irmandade de Santo Antonio, havia requerido a mesma concessão. Esta nova petição foi attendida e em 1842 baixou novo decreto concedendo á misericordia *a faculdade d'arrematar* o convento dos Capuchos em substituição do de S. Domingos, cuja compra havia sido anteriormente authorisada.

A compra effectuou-se pouco tempo depois por arrematação em hasta publica. E tendo sido nomeada uma commissão que cuidasse dos arranjos proprios para a mudança do hospital, e havendo sido ordenadas e executadas as obras necessarias, em 21 de maio de 1843 foi proposto e approvado que, estando promptas algumas enfermarias, principiasse a funccionar o hospital no seu novo edificio em 1 de julho do mesmo anno. Assim se cumpriu, sendo lá admittidos os doentes que iam chegando e aquelles que do hospital velho podiam sem prejuizo ser removidos.

*

Até aqui a casa: agora o doente.

As circumstancias acanhadas do estabelecimento primitivo, junto com a extrema limitação de recursos da corporação que o sustentava, não podiam consentir que a influencia benefica d'esta instituição se estendesse tão longe como os seus iniciadores desejavam.

O numero de doentes pobres admittidos era consideravelmente pequeno, tanto que a mesa eleita no dia de Santa Isabel de 1610 indo visitar o hospital encontrou n'elle apenas 5 doentes.

Mas alargando-se as accommodações da casa, conforme já referimos, e augmentando os seus recursos, as admissões foram-se tambem estendendo e facilitando.

E assim em 1703, não obstante a mesa resolver não acceitar no seu hospital doentes de fóra da jurisdicção [1] e comarca

[1] Para comprehender o alcance d'esta resolução é preciso notar-se que na data em que ella foi tomada, ainda a comarca e jurisdicção da villa se estendiam a grande numero de concelhos visinhos que hoje se acham independentes e separados, taes como Felgueiras, Amarante, Fafe, Celorico, Cabeceiras e Mondim de Basto, Ribeira de Penna, Villa Pouca d'Aguiar, Lanhoso, Vieira, etc.

de Guimarães, salvo sendo pobre de passagem e tão enfermo que não podesse seguir viagem, por não ter rendimento para mais, já orçava por 200 approximadamente o movimento annual de doentes.

D'ahi por diante esse numero foi sempre augmentando, e, para se fazer idéa do desenvolvimento que a instituição foi tomando no decorrer dos tempos, apresentamos o seguinte mappa estatistico, referente a periodos quinquennaes, tomados pouco mais ou menos de 20 em 20 annos :

Annos	Doentes	Obitos	Média annual dos doentes	Média annual dos obitos
1712	201	12		
1713	212	16		
1714	306	24	247 $\frac{3}{5}$	18 $\frac{4}{5}$
1715	258	23		
1716	261	19		
1732	322			
1733	330			
1734	330		364	
1735	435			
1636	403			
1750	339			
1751	442			
1752	584		518 $\frac{4}{5}$	
1753	530			
1754	699			
1771	662			
1772	594			
1773	473		620 $\frac{4}{5}$	
1775	774			
1776	601			
1790	1007			
1791	765			
1792	679		749 $\frac{2}{5}$	
1793	717			
1794	579			

Annos	Doentes	Obitos	Média annual dos doentes	Média annual dos obitos
1811	997			
1812	665			
1813	667		725	
1814	648			
1815	648			
1834	789	57		
1835	1033	98		
1836	1074	129	1045 $\frac{4}{5}$	86 $\frac{4}{5}$
1837	1255	80		
1838	1078	70		

Como já n'outro lugar apontamos, havia enfermarias geraes de doenças communs para homens e mulheres, e enfermarias privativas de doenças venereas. Estas ultimas, sendo situadas no andar baixo do edificio e recebendo a luz e o ar por pequenas frestas, eram de todas as peores.

Os doentes da primeira categoria eram admittidos e tratados em qualquer época do anno, sempre que o requeressem e houvesse lugar. Aquelles, porém que soffressem de *morbo gallico,* como se dizia, só podiam ser acceites em épocas determinadas, começando todos o tratamento no mesmo dia.

Ao principio havia uma época só para esse fim, que começava pouco mais ou menos no meio do mez de maio.

Mas, sendo grande a affluencia de doentes d'esta especie e não comportando as enfermarias proprias numero tão avultado acceitavam-se cada época em *duas camadas;* uma que dava entrada em abril, e a outra que começava o tratamento depois da primeira durante o mez immediato.

Assim se praticou no anno de 1715 e outros.

Mais adiante, não sabemos por que motivo, em vez de duas camadas, houve por algum tempo duas épocas de tratamento; uma durante o mez de setembro, e a outra no mez de maio.

Esta situação continuou sem modificações sensiveis durante todo o periodo a que nos temos circumscripto.

Ha apenas a mencionar ainda o contracto que a mesa celebrou em 1840 com a direcção do hospital de S. Marcos de

Braga, sobre o tratamento dos doentes de venereo do concelho por 150$000 reis annuaes.

Este conctracto foi de curta duração, sendo provavel que para a sua rescisão contribuisse um officio que, em 15 de maio de 1842, foi resolvido dirigir-se ao provedor d'esse hospital, representando o mau estado em que voltavam os *doentes venereos* que iam para aquelle hospital e pedindo que lhes dessem melhor tratamento, e melhor dieta na convalescença.

Os livros de registro de doentes, relativos ao periodo que temos examinado, offerecem numerosas lacunas. Não podemos por isso determinar d'um modo seguido e regular a proporção dos doentes curados para o numero dos fallecidos, circumstancia que de fórma alguma póde ser omittida na apreciação d'um estabelecimento d'esta natureza.

No emtanto, fazendo obra pelos esclarecimentos obtidos, posto que incompletos, vemos do mappa anteriormente apresentado que no quinquennio de 1713-1716 para um total de 1238 doentes tratados no hospital houve apenas 94 obitos, o que dá a mortalidade de 7,59 por cento, ou 1 obito por cada 13,17 doentes.

Esta mortalidade augmentou um pouco no quinquennio de 1834 a 1838, no qual a 5:229 doentes entrados corresponderam 434 obitos, equivalendo isso á mortalidade de 8,29 por cento ou seja 1 obito por cada 12,04 doentes.

Por ultimo cumpre-nos mencionar que nem todos os doentes, que recebiam tratamento da irmandade da misericordia, davam entrada no seu hospital.

Nas lembranças deixadas pelas suas primeiras administrações falla-se de doentes que foram, por conta da corporação, curados em casa do *Tudesquo, á rua de Gatos.*

E n'uma época ainda não muito remota, em julho de 1841, resolve-se, para evitar as fraudes da *mulher encarregada do curativo dos tinhosos,* pôr ao pescoço d'estes um sêllo, como o dos expostos, no começo do tratamento, e tiral-o só no fim depois de vêr se estavam curados.

O charlatanismo, resfolegando como hoje muito á larga e apregoando as suas medicações secretas, dava origem a esta situação pouco lisongeira para os creditos e para a dignidade dos facultativos do hospital.

*

O corpo clinico do hospital, durante este primeiro periodo da sua historia, foi, em regra, recrutado entre os facultativos existentes na villa.

A vontade da mesa e a annuencia do clinico eram as condições [1] precisas e bastantes para a sua admissão. Não havia leis reguladoras d'estes casos, e por isso tambem quando qualquer das partes se lembrava de rescindir o contracto fazia-o com a maxima facilidade. Para demittir um medico ou um cirurgião, houvesse ou não motivos contra elle, bastava uma simples deliberação da mesa sem fundamentos.

Assim aconteceu muitas vezes [2]. Esta instabilidade e esta dependencia constante, em que o corpo medico vivia relativamente ás mesas directoras, haviam de prejudicar extraordinaria-

---

[1] A unica excepção, que durante este largo periodo se manifestou na fórma ou processo d'admissão dos clinicos, verificou-se em 1823. N'esta data, estando vago um lugar de cirurgião pelo fallecimento de João Antonio Gomes, houve no hospital concurso por provas exhibidas sobre doentes perante os facultativos da casa, tanto de medicina como de cirurgia, que a convite da mesa se tinham constituido em jury.

Eram quatro os concorrentes, e, como fossem todos approvados em igualdade, a mesa, tendo resolvido aposentar o cirurgião João Rodrigues Borges da Cunha Gaivôto, já muito velho, com o ordenado por inteiro de 30$000 reis, nomeou para o primeiro lugar o cirurgião José Corrêa d'Oliveira Mendes, e para o segundo, resultante d'aquella aposentação, o concorrente Manoel José Fernandes.

[2] Poderiamos citar muitos nomes. Não o faremos por inutil. Basta-nos lembrar o medico Antonio José de Sousa Basto. Este clinico foi admittido para curar no hospital pela primeira vez em 1804, pela ausencia do dr. Vicente Navarro d'Andrade. Em 1807 foi despedido pela primeira vez, sendo substituido pelo dr. Miguel Rebello.

Foi admittido a curar no hospital pela segunda vez em 1809 pelo fallecimento de João Rodrigues Cordeiro.

Em 1815 foi despedido pela segunda vez, sendo nomeado para o seu lugar o dr. João Evangelista de Moraes Sarmento.

Em 1818 foi admittido novamente, declarando-se no termo que o restituiu ao partido, que as mesas atrazadas o tinham despedido sem motivo que justificasse semelhante procedimento. Em 1825 foi demittido pela terceira vez com o medico João Evangelista, ambos por *molestia, e mesmo por falta de conhecimentos e caridade*. Em 1828, tendo-se retirado o medico Antonio Joaquim Ferreira de Castro, foi finalmente tornado a admittir pela quarta vez.

mente a regularidade e boa ordem dos serviços hospitalares. Para o comprovar bastará saber-se que já em 20 de julho de 1671, sob a provedoria de João Machado d'Eça, fidalgo da casa real, resolveu a mesa, *para evitar as bulhas que todos os annos havia,* se não désse a demissão a empregado algum da casa, a não ser por erro do seu officio. E de tal importancia se julgou esta resolução, que, para se tornar mais duradoura e efficaz, foi submettida á sancção do definitorio.

Infelizmente isso não obstou a que as mesas futuras a infringissem e revogassem.

Devemos contar aqui como elemento favoravel e até certo ponto para compensar a facilidade prejudicial com que por vezes se alterava o pessoal clinico do hospital, a protecção que geralmente dispensavam as mesas aos seus facultativos que, por molestia ou idade, não podiam exercer regularmente os seus deveres.

Assim, ou os vemos aposentar com todo ou parte de seu ordenado, ou admittir-se outros no seu lugar, mas impondo-se-lhes a obrigação de servirem de graça ou por metade do vencimento, durante a vida do collega impossibilitado.

Ha d'isto exemplos [1] numerosos.

O regulamento administrativo, confeccionado pela commissão nomeada por portaria de 26 de maio de 1835, a que atraz nos referimos já, fixou com uma certa estabilidade o quadro do pessoal clinico do hospital, e suas respectivas attribuições.

O exame d'este regulamento, que só principiou a ter inteiro cumprimento nos ultimos annos d'este periodo, deixal-o-hemos para outra occasião, quando tratarmos do hospital nas suas condições actuaes.

Antes d'elle, porém, e desde a fundação do estabelecimento não havia quadro de tanta fixidez que a mesa não podesse alterar á sua vontade.

Assim ao lado do pessoal clinico, que podemos chamar normal e era constante de 2 medicos, 2 cirurgiões e 1 sangra-

---

[1] Entre outros lembramos os seguintes: Em 1786 foi nomeado com metade do ordenado João Rodrigues Borges Gaivôto por estar velho e doente o cirurgião Manoel Antonio de Sousa, que ficou recebendo sem trabalhar a outra metade.

Em 1820 a mesma divisão foi feita entre João Antonio Gomes da Costa e Antonio José Ribeiro.

Em 1823 foi aposentado com o ordenado por inteiro o cirurgião Borges Gaivôto, conforme já fica referido n'outro lugar.

dor, havia occasiões em que esse numero decrescia, accumulando um medico ou um cirurgião o serviço e o ordenado do outro, e ainda outras em que no hospital funccionavam 3 medicos, 3 cirurgiões e 2 sangradores [1].

Os vencimentos percebidos pelos clinicos foram crescendo sempre desde o principio n'uma progressão correspondente ao numero de doentes a tratar, ao crescimento correlativo de trabalho e aos rendimentos da casa.

Em 1673 ainda o ordenado de cada medico era de 4$000 reis annuaes e dá-se a entender n'um termo de mesa d'esse tempo que era o ordenado do costume.

Desde essa época até 1726 o ordenado augmentou, attingindo n'essa data o dos cirurgiões a quantia de 7$500 reis annuaes para cada um.

O dos medicos, a requerimento seu, foi augmentado em 1765, passando de 12$800 reis, que era até então, a 20$000 reis por anno.

Em 1806 o vencimento [2] annual dos cirurgiões ainda não passava de 9$600 reis, sendo n'esse anno elevado por deliberação da mesa até á quantia de 16$000 reis. Mas augmentando notavelmente a affluencia de doentes nos annos seguintes, sobretudo por estar o tratamento dos enfermos militares a cargo da misericordia e tendo sido annexada a estes a obrigação, desde muito separada, de tratar os presos da cadeia, a mesa resolveu elevar, emquanto subsistissem estas condições, o ordenado dos dois cirurgiões existentes.

O primeiro que tinha por encargo, além do serviço do hospital, o tratamento dos presos, recebia 86$400, o outro a quantia de 53$200 reis.

---

[1] A misericordia não soffria economicamente com uma superabundancia d'esta ordem.

Quando ao numero normal de clinicos se vinha juntar mais algum, esse, ou não recebia ordenado e mirava a futuras preferencias, ou repartia-se igualmente por todos o vencimento costumado.

Assim aconteceu em 1726 com o cirurgião Antonio da Costa, que foi admittido sem estipendio algum, emquanto no hospital curava o cirurgião Jeronymo d'Almeida. Outro facto comprovativo occorreu em 1733 com os cirurgiões Joseph Vaz Pereira, Domingos Martins Guimarães e Antonio Teixeira Monteiro, os quaes em petição dirigida á mesa expozeram a resolução em que todos estavam de curar os pobres do hospital, dividindo entre si o ordenado dos dois cirurgiões até então existentes na importancia total de 15$000 reis.

[2] Deve notar-se que, além do vencimento estipulado, os clinicos raras vezes deixavam de receber gratificações.

Em 1817, tendo acabado o tratamento dos doentes militares, foram diminuidos e reformados os ordenados, assentando-se que d'alli por diante receberia cada medico 60$000 reis e cada cirurgião 30$000 reis por anno. Finalmente em 1835 foram medicos e cirurgiões equiparados nos seus vencimentos, recebendo cada um 100$000 reis annuaes.

Dos quatro clinicos que constituiam o quadro normal dos facultativos do hospital serviam dois por cada vez em trimestres alternados, fazendo todos os dias uma visita ordinaria [1] e extraordinariamente aquellas que fossem requisitadas.

Esta divisão alternada de trabalho, que ainda actualmente se conserva, foi creada muito nos primeiros tempos [2] da instituição.

As visitas não tinham hora fixada. O facultativo escolhia em cada dia, do lado de manhã, a occasião que lhe fosse mais propria, d'harmonia com os seus trabalhos de clinica particular.

Em 1836 foi determinado que a visita dos cirurgiões começasse invariavelmente ás 8 horas da manhã no inverno e ás 7 horas de verão, e a visita dos medicos ás 9 horas no inverno e ás 8 de verão.

Por essa occasião e como garantia do cumprimento d'estas disposições foram estabelecidas penalidades e tão severas, para a sua infracção, que nos parece que os clinicos d'aquelle tempo não eram n'esta parte dos mais exactos.

Nas suas visitas o clinico procedia com bastante liberdade, fazendo a bem do doente aquillo que o seu saber e experiencia lhe aconselhavam, quer no emprego dos meios cirurgicos conhecidos, quer na prescripção dos medicamentos que julgasse necessarios.

D'esta liberdade destôa apenas um pouco o tratamento do *morbo gallico*.

Em 10 de março de 1677, em sessão de mesa presidida pelo provedor Francisco Martins Pereira d'Eça, cavalleiro de S. João de Malta, sendo ponderados *os inconvenientes que á santa*

---

[1] Em 1481, a 29 de setembro, sendo provedor Antonio Vaz Vieira de Napoles, resolveu a mesa que os facultativos fizessem duas visitas por dia, uma de manhã e a outra de tarde; d'inverno ás 4 $^1/_2$ horas e de verão ás 6 $^1/_2$.

Crêmos que pouco tempo ou nunca se cumpriu esta deliberação.

[2] Já em 19 de julho de 1682 foi acceite o dr. Domingos Pinto Ferreira para servir aos mezes com o dr. Gregorio Lopes d'Araujo.

casa provinham de que a cura do morbo gallico se fizesse com salsa, não só pela muita despeza, a que dava lugar, mas tambem por ser muito velha e de pouco vigor a que se encontrava nas boticas da villa, resolveu-se *que a mesma cura se fizesse com pau santo,* conforme o conselho dos medicos.

E em 1719, sendo chamados á mesa os medicos da casa Manuel Lopes d'Araujo e João Ferreira, e o cirurgião Jeronymo d'Almeida, foram consultados sobre se aquella doença devia ser tratada com os *fumos de cinabre* ou com as *unturas d'azougue.* O primeiro d'estes factos mostra que a alteração d'um tratamento usual, posto o corpo medico a julgasse vantajosa, não podia ser posta em vigor sem a sancção da mesa; e o segundo demonstra do mesmo modo que nem sempre a iniciativa d'um tratamento novo partia da sua legitima origem.

Ainda, annexo ao corpo clinico, havia no hospital um funccionario com a denominação de sangrador ou ajudante dos cirurgiões. Como o titulo o indica, tinha a seu cargo praticar as sangrias indicadas pelos medicos e cirurgiões, e demais d'isso applicar causticos e ventosas, concertar deslocações e quebraduras e executar finalmente uma parte das operações simplesmente manuaes, que ainda hoje se conglobam sob a designação de pequena cirurgia. Tudo isto era feito sob a immediata dependencia e ordem dos medicos e cirurgiões.

O trabalho do sangrador não tinha alternações como o dos facultativos.

Era durante todo o anno e o empregado que tinha a seu cargo o exercicio d'essas funcções podia morar dentro do hospital, tendo para isso aposentos apropriados.

Este lugar foi creado nos primeiros tempos da fundação do estabelecimento, subsistiu com ligeiros intervallos durante o periodo a que nos temos circumscripto e só ha muito pouco tempo foi definitivamente supprimido.

Em 1736, sendo considerada a grande affluencia de doentes, resolveu a mesa administrativa admittir mais um sangrador além do que existia, trabalhando então aos trimestres como os medicos e cirurgiões.

Pouco tempo vigorou esta resolução e as funcções de sangrador tornaram em breve a ser exercidas por um individuo só.

Em 1823, crêmos nós, sendo admitidos dois cirurgiões de novo, foram transferidas para elles as obrigações que até alli cabiam ao sangrador, e por esse motivo determinada a suppressão do lugar.

Esta suppressão continuou até 1833, anno em que os cirurgiões da casa expuzeram á mesa que não podiam continuar na pratica das sangrias, como se tinham obrigado, fiados nos seus discipulos e praticantes que então lhes não consentiam. Sendo julgadas procedentes estas razões, resolveu-se restabelecer o lugar de sangrador e ajudante dos cirurgiões, sendo para elle nomeado Manuel José da Silva com o ordenado annual de 15$000 reis.

Em 1836 foi o mesmo ordenado elevado á quantia de 30$000 reis annuaes, e em 1841 foi supprimido segunda vez o lugar, passando os seus encargos para os cirurgiões. Não durou muito a suppressão porque logo em seguida foi o lugar novamente restabelecido e provido.

*

Passamos agora ao *serviço pharmaceutico.*

Nos primeiros annos da sua fundação os remedios necessarios ao tratamento dos doentes eram fornecidos por qualquer dos boticarios da villa que a mesa escolhesse.

No numero d'esses figuram os nomes de Joseph Marques d'Araujo, Antonio Coelho e Diogo Peixoto d'Azevedo.

Em 1664, sendo este ultimo boticario da casa, comprometteu-se, por instancias da mesa, a dar os medicamentos por metade do preço do regimento.

Parece porém que tal abatimento se não conservou durante muito tempo, porquanto vemos em 1702 outro boticario, Manuel Pereira Guimarães, morador á praça do Peixe expôr em requerimento o preço das drogas em primeira mão e a sua importancia depois de vendidas segundo o regimento, propondo-se demais d'isso a fazer todos os remedios precisos pela metade do preço, vantagem que não offerecia o boticario Diogo Peixoto, que só abatia a terça parte.

A mesa rejeitou a proposta.

Mas n'aquelle mesmo anno sendo provedor Manuel Ferreira d'Eça resolveu fundar uma botica propria, não só pela conveniencia dos doentes, mas ainda pelos lucros que d'ella podiam resultar.

Esta resolução, sendo submettida ao parecer de toda a irmandade, foi por ella plenamente approvada, declarando n'essa occasião o provedor que desejava montar a botica á sua

custa e que a casa só lhe pagaria a importancia dispendida, sem accrescimo algum de juros, com os lucros procedentes da mesma botica.

Parece que não durou muito, se algum tempo durou, a administração da botica por conta da casa.

Assim o leva a crér um termo de mesa de 22 de março de 1722 em que se determina que o boticario, quinze dias antes da Santa Isabel, vá saber á mesa se ella quer ou não que continue com o *contracto da botica;* e a resolução, tomada em 1763, de passar a botica para a administração da casa, visto haver terminado o contracto com o boticario Dyonisio Antonio Gouveia.

N'esta occasião foi nomeado boticario administrador João Marcos da Costa e a botica começou dentro de pouco a funccionar por conta da casa.

As contas prestadas em 1766 mostram a grande utilidade e vantagens que provinham d'esta administração, pois que em relação ao antigo systema do contracto havia um lucro em favor da corporação na importancia aproximada de 650$000 reis.

Apesar d'isso ou talvez por que nos annos subsequentes se não verificou tão grande vantagem, resolveu a mesa por fallecimento de João Marcos deixar a administração da botica e passar ao antigo systema, contractando com Manuel José de Macedo, que se comprometteu a fornecer medicamentos por metade do regimento.

Este estado continuou sem modificações sensiveis, a não ser no prazo mais longo dos contractos, até que em 1825, não querendo o boticario José Joaquim da Silva Pinheiro fazer os remedios pela quarta parte do regimento, se resolveu demittil-o e passar de novo a botica para a administração da casa, como se fazia já no Porto, Braga, Ponte do Lima, etc.

Foi então nomeado boticario administrador Theotonio Ferreira da Cunha.

Um dos homens que mais contribuiu para que a misericordia tivesse uma botica propria foi o conego João Baptista Gonçalves Sampaio, n'aquelle anno escrivão da mesa.

E cremos que não luctou pouco para esse resultado, que era incontestavelmente um grande melhoramento.

No livro da receita e despeza da botica que no inventario da casa figura sob o n.º 46, a pag. 26, lançando elle as primeiras contas da nova administração que começou no 1.º d'outubro de 1825 e comparando a despeza havida nos 9 mezes seguidos a esta data com os 3 mezes antecedentes, diz:

Parece mais que manifesto o melhoramento a bem do patrimonio dos pobres: quem o não confessa he pouco escrupoloso ou de má fé, por não dizer mais... quem o não vê he cego ou tolo.

Effectivamente as vantagens apontadas existiam e foram existindo nos annos seguintes, tanto que pelas contas de 1834 se reconheceu que *a santa casa utilisou pela administração da botica, antes que pelo antigo contracto de pagar os remedios por metade da taxa, a quantia de 1:174$382 reis.*

Foi certamente attendendo a esta incontestavel utilidade que no regulamento administrativo se consignou expressamente a disposição, ainda actualmente em vigor, de que a administração da botica será sempre por conta da casa.

*

O pessoal menor do hospital de cujo zelo, actividade e intelligencia depende em grande parte o bom tratamento e a cura mais ou menos prompta e efficaz dos doentes, sendo muito limitado em principio, foi successivamente augmentando á medida que as necessidades o iam reclamando.

Assim nos primeiros tempos, dois hospitaleiros, geralmente homem e mulher, tinham a seu cargo vigiar directamente pelos doentes ministrando-lhes os alimentos e remedios prescriptos, e dispensando em geral todos os cuidados que são necessarios dentro d'estabelecimentos d'esta especie ao tratamento regular dos doentes.

Depois esse numero foi subindo e em 1836 vêmol-o consideravelmente ampliado, havendo além dos dois hospitaleiros da creação primitiva, um enfermeiro e uma enfermeira, cada um com seu ajudante, e mais um outro empregado, em regra do sexo feminino, com o titulo de *limpeza* e cujo nome indica bem as funcções que lhe competiam.

J. DE MEIRA.

APONTAMENTOS

SOBRE

A ALIMENTAÇÃO DAS ESPECIES PECUARIAS NO MINHO

O segredo da boa alimentação, empregado pelos nossos lavradores, consiste em uma abundancia grosseira, uma mangedoura acogulada, onde os animaes consomem improductivamente uma grande porção de forragem, pois que parte de seus principios alibeis percorre o apparelho digestivo sem experimentar a menor alteração na sua composição chimica.

Não é, porém, o muito que constitue a boa alimentação; é uma ração scientificamente estabelecida, em que o animal encontre não só o alimento preciso para o entretenimento dos seus actos, mas ainda a substancia que utilisa para transformar em leite, em lã, em carne ou ainda para accumular em energia potencial, que depois gasta, empregado como motor; cada um d'estes casos tem uma ração estabelecida, variando a proporção dos differentes principios, que constituem os elementos activos d'uma ração em conformidade com o fim a que o animal é destinado.

O problema, que se resolve com as rações scientificamente estabelecidas, é obstar a que as differentes substancias alimentares dadas sem olhar á relação proteica, adypo-proteica e do balastro, e em maior quantidade que as assimiladas, sejam excretadas inutilmente para o animal, occasionando uma perda que, se não é total nas explorações ruraes, visto que são

empregadas depois como elementos fertilisantes, ainda assim é consideravel attendendo a que é a sua acção alimentar, e não o grau de fertilidade, que marca o seu valor e determina a sua importancia nas explorações agricolas.

É pelo calculo numerico d'estas relações que sabemos que um alimento não só produz um effeito nutritivo directo, quando empregado em determinada quantidade, mas importa a maior absorpção d'outros, que embora contidos na ração não seriam absorvidos n'aquella proporção ainda que o organismo d'elles sentisse falta.

É isto que demonstra a experiencia de Haubner. Deu a um carneiro, em ração diaria, 1 kilo de batatas e $1^k,25$ de palha de trigo. Observou que toda a fecula do kilo de batatas havia sido completamente digerida. Juntou a esta ração 500 gram. de batatas, e logo appareceu nos productos de dejecção grande porção de fecula. Juntou depois a esta comida 125 gram. de ervilhas, o que constituia a ração mais rica em materias albuminoides e immediatamente cessou a perda da fecula. Um outro exemplo mostrará a grande vantagem que resulta da applicação das rações scientificamente estabelecidas. « Em Paris, M. Muntz, o sabio chefe dos trabalhos chimicos do Instituto agronomico, procurou tornar mais economicas as rações dos cavallos das companhias dos omnibus, substituindo n'estas rações diversos alimentos uns aos outros, e baseando-se em todos os calculos na analyse das forragens empregadas, e na acção que os differentes arraçoamentos exerciam sobre os animaes de serviço para aturarem n'um determinado esforço, conservando o mesmo peso vivo. A companhia dispunha de 13:500 animaes, e conseguiu em virtude d'estes estudos realisar uma economia annual de 362:113 francos. » [1]

De todos os agentes e circumstancias que formam o meio cosmico em que os animaes domesticos vivem é o alimento um dos mais importantes na determinação das variedades zoothechnicas.

Buffon, referindo-se á acção do alimento sobre o organismo, diz que é por o alimento que o animal recebe a principal acção do meio exterior. [2] Combinando-se este modo de vêr com

---

[1] *Os fenos espontaneos e as palhas de trigo em Portugal,* por D. A. Pereira Coutinho.

[2] Buffon, *Discurso sobre a degeneração dos animaes.*

o de Lamarck, o patriarcha da philosophia zoologica e fundador da theoria do transformismo, em que o animal está n'uma perfeita equação com o meio exterior, correspondendo uma alteração d'este a uma differenciação d'aquelle, vê-se que a série animal, desde o protista até ao ultimo dos mamiferos, desde o protoplasma informe e gelatinoso até ao homem, teve por causa principal dos seus graus infinitesimos de variação o alimento.

Sem querer ir tão longe e limitando-me ao horisonte mais restricto da zootechnia, apresentarei o que diz Magne e Baillet no seu tratado de hygiene geral fallando dos alimentos: [1] é por o emprego judicioso de bons alimentos que se favorecem ou se combatem as tendencias que resultam das influencias hereditarias, que se faz nascer a precocidade, e se concorre para fazer tomar aos animaes de todas as especies uma constituição e um temperamento em relação ao destino que devem ter. Em abono d'este modo de vêr conta que o garanhão inglez de puro sangue ou de meio sangue communica aos seus productos uma tendencia para o rapido crescimento; e accrescenta que da boa alimentação dada ao poldro é que depende o seu melhor temperamento, e mais perfeita constituição; no caso contrario, fica diminuto de corpo, estreito de peito, chegando muitas vezes a haver uma deformação em seus membros. Os productos do garanhão arabe teem pouca tendencia para o crescimento e se forem bem nutridos, neutralisa-se esta acção hereditaria, fazendo-os tomar fórmas mais amplas; o cavallo inglez, filho em linha recta do arabe, prova que se podia augmentar as fórmas a este, se tal fosse preciso, com a acção persistente durante gerações d'uma alimentação especial.

Se olharmos para o nosso paiz, com uma área relativamente pequena, em que as variações do clima são insignificantes, vêmos nas regiões pascigosas, como na Beira, apresentar-se-nos o boi mirandez corpulento e massudo e de temperamento lymphatico, e o baixo Alemtejo e parte serrana do Algarve dar-nos um boi pequeno, agil e sanguineo, devido á menor abundancia dos pastos e a estarem os seus principios n'um maior grau

---

[1] Magne e Baillet, *Tratado de hygiene veterinaria geral*, pag. 515, quarta edição.

de concentração. N'um paiz tão condensado como o nosso não se terá feito já o cruzamento das duas raças? e não obstante ellas ainda se não confundiram — conservam-se distinctas.

O que acontece ás raças importadas, se o novo cultivador lhes não continúa a fornecer os alimentos que contribuiram para a aristocracia das suas fórmas e seu aperfeiçoamento? Tomam o aviltamento das raças indigenas do novo paiz. É caso de observação, diz o snr. S. B. Lima no seu estudo sobre zootechnia geral, que as raças zootechnicas evidentemente cevaticias de carneiros e bois inglezes, que importados para outros paizes degeneram quasi sempre nos seus caracteres e aptidões, conservam a maior parte d'esses caracteres e aptidões em casa de lavradores mais progressivos, que tenham melhorado sua agricultura e obtido por ella a abastança forraginosa, emfim que tenham collocado taes raças tanto quanto possivel em condições de alimentação as mais semelhantes ás do paiz originario. [1]

Entre nós estes estudos estão muito descurados; nos paizes onde a industria agricola se acha adiantada, tem-se conseguido modificar só com o alimento esta ou aquella parte do organismo animal, chegando no porco a determinar a engorda d'esta ou d'aquella região.

É baseados n'estes conhecimentos que os cultivadores inglezes modificam e aperfeiçoam as suas raças domesticas. A influencia do cruzamento por si só não é tão energica, que Magne não diga referindo-se ao seu paiz, a França: Temos gasto muito tempo e milhões em reproductores sem obter o que a cultura do trevo tem produzido em alguns annos; mas é só quando fizemos obrar simultaneamente a influencia da importação da raça e do *regimen* que chegamos a alcançar os mais bellos e proveitosos resultados.

Como aproveitar esta faculdade tão exuberante da natureza no aperfeiçoamento de uma raça em determinado sentido, se não conhecemos a composição chimica dos alimentos a empregar e os seus effeitos hygienicos e hygiotechnicos? Como determinar uma ração se não conhecemos o valor altrix das substancias que a constituem, e que só nos póde ser dado pela analyse rigorosa de seus principios?

---

[1] *Jornal official de agricultura*, pag. 929 — 2.º anno.

Do que fica exposto se conclue que uma boa exploração zootechnica está dependente não só da boa qualidade do alimento, como do bem estabelecido das rações. Um alimento actua mais sensivelmente pela proporção de seus principios immediatos, azotados, gordos e hydratos de carbone, e podemos dizer que o alimento é tanto melhor quanto estes differentes principios se acham em melhor proporção para serem assimilados e produzirem um dado fim. E como esta relação difficilmente se encontra n'uma só forragem, d'ahi a necessidade de corrigir umas com outras para constituir a ração.

A applicação dos principios deduzidos á provincia do Minho e a todo o paiz, encontrava até agora a maior difficuldade, pela falta que na nossa agricultura se sentia de analyses das nossas forragens, para d'ellas se deduzir uma alimentação, sadia e economica, das differentes especies pecuarias. Serviamo-nos até aqui das analyses feitas pelos agronomos da França e da Allemanha, mas esses estudos feitos em productos de regiões tão distinctas das nossas, tinham o grande inconveniente de só, como uma simples aproximação, podermos utilisar os seus resultados. Sabiamos, por exemplo, que em alguns pontos d'aquelles paizes comprehendidos na zona cerealifera, favorecidos por um clima productor, as palhas esgotadas na producção do grão, eram empregadas quasi exclusivamente para camas e estrumes, devido isto ao seu pouco poder nutritivo, emquanto que entre nós a palha triga fórma em algumas provincias a base do sustento das nossas especies pecuarias. Será isto devido a que, sendo as ceifas pouco escrupulosas, e as debulhas com o mangoal mal feitas e incompletas, a herva e o grão augmentam o valor nutritivo das nossas palhas, ou a que as condições climatericas produzam um maior valor da sua potencia nutritiva?

Só a analyse nos póde responder a tal pergunta.

Sendo a base da alimentação das nossas especies pecuarias constituida pelas palhas e pelos fenos, e entrando estes na alimentação na proporção de 16 por cento, foram estes dous productos que constituiram o objecto do estudo analytico, feito com a maior generalidade, tomando amostras que melhor dessem o caracter typo da producção local, e compendiadas as analyses formam um livro importante para os que se acham á frente de uma exploração zootechnica. Estas analyses feitas, com todo o escrupulo, em productos de prodedencia das regiões norte, média e sul do paiz, são firmadas por o exc.^{mo} snr. D. Antonio Pereira Coutinho, lente do Instituto agricola, o qual por

si e pelos seus rigorosos trabalhos nos garante da sua exactidão. [1]

*

Na provincia do Minho o arraçoamento é muito primitivo e as explorações zootechnicas muito limitadas. Será a má administração das forragens, ou as condições climatericas da provincia, que delimitam tão proximamente o campo das especulações zootechnicas?

Não me parece que sejam as más condições do clima, pois que a provincia do Minho tem uma média de chuvas igual ou superior ás regiões herbaceas, e o grau de humidade é o que marca a área da producção das forragens.

Na engorda do gado, que é a industria predominante da provincia, consome-se por mal administrado, uma grande quantidade de alimento.

Sem querer banir esta industria, parece-me que um bom regimen podia acompanhal-a com a industria dos lacticinios, que a meu vêr seria de mais vantagem e mais lucrativa, desde o momento em que o bem fabricado dos productos lactiferos, e uma certa escolha das raças productoras e uma alimentação bem dirigida se conjugassem para o bom resultado.

Algumas tentativas tem sido feitas, sei eu, por alguns lavradores mais activos e intelligentes e o seu resultado é auspicioso. As boas condições do mercado favorecem esta industria, pois que n'uma área muito restricta se consomem os seus productos, embora a perfeição d'elles não seja demasiada. Para se vêr a grande vantagem da introducção das boas vaccas leiteiras n'esta provincia, e a importaucia d'esta exploração sobre a da engorda, vou apresentar umas informações, que a este respeito obsequiosamente me forneceu o exc.^{mo} snr. Augusto Freire de Andrade.

Segundo a experiencia directa d'este cavalheiro, a vacca Bretonne é a que mais está em harmonia com as exigencias de exploração da manteiga e com as condições da provincia. É de estatura pequena, não indo o seu peso muito além de 300 kilogrammas; educada n'uma região arida é tão sobria quasi

---

[1] *Os fenos espontaneos e as palhas de trigo em Portugal*, por D. A. Pereira Coutinho.

como uma cabra e o seu grande poder digestivo para o lenhoso faz com que degira forragens de qualidade relativamente má. Alimentada nas melhores condições póde consumir diariamente 8 a 10 kilos de feno, ou o seu equivalente, e fornece na maxima lactação 8 a 9 litros de leite.

A despeza que no campo poderá fazer uma vacca Bretonne, contando a mais insignificante e incluindo até a depreciação do animal será de 65$000 reis por anno. Mas se o explorador augmentar o numero até 6 poderá custar a quarta parte menos.

A produção em manteiga, fabricada com instrumentos aperfeiçoados, deve ser por anno de 60 a 65 kilos, que posta no mercado a 1$400 reis o kilo dá um producto de 84 a 91$000 reis.

O leite desnatado é d'um emprego excellente para a engorda dos porcos.

Com 6 vaccas e admittindo que possa haver um desfalque na producção da quarta parte, devido a um incidente que possa sobrevir, ainda assim o explorador com uma administração bem regulada, póde com um pequeno capital tirar um lucro superior a 200$000 reis.

Um boi á engorda no estabulo consome a alimentação aproximadamente de duas vaccas Bretonne, sem que o lucro seja correspondente, pois que as duas vaccas fornecem 22 libras, incluindo productos que fatalmente se associam a esta exploração.

Com uma ração productiva bem estabelecida podiam-se alargar as explorações zootechnicas da provincia, e, sem pôr de parte a engorda, poder-se-hia n'este outro sentido ampliar o campo das especulações agricolas. O exc.^{mo} snr. Ferreira Lapa, referindo-se ao norte do reino, diz: e por isso mesmo que é o primeiro fornecedor da carne deve ser o primeiro fornecedor da manteiga que se consome no reino. As condições agricolas de ambas as producções são identicas, e para que a manteiga e o queijo de vacca cheguem n'aquella região a hombrear com a producção da carne, não nos parece que haja muito a alterar nas suas condições, senão a introduzir alli raças mais lacticiferas e a industriar melhor os productos do leite. [1]

Na verdade, como diz o nosso sabio mestre, authoridade classica n'este assumpto, a introducção das boas raças leitei-

---

[1] *Technologia rural*, por Ferreira Lapa, vol. 2.º, pag. 115.

ras e o bom fabrico dos productos, devem melhorar notavelmente as condições economicas d'esta parte da agricultura das provincias do norte do paiz; infelizmente o problema zootechnico no caso presente parece-nos que se torna mais complexo; porquanto nem ha boas raças productoras, nem a alimentação é dada segundo os dictames d'uma boa economia rural, resultando d'esta má administração agricola ou a falta de forragens, ou a despeza d'alimentação não comportar o maior e mais vantajoso desenvolvimento n'este ramo de industria agricola. Um dos obstaculos que se oppõe á primeira vista e mais sensivelmente, á applicação dos preceitos da technologia agricola, é a grande divisão em que se acha a propriedade no Minho, d'onde resulta, para o pequeno lavrador, a impossibilidade de aperfeiçoar e desenvolver a sua industria, por mais insignificante que seja o ramo a que elle de boa vontade se queira applicar; porquanto não só lhe falta o capital e ainda porque uma exploração pequena nunca póde compensar a despeza dos materiaes aperfeiçoados, como exige a concorrencia do mercado, para a apresentação d'um producto bom e barato. Veremos como em alguns paizes se tem removido esta difficuldade, como póde entre nós fazer-se o mesmo, e isto quer por agremiações, quer por a creação de industrias secundarias.

São estas as considerações geraes que se me offereceram de util publicação, e que, mais longamente, desenvolverei nos numeros seguintes.

Lisboa — Junho de 1885.

João Coelho da Motta Prego.

GASPAR ESTAÇO DE BRITTO

156. ? — 1626

Gaspar Estaço é inquestionavelmente o patriarcha dos historiadores de Guimarães. Com a exploração do archivo de N. S. da Oliveira e a descoberta do livro de Mummadonna, Estaço fixou definitivamente o que a respeito das origens e da historia de Guimarães nos primeiros seculos se tem repetido de essencial.

A importancia excepcional d'essa descoberta, o facto de ser a nossa terra o principal objecto dos seus trabalhos historicos e, além d'isso, uma demorada convivencia com os naturaes da villa, de que parece não ter tido senão a louvar-se, quasi o naturalisam nosso concidadão.

Foi d'esse ponto de vista, que o considerei, quando me propuz a indagar se seria possivel lançar-se mais alguma claridade na sua obscura biographia. O pouco que pude conseguir, além do que se colhe da leitura do seu livro, deve-se ao acaso que permittiu conservarem-se ainda vestigios da sua passagem, como actor, na propria casa de que fez a historia.[1]

O *Trattado da Linagem dos Estaços,* que elle publicou no fim da sua obra, diz-nos o sufficiente da posição social da sua illustre familia.

---

[1] Reitero os meus agradecimentos cordiaes ao snr. Antonio Peixoto da Costa pela extrema amabilidade com que, não só me franqueou o cartorio da Collegiada, mas tambem se obrigou a coadjuvar-me pessoalmente na busca e exame dos documentos.

Ainda que Gaspar Estaço faça derivar o seu appellido de familia, «sobre o qual nunca houve quem puzesse outro», do latim Statius, todavia os primeiros Estaços authenticos, que elle conhece, são do seculo XIII e XIV, um Rico-homem e outro Mestre de S. Thiago, sem mesmo poder determinar relações de consanguinidade senão desde os fins do seculo XV em diante, isto é, desde Pero IV, seu bisavô, chamado o *Rei pequeno,* por um contemporaneo. Caracterisação expressiva, que nos traz á memoria exemplares do mesmo typo, que a nossa geração ainda conheceu.

N'esse espaço de mais de dois seculos não conseguiu mesmo reunir mais de quatro nomes, falta que elle sente vivamente. Aconteceu-lhe como geralmente acontecerá a quem tentar em primeira mão um trabalho d'essa natureza: a memoria viva dos antepassados raro sobe desaffrontadamente além d'esse limite, resalvando-se, é claro, a faculdade de os inventar, muito em moda no seu tempo e que elle ridiculisa com graça.

Abundavam então os tratados de linhagens «escrittas desde Adam». Elle espantava-se como, para se fazerem tão longas e miudas ascendencias, se escreviam «compridas fileiras de pessoas incognitas; historia de nomes, e nam de feitos, liçam sem duvida penosa». O seu tratado faz excepção á regra. Como historiador, que é, não se esquece nunca de fundamentar com precisão os factos que avança. O seu trabalho genealogico é ainda, além d'uma obra de historia, um documento de sympathica sinceridade, como se verá.

A familia dos Estaços já nos principios do seculo XVI se achava decadente. Não tinha morgado, que «pera as gerações ê hum baluarte de perpetua duraçam». D'ahi a divisão em varios ramos, da divisão a fraqueza. Assim, pela falta de protecção do senhor da casa, aquelles dos membros, que seguiam a carreira militar, «nam levavam á India cargos da mam do Rei».

As consequencias d'esta fraqueza faziam-se sentir ameaçadoramente para a perpetuidade da estirpe. Havia na sua familia grande falta de casamentos. Casamenteiro geral é o ouro, mas esse estava bem guardado nas mãos dos judeus, que, é verdade, as abriam generosamente para o dote de suas filhas, porém «a liga d'este ouro nam somente abate o valor, e quilates da nobreza, mas acarreta outros maiores males, que por serem hereditarios se devem temer, os quaes o mesmo ouro depois com quanto pode, nam pode remediar». A historia

contemporanea era farta em demonstrações d'esta verdade, o prejuizo nacional fazia-se respeitar por meio de argumentos irrespondiveis, mas tudo se sophisma e o ouro judeu foi muita vez chamado a tonificar o sangue da fidalguia do tempo, apesar de um purismo em muitos casos apparente.

Valiam-lhes n'esta conjunctura aos filhos da familia os beneficios ecclesiasticos. De facto, no seculo XVI, o maior numero de individuos, de que falla o *Trattado,* e outros, que traz a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa, assim como a *Evora gloriosa* do P. Francisco da Fonseca, viveram exclusivamente da Igreja.

Em circumstancias tão precarias não é de estranhar que já no primeiro quartel do seculo XVII ameaçasse extinguir-se a sua geração: « Se esta de que fallarei acabar, como por muitos signaes ameaça, d'este nosso trabalho se entenderá, que foi no mundo, e nam ociosa, nem inutil ».

E realmente, em compensação de todas as condições de inferioridade em que a vimos, abundava-lhes nas veias uma seiva generosa a esta gente dos Estaços. Se exceptuarmos um ou outro inutil, como aquelle mystico Diogo, que « nunqua teve maior consolaçam, que trazer á memoria, que era frade de sam Francisco »; desde o batalhador Paulo Nunes, pae do celebrado humanista Achilles Estaço, que, enfadado do mundo e ancioso por uma vida quieta, se recolheu ao mosteiro da serra d'Ossa em seu habito, *mas levando comsigo o seu montante,* até ao erudito historiador do mosteiro de Mummadonna, nós encontramos os Estaços, quer guerreando, quer escrevendo, navegando ou pastoreando, em todos os caminhos que vão de Lisboa á India e á America, a Paris e a Roma.

Especialmente guerreando e escrevendo, quando não era ambas as coisas ao mesmo tempo, « porque a lança, como dizia o outro, com os livros nam se desponta ». E, como aquelle de que nos occupamos foi um distincto escriptor, digamos ainda que são numerosos os membros da mesma familia, que illustraram pelas letras o seu nome, e que o merito de todos era no seu tempo lisongeiramente apreciado. Póde até accrescentar-se que elles tinham de herança commum, em grau eminente, a paixão e o talento de escrever.

Comtudo, no seu tempo a carreira não estava muito nas boas graças. Depois de contar das vantagens das armas, diz elle das letras: « E as letras fazem bachareis, licenciados, e doutores, e com estes graos vam grangear o remedio da vida, que quando lho dam, depois de feita grande despeza, ê cor-

tado mui ao justo, e por medida mui escassa; e de mais d'isto leva o contrapezo de perpetuo trabalho de estudo. De hum se conta, que por sua grande pobreza pedindo esmola a hum official mechanico, disselhe pera o mover, que era mestre nas sette artes liberaes; ao qual respondeo o official, *Por certo, que sou mais douto que vos, porque eu com hũa so arte sustento a mi, a molher, e os filhos, e vos com sette nam vos podeis sustentar* ».

Pobres arroteadores do futuro! Por estas e outras elle, fazendo em largas paginas o confronto entre a nobreza da espada e da penna, como verdadeiro fidalgo, prefere aquella.

Tal era no seculo XVI e principios do XVII a familia de illustres aventureiros, similhante á maioria das familias nobres do Portugal moribundo, mas dotados d'um engenho omnimodo, de que era um dos membros mais notaveis o nosso primeiro historiador.

Gaspar Estaço de Britto, que assim era todo o seu nome, [1] nasceu na cidade d'Evora. [2] Seus paes, segundo refere Barbosa, [3] foram André Nunes, e Brites Estaço, que elle escreve Britis Estaça. Era pois, por sua mãe, que elle pertencia á antiga e illustre familia dos Estaços d'Evora.

Da época do seu nascimento nada sabemos. Dá-nos elle a entender vagamente que era *moço,* quarenta annos antes de escrever o seu *Tratado da Linhagem dos Estaços,* [4] que tinha dez annos de idade quando entrou para casa do Cardeal Infante; [5] sabemos por Barbosa que seu irmão Balthazar nasceu em 1570, [6] e eis tudo. De todos estes dados nada se póde deduzir, mas, como elle se diz « já velho na idade » [7] quando

---

[1] Notas do tabellião João de Bertoles no cartorio da Collegiada. Assigna em principio como acima, depois umas vezes com os dois primeiros nomes, outras só com o appellido de familia.

[2] *Varias antiguidades de Portugal,* Autor Gaspar Estaço, Lisboa, 1625; cap. 47, n. 11.

[3] *Bibliotheca Lusitana* por Diogo Barbosa Machado; tom. 2, pag. 349.

[4] *Trattado da Linhagem dos Estaços,* no fim do vol.; pag. 42.

[5] *Varias antiguidades* etc.; cap. 47, n. 1.

[6] *Bibliotheca Lusitana;* tom. 1, pag. 447.

[7] *Trattado,* pag. 5.

compoz o dito *Tratado,* supponho que tivesse nascido antes de seu irmão.

Britis Estaça fizera um casamento desigual, inferior á prosapia da raça. Gaspar, para não ter de alludir, supponho eu, á humildade do nome paterno, que elle nem sequer uma unica vez pronuncia, nunca refere as allianças matrimoniaes da sua geração. Conhece-se o proposito de reivindicar para o seu ramo o nome e a representação da familia materna, deixando esquecer o de seu pae.

No pequeno tratado genealogico da sua linhagem occupa elle quatro longas paginas compactas, defendendo a legitimidade da transmissão da nobreza pelas mulheres. Com o fim de fixar inabalavelmente a sua these espraia-se em considerações e argumentos. A historia sagrada e profana são postas a saque; vem a pêllo Rhea Silvia e Santa Agatha. Affirma que as filhas dos nobres sempre foram havidas por nobres. « Mas duvida hâ se a molher de nobre geraçam cazando cõ homẽ de menos nobre, ou nam nobre, perde por isso sua nobreza ». Alguns dizem que sim, « cõtudo o contrario está mais recebido ». E, demais, para o seu caso basta a auctoridade do costume : « muitos homẽs nobres n'este reino, pera que nam fallemos dos outros, nascidos de mães nobres, e de paes menos nobres, dexam as alcunhas dos paes, e tomam as das mães, de q̃ mais se honram per sua maior nobreza, o que a todos ê muito notorio. D'onde se collige, que ellas a nam perdem por casamentos desiguaes, mas antes a retem, e d'ellas passa aos filhos, e muitas vezes aos maridos en certo modo, dando-lhes luz, e habilitaçam pera os cargos, e officios da Republica ».

Alem d'isso e sobretudo, se assim não fosse, inutilisar-se-hia um dos mais fortes baluartes da nobreza, porque é proprio « specialmente das molheres ter altos espiritos, que quem nam casa com sua igual, segundo aquelle prudente ditto, que tras Plutarcho, *Parem tibi sume,* terâ trabalho com a nobre, quando elle o nam for, porque a molher per sua natural ambiçam nam quer perder nada das prerogativas de sua nobreza, que entende estam sò a seo cargo de propriedade, de que nascem os desgostos em casa, e fora as contendas entre ellas mesmas, como já se viram en Igrejas sobre os lugares, onde se ouve dizer, hũa que ê nobre, e a esta conta querer que tudo se lhe despeje, outra que ê molher de nobre, outra de cavalleiro, outra de doutor. E n'esta doutrina criam os filhos, que en tudo saem a suas mães ».

Se n'este explendido quadro de costumes Estaço pinta o

viver da propria casa, se eram estas as doutrinas e os exemplos, que formavam a educação da sua alma, seja-me licito suppor que algumas vezes o pobre André Nunes, caso tambem este tivesse lido Aristoteles, havia de dizer com elle « q̃ a nobreza ê virtude, e... riquezas antigas », principalmente as riquezas, e que, se tambem conhecesse Juvenal, outras muitas diria tambem comsigo mesmo e com o celebre satyrico « que a pobreza faz os homens ridiculos ».

Gaspar tinha ainda um tio, Simão Estaço, clerigo, que no abandono em que o deixou nos ultimos tempos a malevolencia do grande protector d'esta familia, o Cardeal Infante, depois Rei, se entretinha a escrever aos parentes, de quem foi sempre muito amigo: « os communicava aonde quer que estavam, ainda que fosse na India, em Roma etc. », e a explicar ao pequeno sobrinho as grandezas tradicionaes da familia, a veneravel nobreza d'aquelle Mestre de S. Thiago, « o primeiro independente do de Castella ». Isto naturalmente para que não faltasse a theoria ao lado da pratica materna; mas o rapaz n'aquelle tempo não fazia caso de mais mestre, que de um, que com o rigor da palmatoria o obrigava « nam a saber linhagens senam as leis e posturas dos grammaticos tam severamente como se por ellas houvessemos de viver », [1] accrescenta o auctor. Ainda assim confessa mais tarde que d'elle tomou muitas coisas que veem no seu tratado genealogico.

Em 1540, tendo sido elevado á dignidade metropolitana o bispado d'Evora, fôra nomeado seu primeiro arcebispo o Cardeal D. Henrique, realisando-se assim superabundantemente a promessa de D. Manoel, seu pae, que exclamára, quando lhe participaram o nascimento do novo infante : « *Venhais embora meo Conego de Evora, que como chegastes tão tarde, já não tenho outra cousa que vos dar* ».

N'esse mesmo anno de 1540, data das bullas de confirmação da Companhia de Jesus por Paulo III, já estavam em Portugal S. Francisco Xavier e o P. M. Simão Rodrigues, e logo em 42 quiz D. João III introduzil-os em Evora; mas seu irmão o Cardeal Arcebispo, diz um jesuita, « que estava com as impressões, e suspeitas, de que poderiamos ser herejes Lutheranos ou Calvinistas », não consentiu. « Entretanto (continúa o mesmo auctor) examinou o Cardeal com tanto segredo, como diligencia as nossas Doutrinas, e as nossas Vidas, e achan-

---

[1] *Ibid.* pag. 32.

do-as santas, e iñocentes, começou a moderar o horror, e aversão, que nos tinha ». Ainda assim, deve-se convir em que a coisa não era facil de averiguar, como vai vêr-se. Immediatamente « aproveytou-se d'esta suspensão de armas o Infante D. Luiz, e os Reverendissimos Padres Fr. Luis de Granada, gloria da Religião Dominicana, e Fr. Luiz de Baeça honra da Religião de S. Jeronymo, e derão ao Cardeal tal bataria a favor da nossa iñocencia, que no anno de 1550, pedio ao M. Simão, que mandasse alguns dos seus subditos a fazer missões na sua diocese ». Levou portanto dez annos, depois da entrada dos primeiros jesuitas em Portugal, a acreditar-se no espirito obtuso do arcebispo a innocencia da Companhia! Mas continuemos: « Vierão os Padres, e foy tão evidente o frutto, e tão universal o aplauso, que finalmente se rendeo a praça, e se acabarão as suspeytas sinistras do Serenissimo Arcebispo, e se determinou a fazer á sua custa, o que não quizera conceder El-Rey seu Irmão ».

Entrada d'esta maneira a praça, isto é, graças áquella *bataria* (percebe-se a braveza da batalha) foi o jesuitismo poderosamente favorecido d'ahi em diante em toda a sua vida pelo cardeal, que mais tarde, como é sabido, recebeu em paga a protecção não menos efficaz da Companhia. Ahi fundou D. Henrique logo em 1551 o Collegio do Espirito Santo, n'esse mesmo collegio estabeleceu depois em 1559 a famosa universidade, que durou até á expulsão dos Jesuitas, e em 1562 nas casas de Duarte da Costa, contiguas á sacristia da freguezia de S. Pedro, o Collegio dos Porcionistas.

Este ultimo era destinado pelo fundador para « quinze sogeytos, que ou tivessem sido Mininos do Coro, ou fossem filhos dos seos Criados, e para todos os Estudantes nobres, que quizessem pagar cada anno treze, ou quinze mil reis pellos seos alimentos; e forão tantos, os que concorrião a este nobre Seminario, que chegarão a passar de Cento ». [1] Deve ter sido aqui que a ferula niveladora, ainda então chamada vulgarmente palmatoria, acalmava os nervos aristocraticos de Gaspar Estaço, habilmente irritados pelos exemplos da mãe e as historias do tio.

Do modesto André Nunes não sabemos nós que tivesse tido a honra e o proveito de ser criado do segundo Inquisidor Ge-

---

[1] *Evora gloriosa,* pelo P. Francisco da Fonseca, Roma, 1728; n. 731.

ral d'estes reinos, mas foi-o o tio, de quem elle conta que « gastou sua mocidade no serviço do Infante dõ Henrique, Cardeal de Portugal ». [1] Foi naturalmente á sombra do tio e pela boa vontade geral do Infante a toda a familia dos Estaços, que deu entrada no Collegio dos Porcionistas o nosso futuro historiador, se é que foi ahi, como parece, que elle recebeu os primeiros elementos da sua educação litteraria « por ordem, e liberalidade do Cardeal Infante Dom Henrique, que depois foi Rei d'estes Reinos, ao qual me sinto (diz elle) muito obrigado assi por este beneficio, como pello da criaçam, que em sua casa tive desde minino de dez annos ». [2] E a si mesmo se intitula no seu tratado genealogico « creatura do Infante dom Henrique, Cardeal e Rei de Portugal ».

A valiosa protecção do principe parece tel-o acompanhado até ao termo natural dos estudos de Gaspar: « Sendo Cardeal Infante fundou a universidade de Evora, onde folgava, que todos aprendessem, e assi quiz, que eu o fezesse tambem, mandando-me dar nas escolas a moradia, que em sua casa tinha ». [3]

O tom grato e affectuoso com que elle falla do protector da sua mocidade, d'aquelle que o fortaleceu com o pão do espirito para as luctas da vida, quarenta e cinco annos depois da morte d'este e á beira do proprio tumulo deve ter sido como uma caricia para a memoria do homem, sobre quem o patriotismo moderno parece querer lançar injustamente todas as culpas do seu tempo. Chega a comparal-o aos Pharaós! « Ajuntaram-se n'este serenissimo Principe as duas dignidades, Sacerdotal, e Real, como nos antigos Reis do Egypto, e como em Melchisadech, e en Job ».

E remata com uma ternura commovida: « Fiz d'elle aqui mençam por ser geralmente benemerito de toda nossa familia, e particularmente por ser justo, e devido, que da arvore, que elle criou, e cultivou, lhe offereça eu o frutto, que posso, e eu nam posso outro, senam este de memoria ».

Ha na vida um momento de terror, que vem, por assim dizer, marcar o fim da mocidade. É quando principia o fune-

---

[1] *Tratado*, pag. 41.
[2] *Varias antiguidades* etc., cap. 47, n. 1.
[3] *Ibid.* cap. 47, n. 12.

bre cortejo de cadaveres dos paes, dos parentes, dos amigos e companheiros, prematuramente roubados á amizade dos que ficam. A mocidade de Gaspar Estaço teve ainda outras exequias excepcionalmente estrondosas, as exequias de uma nação.

Um novo Affonso v, presidindo a um reino exhausto, e, para cumulo, educado pelos Jesuitas como elles o eram tambem, no anceio do dominio universal da Igreja, o joven e fatal D. Sebastião, atirára sobre os areaes da Africa com a flôr da gente portugueza.

Para a batalha d'Alcacer todas as familias nobres deram o seu contingente e ahi ficou tudo, nobres e não nobres, o que havia de mais são e valente. A familia dos Estaços teve tambem o seu encoberto. Luiz como fosse homem d'animo e de valor, entrou na batalha e... « nam houve mais nova d'elle ».

O desastre foi tamanho e tão injusto no sentir do tempo, que a esperança na volta do rei moço e destemido, unico fiador diante do vulto sombrio do demonio do meio-dia, veio, n'uma fórma tradicional, extinguir-se ainda nos nossos dias.

A catastrophe trouxe ao primeiro plano o protector dos Estaços, homem de bom senso e animo frio, mas ambicioso e fraco, velho, doente, a morrer; infelizmente a antiga protecção, em vez de depurar-se, azedou, se foi por essa época que Simão, o tio de Gaspar, incorreu nas iras do novo Melchisadech. « A causa diziam ser, porque impetrou d'elle hum beneficio menos conveniente, en hũa grave, e perigosa doença do Infante, como homem, que buscava tabua temendo naufragio ». Quando falleceu « estava resoluto en tomar o habito dos capuchos da piedade, a qual resoluçam tomou pera refugio dos disfavores do seu Principe, e n'ella o colheo a morte, que a seu parecer lhe tardava já ». Esta voz, posta habilmente a correr, não seria a ultima lisonja, o ultimo clamor de misericordia, dirigido ao antigo protector? O convento dos capuchinos d'Evora, para onde Simão dizia querer ir, mas para onde não foi, tinha sido tambem fundado em 1544 pelo Cardeal Infante.

Era este Simão Estaço muito curioso, « tudo escrevia, mas foi de pouco proveito, porque morrendo elle, seu irmam lhe queimou um escrittorio de papeis nam sei com que spiritu, mas sei, que elle foi o delinquente, e eu muitas vezes depois fiz a penitencia ».[1] Por estas palavras vê-se que o facto teve não pequena influencia na sua vida, mas as consequen-

---

[1] *Trattado*, pag. 42.

cias que d'ahi lhe derivaram não vieram ao nosso conhecimento.

No entretanto governava o Cardeal-Rei, victima da sua posição e das circumstancias, vivendo os ultimos tempos da vida amamentado por uma mulher como uma criança. Nos dois annos do seu triste governo tinha de pagar bem paga a crueldade com que tratou o antigo protegido; elle viu o seu leito de moribundo, n'esses longos dois annos, ainda outra vez cercado de pretendentes, mas agora eram os poderosos Filippe II, sua sobrinha Catharina e o Prior do Crato. Não lhe faltaria vontade de fazer a todos o mesmo que fez a Simão, mas não teve remedio senão atural-os até que morreu.

Acto continuo, entrou em scena o duque d'Alba e lá se foram as esperanças do Prior do Crato. Tinha o nosso auctor outro parente chamado tambem Gaspar, o qual foi « conego d'Evora, liberal, cavalleiro, e animoso mais do que era necessario á sua profissam ». Este « nas alterações do reino seguio as partes do senhor dom Antonio ». D'ahi as consequencias ordinarias, como ainda se tem visto no nosso tempo: foi privado da conezia e morreu desterrado por França, parece, « en desgraça de seu Rei, e de sua fortuna ».

De sua desventura quiz Gaspar Dias Estaço, que pelo menos approveitasse o parente, e mandou procurações a Roma a um Manoel Constantino, « per que renunciava aquelle seu beneficio en mi », diz o nosso auctor. Mas o tal Constantino era um procurador como ha muitos e « nam quiz pôr mam no negocio por ser de pessoa, q̃ andava fora do serviço de sua Magestade ». O rigor monarchista do sujeito, ou antes o medo, chegou a ponto de nem fallar n'isso ao sobrinho do desterrado senão « tarde, e sem tempo » [1].

Perdidas as esperanças que elle mesmo teria posto no parente e obtidas cartas de protecção de D. Theotonio de Bragança, arcebispo d'Evora, para o cardeal Farnese e para o sobrinho d'este, D. Duarte, Gaspar Estaço marchou para Roma á procura d'uma collocação.

D. Theotonio foi o ultimo filho do segundo matrimonio do Duque de Bragança D. Jayme, primo de D. João III e do Cardeal D. Henrique. Se acreditarmos o P. Francisco da Fonseca, a Companhia fez n'este homem, d'um genio dôce e amoravel em criança, o effeito d'um revulsivo. Recebido n'ella, « hũa

---

[1] *Ibid.* pag. 45.

*

so cousa lhe faltava, que era aquella primorosa, e cega obediencia, que a Companhia deseja em seus filhos ». Não podendo os de cá dobral-o, mandaram-no a Roma a Santo Ignacio, que entendeu que o melhor era despedil-o, « adoçando-lhe esta amargosa pilola com lhe profetizar que fora da Companhia havia de servir muyto a Deos, e ao proximo ».

A Gaspar Estaço serviu, sem duvida nenhuma. Diz d'elle que foi « prelado en quem se achâvam excellentes virtudes de Principe com as de pastor ». E conta depois : « ainda que o escrittor de sua vida diga, q̃ elle nam deu nunqua Reverendas a subdito seu pera tomar ordens en outro Bispado, a mi me quiz exceptuar o menor de seus subditos, e me fez merce de mas dar pera poder tomar ordens en Roma, a carta das quaes foi feita no anno do Senhor 1588. por Juam Baptista Roberio seu secretario » [1]. E, como sempre que tem logar para isso, revela o seu espirito agradecido, accrescentando : « Nunqua perdi occasiam de lhe ser grato de palavra quando veio a proposito, e nam era rasam, que hagora perdesse esta, en que o pude ser de pena en beneficio de sua memoria ».

O cardeal Farnez do nosso auctor deve ser Alexandre Farnese, que occupa um logar notavel na historia dos conclaves e da Inquisição portugueza.

Foi o primogenito de Pedro Luiz Farnese, tio de Alexandre Farnese duque de Parma e Placencia casado com Maria de Portugal, filha do infante D. Duarte duque de Guimarães irmão de D. João III, e prima de D. Theotonio de Bragança. As relações, estreitadas entre as duas familias principescas por esse enlace, conservavam ainda toda a sua intimidade depois do fallecimento da princeza, succedido em 1577. Emquanto a D. Duarte, segundo sobrinho de Alexandre Farnese, ainda não era cardeal no tempo de Gaspar Estaço. Foi creado unicamente em 1591 por Gregorio XIV [2].

A protecção d'estes principes da Igreja, diz Gaspar Estaço que lhe foi de muito proveito « pera certo negocio, que em Roma tinha » [3]. Qual este negocio fosse não nol-o diz expressamente, mas, fallando no seu tratado acerca de Achilles, de cujos merecimentos faz demorada exposição, escreve entre ou-

---

[1] *Ibid.*

[2] Vid., por ex., *El Gran Diccionario historico*, traducido del frances de Luis Moreri por Don Joseph de Miravel y Casadevante. Paris e Leon, 1753 ; tom. 4, pag. 27-9.

[3] *Trattado*, pag. 45.

tras coisas: « O Papa Sixto v deu hũ beneficio a hum parente seu, dizendo, que lho dava em memoria de Achilles Estaço, porque era justo, que ainda depois da morte se fezesse honra á virtude »[1]. Ora, Achilles falleceu em 1581, Sixto v governou o papado desde 1585 até 1590, Gaspar tomou ordens em Roma em 1588 ou depois e nós não sabemos de nenhum outro Estaço, que estivesse em Roma por essa época. Se por outro lado consideramos, que, poucos tempos depois do fallecimento de Sixto v, já Gaspar era conego capitular na Collegiada de Guimarães, facilmente acreditamos que foi o proprio Gaspar Estaço aquelle em quem o pontifice quiz honrar a memoria d'Achilles[2].

Achilles Estaço a quem o P. Francisco da Fonseca qualifica como o mais notavel dos Estaços e cujo nome vemos ainda tão estimado, annos depois da sua morte, por um papa tão pouco atreito a ternuras, tinha sido discipulo de André de Rezende, indo depois concluir os seus estudos em Louvain e Paris. Em Roma onde o encontramos depois, foi egualmente querido e festejado de Pio IV, Pio V e Gregorio XIII e já vimos que a sua memoria o foi egualmente pelo successor d'este. Versejou em latim e grego, sabia com perfeição o hebraico, compoz eruditos commentarios; emfim, diz o nosso auctor, « foi theologo, orador, e poeta ». Fallando das suas orações, pronunciadas na curia diante dos tres primeiros pontifices, duas em nome do rei D. Sebastião e a terceira no de Fr. João de la Vallete, Grão Mestre de Malta, diz Barbosa que de suas « elegantes vozes ainda hoje soão os eccos na cabeça do Mundo ».

Os portuguezes d'Evora deviam ter em Roma grande fama de oradores insignes na lingua de Cicero, porque, já um seculo antes, D. Garcia de Menezes, o bellicoso bispo e natural d'Evora, general da armada que Affonso V e João II mandaram a Sixto IV contra o turco, orando em lingua latina diante do pontifice, arrancára a Pomponio Leto, homem douto d'aquelle tempo, a seguinte lisongeira exclamação: « *Padre santo, quem é este barbaro, que falla tam elegantemente?* »

---

[1] *Ibid.* pag. 47.

[2] « O Priorado é da presentaçam d'el-Rei. como padroeiro: Os outros beneficios presẽtou hattegora o Prior com a maior parte do cabido hũ mes. *e o papa outro,* por posse e costume: tirando o Chantrado, q̃ é in solidum do cabido ». *Varias Antiguidades* etc., cap. 55 n. 6.

A primeira noticia que temos de Gaspar Estaço em Guimarães é de 2 de outubro de 1592 n'uma escriptura do Cabido, que subscreve. D'ahi em diante a assignatura d'elle continúa a apparecer até á sua morte, revelando uma assistencia regular na villa. [1]

Se tomarmos á letra uma phrase sua — ainda hagora no anno de 1603 — [2], comparando-a com esta outra — em respeito d'este, en que isto escrevo, que é o de mil, seis centos, e vinte — [3], elle teria começado logo, ou pouco depois de entrar na Collegiada, a organisar o seu livro, cujo acabamento lhe havia de levar até aos fins da vida.

A apologia da cidade do Porto fel-a sete ou oito annos antes de rever o seu trabalho para a imprensa [4] e o *Trattado da Linhagem dos Estaços* escreveu-o «já velho na idade, nos pensamentos triste e no corpo enfermo». [5] Como elle mesmo diz, não escrevia materia continuada, o que lhe permittia satisfazer sem graves preoccupações aos varios encargos do seu beneficio — «sempre occupado, e pera maior cumulo desterrado». [6] Por outra, Gaspar Estaço occupava na elaboração do seu livro as horas vagas das suas obrigações, e nunca horas d'ocio foram mais bem empregadas.

O que principalmente havia de sustentar a sua paixão pelo estudo seria o prazer da novidade, da descoberta, o encontrar-se n'um archivo copioso e importante e completamente inexplorado [7]. Até ao seu tempo o Livro de Mummadonna era apenas conhecido, se o era, dos beneficiados da Collegiada e d'alguns curiosos da terra, «que sam, diz elle, os que n'esta senhora acertam a fallar». [8]

Estaço determinou-lhe o valor, deu conhecimento d'elle a Fr. Bernardo de Braga, o mallogrado chronista de S. Bento, e da mesma maneira communicára os seus outros «cuidados de papel e tinta... a muitas pessoas n'esta terra, e fóra d'ella», como áquelle, Jeronymo Osorio etc.

---

[1] Notas do tabellião João de Bertoles, privativo do Cabido. Anno de 1592 e seguintes.

[2] *Varias antiguidades* etc., cap. 24, n. 13.

[3] Cap. 30, n. 1.

[4] Cap. 93, n. 4.

[5] *Trattado*, pag. 5.

[6] *Varias antiguidades* etc., cap. 95, n. 13.

[7] Cap. 12, n. 8.

[8] Cap. 1, n. 7. Podem vêr-se tambem o cap. 1, n. 2; o cap. 2, n. 17 e 24; o cap. 21, n. 12; o cap. 19, n. 2.

Entre est'outros cuidados occupava ainda logar importante a nossa patria, porque Estaço, estimulado pela descoberta, revolvera todo o archivo e escrevia a historia de Guimarães até ao seu tempo no que ella tinha d'essencial e que invariavelmente tem sido repetido pelos seus continuadores.

Estava rasgado o caminho, dado o primeiro passo e o exemplo. A sua propaganda não podia ficar completamente inutil, nem ficou, visto como logo depois do livro d'Estaço ha conhecimento, não já d'ensaios soltos como os d'elle, mas de tratados especiaes sobre o assumpto, pelo que se colhe do titulo das — *Memorias historicas e antiguidades de Guimarães* — de André Affonso Peixoto, e da — *Historia vimaranensis* — de Luiz da Gama, obras que ficaram manuscriptas e se consideram perdidas, mas que, pela ordem immediatamente successiva da sua composição, [1] parece terem sido inspiradas pelos estudos do nosso auctor; assim como as — *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães* — do P.e Torquato Peixoto, que naturalmente aproveitaria o que tivesse achado de aproveitavel nos seus antecessores e quasi contemporaneos.

Estaço achava-se bem entre nós e a sympathia que inspiravam os seus trabalhos, naturalmente considerados de mestre, não concorreria pouco para isso. O nosso auctor falla sempre com gratidão e amor da terra que foi para elle uma segunda patria; confessa por vezes a obrigação de lhe ser agradavel e o prazer com que a satisfaz [2]; á Collegiada nunca deixa de referir-se com expressões de verdadeiro amor filial [3].

Os livros não lhe foram ingratos, não; dizia elle com saudosa recordação: «acontecia muitas vezes, que além d'aquellas [horas], que lhes eu dava, me roubavam elles outras sem o sentir, porque nam ha amigos vivos, que com tanta razam se possam chamar ladrões do tempo, e ainda das vontades, como estes mortos».

Não eram porém unicamente os livros e os deveres ordinarios do canonicato, que lhe roubavam o tempo. Na sua época prolongava-se ainda a segunda phase da celebre campanha dos Arcebispos contra as isenções da Collegiada, reaccendida vaidosa e puerilmente pelo Infante D. Henrique, esse infan-

---

[1] *Monographos vimaranenses* pelo snr. P.e J. Gomes d'Oliveira Guimarães, na *Revista de Guimarães*, vol. 1, pag. 190.

[2] *Varias antiguidades*. etc., cap. 1, n. 2.

[3] Vid., além da Dedicatoria, prol. n. 10 e cap. 30 n. 1.

til arcebispo de vinte annos. Os successores d'este seguiram-lhe as pisadas e de D. Agostinho de Castro, Arcebispo entre 1589 e 1609 conta-nos elle um episodio, que demonstra o estado melindroso em que se achavam as relações das duas potencias belligerantes, já tão deseguaes em forças.

Falla o nosso auctor:

« Eu acho por tradiçam n'esta Igreja, que quando o Prior era chamado, e se achava no Synodo, tambem se achava com elle o seu cabido, e que na procissam, que se faz, o cabido de Braga levava a ala direita, e o de Guimarães a esquerda. E ainda no tempo do Arcebispo passado dom frei Agostinho de Jesu, [1] que esteja em gloria, fazendo elle Synodo, mandou notificar ao cabido de Guimarães, que fosse a elle, o qual nam foi por lhe constar, que ambas as alas da procissam se faziam do cabido de Braga, e mandou por seu procurador hum capitular d'esta Igreja, que la fez seus protestos en nome do cabido. Comtudo o Arcebispo enfadado da repulsa, mãdou citar ao cabido pera responder en juiso com intençam de o castigar, como fosse justiça. Mas o cabido por reverencia de tam insigne prelado, o qual com sua muita prudencia, virtudes, e brandura, fez o seu tempo de ouro, e assi mesmo hum subjeito proprio do amor dos homens, mandou-me a Braga a dar-lhe satisfaçam: a qual se fundou na indecencia de ir tam honrado cabido na procissam entre a chusma da clerezia, privado do seu antigo lugar, e noutras rasões concernentes; com que o Arcebispo se deu por satisfeito. E logo ali mandou dizer ao Promotor, que nam fezesse nada no negocio do cabido de Guimarães sem sua ordem especial ».

Mas Estaço não se ficou por aqui; como fino diplomata, elle foi aproveitando as boas disposições do Arcebispo: « Depois tratei com elle certo negocio, pera que era necessario seu be-

---

[1] Com o nome d'este arcebispo ha necessariamente equivoco. Segundo Barbosa não ha arcebispo chamado Agostinho de Jesus: ha D. Fr. Aleixo de Menezes, ou de Jesus, agostinho, em 1612-1617 e anterior a este. D. Agostinho de Castro em 1589-1609. Mas d'este consta a Barbosa que celebrou duas vezes Synodo, em quanto que do primeiro nada diz a tal respeito. As circumstancias explicam realmente bem qualquer confusão, mas, como é em Barbosa que encontro mais desenvolvidas noticias, com o unico fim de fixar a epocha sigo no texto a opinião d'elle, devendo porém, accrescentar, que tambem o P. Torquato conheceu o arcebispo d'esse tempo pelo nome d'Agostinho de Jesus.

neplacito, que elle deu de muito boa vontade. Finalmente quando me despedi, me disse estas palavras, que sam do mesmo ouro de que era o tẽpo: *Por aqui verá o cabido quanto seu amigo sou, pois faço o que quer que faça, e desfaço o que quer que desfaça* ». [1]

Os nossos monographos não fallam d'este episodio, nem ainda da vinda de D. Affonso Furtado de Mendonça, em pessoa, a esta vila, naturalmente depois da ridicula batalha que aqui deu o seu bispo de annel.

Conta Estaço, fallando d'uma notavel medalha do rei suevo Leovigildo, que elle possuia, que « estãdo n'esta villa o senhor Arcebispo de Braga dõ Affonso Furtado de Mendonça, indo eu beijar-lhe a mam, no discurso da prattica, e nam sem proposito, lẽbrando-me que a ditta moeda tratava de Braga, da qual elle era Arcebispo, e Senhor, e que esta cõveniencia a fazia mais aceita, além do preço de sua antiguidade, e prerogativa real de seu autor, lha offereci. E sua senhoria a estimou tanto, que bem mostrou o parentesco que tinha com o senhor dom Diogo Furtado de Mendonça, Embaxador do Emperador Carolo quinto en Veneza, no concilio Tridentino, e en Roma, o qual foi tam affeiçoado a antiguidades, specialmente a esta de moedas, que Ambrosio de Morales confessa, que elle lhe deu muitas, de que se aproveitou nas antiguidades de Hespanha, que escreveo, e a elle mesmo dedicou. Mas o senhor Arcebispo subio esta curiosidade mais dẽ põto por q̃ mostrãdo aquella moeda a muitas pessoas de qualidade, dizia: Aqui tenho todo o meu thesouro, referindo jũtamente o nome de quem lhe fez este pequeno serviço. Mas se elle tem n'ella hum thesouro de gosto, eu nam devo calar, que tenho outro de hõrosa nomeaçam, que preso mais, que muitas riquezas. Onde se vê, que ê nam menos grato, que benigno, affabil, e cortez, do que tudo dexou n'esta terra pera lõgo tempo soidosa memoria ». [2]

Mas estes episodios diplomaticos e cortezanescos não o desviavam do estudo. Quando no fim da sua vida accidentada e laboriosa revia os seus trabalhos para os mandar ao impressor, ainda lhe occorreu fazer um catalogo dos Priores da Collegiada, que « fosse en sua companhia ». As suas enfermidades, porém, já lhe não permittiam um trabalho tão difficultoso e por isso, « considerando, que havia mister tempo, e que a

---

[1] *Varias antiguidades*, etc., cap. 55, n. 8 e 9.
[2] Cap. 68, n. 16.

vida foge, e a morte vem de traz a grandes jornadas, sobrestive. Algum curioso o fará, que pera isso tenha saude, e idade, pois esta minha me amoesta ia entrouxar os melhores e mais pios cuidados pera partir, e os outros, que menos servẽ, quaes sam os de antiguidades, dexallos a quem as possa escrever ».

Comtudo despedia-se com uma saudosa melancolia d'essas absorventes antiguidades, embora encarasse com serena resignação o fim da vida terrena, elle que tinha a supervivencia do seu nome garantida. Diz elle: « Ficame sómente hũm cuidado en desejo, mas muito longe do effeito: que folgava de dar alguns annos de vida a cousas, que a merecem, e estavam quasi mortas, parte en mâ letra, e mao latim: parte no descuido, e esquecimento dos nossos. Digo algũs annos, porque as imperfeições da minha pena, e a pressa, com que as cousas humanas correm a seu fim, nam dexam imaginar perpetuidade. Depois leve a morte o que ê seu... »

No cartorio da Collegiada, do qual foram retirados, como é sabido, todos os documentos antigos até fins do seculo XV, ficou-nos ainda a noticia da sua morte. Estaço falleceu em « dias do mez de dezembro de 1626 » [1], um anno apenas depois da publicação da sua obra. A incerteza do dia faz-nos suppor que elle não fallecesse em Guimarães. Não descançará pois no chão sagrado do templo, que elle serviu com o coração e a penna; mas deixou-nos na propria obra, fielmente estampado, o transumpto do seu espirito erudito, ingenuo e honesto.

D. Leite de Castro.

---

[1] Registo da posse dos Exc.mos Snrs. D. Priores e Conegos, fol. 18, v. No cartorio da Collegiada.

A CAPELLA DE S. THIAGO

E

AS OSSADAS APPARECIDAS NA TRAVESSA DO MESMO NOME [1].

Os grandes homens como as grandes instituições deixam sempre na sua passagem através dos seculos um rasto luminoso de irradiações fulgentissimas que o tempo amortece mas não apaga, que os seculos escurecem mas não destroem, quando ás vezes não conservam no entrechocar das gerações o esplendor primitivo, a pristina grandeza.

O nome de S. Thiago, o primeiro apostolo das Hespanhas, o seu evangelisador na doutrina do Crucificado, d'isto nos dispensa uma prova cabal, pois abundam monumentos e testemunhos comprovativos da sua passagem na Galliza e da sua estada, no anno 36, na provincia d'Entre-Douro-e-Minho, aonde mereceu tantas attenções e subiu em tanto respeito que logo a si agremiou nove discipulos, dous dos quaes avultam d'um modo distinctissimo: S. Pedro de Rates, o primeiro arcebispo bracarense, e S. Torquato a quem baptisou em Guimarães e fez primeiro bispo da cidade de Acitania, situada junto ao rio Ave, legua e meia de Guimarães para o norte.

---

[1] Este assumpto, já tratado nos jornaes da localidade, pareceu-me digno de mais alguma explanação nas columnas d'esta *Revista*, consagrada aos interesses de Guimarães.

A. P.

Este insigne apostolo enviou d'esta provincia os seus discipulos a prégarem a idéa nova, a idéa da regeneração universal, a partes diversas, emquanto se dirigia para Saragoça, onde levantou o primeiro altar á V. Nossa Senhora em Hespanha, que hoje é conhecida pela invocação de Senhora do Pilar e «tornando a Braga collocou *outra* em uma gruta junto ao templo da deusa Isis, que era em Guimarães no templo de Ceres», e que hoje se diz Senhora da Oliveira.

Isto se comprova com uma inscripção gothica, achada junto á torre que estava em ruinas pelo anno de 1559 e que dizia:

«*In hoc Simulacro Cœreris collocavit Jacobus filius Zebedœi, germanus Joanis Imaginem Sanctœ Mariœ III Sœois X.*» (*A. G.* fl. 195).

Para escapar á sanha dos alanos e suevos que entraram em Galliza e queimavam as imagens e os corpos dos santos, que encontravam, foi escondida esta no anno 417, por ordem do arcebispo de Braga, Pancracio, no monte Latito, poucos passos fóra de Guimarães. Finda a invasão, voltou em grande solemnidade para o seu templo, d'onde passou para o mosteiro de Muma-Dona, fundado em 929, dedicando o povo este templo a S. Thiago «por ser o primeiro que n'elle levantou altar e hoje se chama S. Thiago da Praça».

Cahindo em ruinas esta magestosa construcção — *magnum opus* — consagrada a Ceres ou a Minerva, segundo diversas opiniões, baseada a primeira na inscripção mencionada, e a segunda n'umas medalhas posteriormente encontradas, ou a uma e a outra no decorrer dos tempos, o certo é que foi construida com os materiaes existentes a pequena igreja que se levantou no seu lugar, na praça do Peixe, com o nome de S. Thiago, conforme a inscripção que se vê ainda na padieira da porta principal da mesma:

MAGNA DOMUS QUONDAM POENITUS
SUBMERSA RUINIS
DUM JACET IN BREVIUS DENUO
SURGIT
ANNO 1607

São do completo dominio do publico estas idéas que acabo de expender e que se encontram perfeitamente delineadas em Fr. Bernardo de Braga a quem cita a *Antiga Guimarães,* na *Corografia* do P.e Carvalho, nos *Apontamentos para a His-*

toria de Guimarães pelo P.e Caldas, e em outros livros d'antiguidades historicas que se occupam do berço da nossa monarchia.

*

Relativamente ás ossadas apparecidas em quantidade na travessa de S. Thiago e que examinei bem como o redactor do *Commercio de Guimarães* e mais alguns amigos, a quem um tal facto excitou a curiosidade, podemos deduzir clararamente ser um lugar proprio para sepultar cadaveres de tal ou tal povoação, pois se encontraram os parietaes d'um craneo com a parte concava virada para sudoeste, ao passo que em linha immediata a outra fila d'enterramentos para nordeste existia uma pequena furna, onde cabia um braço, que tinha á entrada metatarsos, tarsos e em seguida tibias, quasi em estado terroso, mas ainda assim conhecidos e que não podia explorar-se mais, por estar debaixo de construcções, o que denotava filas de cadaveres methodicamente dispostos em linhas parallelas.

Para corroborar esta asserção, e determinar a quem deviam pertencer aquellas ossadas, me parece de subido valor o instrumento ou carta de doação feito pelo conde D. Henrique e sua esposa D. Thereza a uns taes francezes seus com-nacionaes, que viviam na villa de Guimarães, pelo anno de 1121 e que a *Nova Malta Portugueza* publica na sua integra dizendo ter já sido estampada na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* por D. Antonio Caetano de Sousa, e achada na *Gaveta VIII. Maç. I. N. 4.* do *R. A.*, copiada de Leit. nova no *Liv. II* — d'Alemdouro, fl. 271 v., da qual passo a transcrever os pontos principaes:

« Ego Comes Henricus cum uxore mea... facimus Kartã donationis et perpetue firmitudinis vobis Amberto tibaldi et fratribus vestris. Galtero tibaldi et Ruberto tibaldi, nec nõ etiã omnibus francigenis in villa d'Vimaranis ñc (nunc) commorãtibus. d'ipso Campo quẽ habemus in villa d'Vimaranis, et jacet justa palaciũ nostrum regale, et ex alia parte dividit *cõ clausis* ecclesie Sancte Marie. deinde sicut intestat *cũ Atrio* ejusdem ecclesie, et vadit directe ad ruã d'francis. et terminatur in eadẽ rua... pro multo bono servicio quod nobis fecistis et facitis. et quare elegistis nobiscum in terra nostra commo-

rari et ut etiã construatis in eo capellã vestram in qua audiatis divina. et in morte vestra corpora vestra tumulentur. »

Seguem-se os termos da doação e penalidades *terriveis* a quem a infligir, datada de IIII Nonas Januari sub E.ª M.ª C.ª 2.ª VIIII. (2 de janeiro da era de 1159. a. de 1121.)

Em nota explicativa ás palavras *capellam vestram,* diz a obra citada: « É a Igreja de S. Thiago, de que ainda existem bastantes prasos, casas e casaes com foros sabidos, que recebem os Mestr'Escolas da Insigne e Real Collegiada, os quaes são collados sempre Abbades simplices d'ella, sem cura, na falta total de Fregueses, desde muito antigos tempos em que ella se lhes uniu e ás duas prebendas da sua dignidade... os quaes francezes elegeram sempre e elegem Prior sem os Arcebispos de Braga terem ahi Direito algum e o prova com as inquirições principiadas por ordem do Snr. Rei D. Affonso III, a 16 de maio da E. de 1296 — A. de 1258 (a fl. 165 v. do Liv. v. d'ellas; ou 51 do Liv. IX. d'*Inquerições de D. Diniz*), nas quaes depozeram da igreja de Santiago na villa de Guimarães — que os francezes ahi existentes — *elegerunt semper et eligunt Priorem.* »

*

A capella de S. Thiago e as ossadas apparecidas na travessa do mesmo nome são portanto dous factos historicos de muita importancia para o começo da nossa nacionalidade. São como que dous monumentos de subido valor para os investigadores d'antiguidades, colleccionadores de datas, amantes de indagarem no pó dos seculos a passagem d'homens illustres, a origem de povos notaveis, a vida d'instituições prestantes, os rastos d'uma civilisação que se extinguiu, ou chega até nós luminosa e sympathica, progressiva e attrahente.

Conservar a capella e assignalar a existencia das ossadas por meio d'uma inscripção, d'um monumento qualquer no meio d'um aformoseamento geral da localidade, em que sejam derruidas as edificações velhas e sujas, que alli pullulam, e são verdadeiros focos d'infecção, e retocadas, amanhadas as restantes, era um facto digno da maior consideração, um testemunho de verdadeira homenagem aos restos venerandos dos francezes com-nacionaes do conde D. Henrique, « que com elle tinham vindo e quizeram ficar sempre entre nós. »

Era um preito merecido digno de Guimarães e da nunca desmentida illustração dos dignos vereadores actuaes, que teem dado provas do seu amor pelos monumentos, implorando do governo, ainda ha pouco, authorisação para conservarem e retocarem o castello que é a corôa d'esta povoação, a parte culminante d'esta cidade, que lhe revela a sua origem, a lucta pela sua autonomia, a gloria pelas suas conquistas, o brio de seus cavalleiros, a força de seus musculos giganteos, e a grandeza de seus nobilissimos emprehendimentos, que lhe asseguram ainda o esplendor que já gozamos, mundo a dentro e mar em fóra, onde tivemos sempre a cruz por bandeira, as quinas por insignia, o Evangelho por norte, S. Thiago como protector, a independencia por timbre, a heroicidade por senda e a civilisação por méta.

N'uma época em que se levantam monumentos a tudo e a todas as cousas, que se conservem ao menos os existentes, dando n'isso prova de quanto prezamos o nosso berço.

Se eu clamar no deserto, resta-me a consolação dos meus mingoados recursos, postos ao serviço de fim tão meritorio.

P.e Abilio de Passos.

BOLETIM

No dia 1 d'abril tomou posse, como prescreve o regulamento, a nova direcção da Sociedade, eleita em assembléa geral de 8 de março, distribuindo-se os diversos cargos sociaes pelo modo seguinte:

Dr. José da Cunha Sampaio, *presidente.*
Domingos Leite de Castro, *vice-presidente.*
Adolpho Salazar e Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira, *secretarios.*
Eduardo Almeida, *thesoureiro.*
Dr. Joaquim José de Meira, *director da bibliotheca e do instituto escolar.*
Padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, *director dos museus.*

*

Em 9 de maio foi apresentada e discutida em assembléa geral a seguinte proposta da direcção:

«A installação da Sociedade em uma casa arrendada não offerece a estabilidade necessaria ás suas instituições.

«A bibliotheca, que, n'um bem curto periodo, ganhou já um tão grande desenvolvimento e continúa a augmentar de dia a dia, não deve estar sujeita ás contingencias d'um ar-

rendamento annual: a sua transferencia de casa seria, além d'incommoda, muito dispendiosa e prejudicial.

«A difficuldade, senão impossibilidade, de n'um pequeno periodo, como é o que medeia entre a época de despedir um arrendatario e o fim do respectivo arrendamento, achar uma casa com as accommodações indispensaveis a um estabelecimento conveniente, aggravará sem duvida a situação em que, d'um para outro momento, nos podemos encontrar.

«E demais não é só a transferencia da bibliotheca que nos póde trazer difficuldades, mas tambem a dos museus e das instituições escolares.

«A gravidade d'estes inconvenientes deixa sentir bem o seu peso quando, como na actualidade, se vê imminente a necessidade de mudar de casa.

«O pensamento da presente proposta não é uma novidade: já na assembléa geral de 6 de setembro de 1883 o nosso estimavel e illustrado consocio o snr. Antonio Augusto da Silva Caldas propoz que se nomeasse uma commissão para estudar os meios de conseguir-se casa propria, e em assembléa de 1 de fevereiro de 1884 foi effectivamente nomeada essa commissão que, todavia, não chegou a installar-se.

«As circumstancias actuaes não nos permittem o tempo de promover a reunião d'essa commissão e esperar pelos seus trabalhos: o anno vai adiantado e podemos em pouco ser despedidos e, por isso, envolvidos em difficuldades que cumpre remover de prompto.

«Por isso propomos:

«1.º Que a direcção fique authorisada a comprar em nome da Sociedade uma casa, em que possa installar-se convenientemente com a bibliotheca, museus, instituições escolares e suas dependencias.

«2.º Que a mesma direcção fique authorisada a contrahir em nome da Sociedade um emprestimo até á quantia de 5:000$000 reis para poder realisar essa compra.

«3.º Que fique á escolha da mesma direcção o modo de contrahir o emprestimo, com a faculdade d'hypothecar especialmente á garantia do capital pedido e seus juros o predio comprado, se assim fôr necessario.

«Sala das sessões da direcção, 3 d'abril de 1885. — *José da Cunha Sampaio. — Domingos Leite de Castro. — Adolpho Salazar. — Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira. — João Gomes d'Oliveira Guimarães. — Eduardo Almeida. — Joaquim José de Meira.*»

Esta proposta foi approvada com a seguinte emenda apresentada pelo snr. dr. Avelino Guimarães:

« Que a direcção fique authorisada a comprar, quando por qualquer outro meio a não possa adquirir, uma casa em que possa estabelecer-se a Sociedade com todas as suas instituições e dependencias, quando a mesma Sociedade tenha meios proprios para realisar a compra, sem necessidade de recorrer a um emprestimo, dando-se á direcção a mais ampla faculdade de resolver as difficuldades por qualquer meio que julgue conveniente — menos o emprestimo. »

*

Inaugurou-se no dia 12 do corrente o bazar de prendas promovido pela illustre commissão de senhoras, a beneficio d'esta Sociedade. O bazar, que é abundantissimo, occupa os dous salões principaes do elegante e espaçoso palacete das Lamellas, propriedade do snr. Manoel Ribeiro de Faria, nosso obsequioso consocio. O bazar tem tido um exito surprehendente, chegando o rendimento, até hoje, á quantia de 1:000$000 reis.

O concurso de fiação manual, preparação e applicações de fio de linho, promovido tambem pela mesma benemerita commissão, foi inaugurado igualmente no dia 12, e acha-se installado no salão contiguo aos salões do bazar. Vêem-se alli muitas e lindissimas rendas de linha de diversas larguras e desenhos, magnificamente trabalhadas, e grande variedade de fio de linho, córado e crú, d'uma finura e perfeição inexcediveis.

Eis os nomes das concorrentes, grande parte d'ellas alumnas da escóla de aprendizagem de renda de linha, instituida pela Sociedade [1]:

Renda de linha

Concorrentes ao 1.º premio

D. Philomena de Jesus Gomes.
D. Adelina Candida Gomes.

---

[1] Não appareceu concorrente ao premio de 9$000 reis, destinado a galardoar o melhor trabalho de linha encrespada.

D. Adelaide da Luz Silva Lima.

Concorrentes ao 2.º premio

D. Maria d'Oliveira Moreira.
D. Maria de Belem Moreira.

Concorrentes ao 3.º premio

D. Maria d'Araujo Gomes.
D. Elvira da Assumpção da Silva Pires.
D. Antonia de Jesus Pereira.

Concorrentes ao 4.º premio

D. Maria da Madre de Deus Pinto de Queiroz.
D. Maria José Pinto de Queiroz.
D. Olivia de Jesus Fernandes de Queiroz.

Linha branqueada e torcida

Concorrente ao premio

Anna Lopes.

Fio de linho

Concorrentes ao 1.º premio

D. Rosa da Costa Marques.
D. Elvira da Assumpção da Silva Pires.
D. Maria Constança Bandeira Guimarães.
Antonia Soares d'Araujo.
D. Joaquina Carolina de Castro Novaes.
D. Emilia C. Marqueza.
D. Maria da Madre de Deus Pinto de Queiroz.

Concorrentes ao 2.º premio

D. Josepha Augusta Leite de Faria.
Joaquina Manna.
Maria Ferreira.
Anna Martins.

D. Josepha Adelaide de Meira.
D. Anna Martins.
D. Narcisa Arminda de Meira.
Helena Lopes.
D. Josepha Dias da Costa.
D. Anna Dias da Costa.
Maria Josepha.
Anna de Jesus.
Anna Alves.
D. Maria de Jesus Leite da Silva.

Fóra do concurso

Renda de linha

D. Albertina Amelia da Silva Alves.
D. Mathilde das Dores.
Dr. Pedro Augusto Ferreira. [1]

Linha branqueada e torcida

D. Margarida Candida Barbosa.

Fio de linho

D. Maria Antonia de Freitas Mello e Castro.

A commissão promotora d'este pequeno mas importante certamen já proferiu o seu veredictum. Resolveu que nas classes de renda de linha houvesse sorteio dos premios pecuniarios entre as respectivas concorrentes, por julgar os trabalhos de merito igual.

Na 1.ª classe de fio de linho, comprehendendo as concorrentes de 10 a 18 annos, deliberou a commissão conferir o

---

[1] Este illustrado sacerdote expõe um lindissimo *voile* de renda, para travesseira, feito com linha de Guimarães pela rendilheira de Peniche, Gertrudes de Jesus Pereira. Importou em 18$000 reis.

premio pecuniario a D. Elvira da Assumpção da Silva Pires, e ás demais menções honrosas.

Na 2.ª classe, dos 18 aos 35 annos, resolveu que houvesse sorteio do premio pecuniario entre as concorrentes Maria Josepha, Anna de Jesus e D. Josepha Augusta Leite de Faria, e se conferissem menções honrosas ás restantes.

Em linha torcida branqueada, foi conferido o premio á unica concorrente, Anna Lopes.

A distribuição solemne dos premios terá lugar no dia 12 do proximo julho ás 6 horas da tarde, no mencionado palacete das Lamellas.

*

As differentes aulas, primarias e secundarias, do instituto escolar da sociedade têm sido frequentadas, durante o anno lectivo corrente, por 70 alumnos, dos quaes 24 cursam gratuitamente.

A escóla diurna de desenho, fundada recentemente pela sociedade para o sexo feminino, é cursada actualmente por 21 alumnas. Como já dissemos no boletim precedente, nenhuma alumna que frequenta esta escóla paga mensalidade.

*

No semestre decorrido desde 1 de janeiro até hoje, a bibliotheca facultou para leitura domiciliaria 116 obras, repartidas do modo seguinte:

Litteratura	53
Geographia e Historia	34
Mathematicas	2
Sciencias naturaes	7
» sociaes	7
Estudos sobre religiões	9
Artes	4

*

Durante este trimestre recebeu a Sociedade os seguintes donativos de livros, a cujos offerentes reiteramos cordiaes agradecimentos:

Sociedade portugueza Caixa de soccorros (Rio de Janeiro)	1	vol.
Sociedade de geographia de Lisboa	1	»
Dr. Alfredo Elviro dos Santos	16	»
Gerencia do Caminho de ferro de Guimarães	2	»
Padre F. J. Patricio	1	»
Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª	3	»
Bibliotheca municipal do Porto	1	»
Padre A. da Fonseca Mattos	1	»
Associação commercial de Lisboa	2	»
Antonio Joaquim Peixoto da Costa	4	»
F. de Paula Arnoia Basto	1	»
Escóla livre das Artes do desenho	1	»
José da Silva Vieira	8	»
Dr. Abilio Augusto Monteiro	2	»
Ignacio da Silva Guimarães (Rio de Janeiro)	28	»
D. Antonio da Costa	1	»

Além dos periodicos mencionados nos boletins anteriores, tem esta Sociedade recebido ultimamente mais os seguintes, que muito agradece: *O Sorvete, Revista da Maia, Gazeta Commercial, O Constituinte, O Imparcial de Coimbra, Revista Scientifica, Folha da Manhã, Industria é Invenciones* (Barcelona), *La Piqueta* (Madrid), *La Bordadora* (Idem), *La Ilustracion Nacional* (Idem), *Boletin-Revista de la Juventud Católica* (Valencia), *Jornal de Fafe, A Provincia, A Alvorada, Julio Diniz, Coimbra Medica, A Lyra, As Colonias Portuguezas.*

Para os museus da Sociedade receberam-se importantissimas offertas dos snrs. conde de Margaride, José Ribeiro Martins da Costa, dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves, Domingos José Ribeiro Guimarães, Dr. Antonio Augusto Soares de Sousa Cirne, Eugenio Vaz Vieira, Antonio Ferreira dos Santos e dr. José da Cunha Sampaio.

30 de junho de 1885.

O secretario,

ADOLPHO SALAZAR.

BALANCETES

Movimento da caixa em abril de 1885

ENTRADA

Saldo do mez anterior	355$020
Receita d'este mez	148$970
	503$990

SAHIDA

Despeza d'este mez	64$720
Saldo que passa para maio	439$270
	503$990

Em maio

ENTRADA

Saldo do mez anterior	439$270
Receita d'este mez	53$535
	492$805

SAHIDA

Despeza d'este mez	90$760
Saldo que passa para junho	402$045
	492$805

Em junho

ENTRADA

Saldo do mez anterior	402$045
Receita d'este mez	22$340
	424$385

SAHIDA

Despeza d'este mez	39$850
Saldo que passa para julho	384$535
	424$385

O thesoureiro,

EDUARDO ALMEIDA.

ANNUNCIOS

Revista de Guimarães, 1.º anno, 1884. 1 vol. in-8.º de VII-224 pag..... 800

Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães, promovida pela SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO. 1 vol. de 260 pag..... 300

Pelo correio..... 350

Pedidos a **Adolpho Salazar** — GUIMARÃES.

Esthetica naturalista. *Estudos criticos* por Julio Lourenço Pinto. 1 vol. luxuosamente impresso..... 700

O livro dos Verbos, para as escólas primarias... 80

O sonho de Camões, poema posthumo por Ernesto Pinto d'Almeida. 1 vol. nitidamante impresso..... 300

Trémulos, poesias de Alberto Corrêa. 1 vol., impressão de luxo com o retrato do auctor..... 500

Á venda na LIVRARIA PORTUENSE de **Lopes & C.ª**, successores de **Clavel & C.ª**, editores. Rua do Almada, 121 e 123 — **Porto.**

O Agricultor portuguez, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas; orgão do conselho de agricultura do districto do Porto e da commissão central anti-phylloxerica do norte. Por anno, franco de porte..... 3$000

Assigna-se na livraria de **Ernesto Chardron** — PORTO.

Elementos do Processo commercial, por João Antonio de Sousa..... 1$500

No estabelecimento **Silva Caldas,** — TOURAL — GUIMARÃES, e em todas as livrarias.

O Industrial portuguez, revista mensal illustrada, do Porto. Anno..... 1$300
Semestre..... 700
Provincias, anno..... 1$500
Semestre..... 800
Numero avulso..... 200

Industria é Invenciones, revista semanal illustrada de Barcelona. Director, D. Geronimo Bolibar, ingeniero industrial. Preços: Hespanha, anno..... 18 pesetas.
Semestre..... 10 »
Ultramar e estrangeiro, anno..... 25 »
Numero..... 1 peseta.

Revista scientifica, publicada pela sociedade *Atheneo do Porto*. Publicação quinzenal. Anno..... 2$500
Brazil, anno..... 7$000

Boletin-Revista de la Juventud Católica. Revista mensal de Valencia. Cada numero..... 1 real
Avulso..... 2 reales

Auroras da Instrucção pela iniciativa particular, por D. Antonio da Costa. 2.ª edição, augmentada. 1 vol. de 456 pag..... 1$000

O Instituto, revista litteraria e scientifica, de Coimbra. Preço, anno..... 1$500
Pelo correio..... 1$560
Numero avulso..... 160

Republicas, revista semanal, politica e litteraria, de Lisboa. 25 numeros..... 1$000
Numero avulso..... 50

REVISTA

DE

GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO

DA

SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO

Promotora da instrucção popular
no concelho de Guimarães

VOLUME II

N.º 4 — Outubro — 1885

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
1885

Summario d'este numero

I. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães; por *F. Martins Sarmento*.
II. Estudos d'economia rural do Minho; por *Alberto Sampaio*.
III. Dialectos interamnenses; por *J. Leite de Vasconcellos*.
IV. Apontamentos sobre a alimentação das especies pecuarias no Minho; por *J. Motta Prégo*.
V. Os nossos socios honorarios; por *Avelino da Silva Guimarães*.
VI. Boletim; pelo secretario *Adolpho Salazar*.
VII. Balancetes; pelo thesoureiro *Eduardo Almeida*.

A **Revista de Guimarães** publica-se em janeiro, abril, julho e outubro.

Cada volume, composto de quatro fasciculos, custa por assignatura 800 reis; cada numero avulso 300 reis. Os portes do correio são á custa da empresa. As assignaturas são pagas adiantadas.

Os artigos publicados n'esta Revista são, a todos os respeitos, da exclusiva responsabilidade dos seus auctores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Direcção da SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO, **Guimarães.**

ANNUNCIOS

Revista de Guimarães, 1.º anno, 1884. 1 vol. in-8.º de VII-224 pag..... 800
Idem, 2.º anno, 1885. 1 vol. in-8.º de 300 pag..... 800
Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães, promovida pela SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO. 1 vol. de 260 pag..... 300
Pelo correio..... 350

Pedidos a **Adolpho Salazar** — GUIMARÃES.

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES [1]

Começamos esta nova serie de apontamentos por algumas correcções e addições ás noticias, publicadas no vol. I d'esta Revista.

— Um exame mais minucioso da inscripção de Sobrado, mencionada a pag. 163, deixou-nos persuadidos de que era um S a terceira letra da ultima linha — letra que da primeira vez nos pareceu illegivel. Toda a linha se compõe então de consoantes, o que equivale a dizer que todas as letras eram siglas. Ora as siglas H. S. S. impõem-se de tal sorte como as tres primeiras iniciaes da formula corrente — *hoc sepulchrum sibi fecit,* ou *posuit* —, que se não resiste á suspeita da intervenção d'alguma diabrura, que transformasse a letra primitiva no C, cuja leitura démos como certa, e o é para todo o observador desprevenido. A transformação d'um P n'um C é quasi impossivel; a d'um F n'um C parece á primeira vista inacceitavel; deixa porém de o ser, mal se adverte que o C da inscripção de Sobrado é quasi metade mais pequeno que as letras que o precedem, e que, em vez de ser formado por uma curva uniforme, se diria formado por uma linha, quebrada duas vezes em angulos arredondados. Se se admitte agora que

---

[1] Cont. do n.º 4, vol. I.

a ultima sigla da inscripção era effectivamente um F, cujos dous travessões formavam com a haste vertical angulos arredondados e não angulos rectos (de que não faltam exemplos), basta sómente que o tempo comêsse a parte inferior da haste, do segundo travessão para baixo, como comeu quasi todo o segundo S, para que os traços que ficaram se possam assimilhar a um C. Se isto se deu, como hoje suppomos, a inscripção é funeraria e a ultima linha diz: H(oc) S(epulchrum) S(ibi) F(ecit) — (mandou construir em vida o seu jazigo).

— Na nota 5, onde um descuido de revisão deixou passar o barbarismo « *grato* uxore », deveramos mencionar a inscripção d'Aldão: — DEDICAVIT. T. FLAVIVS. ARCHELAVS. CLAVDIANVS | LEG. AVG. — que veio de Vizella, e temos esperanças de vêr cedo ou tarde no Museu da Sociedade.

— A supposição que aventamos ácerca da destruição do *Penedo das Pêgadinhas* em S. Paio de Vizella, confirma-se por uma noticia, recolhida pelo nosso amigo o Reitor de Mascotellos. As *pêgadinhas* existiram; o penedo foi quebrado, mas não impunemente, segundo a crença do povo, porque o destruidor d'aquella santa memoria soffreu depois desventuras estranhas, que foram interpretadas como punição manifesta do seu sacrilegio.

*

Enfias. Monte de Polvoreira. Polvoreira. — S. Miguel das Caldas, que vamos deixar por agora, péga pelo poente com a freguezia d'Enfias, cuja egreja fica no começo do estreito valle, que se estende para o norte por entre a vertente occidental do monte de S. Bento e a oriental do monte de Polvoreira. A egreja substituiria um templo de Diana, conforme uma noticia que o nosso amigo Diniz Santiago diz ter lido n'um documento, de que não póde recordar o titulo. A noticia só podia ter valor, se fosse inferida d'alguma lapide embutida nas paredes da egreja e contendo o nome d'aquella deusa. Que tal inscripção existisse e que desapparecesse nas successivas reconstrucções, por que tem passado a egreja, é bem possivel: — a primeira egreja de Enfias deve remontar a uma antiguidade respeitavel. Diz-se que, ao abrir os alicerces da tôrre, além de muitos fragmentos de telha com rebordo, foram desenterrados alguns fragmentos de marmore, infelizmente insignificantes. Telha com rebordo não falta pelo adro e arredores, e nas casas con-

visinhas, pelas paredes e sucalcos, ha pedra lavrada que se vê, sem segundo exame, ter pertencido a velhas construcções [1]. Como em muitas partes aconteceu, a problematica inscripção póde estar hoje nos alicerces ou no interior das paredes da egreja; mas da possibilidade á certeza a distancia é larga, e só a reapparição da lapide, se existiu, devida a um acaso, poderia dar á noticia a authenticidade, que lhe falta hoje por mais d'um lado.

Ninguem me soube dar novas d'um grupo de penedos, que pelas informações d'um rapaz de Vizella devia ser bem conhecido em Enfias. N'um dos penedos está *pintada* (gravada) uma «cêsta», talvez alguma cavidade, produzida pelos agentes atmosphericos. Pouco é isto, para que a celebridade do local se imponha a toda a freguezia; mas ha no meio dos penedos um boqueirão profundo, tão profundo, que ainda ninguem lhe chegou ao fim, e infestado por sêres sobrenaturaes, pois que em certas noites se veem alli «tres luzinhas».

As noticias do rapaz não eram improvisadas, nem localisadas erradamente em Enfias, porque me foram confirmadas mais tarde, bem que com algumas differenças. Certo é que as pessoas que interroguei na freguezia nada me souberam dizer sobre este ponto, nem sobre outros, que podiam interessar-me.

Para trilharmos um terreno de archeologia mais pura, temos de subir ao Lujó, que fica logo a poente da egreja d'Enfias. O Lujó é a parte austral do monte de Polvoreira, onde houve um Castro, ou cousa que o valha, mas na extremidade opposta ao Lujó, para o norte. Por ahi, tanto no cimo do monte, como pelas suas vertentes, sobretudo pela vertente oriental, fragmentos de telha romana, fragmentos de louça egual á da Citania, são extremamente vulgares á superficie da terra e nos campos da encosta o arado revolve muita vez identicas velharias, misturadas com carvão. Estes vestigios d'uma povoação, que não devera ser pequena, vão rareando, quando se marcha para o sul pela espinha do monte e cessam inteiramente, desde que se entra no Lujó propriamente dito.

No emtanto foi no Lujó que se refugiaram as tradições de Mouros, de que ninguem falla acolá. O fiador principal da existencia do mysterioso povo por este sitio é a «Furna dos Mou-

---

[1] N'uma d'estas pedras ha uma grosseira gravura, que faz lembrar outras da Citania.

ros», já hoje conhecida dos archeologos por um escripto do nosso amigo, o professor Pereira Caldas. Tem 4 palmos de largo, o dobro d'alto, uns 12 de extensão e está aberta no plano vertical d'um enorme penedo (que se diria cortado á serra d'alto a baixo [1]!) e para uma das suas extremidades. É facil porém de vêr que a mão do homem pouco tem a vêr com aquillo. Se compararmos a furna com uma porta, seremos bem entendidos, dizendo que a hombreira esquerda apresenta na parte superior uma larga fenda bruta, que a separa do corpo do penedo e é facil de conhecer então como a furna foi produzida. A mesma convulsão da natureza, que pôde desaggregar o que chamamos hombreira, reduziu a maiores ou menores estilhaços a parte da rocha, onde hoje vemos a porta, e o homem não fez mais do que extrahir os estilhaços, adaptando aquelle abrigo a um uso qualquer. Isto, já se vê, na hypothese de que a «Furna dos Mouros» tenha sido utilisada pelo homem. Para o acreditar, não temos outra garantia senão a lenda popular e não é ella das mais proprias a catechisar os incredulos. A Furna, diz a crença do povo, era a entrada para uma mina subterranea, que levava a um pequeno ribeiro do valle. Imagina-se que riquezas por alli haverá. Por isso os sonhadores de thesouros vêm periodicamente revolver a terra, que se tem accumulado no pavimento da furna. O alvião não deve tardar a encontrar rocha dura; mas os crendeiros nem assim perdem a illusão; levam apenas o desengano de que não tiveram a fortuna d'encontrar a communicação com o subterraneo, que lá está por baixo. A lenda de Lujó é evidentemente a falsa applicação da que vimos ser corrente nos Castros proximos d'um curso d'agua e ahi está principalmente porque dissemos que não podia inspirar grande confiança. Todavia crêmos devéras que não foi por uma invenção disparatada que se creou a tradição allusiva aos serviços que a Furna dos Mouros prestou ao homem. As tradições alteram-se com o tempo, por mais pura que seja a sua fonte. Se os factos que lhes deram origem não foram definidos, nem claramente explicados no principio, não é para admirar que a imaginação fique só em

---

[1] O mesmo se nota n'um penedo que lhe fica defronte e a muito pouca distancia, e ambos ajustariam perfeitamente, se fosse possivel juntal-os. São, em summa, duas metades d'um enorme penedo, separadas por uma violenta convulsão da natureza.

campo, sem responsabilidade pela violação da verdade que nem entreviu sequer. A Furna dos Mouros não podia ser outra cousa senão uma gruta funeraria, como a de Soalhães (Marco de Canavezes), a que nos referimos especialmente, por ser das pouco conhecidas, que até ha duas duzias de annos, se tanto, pôde guardar os seus segredos. Aqui a furna é tambem aberta n'um grande penedo, mas em sentido transversal e na base apparente d'elle, de modo que o pavimento da gruta fica nivelado com o sólo. Diversos objectos, collocados ao lado dos mortos, foram dispersados pelos ignaros descobridores, mas uma ultima exploração logrou recolher ainda algumas armas e utensilios de pedra polida, que se podem vêr no Museu da Sociedade. A bocca da furna era tapada com pequenas pedras, cuidadosamente ajustadas, para resguardar a sepultura de qualquer profanação.

Temos por certo que a Furna dos Mouros era uma sepultura da mesma especie e que ella forneceu tambem algumas antigualhas, cujo prestimo se não percebeu, deixando aos commentadores ampla liberdade para attribuir ao escondrijo a serventia, que melhor lhes pareceu. Entre os achados, haveria alguns objectos de pedra, como em Soalhães? Isso é bem possivel, senão provavel, e nós chamamos a attenção dos leitores que tomam a sério estas cousas para a comparação entre os objectos achados na gruta de Soalhães e outros recolhidos em antas e antellas [1]. Vêr-se-ha então se a sua perfeita identidade deixa pensar em civilisações differentes, em ritos funerarios diversos. Infere-se d'aqui que a diversidade de fórmas sepulchraes não é criterio seguro para estabelecer differenças de raças e de civilisações, quando á diversidade de fórma não correspondam differenças caracteristicas, que denunciem manifestamente outros usos, outras idéas. Se assim não fosse — e é este o alvo, a que mira a nossa observação — se por exemplo as grutas funerarias que estudamos [2], e as antas e antellas pertencessem a povos e civilisações differen-

---

[1] No Museu da Sociedade ha objectos achados em differentes antas e antellas. Em logar mais opportuno descreveremos estes monumentos.

[2] Referimo-nos unicamente ás grutas em que apparecem objectos de pedra polida, etc. e não ás que podem pertencer á edade paleolithica, das quaes, diga-se de passagem, não temos conhecimento no Minho.

tes, ninguem poderia explicar como pelas immediações dos Castros da esquerda do Ave as antas e sobretudo as antellas são vulgares, emquanto que para cá do Ave, d'ahi até o Vizella, ainda não pudemos encontrar nenhuma [1], bem que os Castros das duas zonas sejam em tudo perfeitamente eguaes.

Quanto mais avançarem as investigações archeologicas no nosso paiz, mais hão de multiplicar-se as fórmas sepulchraes, sendo de presumir que se releve tambem a contemporaneidade da cremação e do enterramento, que muitos pretendem resolver pela commoda theoria das raças, mas que provavelmente tem uma explicação muito outra! [2]

A Furna dos Mouros não era o unico monumento funerario do Lujó. Ainda o anno passado encontrei alli, encarniçados na destruição d'um penedo, dous montantes, que me disseram ter encontrado por baixo da aba d'elle um pouco de carvão coberto por uma lousa de granito. Um grande lascão que o primeiro tiro arrancou do penedo tinha tombado sobre a sepultura, destruindo tudo. Quantas d'estas modestas memorias terão sido aniquiladas, e quantas existirão ainda! Se tal conjectura se confirmasse, seria licito concluir que Lujó foi escolhido para cemiterio da povoação que habitava na outra extremidade do monte e ficaria bem provado, para outros, que não para nós que temos estas provas por superfluas, que não era no interior das povoações que os nossos passados sepultavam os seus mortos.

Uma outra curiosidade do monte de Lujó, mencionada pelo snr. Pereira Caldas, era uma pedra « vacillante ». Foi destruida, como talvez o seja a Furna dentro de poucos annos. Era a unica do nosso concelho. Pelo menos não conheço, nem ouvi nunca fallar d'outra. Os montantes, a que me referi atraz, tambem a conheciam, mas já por tradição, não podendo por isso dar-me noticias exactas sobre a sua configuração.

O epitheto d'oscillante ou balouçante pinta d'um traço o que possa ser a curiosidade, que nos occupa, mórmente se se

---

[1] O que não prova que as não haja e muito menos que as não tenha havido. O arroteamento dos bravios tem aniquilado muita velharia e para descobrir outras, ás vezes bem á vista, é preciso vistoriar o concelho quasi palmo por palmo, porque ninguem dá conta d'ellas.

[2] Entre os romanos os dous ritos coexistiam, e na Colchida — diz Apollonio de Rhodes — só as mulheres eram queimadas, etc.

accrescenta que basta ás vezes a mão d'uma criança para imprimir á pedra um movimento de vai-vem. Força é pois que a pedra assente sobre outra e esteja equilibrada sobre um ponto d'apoio muito reduzido, para que lhe fique livre a oscillação ou balouço, de que tira o nome. Não tem faltado quem veja n'ellas a mão do homem e até quem as classifique entre os *monumentos celticos*. Para nós ellas não são mais que um *ludus naturæ*. Algumas ha de taes dimensões, tal peso, e em tal posição, que só acreditando em bruxas se póde acreditar que o homem se lembrasse mesmo de mover aquellas massas e de as montar sobre empinados fragões, aonde se não imagina como pudessem ser levadas. Não se imagina; mas ahi está a admiração e a prova de quanto valia o homem que deixou de si tão grandiosas memorias. Sim; o que provam porém as pequenas pedras oscillantes que uma duzia d'homens podia equilibrar facilmente sobre o penedo de quatro palmos d'altura, em que as vemos? [1]

A mais curiosa que temos examinado e de que vamos fallar, por nos parecer que a explicação natural do phenomeno não póde estar mais á vista, encontra-se nas freguezias de S. João da Folhada (Marco de Canavezes). Tem a fórma do casco d'um grande barco sem quilha, e assenta n'uma larga lage plana. Basta olhar para um monstruoso penedo arredondado que lhe fica á beira, para concluir sem a menor hesitação possivel que a nossa pedra oscillante é uma porção do penedo que se despegou lá do alto. Acertando em tombar sobre a lage plana com a parte concava para baixo equilibrou-se alli naturalmente, forçadamente, como na mesma posição se equilibra metade d'um globo sobre uma superficie horisontal qualquer. É de vêr que se a superficie do meio globo e a da base, em que se apoia, são perfeitamente planas, o que admirará é que o semi-globo não oscille, desde que se lhe imprima um movimento de vai-vem. O penedo oscillante da Folhada reune estas condições, mas sómente n'uma dada linha. Quem ignorar este segredo e pretender mover a grande mole em qualquer direcção, que não seja a exigida por aquella linha, póde chamar em seu auxilio um exercito, que perde inteiramente o seu tempo. O movimento das pedras oscillantes, seja

[1] Uma das duas, que existem não longe da Citania de S. Fins de Ferreira, está n'este caso.

qual fôr a sua configuração, explica-se sempre tão naturalmente, que mal se percebe como tenham sido imaginadas obras d'arte, quando é visivel em face de muitas d'ellas, que só os Titans da fabula poderiam ser authores de taes obras.

Se estes phenomenos naturaes impressionaram os antigos e deram motivo a varias superstições, é outra questão, que mesmo no nosso paiz está resolvida affirmativamente com factos positivos, segundo temos lido. Ás pedras oscillantes que tenho examinado não vi ligar a menor tradição. Isto admira pouco, visto que taes superstições deviam ser combatidas pelo christianismo triumphante.

Já dissemos que na extremidade opposta ao Lujó se encontram vestigios d'uma velha povoação, a que não demos francamente o nome de Castro, por não termos ahi descoberto signaes d'obras defensivas que os caracterisavam. O escrupulo talvez seja exagerado, porque em alguns sitios, sobretudo na Bouça da Quinta, onde telha romana e fragmentos de vasilhas não faltam, ha accidentes de terreno, que nada teem de naturaes. Não admira tambem que toda a pedra das muralhas e demais construcções fosse varrida, porque é esse o caso mais vulgar nos Castros d'um accesso facil, como era este. Os seus antigos moradores dispersaram-se decerto pela encosta e pelos valles proximos; mas muitos dos seus representantes actuaes teem de vir ao alto do monte cumprir os seus deveres religiosos, porque a egreja parochial da Polvoreira assenta quasi no cimo do monte e póde bem dizer-se n'um ermo. Se d'aqui se contasse noticia identica á do templo pagão d'Enfias, teriamos de rejeital-a sem provas claras, mas sempre accrescentariamos que a sua posição era um indicio que valia por uma prova. Não existe tal noticia, nem através das reedificações da egreja de Polvoreira escapou cousa alguma, que denuncie a grande antiguidade que decerto tem.

*

S. Cypriano de Taboadello. — Fronteira ao provavel Castro de Polvoreira está a egreja de Taboadello, n'um taboleiro da vertente occidental do S. Bento, talvez a meia costa d'este monte. Ahi fica tambem a illustre casa da Lama, possuida hoje pelo nosso amigo Diniz Santiago, que parece ter herdado o

amor das cousas antigas [1], e nos seus proprios terrenos encontra materia para investigações e estudo. É assim que no Campo das Penhas, proximo d'um pequeno penedo, onde estão insculpidos dous traços cruzados [2], uma excavação poz a descoberto os alicerces d'uma construcção mal definida, no recinto da qual foram achados muitos fragmentos de telha romana, de louça antiga e uma mó de moinho. De resto nenhuma indicação que promettesse remunerar o trabalho d'uma investigação, que podia ter ou não uma larga área. Por emquanto é impossivel decidir-se se houve por alli uma povoação, se apenas alguma edificação isolada. No primeiro caso, a proximidade d'um outeiro defensavel, e com signaes de haver sido habitado, não devia faltar, segundo a regra geral; estamos porém na vertente do monte de S. Bento e é quasi escusado procurar o que desejamos. Sobranceiro ao Campo das Penhas ha, é verdade, um pequeno morro, que resalta da encosta; mas, não obstante a Lage dos Mouros que ahi se encontra, nem ella, nem as suas immediações fornecem o menor indicio de que o homem demorasse por alli. É todavia singular que a pouca distancia do morro e na dobra que faz a encosta para o formar, exista uma povoação, composta d'uma duzia de casas-cabanas (o Pinheiro), cuja vista produz a mesma impressão que a do encontro d'uma caravana n'uma solidão, onde ninguem a esperava. Se se subisse mais para a esquerda, ganhava-se um outeiro, já quasi no espinhaço da cordilheira de S. Bento. O outeiro tem o nome de S. Simão e haveria alli uma capella d'este santo. O que não ha porém é indicio algum de habitações.

Em breves palavras, do Pinheiro á egreja do Taboadello, encontram-se fragmentos de antigas civilisações, mas tão dispersos e desconnexos para quem queira descobrir a séde da povoação que as sustentou, que o investigador chega a impacientar-se. Além das ruinas do Campo das Penhas, temos a origem mysteriosa de pedras esquadriadas, que em quantidade entram na formação d'uma extensa parede, sem que fossem apparelhadas para tal obra, nem se saiba d'onde viessem; —

---

[1] Um tio d'este cavalheiro, um erudito que se correspondia com João Pedro Ribeiro, S. Luiz, etc., deixou manuscriptos de valia sobre algumas das nossas antiguidades.

[2] Signaes identicos são para alguns crendeiros indicio infallivel de proximidade de thesouros. O archeologo não os póde desprezar.

temos a descoberta d'uma pia de pedra, cheia de cinza e carvão, uma urna funeraria, parece; — algumas grandes pedras faceadas, desenterradas onde menos se podia contar com ellas; — uma sepultura aberta em rocha, etc.; tudo isto porém solto e incoherente, como paginas de differentes livros espalhadas pelo vento.

O ultimo monumento nomeado dá-nos margem a uma das digressões, a que nos habituamos, e que justificamos no principio d'este escripto. A data das sepulturas abertas em rocha é ainda tão incerta, que alguns archeologos a fazem remontar á época anterior ao conhecimento e uso dos metaes, á edade chamada por isso da pedra. Os partidarios d'esta opinião não reparam decerto que difficilmente poderia passar pela cabeça do homem, que só podia manejar instrumentos de pedra, a lembrança d'escavar na rocha viva uma cavidade, capaz de esconder um cadaver, porque a fórma das sepulturas, que nos importa conhecer, mostra que era um cadaver, e não as cinzas d'elle, que se queria depositar alli.

Um ponto bem estabelecido é que ellas estiveram em uso entre nós depois da dominação romana. Conhecemos uma no Freixo (Marco de Canavezes), que o prova sobejamente, e motiva observações pouco favoraveis á grande antiguidade d'esta especie de monumentos. A actual povoação do Freixo vive ainda no recinto d'um antigo Castro. Ora diga-se o que se disser, ninguem será capaz de demonstrar nunca que os habitantes dos Castros faziam os cemiterios no centro da povoação [1]. A campa do Freixo está exactamente no centro da antiga povoação. Por outro lado não faltam sepulturas no centro dos Castros, mas evidentemente da época christã e accusando não menos evidentemente a influencia da idéa que movia os fieis a aproximar os seus mortos dos logares sagrados. É assim que na Citania se vêem as ruinas da antiga capella de S. Romão no meio de numerosas sepulturas christãs. No Alto do Louredo, um pequeno Castro do concelho d'Amarante, a vista de varias sepulturas obrigou-me a concluir que na corôa do outeiro houve em tempos uma capella, ou ermida, e a minha

---

[1] Não dizemos dentro das muralhas, quando os Castros tem mais d'uma ordem de muralhas. Fóra da muralha que cercava a povoação propriamente dita, se ahi faltam habitações, é bem provavel que algumas memorias sepulchraes possam ser achadas. Veremos isso em outro logar.

supposição foi em seguida confirmada por mais d'uma pessoa na povoação proxima. As campas do Louredo teem capital importancia para o nosso caso, porque, supposto não sejam abertas em rocha, mas em saibro, são de fórma exactamente semelhante á do Freixo, que reproduz o typo quasi invariavel das nossas sepulturas [1].

Não duvidamos pois affirmar, sobretudo vendo-a perto de um logar sagrado, que a campa do Freixo não só pertence á época christã, mas que serviu de jazigo a um christão.

N'este mesmo caso está certamente uma campa em rocha de Moreira de Conegos, no logar onde existiu outr'ora a egreja de S. Gião. Não é para desprezar a observação de que os antigos sarcophagos, chamados carneiros, conservam a fórma das campas que estamos estudando.

Em conclusão, não vemos que as sepulturas em rocha appareçam entre nós antes da dominação romana e o que vemos é que ellas são usadas pelos christãos. E, como denunciam sem contestação possivel o rito do enterramento, que o christianismo preferiu e vulgarisou e que certamente não achou muito em moda, quando se introduziu entre nós, não estamos longe de crêr que a sua origem não passa além da religião nova.

*

S. Thomé e S. Christovão d'Abbação. — Foi na casa da Lama que vi alguns objectos antigos, encontrados nas duas Abbações, antes de visitar estas freguezias.

Salto pois de Taboadello para S. Thomé e, se nada digo da freguezia de Penteeiros, que se interpõe áquellas, é que ahi nada conheço digno de nota.

As antiguidades achadas em S. Thomé são dous capiteis de columna de tamanho desegual, accusando já a influencia da civilisação romana e um arco inteiriço de pedra, similhando o remate d'um nicho e pertencendo a um monumento funerario, como se vê por uma inscripção mutilada que tem ao la-

---

[1] A sua particularidade mais caracteristica consiste em que a cavidade, sobretudo do lado em que entrava a cabeça, segue os contornos do corpo humano.

do — .VLPIC.. .BI. PO.., mas cuja restituição nos parece ser no essencial — SULPICIVS SIBI POSVIT.

Inscripção e capiteis foram achados no Campo do Cruito [1], um pouco a sul da egreja e contiguo a um teso bastante elevado, chamado *Os Penedos Altos,* onde nada ha que vêr. O campo fórma uma especie de patamar na raiz do teso, que lhe fica pouco mais ou menos a poente, e pega pelo nascente com a orla da encosta que desce despenhadamente para os lados do Pombeiro. Por esta parte nada mais facil de fortificar e defender, mas por todas as outras a defeza era tão difficil e trabalhosa, que ninguem pensaria em escolher aquelle local para uma cidadella. O certo é que na época romana houve alli uma povoação, cuja importancia só uma exploração methodica poderia revelar. Já no Cruito e arredores a telha romana [2] apparece em abundancia á flôr do chão; uma pequena escavação feita no campo mostrou que havia a remover carros d'ella e de rêbos, que decerto formavam paredes, para pôr a descoberto os alicerces d'algumas edificações, que alli existem, a julgar pela experiencia, que se fez n'aquelle dia. Uma exploração completa não póde ser facilmente orçada, porque ninguem sabe determinar a área, que ella abrangerá, quer para o sul, quer para o norte.

A tradição de que os dous capiteis assentavam nos respectivos fustes, quando foram descobertos, e que estes ainda deviam existir na sua posição primitiva, como succederia a uma construcção que um cataclysmo soterrasse, sem a destruir, animaria qualquer a uma exploração parcial, mas ninguem jurará a authenticidade da noticia e o peor é que ninguem sabe indicar o sitio do campo, onde ficava o problematico ediculo, se o era.

No mesmo taboleiro, que do Cruito se estende para norte, já dentro dos limites da freguezia de S. Christovão, foi descoberta, não ha muitos annos, uma sepultura de tijolo, contendo ainda um esqueleto quasi perfeito, quando se arroteava uma courella do monte da Fornalha, no sitio da Alegria. A sepultura estava escondida n'uma terra saibrenta e á profun-

---

[1] Estas antiguidades foram offerecidas ao Museu da Sociedade pelo snr. Diniz Santiago.

[2] Escusado é dizer que a telha romana, ou telha com rebordo, como escrevemos n'outras partes, apparece sempre em pedaços.

didade de nove palmos, segundo um informador, que diz tel-a visto na occasião do achado.

Por fortuna, d'esta vez houve uma excepção na furia demolidora que costuma apoderar-se dos descobridores ignorantes, e o snr. Diniz Santiago pôde adquirir sepultura e esqueleto [1], pouco mais ou menos no estado em que foram encontrados. Ninguem sabe dizer se ao lado do defunto appareceram alguns objectos e quaes.

Sepulturas d'esta especie não devem ser raras entre nós, porque muitas vezes tenho ouvido fallar da descoberta de *canos de tijolo,* que, já se vê, são logo destruidos, e, se se abstrae dos dous tijolos que fecham as extremidades da campa, entre um cano e uma sepultura coberta com as respectivas tampas de pedra, não deve haver grande differença para um observador superficial, sobretudo quando a propria ossada do morto foi consumida, como é vulgar.

No monte de Salto (c. de Santo Thyrso) houve um grupo de sepulturas eguaes ás da Fornalha, tapadas com lousas de schisto, cuidadosamente faceadas. Que ellas são posteriores á dominação romana, basta olhar para os materiaes de que são feitas; e, como aqui o uso do enterramento é ainda mais manifesto, que nas campas em rocha, não hesitamos em applicar-lhes parte das observações que estas ultimas nos suscitaram.

Resulta d'aqui que já para áquem do periodo christão admittimos mais d'uma fórma sepulchal. Certamente; e temos de admittir outras mais — o que prova que não é só nos tempos chamados pre-historicos que não ha uniformidade n'este particular. As campas de Louredo, supposto conservem a fórma das campas em rocha, são abertas em terra, sem caixa de pedra, nem de tijolo. No logar de S. Martinho (S. Claudio do Barco) exploramos uma, que em seguida soterramos de novo, feita de tijolo (o fundo) e de pedra (lados). As da Citania teem por fundo o pavimento de uma antiga praça ladrilhada e a caixa é composta de pequenas pedras, etc. Isto não quer dizer que pela sua fórma e pelos seus materiaes a sepultura christã não possa ser classificada chronologicamente; quer

---

[1] A sepultura está hoje no Museu por generosidade do snr. Santiago. O esqueleto foi cedido ao fallecido marquez de Sousa e Holstein. Deve estar em Lisboa, mas ignora-se precisamente onde.

simplesmente dizer que é escusado procurar n'ellas um typo uniforme, mesmo dentro d'um periodo muito limitado, porque nada prova, antes pelo contrario, que em todos elles não coexistiram typos differentes. Se insistimos n'este ponto, é principalmente em attenção ás objecções, que póde motivar a variedade de fórmas sepulchraes nos tempos pre-romanos.

Deram-me a entender na Fornalha que a sepultura da Alegria não é a unica que se tem encontrado por aquelles sitios. Se tivessemos de determinar a que communidade pertenceram em vida os occupantes d'estes jazigos, indicariamos sem grandes hesitações a povoação do Cruito. A distancia, como fica dito, é curta e duas povoações em tão estreita área cabiam tão pouco á vontade, como as duas freguezias que ahi se acotovelam hoje. A existencia d'estas ultimas é uma objecção, mas falta-lhe a contraprova, que só poderia inferir-se das ruinas de qualquer outro povo — ruinas de que ninguem dá informação. A exploração completa do terreno archeologico das duas Abbações seria pois de subido valor, porque é de crêr que derramasse uma viva luz sobre a transição do periodo pagão para o christão. Segundo um informador da localidade, o nome de Fornalha vem do facto d'haverem sido queimados por aquelle sitio alguns dos primeiros christãos. Como tradição genuina, nada mais interessante; estamos porém sem duvida, em face d'uma d'essas etymologias populares, sobre as quaes não poucas tradições absurdas teem sido architectadas.

(Continúa).

Guimarães — Outubro de 1885.

F. Martins Sarmento.

ESTUDOS D'ECONOMIA RURAL DO MINHO

A terra, o clima, os homens e a administração publica

A structura geologica da provincia, que antigamente se chamava d'Entre-Douro-e-Minho, póde designar-se como granitica e schistosa, apenas com umas pequenas manchas de terrenos terciarios nos districtos do Porto e Vianna. Em regra geral os granitos occupam a maior extensão, formando quasi todo o centro, com algumas fachas schistosas mais ou menos largas a poente e norte, e a léste no valle do Tamega. Além d'estas, encontram-se quasi por toda a parte fitas estreitas ou manchas pouco extensas d'esta ultima formação atravessando ou misturando-se com os granitos. É assim que, segundo o quadro formulado por Sr. B. de Barros Gomes [1], dos quarenta e um concelhos que formam a zona «d'Além-Douro litoral», que comprehende a região de que nos occupamos, sómente onze são considerados unicamente graniticos, tendo mais ou menos rochas schistosas os trinta restantes; e todavia talvez uma exploração minuciosa, como era de desejar, reduzisse ainda este numero. Em todo o caso a maior extensão granitica é formada pelos concelhos de Guimaraens, Fafe, Vieira, Povoa de Lanhoso, Amares e Terras de Bouro (districto de Braga), Ponte da Barca, Arcos e Melgaço (districto de Vianna): no do Porto

---

[1] *Cartas elementares de Portugal.*

apenas dous e discontinuos, a séde e Marco de Canavezes; e só de schisto, apenas o de Vallongo: em todos os outros as duas rochas misturam-se mais ou menos.

Esta rapida descripção não diz tudo; a constituição geognostica da provincia não é tão facil como parece á primeira vista; apesar de faltar um estudo detalhado, que comprehenda toda a região por bandas determinadas precisamente, extractaremos comtudo do relatorio [1], apresentado em 11 de outubro de 1867, pelo fallecido Sr. J. B. d'Azevedo Schiappa, o que nos diz respeito. Este relatorio, contendo apenas um reconhecimento feito por aquelle sabio engenheiro, mostra desde logo de como a falta d'uma exploração minuciosa deixa uma grave lacuna na apreciação da structura e composição dos terrenos.

A erupção das rochas graniticas através dos schistos não aconteceu d'uma só vez em toda a superficie; os granitos romperam em diversos periodos, e esta erupção em épocas differentes concorrendo para complicar a orographia e hydrographia da provincia complicou tambem a structura das rochas. As que pertencem a este ou áquelle periodo apresentam differenças muito importantes. No seu reconhecimento, Sr. Schiappa notou immediatamente quatro especies principaes de granito:

« 1.ª O *granito commum de duas micas, quartzo branco translucido* e *feldspatho orthose,* é representado ao poente por uma zona estreita (média de sete kilometros) que atravessa o Douro por um lado e pelo outro se prolonga na direcção de NNO. até se esconder no mar. A erupção d'este granito é devido á ruptura e levantamento das rochas schistosas que têm sido reportadas ao periodo siluriano. Estas ultimas se apoiam sobre os flancos do dorso granitico.

« 2.ª O *granito porphyroide* só com *mica negra, quartzo cinzento, semi-translucido* contendo geralmente *dous feldspathos* e accidentalmente crystaes de *talco branco* brilhante, é caracterisado pelos grandes crystaes prismaticos (por vezes tendo mais de $0^m,1$ de comprimento) de *orthose,* cuja alvura se destaca do fundo cinzento ou cinzento azulado da pasta que o envolve. Este granito predomina na provincia do Minho e occupa a parte central do norte a sul prolongando-se áquem

---

[1] *Diario do Governo* de 31 de outubro de 1867.

do Douro e além do Minho... O granito porphyroide propriamente caracterisa-se pela structura orbicular e pela facilidade de desaggregação na sua superficie. Assim como diminue a compacidade do centro ou nucleo para o exterior, se altera tambem a côr normal cinzenta ou azulada que vai gradualmente embranquecendo nas diversas capas concentricas que se tornam apparentes por effeito da mesma desaggregação até se converterem n'um *verdadeiro saibro branco.* Esta rocha abrange sessenta kilometros aproximadamente em largura, tomada por um parallelo que passe alguns kilometros ao nascente de Braga; essa largura diminue consideravelmente para o norte, porque só entre Monsão e Valladares é que passa a zona de granito porphyroide tendo de ambos os lados rochas de origem differente.

«3.ª Uma terceira especie de granito, tendo exclusivamente *mica branca, féldspatho albite* e *quartzo vitreo,* contém um elemento caracteristico, ainda que em pequena proporção, a *amphibole.* Menos commum que os precedentes, fórma esta rocha uma facha estreita (cinco kilometros) ao nascente do Porto intercalando-se entre outras duas fachas, uma estreita ao poente, composta de schistos crystallinos e outra ao nascente comprehendendo micaschistos e gneiss que por transição gradual vão passando ao schisto argilloso, grauwake e ardosia. Encontra-se tambem esta rocha a NNO. de Barcellos...

«4.ª Finalmente uma rocha de grãos muito finos constitue um quarto membro d'esta serie eruptiva. Observa-se em varios pontos, por exemplo nas immediações de Villa Pouca de Aguiar, ao norte de Guimarães, entre a Povoa de Lanhoso e S. Torquato e mais alguns pontos. Mostra-se esta rocha menos crystallina que as suas congeneres...

«Comparando agora estas rochas entre si, permitte a observação estabelecer que não existe n'estas regiões o granito primitivo. O granito commum de duas micas, sublevando a rocha do periodo siluriano, é posterior á deposição d'esta. Os fragmentos d'este granito entrando na composição dos conglomerados, que formam a base da bacia carbonifera discordante com o terreno siluriano, como se vê, além d'outros pontos ao norte do valle de Deão, proximo a Vallongo, fazem reconhecer este granito como anterior ao periodo carbonifero; por outro lado os grandes movimentos que dobraram e ondularam esta ultima formação, em consequencia da erupção do granito porphyroide, tornam evidente que este ultimo granito é pos-

terior á formação das camadas carboniferas do periodo da hulha.

« O granito amphibolico rompe o porphyroide em varios pontos, d'onde se deduz a prioridade do ultimo em relação ao primeiro.

« Finalmente o granito fino, o ultimo que enumerei, penetra ora o granito porphyroide ora o de duas micas. Sendo portanto posterior a ambos, restaria indagar a sua idade com relação ao amphibolico...

« Para completar a serie de rochas eruptivas, mencionarei ainda no Minho o porphydo dioritico que rompe em alguns pontos as camadas carboniferas de S. Pedro da Cova...

« O quartzo eruptivo que merece ser distinctamente considerado, como tal, conheço-o em dous pontos...

« O segundo ponto onde o quartzo revela o mesmo modo de formação é o monte da Santa... (Vizella). O quartzo rompeu através um retalho de micacite e gneiss intercalado no granito porphyroide...

« As rochas metamorphicas representam um papel importante, como seria facil de prevêr pela descripção que precede, na constituição geologica das duas provincias. As diversas condições que acompanharam a sahida das rochas eruptivas determinaram nas rochas preexistentes varios modos de alteração que dependiam simultaneamente da natureza d'estas. No contacto do granito do Porto com os schistos, estes umas vezes recebem os elementos da rocha plutonica, convertendo-se em gneiss e micacite, passando por transições suaves ao schisto micaceo e argilloso; outra vez a rocha schistosa no contacto está penetrada de estaurotides, como na serra de Santa Justa em Vallongo... O metamorphismo das rochas sedimentares traduz-se ainda no aspecto que estas rochas apresentam na sua juncção com a rocha ignea, transformando-se em uma argilla amarella, outras vezes variegada, devendo geralmente as suas côres ao ferro em diversos graus de oxygenação. N'este ultimo caso quasi sempre se tem desvanecido os traços da stratificação.

« Por effeito da acção metarmophica possantes camadas de grés siluriano foram convertidas em quartzites, que afloram nas cristas das serras, como tendo resistido pela sua maior dureza á acção dos agentes exteriores. As serras que se levantam sobranceiras a Melres para o S. do Douro offerecem um bello exemplar d'este grupo de rochas. »

Este simples reconhecimento mostra desde logo como o es-

tudo geologico da região é mais complicado do que parece á primeira vista, notando-se que Sr. Schiappa não estava encarregado d'este trabalho; na occasião em que veio ao norte colher amostras d'aguas mineraes, foi no seu percurso notando os differentes accidentes geognosicos que de passagem póde observar.

E todavia é do exame minucioso das rochas e da sua composição mineralogica que se póde avaliar da fertilidade dos terrenos e da sua aptidão cultural; addicionando-lhe o estudo da meteorologia local e portanto das suas condições climatericas, só então possuiremos o conhecimento dos agentes naturaes, á acção dos quaes fatalmente sujeita opéra a industria agricola. A ignorancia d'estes dados fundamentaes não póde ser substituida senão por experiencias e ensaios que levaram seculos, em que se gastaram gerações, soffrendo contrariedades infinitas até emfim se estabelecer empiricamente o systema cultural adaptado á região. Mas a inspiração genial que era tudo nos tempos antigos, quando a especie humana procurava entre as sombras que a cercavam a vereda que a conduzisse a realisar o ideal que trazia comsigo, essa inspiração desappareceu desde que se começaram a ordenar as observações e a formular as sciencias que constituem hoje a sua gloria. Os povos, que ficaram no estado antigo, decahiram ou depereceram; os outros que souberam substituir por um estudo scientifico a inspiração dos primeiros tempos tornaram-se fortes e preponderantes.

É pois da maior gravidade a falta do mapa geologico, organisado especialmente sob o ponto de vista agronomico e n'uma escala sufficientemente desenvolvida que mostre com precisão todas as formações e a composição mineralogica das suas rochas; sem elle não conhecem os cultivadores os principios contidos nos terrenos onde se exerce a sua industria, nem os correctivos de que precisam para esta ou aquella cultura. Não basta dizer «granitos e schistos»; cada uma d'estas especies contém uma grande variedade de composição, como se acaba de vêr, que pelo seu desaggregamento podem dar origem a terras de qualidades muito diversas, muito ferteis ou muito estereis.

Era comtudo possivel organisar-se o mapa geologico-agronomico do paiz sem novas despezas para o Estado, uma vez que o governo organisasse em todos os districtos «Postos agronomicos» (Stations agronomiques) com o pessoal que hoje emprega, sem resultado sensivel para a producção agricola, na

agronomia districtal. Cada um d'elles seria primeiramente incumbido de estudar as differentes formações na sua circumscripção, e analysar os respectivos terrenos: as cartas districtaes reunidas dariam a carta geral do paiz. Em poucos annos estaria o trabalho completo, por isso que se fazia simultaneamente em muitos pontos. Em seguida seriam encarregados do estudo da meteorologia local, e assim conhecidos os elementos essenciaes, cada um saberia de que recursos poderia dispôr, e seria então possivel dividir precisamente o paiz em zonas agricolas. Mais tarde os mesmos postos investigariam os factos de maior importancia local.

Mas no estado actual teremos de nos contentar com indicações vagas. Seguindo a exposição de Sr. Schiappa, os quadros de Sr. B. de Barros Gomes e a carta geologica de Sr. Pery, poderemos fazer uma idéa geral da structura geologica do Minho. A SO. encontra-se uma estreita facha de nove kilometros de largo, que vem desde a Povoa de Varzim encostada ao mar até ao Porto, de granito de *duas micas* e *feldspatho orthose*. Segue-se-lhe outra de schistos silurianos que começa em Espozende, passa entre o Porto e Penafiel e prolonga-se álem Douro. Outra das mesmas rochas vem desde Monsão até Caminha, desenvolve-se na direcção de sul, terminando entre Barcellos e Braga: no centro da provincia estende-se uma longa e larga mancha de *granito porphyroide, quartzo cinzento, dous feldspathos, talco branco* e *crystaes d'orthose:* este terreno começa entre Monsão e Melgaço, desce na direcção de sul e prolonga-se além Douro: mas ao nascente do Porto apparece n'esta facha outra de granito de *mica branca, feldspatho, albite* e *amphibole* (em pequena proporção). Ao N. de Guimarães encontra-se uma extensão de granitos de grãos muito finos, mas Sr. Schiappa não indica a sua composição. Na Peneda e no Valle do Cavado (segundo Sr. Pery) apparece um granito de *grão fino* com *mica preta;* e no monte de Airó outro de *mica branca,* empregado nas construcções em Braga. Em alguns pontos o granito apresenta a passagem para as *pegmatites,* como se vê no Gerez, onde se encontra uma variedade com *feldspatho côr de rosa.* Perto de Vizella (Monte da Santa) topa-se o *quartzo eruptivo* entre retalhos de *micacite* e *gneiss.* A S. do Porto (Melres) os *quartzites* formados pelos grés silurianos. Em Vallongo os schistos argillosos, grauwakes, ardosias, etc. Emfim a N., Basto, os schistos intercalados com os granitos que irromperam e formaram o centro da provincia.

Uma exploração minuciosa dividiria e subdividiria todas

estas zonas em tantas quantas fossem as differenças de composição das rochas: o mapa organisado sobre um estudo assim detalhado mostraria a maior ou menor riqueza de cada fracção e as suas differentes aptidões, assim como os correctivos de que precisaria cada uma. Como pelo desaggregamento das rochas é que se formam os terrenos cultivados, este estudo torna-se por isso da maior importancia. Os agentes atmosphericos fendem e dividem as rochas e as aguas arrastam os fragmentos, cujas substancias, atacaveis pelo acido carbonico que vem dissolvido n'ellas, se decompõem e formam carbonatos e outros compostos que se misturam aos detritos terrosos que se vão assim depondo e dando origem aos sólos araveis. Quanto mais rica fôr a rocha n'estes ou n'aquelles principios que mais aproveitam ás plantas uteis, mais fertil será o terreno. Se n'ella dominar o *quartzo* o paiz terá apenas terrenos arenosos improprios para a vegetação, como acontece em muitas regiões: se dominarem outras substancias poderá dar origem ás terras de maior fertilidade, ou medianamente ferteis, o que tudo depende da composição da rocha.

Os terrenos graniticos têm sempre uma parte d'areias, mais ou menos grossas, formadas pelos fragmentos de *quartzo* e *mica* que se não reduziu a poeira fina. Estas areias são envolvidas por uma maior ou menor quantidade de argilla (silicato d'alumina hydratada) resultante da decomposição da *mica* e *feldspatho:* e este corpo pelas suas bases secundarias *orthose, albite, oligoclase, amphibole, anorthose,* etc. produzirá os differentes carbonatos e bicarbonatos: além d'estas substancias encontram-se ainda em quasi todos os granitos em inclusão os sulfuretos, que, decompondo-se, produzem os sulfatos, a magnesia, o ferro, a apathite e o phosphato de cal. No ponto de vista agronomico a substancia mais digna de attenção é o *feldspatho,* que pelas suas bases secundarias, e segundo o estado em que se encontram, têm uma acção decisiva na composição do sólo e portanto na maior ou menor fertilidade inicial.

Mas a feição caracteristica das terras d'esta proveniencia é a pobreza ou a pequena dosagem de principios calcareos em estado de poderem ser assimilados pelas plantas; uma grande quantidade de vegetaes não prosperam sem elles, de modo a pagar o trabalho do cultivador; a sua flora natural fica limitada ao numero das especies que vegetam com pouca ou sem cal: a ossatura dos animaes resente-se nos paizes graniticos da mesma falta. Todavia ha muitos terrenos d'esta variedade, on-

de se encontra em tal quantidade que dispensa qualquer correctivo calcareo [1] e em outros apparece a sufficiente dosagem para sustentar a vegetação que o requer: quando o *feldspatho* tem por base a *orthose,* o terreno póde conter 1 a 2 % de cal no estado de carbonato, e se a oligoclase dará 4 a 5 % da mesma substancia e no mesmo estado. (Sr. Senft, cit. por Risler).

A falta de analyses, que comprehendam todas as formações geologicas, deixa uma tal lacuna que nos impede de conhecer d'uma maneira precisa a verdadeira fertilidade e aptidão cultural de cada sub-zona provincial. Mas se attendermos que muitas plantas, exigentes de principios calcareos se cultivam sem correctivos d'esta substancia com sufficiente vantagem, assim como o grande desenvolvimento de muitos animaes, como acontece com os bois de Barroso, onde nunca attingem as proporções que tomam quando creados na provincia, devemos suppôr que os terrenos graniticos do Minho contêm mais ou menos aquelle principio. Não quer isto dizer que as terras dispensem os adubos calcareos; pelo contrario, estes têm uma grande acção, quando são applicados, o que é raro. A observação presente teve simplesmente em vista fazer suppôr á falta d'um estudo directo a existencia d'aquelle principio.

Os agentes atmosphericos operando pois sobre as rochas desaggregaram principalmente as suas camadas exteriores, que apresentavam uma structura menos resistente. A penedia primitiva cobriu-se assim d'uma camada por vezes de muitos metros de profundidade d'um *tuf,* mais ou menos duro, chamado aqui vulgarmente «salon», formado de fragmentos de quartzo, de palhetas de mica e argilla: quando estas duas substancias dominam, então a camada toma o nome de saibro. As rochas cobriram-se d'uma camada terrosa e tomaram as fórmas arredondadas actuaes; apenas se os picos ou os mamelons proeminentes ou em outro sitio mais elevado em relação aos circumvisinhos, as aguas, levando as materias resultantes do desaggregamento, deixaram assim os nucleos mais duros, que têm resistido ás causas de deterioração. São estes nucleos, quer aflorem quer estejam enterrados na massa do *tuf,* que produzem hoje as pedras de construcção. O paiz veio d'esta

---

[1] Eug. Risler, *Geol. agric.*

maneira a tomar na sua generalidade a fórma de collinas ou montes arredondados, fórma caracteristica das formações graniticas.

A pouca inclinação e grande desenvolvimento das ladeiras interfluviaes permittiram portanto a deposição de terrenos cultivaveis por toda a extensão, intercalados com outros incapazes de qualquer amanho. Estes, os mais escarpados ou os que receberam menos principios fertilisantes, foram todavia ainda aproveitados pelo instincto da raça colonisadora na cultura do *mato,* planta ou plantas que deviam representar, como de facto representam um papel tão importante na economia rural da localidade. Por outro lado tambem o homem ajudou a formação de taes terrenos quer sulcando os mais declivosos, quer favorecendo a decomposição e introduzindo principios fertilisantes com as aguas de *rega* e *lima.*

A pobreza de substancias mineraes é todavia compensada pela abundancia d'agua. O esforço do homem póde com facilidade corrigir um terreno aravel, hoje principalmente: mas de modo nenhum poderá modificar-se a structura geologica, que regula o regimen das aguas. Todos os paizes graniticos são geralmente ricos de fontes e nascentes. As aguas pluviaes infiltrando-se nas camadas dos detritos terrosos, escorrem pelas rochas que se escondem debaixo d'ellas e reapparecem aqui e alli, desde que a configuração ou relevo do sólo o permitte. Comtudo as fontes, por causa da sua quantidade, são d'um pequeno volume, se se compararem com as que brotam em outras formações, onde a raridade as avoluma consideravelmente. Se as rochas fossem fendidas e as fendas se desenvolvessem extensamente, as aguas das chuvas seguindo esses conductos iriam rebentar muito longe e assim ficariam grandes superficies privadas de nascentes; é por isso que nos schistos são mais raras e mais difficil a sua exploração e captagem.

Estas nascentes não são por este motivo em geral muito resistentes a fortes estiagens. O proloquio local diz: «Em agosto seccam os montes, em setembro as fontes e em outubro tudo.» E assim é para os primeiros mezes, se escasseiam as chuvas estivaes, e para o ultimo se se retardam as do equinoxio que na provincia coincidem geralmente com o fim de setembro. Em consequencia da sua quantidade, a superficie que alimenta cada uma é muito restricta, e portanto seccarão desde que

se esgotem as differentes venulas e fendas que a drenavam. Por isso n'um paiz granitico as fontes serão tanto mais abundantes quanto mais chuvoso fôr o clima e serão tanto mais perennes quanto mais igualmente se repartirem pelas differentes estações.

As aguas de rega têm uma influencia muito importante na fertilidade das terras: operam, ora fornecendo a humidade necessaria á vegetação, ora dissolvendo os differentes principios permittem a sua absorpção pelas raizes. Nos terrenos primitivos, ainda que sejam muito puras, confrontadas com as dos calcareos, onde os alcalis as sobrecarregam ás vezes a tal ponto, que se tornam improprias quer para a rega quer para a bebida dos animaes, trazem todavia comsigo muitos principios fertilisantes, sobretudo se atravessam terrenos onde se encontra nomeadamente a *orthose,* a *oligoclase* ou a *amphibole.* No valle da Moselle desde Epinal até abaixo de Charmes, conta Sr. Risler, formaram-se seiscentos hectares de prados, só pela acção da agua (e esta puramente granitica) regando cascalhos com pouca terra.

A abundancia d'agua não exerce menos influencia sobre a distribuição da população rural. Observa o sabio director do Instituto agronomico de França que só nos paizes graniticos com grande abundancia de fontes é que os cultivadores se podem dispersar por toda a superficie e edificar as suas casas perto dos terrenos que cultivam. Nas outras formações geologicas onde escasseia a agua, a população tem de se agrupar em povos ou lugares junto das nascentes.

Todas estas vantagens são tanto mais apreciaveis quanto se trata d'um clima meridional como o nosso, segundo diremos adiante, onde a agua quasi que é tudo. A inclinação nos terrenos provincianos, orientada a todos os ventos em consequencia das rugas ou depressões através dos levantamentos interfluviaes, dá-lhe facil escôo, de modo que em toda a sua extensão não se encontram planicies encharcadas ou paludosas d'um tamanho apreciavel. Por outro lado tambem as ladeiras dos levantamentos interfluviaes sendo geralmente d'um fraco pendor e dividindo-se em encostas que se vão sobrepondo, retalhadas em valles secundarios, planos e monticulos mais ou menos arredondados, permittiram captar as nascentes de modo a empregal-as na rega dos campos e distribuil-a, tanto quanto possivel por toda a área cultivada: mesmo no outomno e inverno quando as chuvas são mais abundantes, os milhares de milhões de nascentes são aproveitadas em *limar* (re-

gar d'uma maneira continua) os prados ou lameiros: d'esta maneira a agua cobre uma parte dos terrenos cultivados antes de chegar aos leitos dos rios principaes que n'este regime se podem considerar como gigantescos canos abductores.

Está visto que em toda a região ficam muitos tractos privados do succo nutritivo da agua de rega. É um equivoco suppôr que o Minho é um paiz inundado. Faltam trabalhos estatisticos que permittam avaliar com aproximação a superficie regada artificialmente e a que apenas receba as regas da chuva, mas a simples inspecção do relevo geographico mostra desde logo que uma boa parte se comprehende na ultima classe. Uma vez que a terra se vai golpeando e retalhando no dorso das differentes cordilheiras, que separam os principaes rios, em altos e baixos, depressões e collinas, gargantas ou vallesitos, é de vêr que só os terrenos que demoram nos fundos ou a meia encosta de qualquer monte ou levantamento, uma vez que a parte superior tenha a sufficiente extensão para guardar nas venulas ou fendas que a atravessam, um bom abastecimento de agua da chuva, só esses terrenos podem ser regados. Os outros todos serão privados das regas artificiaes: e a provincia é de tal modo accidentada, que por toda a parte d'um ponto ao outro, tomando-se uma extensão um pouco consideravel, se encontram de ambas as especies, em maior ou menor quantidade, segundo a disposição especial do terreno tomado.

E todavia aqui a agua é tudo: é ella quem determina o valor d'uma propriedade, o qual será maior ou menor, segundo a quantidade de que puder dispôr. No outomno e inverno e parte da primavera lima os prados que produzem as forragens, sem as quaes não se podem alimentar os gados e fabricar os estrumes de curral: de verão nutre os cereaes e especialmente o milho, as hortaliças e legumes: por fim depois de fecundar os campos, môe os grãos e *massa* o linho. Devemos todavia lamentar que n'um paiz assim cultivado se deixe perder durante as chuvas fortes e torrenciaes as aguas dos enxurros, de que fica privada a economia da região. O homem do Minho é muito habil em pesquizar as correntes subterraneas, captal-as e conduzil-as para os seus campos, quer em regos a ceu aberto, quer em aqueductos enterrados; mas despreza as torrentes pluviaes que lhe pauperisam os terrenos, arrastando para os rios a melhor camada dos seus campos.

Seria comtudo facil estabelecer nas depressões, nas pregas

ou quebradas das encostas, nos accidentes das planuras, onde emfim a configuração o permittisse, barragens, como nos Vosges alsacianos, ou presas, que guardassem estas aguas, que serviriam quer para regas directas, quer pela infiltração para augmentar o volume das fontes. A agua da chuva sendo muito rica em principios azotados, que se encontram principalmente no estado de ammoniaco, é muito fertilisante e não deve ser perdida, sobretudo n'um paiz onde uma agricultura intensiva, não ajudada por adubos chimicos que restituam as substancias constantemente exhauridas pelas differentes culturas, tende a esgotar o sólo e a reduzir cada vez mais a sua producção. O clima estando tambem sujeito a estiagens bastante prolongadas, acontece muitas vezes que ás chuvas que duram oito a dez dias succede um tempo secco, com vento léste ou norte: os terrenos sendo pouco absorventes, seccam depressa e precisam d'agua, que não ha, que foi d'enxurrada para os rios. As presas ou barragens forneceriam demais o lodo, resultante da deposição das materias terrosas que voltariam aos mesmos campos d'onde tinham sido arrastadas.

O aproveitamento de todas as aguas pluviaes torna-se ainda tanto mais necessaria quanto as chuvas se dividem muito desigualmente pelas quatro estações, apresentando o clima um caracter meridional. É certo que o estudo do clima regional talvez se não possa considerar como definitivo por falta de observatorios meteorologicos nos pontos mais importantes. O do Porto annexo á escóla medica e dirigido por um professor de medicina, apenas dará uma idéa do clima litoral: no centro da região e no macisso montanhoso de N. e NE. não existe nenhum; e todavia n'estes pontos deveriam fornecer observações preciosas para a agricultura local. Á falta porém de observatorios, collocados convenientemente, providos dos instrumentos necessarios e dirigidos por especialistas, veremos se com os factos apurados poderemos formar uma tal ou qual opinião a este respeito. Resumiremos o estudo elaborado por Sr. B. Barros Gomes [1], formulado consoante os dados do observatorio do Porto, comparados com os fornecidos pelo de Santiago na Galliza.

Segundo o quadro graphico elaborado por este distincto

---

[1] *Cartas elementares de Portugal: Condições florestaes de Portugal.*

engenheiro florestal, o total das chuvas no norte de Portugal dividir-se-ha nas seguintes percentagens: inverno, 40 %; primavera, 15 %; estio, 5 %; outomno, 40 %. As chuvas accumulam-se portanto na primeira e ultima e escasseiam nas duas outras, mórmente no verão, onde attingem o minimo de 5 %. Todos os climas portuguezes apresentam esta caracteristica fundamental, chuvas abundantes no outomno e inverno, escassez na primavera e sobretudo no estio: em todos os outros a percentagem é menor no ultimo periodo, excepto em Coimbra, onde a divisão é menos desigual; pois que recebe na primavera 27 % aproximadamente e no verão quasi 10 %. Em toda a *Europa não mediterranea as chuvas do verão entram por 25 % e 35 % nos totaes de cada anno* [1].

Esta desigualdade que todos nós que habitamos a localidade conhecemos praticamente e que deverá ser menor ou maior segundo nos afastamos da costa, dá ao Minho o seu caracter de clima peninsular, posto que seja esta região a que recebe maior quantidade de aguas pluviaes: infelizmente o total não se divide quasi com igualdade, e por isso haverá necessidade de aproveitar toda a agua para que as plantas herbaceas estivaes possam retribuir o trabalho do cultivador: é esta distribuição irregular que produz as estiagens e como é bem conhecido são aqui vulgares as preces *ad petendam pluviam*. Mas se isto é uma condição de inferioridade para o desenvolvimento das plantas herbaceas, não assim para as culturas arbustivas; e esta circumstancia climaterica guiará o proprietario na escolha do cultivo a que deve entregar-se de preferencia, segundo os seus campos são ou não abundantes de nascentes.

A quantidade annual de chuva no nosso litoral regula por 1:200 millimetros e no verão não desce de 80 [2]. Esta região é pois uma das que recebe annualmente maior quantidade de agua em toda a Europa, sobretudo no outomno e inverno: na primavera a quantidade é ainda muito abundante, mas no estio *resente-se já bastante da distribuição especial que as chuvas assumem na peninsula e em parte do litoral mediterraneo.* (Cond. Flor., 33).

A maior abundancia aqui d'aguas pluviaes em relação ás

---

[1] B. Gomes, *Cart. agron.*
[2] Idem, *Cart. elem.*: *Cart. agron.*

outras zonas portuguezas, é confirmada tambem pela maior quantidade de rios que desaguam no mar. A costa maritima de todo o paiz tendo uma extensão de 435 milhas (Sr. Pery) pertencem 45 á do Minho desde Caminha ao Porto. Os rios principaes e secundarios com uma bacia hydrographica litoral apreciavel sendo 18 em toda, d'estes pertencem 7 á costa do Minho: temos pois 45 milhas com 7 rios (não contando o Ancora) emquanto que as 390 restantes apenas possuem 10.

Os thalvegs dos cinco principaes rios provincianos que sulcam mais profundamente o sólo, e os tres secundarios, Ancora, Neiva e Leça, incidindo sobre o mar dão facilmente passagem aos ventos maritimos, que d'esta maneira atravessam facilmente todo o paiz até ao macisso do Gerez e Barroso, e no seu percurso dividindo-se pelos valles transversaes que retalham a cada passo o dorso dos levantamentos interfluviaes, permittem que as chuvas se distribuam sobre todos os terrenos da vertente occidental. O mesmo deverá acontecer na de sul e léste, pois que os mesmos ventos, penetrando pela grande fractura do Douro, sobem do mesmo modo rio acima até ao Marão, que, não deixando pela sua altitude uma franca passagem a léste, deverá fazer com que a maior parte se inclinem e tornem pelo valle do Tamega, onde se encontrarão com as que tinham penetrado pelos valles centraes: mas chegados ahi a maior parte da humidade resolveu-se em chuva, quer durante o seu percurso, quer principalmente nos dous macissos montanhosos que pela sua acção refrigerante e condensadora os despojaram do vapor aquoso: por isso a região a léste receberá muito menos chuva e assim a cordilheira do Marão e as montanhas barrozans estabelecem naturalmente a divisoria dos dous climas, Minho e Traz-os-Montes.

Das *Cartas elementares* transcrevemos o resumo dos dados que, segundo Sr. Barros Gomes constituem o clima regional «caracterisado por médias mensaes de 70 a 100 % de humidade relativa; 8:200 (Porto) e 2:000 millimetros (Santiago) de chuvas annuaes: 80 a 200 millimetros de chuvas de verão e temperaturas médias de 15°, 14° e 12°, respectivamente na 1.ª, 2.ª e 3.ª zona de elevação; com variações maximas de 38° a 42°.»

Mas as estações são muito irregulares. Os invernos nem sempre são humidos e doces; quando vêm seccos, faltam as hervagens, e portanto a alimentação dos gados e os estrumes: a primavera é a menos regular de todas; depois de alguns dias tepidos no principio, succedem-se quasi todos os an-

nos ventos do norte e léste, entremeados com chuveiros frios e graniso: as geadas tardias apparecem até maio: as arvores e as plantas soffrem, a vegetação atraza-se e o cultivador vê muitas vezes perdidas as suas culturas por uma d'estas frias e formosas noites de luar; o estio é ora secco e ardente, ora fresco e humido; no outomno veem tarde muitas vezes as chuvas do equinoxio, ora cedo de mais, abundantes e excessivamente prolongadas. Nos seus termos geraes crêmos todavia que as estações se poderão definir assim: — inverno humido com alternativas de seccura e frio intenso; a primavera muito irregular, entrecortada de dias frios e tepidos; estio secco e quente, mas mais curto que nas outras provincias; o outomno doce, a mais regular e agradavel de todas.

A altitude tendo tambem uma acção muito importante sobre a constituição do clima, e a região comprehendendo tres zonas d'elevação desde zero a mil e mais metros sobre o nivel do mar, haverá differenças muito grandes, segundo o terreno occupar uma outra d'estas situações. As mais elevadas serão mais frias, mais ventosas e mais humidas, emquanto que as mais baixas serão mais quentes, mais seccas e mais abrigadas. Mas além da altitude é necessario considerar a exposição e as condições locaes particulares. Um paiz enrugado de montes e depressões, apresentará em sitios proximos differenças notaveis, segundo estão abertos a este ou áquelle rumo, e por isso expostos aos ventos frios ou tepidos: por isso dentro da mesma zona de elevação haverá situações mais frescas ou mais quentes, especialmente apropriadas para taes ou quaes culturas. Encostas voltadas ao norte serão mais frescas e os fructos mais tardios e menos saccharinos: as expostas a léste e sul mais ardentes e mais temporãos. Os valles estreitos e fundos, frescos e humidos; os mais largos e abrigados, mais soalheiros e quentes. Qualquer pois que seja a situação relativamente a cada zona de elevação, é necessario ter em vista as circumstancias particulares que podem influir tão poderosamente no clima d'uma localidade muito restricta: por isso apesar de se poder considerar no todo a meteorologia da provincia como homogenea e distincta das outras, devemos comtudo assentar que a disposição do sólo a altera muitas e muitas vezes, de modo a poder-se produzir vantajosamente plantas, que em regra geral exigem um clima differentemente caracterisado.

Paiz granitico, retalhado de montes e valles, e abundante d'agua, era naturalmente disposto para a pequena cultura, uma vez que a raça tivesse a aptidão, e a prolifiquidade sufficiente para produzir o numero de braços necessarios a esta especie, e se as condições sociaes o permittissem. A historia da agricultura local está por fazer, mas os escassos elementos, que têm sido recolhidos, mostram claramente como a situação ao fundar-se a monarchia era de molde a auxilial-a e a desenvolvel-a. N'essa época em que a raça combatia para estabelecer uma barreira ás invasões do sul, rechaçando-as ao longe, n'esse tempo os colonos de arrendamentos simples escasseavam naturalmente. Os grandes donatarios territoriaes, seculares ou conventos, viram-se forçados a readoptar a emphyteuse romana, e os prazos ou arrendamentos por tres vidas, que depois se tornaram perpetuos, deram de facto aos cultivadores a propriedade do terreno *aforado, villa, villas, casal, quinta, quintana* ou *quintãa.* Era a unica maneira de fazer render a terra que aliás ficaria inculta.

Este movimento, que fez passar o dominio util dos grandes donatarios, que acompanhavam a côrte nas suas constantes deslocações, para os emphyteutas que residiam na localidade, e d'estes muitas vezes para sub-emphyteutas, quando os primeiros mudavam de vida ou vinham a possuir mais do que podiam cultivar, este movimento creou uma grande classe de pequenos proprietarios ruraes, cultivando directamente os seus prazos. Simultaneamente o progresso social creava pelo commercio e industria uma classe média urbana, a qual a seu turno comprando terras ou obtendo-as de aforamento, as arrendava por arrendamentos simples, justapondo-se á outra, d'onde tirava a sua origem, differente apenas pela maior somma de haveres. Entre as duas veio a apparecer portanto a dos caseiros-colonos, e a dos jornaleiros ou salariados, que reclamavam as necessidades d'uma cultura cada vez mais aperfeiçoada. Todas estas classes misturam-se e confundem-se, hontem como hoje, havendo sempre entre si uma troca constante, uns que se enriquecem e se aburguezam, outros que decahem e voltam ás profissões mecanicas d'onde descenderam.

Os cultivadores assim estabelecidos e fixados na terra mediante uma pequena renda (*foro* ou *canon*) esforçaram-se por tornar cada vez mais productivo o seu casal e no revolver de muitas gerações, augmentando a população e a riqueza, immobilisaram alli um enorme capital, representado em toda esta multiplicidade de obras que demanda a agricultura intensi-

va n'um paiz accidentado, e exigindo demais com o seu clima peninsular aguas de *rega* e *lima* para o completo desenvolvimento das plantas herbaceas estivaes. Por toda a parte, a população rural disseminou-se pela extensão da superficie cultivada, vivendo em habitações dispersas, mais ou menos proximas das terras que cultivam. Quem sobe ao alto d'um monte verá as casas rusticas separadas e distanciadas umas das outras pelos limites do casal ou quinta, ou quando são mais proximas geralmente separadas por uma ou algumas pequenas glebas.

Se esta distribuição representa um costume teutonico [1], encontrariamos n'elle a prova d'uma forte infusão de sangue do norte; mas se é sobretudo verdade que são as condições geologicas que determinam a distribuição da população, como expõe na sua *Geolog. agric.* Sr. Eug. Risler, este facto perderá toda a sua importancia no ponto de vista ethnographico. O sabio director do Instituto agronomico de França, diz que «a abundancia de nascentes que caracterisam os paizes graniticos permitte disseminar as habitações e os casaes... emtanto que nas outras formações, por exemplo nos terrenos jurassicos e cretaceos, os habitantes são forçados a grupar-se em grandes logares ao longo das raras correntes que os atravessam...; a pequena cultura póde estabelecer-se mais facilmente nos paizes graniticos que nos de formação jurassica ou cretacea.»

Todavia a descoberta das citanias pelo meu sabio amigo, Sr. Sarmento, impõe-nos uma observação. Anteriormente á occupação dos romanos e ainda por algum tempo pelo menos durante ella, a população vivia no cimo dos montes, em povoados, muitos dos quaes não passavam provavelmente de logarejos rusticos. Quando se dispersaram esses grupos, de que não ha memoria escripta? Foram os romanos que os arrasaram para melhor dominarem o paiz? Mas a esta hypothese oppõe-se não só o costume dos latinos de residir em povoações em casas contiguas, mas tambem o facto da romanisação da maior parte d'ellas.

Se em tal obscuridade me é permittido aventar uma opinião, esses povoados pertencendo, segundo Sr. Sarmento, aos ligures, povos arianos que mais se aproximavam aos latinos, parece-me que deveriam desapparecer depois do estabeleci-

---

[1] Sr. Em. de Laveleye, *Econ. rur. de la Belgique;* Sr. Paul Leroy Beaulieu, *De la colonisation chez les peuples modernes.*

mento dos suevos, que encontravam um sitio onde podiam viver á maneira das suas tradições e genio da sua raça.

Seja como fôr, é certo que, destruidas as antigas habitações, a população rustica dispersou-se pelos campos, no meio dos quaes se levantaram aqui e alli cidades mais ou menos importantes, mas representando todas uma funcção de grande valor no desenvolvimento agricola. Estas quasi que se tocam muitas vezes, como acontece no litoral entre Porto, Foz e Leça: o mesmo se póde observar entre Villa do Conde, Povoa de Varzim e Azurara: no interior succedem-se tambem, senão tão proximas, amiudadamente. Em quasi todas houve nos tempos passados uma forte industria fabril, decadente hoje em muitas, por causa da transformação da industria moderna, que a falta de ensino technico e a má administração publica lhes não permittiu acompanhar.

Estes centros urbanos exercem uma influencia decisiva na economia rural da região; servem não só de mercado a uma grande parte da producção da terra, como fornecem um emprego aos braços que sobram na outra. A classe burgueza que as habita veio a tornar-se tambem proprietaria, e residindo perto das suas terras está sempre a beneficial-as, excitando e promovendo portanto o melhoramento geral da cultura. Não é menos importante a sua acção moral: a permutação constante, que fazem entre si de individuos e familias, que ora vêm do campo estabelecer-se nas cidades, ora passam d'estas para o outro, estreitando as relações entre as duas grandes classes creou este conjunto de opiniões e tradições que constituem a vida moral da provincia. No isolamento em que se achou depois do estabelecimento da côrte em Lisboa, se houvessem desapparecido estes grupos urbanos, era de suppôr que a população rustica tivesse cahido na maior barbaria. Felizmente as principaes cidades historicas, tendo-se sempre empenhado mais ou menos em promover o desenvolvimento moral, tornaram-se em outros tantos focos como de attracção ou illustração, agremiando em volta de si as populações ruraes, e desenvolvendo o sentimento provincial deram uma vida propria a toda a região, o que faz que o homem do Minho, qualquer que seja o sitio onde se encontre, se lembre sempre com saudade das suas montanhas.

As parochias ruraes são pois habitadas por uma população misturada de lavradores proprietarios, lavradores caseiros, capitalistas proprietarios e salariados, desde os que se empregam no cultivo dos campos até aos que exercem as industrias

auxiliares á agricultura e outras. Por entre os casalejos rusticos levanta-se a casa burgueza, que defronta a cada passo com uma pequena officina fabril. No campo como nas cidades uma classe média muito numerosa mistura-se por toda a parte com a massa popular.

De facto a raça apresenta-se homogenea na sua generalidade e como que derivada de duas estirpes ethnicas. Observada de perto parece produzida pelo cruzamento de dois elementos diversos, um do norte e outro do meio-dia, que não ficaram distinctos, mas fundiram-se reciprocamente, de modo a produzir na mesma familia exemplares differentes, desde o cabello louro claro e a carnação branca rosada até ao cabello escuro e a carnação morena. Quando os cabellos são pretos, os olhos são muitas vezes azues, mais vulgarmente castanhos ou cinzentos e as feições brancas: a côr trigueira é em grande parte produzida pelos trabalhos ao ar livre. Geralmente as crianças têm os cabellos alourados que na idade adulta se tornam escuros. Os primeiros são mais communs nas mulheres, e nos homens algumas vezes a barba é loura e o cabello preto. Todavia este ultimo, e sobretudo o castanho escuro é o mais predominante, d'onde parece que o elemento meridional era, ou mais numeroso ou absorveu o outro. Em todo o caso os filhos dos mesmos paes apresentam vulgarmente os dois typos, e a cada passo se vêem irmãos com o seu differente, do norte ou peninsular. O mesmo facto, reproduzindo-se em todas as classes, indica que o cruzamento foi geral e que todos, pobres ou ricos, têm a mesma ascendencia ethnographica.

Não vem aqui discutir a proveniencia e formação da raça. Se a côr escura dos cabellos pertence aos ligures, que, segundo Sr. Sarmento, habitavam as citanias, os mais antigos povoados da localidade, que estes se cruzassem primeiro com os celtas-ruivos, que ambos se misturassem com os suevos louros, que dominaram sobretudo no centro da provincia, pois tiveram em Braga a sua côrte e a séde do seu governo, e que os tres recebessem ainda mais sangue do norte, posto que em menor escala, dos homens que vieram de lá com o conde D. Henrique [1], são questões que não pertencem ao assumpto presente: basta-nos notar sómente que a raça não parece pura, mas sim produzida pelo cruzamento d'um elemento de cabel-

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal*, 3, pag. 214. — Duas colonias, uma em Guimarães, outra em Caminha.

los pretos, que devia ser o mais numeroso e o mais absorvente, com est'outros louros vindos mais tarde.

Os individuos são geralmente grossos, de estatura mediana e com uma tendencia a engordar e adquirir *embonpoint:* geralmente na provincia homens e animaes engordam facilmente: a *egua gorda e o boi gordo do Minho* são proverbiaes. É raro vêr-se individuos seccos, delgados e leves, como os que constituem a generalidade das populações do sul. A magreza que se póde observar aqui, é sobretudo proveniente da deficiencia da alimentação. A sua intelligencia não tem um desenvolvimento tão precoz como o d'aquellas, nem possue a faculdade de comprehender no primeiro momento qualquer questão. A raça é morosa e pesada, mas tem no grau mais elevado a paciencia e tenacidade do trabalho, a sensatez ou juizo prudencial, a feição emfim de dirigir lentamente o pensamento, caracteristica que accentua sobretudo o genio portuguez, e a differença das outras raças hespanholas, vivas, impressionaveis e nervosas, excepto a gallaica-asturiana, sua irmã; e foi provavelmente pelo seu incessante trasbordo para o sul, pela sua mistura com as populações mais escassas que dominavam lá, que influiu principalmente na formação e accentuação do caracter portuguez, tal como se apresenta hoje, diminuindo comtudo immensamente a sua influencia no desenvolvimento politico da nação, depois que a séde do governo se fixou em Lisboa.

Como em todos os paizes, em que a população é compacta, e este é um dos mais densos da Europa,

Districtos e concelhos	Extensão em hectares	População de facto, segundo o recenseamento de 1878.	Habitantes por 100 hectares
Vianna (districto).	223:819	201:390	89,97
Braga (districto)..	273:002	319:464	117,01
Porto [1] (districto).	233:783	461:881	197,56
Mondim de Basto (concelho).....	24:528	7:255	29,57
Ribeira de Pena (concelho).....	13:414	8:006	59,68

[1] Esta superficie comprehende a zona « d'Além-Douro litoral » segundo Sr. B. Barros Gomes: apenas acrescentamos o concelho de Gaya, por nos parecer que a sua capital faz parte integrante da cidade do Porto e que as suas terras obedecem ao clima e regime do Minho.

a alimentação é fraca e insufficiente. E todavia a abundancia de comida é uma necessidade para a sua organisação e a intemperança um dos seus vicios. As privações a que se sujeita o homem do Minho são filhas principalmente dos poucos recursos de que póde dispôr: mas desde que as circumstancias o favorecem, a sua primeira preoccupação é uma mesa farta. Nos jantares de festa popular as vitualhas accumulam-se na mesa em massas enormes; as grandes terrinas e escudellas de viveres seguem-se n'uma successão interminavel, intermeadas com as infusas e canecões de vinho verde, que quanto mais rascante mais lhe estimula o appetite, aliás sempre complacente.

Em geral desleixada na limpeza, e no vestuario sobretudo emquanto trabalha é todavia avida de *luxos,* de vestidos vistosos e as mulheres de adereços d'ouro. A maior parte das economias femininas é collocada n'estes enfeites, que nos tempos tristes são vendidos e o seu producto applicado á satisfação de necessidades mais imperiosas. Quando se vêem caminhar para uma feira ou romaria os ranchos de mulheres minhotas, com fatos domingeiros, pujantes de vida, com grandes brincos e o peito coberto de cordões e adereços, todas faiscantes d'ouro, vem-nos naturalmente á lembrança as flamengas endomingadas, como as descreve Sr. E. de Laveleye.

Como em todos os paizes de pequena cultura e basta população, são grandes as privações com que tem de luctar o maior numero. As habitações são commummente pobres, sem aceio e carecem do conforto necessario á vida remediada. O trabalho dura todo o dia e muitas vezes prolonga-se pela noite. Mas apesar de tudo a raça não perdeu a sua alegria.

De todas as provincias portuguezas é talvez a unica que se veste de côres garridas e variegadas, especialmente as mulheres: apenas na Maia predomina a côr preta nas saias: em todos os outros cantões as côres preferidas são o branco, o vermelho, o amarello e o verde, misturadas nas differentes peças do vestuario. As musicas verdadeiramente locaes, como a *chula* e a *cana-verde,* são alegres, como uma nota viva e cheia de esperanças, que faz esquecer por um instante a imaginação das suas preoccupações utilitarias. Ha vinte annos os fados tristes e saudosos do sul, eram completamente ignorados aqui: só depois que se facilitaram as communicações é que os cantores ambulantes introduziram essas toadas melancolicas, que se confundem hoje com as indigenas. O homem

do povo ouve-as com attenção, mas sabe que lhe não pertencem, porque a experiencia de todos os dias lhe ensina que a vida é uma lucta e não uma elegia. A melomania é geral em toda a provincia. São famosas as questões das musicas em Amarante e Guimarães. Em qualquer freguezia rural ha orchestras e philarmonicas, compostas como na Flandres, de lavradores, jornaleiros e operarios. Quando se vê esta gente aos domingos de tarde, reunida nos soutos ou em outro sitio da freguezia, rindo e conversando alegremente, com difficuldade se acreditará ser a mesma que se viu na vespera luctando nos mais duros misteres.

As suas faculdades artisticas revelam-se sobretudo na poesia. Na provincia ha ainda hoje pela festa dos Reis autos-sacros, chamados *reisadas:* actores e compositores são indigenas. Quem percorreu a provincia tem ouvido os improvisos (descantes) acompanhados pela viola, rebeca e clarinete, assim como a *flirtation* em verso rimado. Estas faculdades poeticas são representadas na historia litteraria por Gil Vicente, Diogo Bernardes, Pedro d'Andrade Caminha, Francisco de Sá de Menezes, Gabriel Pereira de Castro, Garrett e Camões, que pela sua ascendencia gallega pertence á ethnographia do Minho.

Mas o que a caracterisa principalmente e quasi lhe dá uma feição especial é a sua religiosidade. A religião constitue realmente o fundo de toda a sua vida moral. Andam-se leguas para se ouvir um prégador de fama, e quasi todos os sermões nas freguezias ruraes se terminam por choros e gritos femininos. Apesar da grande vigilancia da Igreja catholica, a raça ainda produz seitas religiosas. Citarei uma que appareceu em Guimarães, haverá uns quinze annos, prégada por um carpinteiro. O Porto é uma das poucas cidades onde ha uma igreja protestante portugueza. Por toda a parte se edificam templos e capellas. Em poucos annos levantou-se o santuario da Senhora do Sameiro, e a camara de Guimarães emprega actualmente quasi todo o seu rendimento na construcção d'uma igreja apparatosa no cemiterio da cidade. E todavia o maior numero dos padres são transmontanos; uma vez ordenados, deixam a sua terra para se estabelecerem aqui, em qualquer dos pingues beneficios ecclesiasticos que abundam na provincia.

Quando n'este seculo estiveram cortadas as relações com a curia romana, o Minho era talvez a mais scismatica de todas as provincias. As missas e os officios do culto celebravam-

se ás escondidas, nos sobrados dos lavradores e nas bouças tufudas de carvalhos: se a situação persistisse por mais alguns annos era de suppôr que a excitação religiosa produzisse uma nova seita. É raro haver pessoa que não pertença a muitas associações religiosas, confrarias ou irmandades. Parte da sua vida passa-se a discutir assumptos concernentes á religião: morta, o seu cadaver é envolvido em mortalhas que representam habitos de santos ou das extinctas ordens religiosas.

Mas a religião não o desvia dos interesses mundanos, nem jámais lhe amaciou a dureza e o mercantilismo do seu caracter. Como os dois povos mais religiosos do mundo, os judeus e inglezes, é dominado constantemente pela ganancia, avido de riquezas, aventureiro por causa d'ellas, avaro e capaz de atraiçoar os interesses alheios por amor dos seus proprios. Especular e enriquecer são as suas grandes preoccupações: os meios indifferentes.

Este genio de especulação, o espirito de aventura e o aperto da vida obrigam o minhoto a emigrar; mas a emigração faz-se não por familias, mas sim por individuos: são os do sexo masculino, sobretudo os que emigram, e sempre com o sentido de voltar, esperança que nem sempre se realisa: uma boa parte estabelece-se ahi e casa com as mulheres da região, onde a necessidade os levou.

Dentro do paiz emigra unicamente para o sul: tendo aliás a léste e muito perto, em Traz-os-Montes, terras desoccupadas de bastante fertilidade, não ha noticia de irem para lá colonias de cultivadores minhotos: e tal é esta tendencia do seu desenvolvimento a sul que é muito raro que individuos dentro da provincia sigam a marcha contraria. Muitas vezes a emigração faz-se por escalas. O individuo que nasceu em Cabeceiras ou qualquer outro ponto extremo, começa por procurar uma occupação em Braga ou Guimarães; se se não fixa n'estas cidades passa para o Porto, e se as circumstancias o não favorecem, continúa a sua derrota para além-Douro. Nos do sexo feminino acontece o mesmo, mas n'este a emigração é em numero muito menor. É este trasbordo de população que augmenta sempre e incessantemente a do Porto, e que cobre a deficiencia de muitas cidades do sul, principalmente de Lisboa. Para fóra emigra facilmente para o Brazil, e se a fortuna o não favorece, de lá passará para a Africa occidental. D'este modo, depois de percorrer muitas e variadas paragens e exercer differentes profissões, vem acabar no mesmo sitio onde nascera.

Raça eminentemente cultivadora na sua provincia, fóra d'ella e principalmente dentro do paiz, não exerce a lavoura: nem os seus emigrantes se fixam como colonos. Os individuos da classe pobre estabelecem-se como negociantes, pequenos industriaes ou criados: os da classe rica occupam-se de profissões liberaes.

A falta de instrucção não permitte infelizmente aos primeiros ir além das occupações mais ordinarias e menos remuneradoras, privados como ficam do mais precioso instrumento de trabalho. Emquanto vivem na sua localidade têm de contentar-se com o ensino tradicional e quando as circumstancias os obrigam a emigrar, serão na industria fabril operarios de segunda ou terceira ordem e no commercio não passarão de logistas.

Mapa-resumo da instrucção elementar por 1:000 habitantes segundo o censo de 1878

Districtos	Sabem lêr e escrever	Sabem lêr	Analphabetos
Braga.....	165	24	811
Vianna.....	173	28	799
Porto.....	193	46	761

É esta deficiencia que lhe grangeou a fama de intelligencia obtusa: raça pesada, morosa e ignorante, posta em face da viveza espontanea do sul, devia de facto parecer de curtos alcances. E, todavia presentemente poderá haver esperanças que a situação se modifique? A grande absorpção que a desordenada administração publica faz sempre e cada vez mais dos recursos do paiz, em toda a especie de impostos, que se somem ao longe, não se sabe aonde, não deixa ás localidades depauperadas e esgotadas estabelecer a rede de escólas primarias, professionaes e technicas, como era de absoluta necessidade.

Sem exagero póde dizer-se que a população agricola pouco deve á administração geral. Em toda a região não ha uma unica escóla agricola, um unico posto agronomico. A extincção dos dizimos apenas produziu um allivio momentaneo aos encargos que pesavam sobre a lavoura, pois que actualmente

os impostos já os representam sufficientemente, se os não excedem.

A extincção dos fóros por titulo gratuito foi pouco mais que um expediente politico de momento, por isso que tendo sido extinctos pelo decreto de 13 de agosto de 1832, mais tarde foram pedidos de novo e remidos pelo dinheiro dos lavradores, lei de 22 de junho de 1846: restaram só abolidos os serviços pessoaes, que na maior parte dos casos parece que não estavam já em vigor. Da protecção que no sentido moderno o governo central é obrigado a prestar aos seus administrados, a provincia nada lhe deve. O abandono da direcção de todas as forças locaes, é a norma governamental que tem sido adoptada nos ultimos cincoenta annos. Pela sua indifferença, desleixo e má administração, estamos vendo desapparecer todos os dias as industrias fabris locaes, que exerciam um tamanho predominio no adiantamento agricola: esta perda não compensa quaesquer outras pequenas vantagens, pois que sem estes grupos fabris não é possivel nenhum grande desenvolvimento da agricultura [1]: e algumas leis recentes, como as da contribuição de registo, longe de fomentar a conservação do typo historico da propriedade, estão causando um grande embaraço e confusão.

A organisação administrativa de todo o paiz, formulada não se sabe sobre que principios, depauperisa e esgota as parochias ruraes: estas, depois de pagarem os impostos geraes que se vão afundir no mar tenebroso da administração nacional, os districtaes e municipaes, que vão aformosear e sustentar principalmente as obras das capitaes dos districtos e municipios, ficam privadas de recursos para os mais insignificantes melhoramentos: e quando uma lei insensata, sem considerar as condições em que as collocou, as obriga a grandes despezas e assim a taxar despropositadamente, os politicos espantam-se e pedem providencias, sem quererem vér a origem do mal. Segundo a legislação em vigor, as parochias ruraes, cujo maior numero demora a grande distancia da cabeça do concelho, têm de concorrer para sustentar alli não só as despezas, de que uma parte evidentemente lhes pertence pelo seu caracter municipal, mas além d'estas muitas outras obrigatorias, que

---

[1] Leroy Beaulieu, *De la col. ch. les p. mod;* Lavergne, *Ec. r. de La France;* Laveleye, *E. r. de la B.*

só prestam utilidade aos habitantes da villa ou cidade, como as que se referem ao cemiterio, illuminação, abertura e calcetamento de ruas, extincção de incendios, abastecimento de aguas, policia urbana, medico de pobres que não é obrigado a visitas gratuitas além das barreiras; ficam ainda de fóra as facultativas, em que se póde exercer largamente a phantasia dos vereadores. A seu turno os municipios, e portanto as mesmas parochias concorrem tambem para um certo numero de instituições que só aproveitam ás capitaes do districto, como as instituições de beneficencia pseudo-districtal. D'onde acontece que vem a haver cemiterios parochiaes e municipaes, cadeias municipaes e districtaes, e tantas outras cousas em *al* e *aes,* que parecem como o sonho d'uma imaginação febricitante.

A mesma symetria legislativa, dando a todas as parochias identica organisação, quer pertençam a uma grande cidade quer demorem na quebrada d'uma serra, esta symetria absurda indica da parte do legislador ou uma extrema ignorancia ou o intuito de annullar a sua importancia. Se tal foi o seu proposito, póde dizer-se que o conseguiu plenamente. Mas acima d'estas pobres juntas, que não têm de facto vida real, mas simplesmente uma ficção no Cod. Adm., estão as camaras municipaes, tão mortas como ellas. Eleitas por obscuros *influentes eleitoraes,* servindo unicamente o partido que as elegeu, desconhecendo as necessidades da época, applicam pessimamente os seus rendimentos, occupando-se geralmente em realisar os projectos mais desvairados. As decrepitas camaras representam em miniatura o desgoverno do poder central. Acima d'estas e como digno remate, quedam as juntas dos districtos, obedecendo na sua chamada *administração* á conveniencia do partido que as tirou da urna.

Se a nação tem ainda alguma vitalidade para reagir, a primeira necessidade seria distinguir precisa e claramente nas despezas publicas, as que são geraes, e pertencem ao paiz, as municipaes que incumbem aos municipios, e as parochianas que devem ser custeadas sómente pelas parochias. Nos grupos de população urbana é essencial crear outra corporação, com attribuições em relação á sua maior ou menor importancia, uma especie de junta edil, que se occupe unicamente dos negocios da cidade ou villa, ficando a camara municipal só com os geraes do municipio; e os districtos ou extinguil-os ou deixar-lhes apenas uma sombra que não estiole o resto, como acontece hoje. A monstruosa organisação actual dá como re-

sultado que a maior parte, senão quasi todas as parochias, carecem de escólas que nunca terão, porque os seus rendimentos são levados para outro destino: que emquanto as cidades se melhoram os campos permanecem no seu estado antigo e como que abandonados. Faltam absolutamente os caminhos vicinaes e os de exploração agricola: póde dizer-se que d'estes nem um metro está construido, emquanto que as juntas de districto dão largas á sua phantasia, construindo á custa das parochias estradas, que podem aproveitar a este ou áquelle sitio, mas nunca ao commum das cotisadas. E todavia a grande necessidade é a construcção d'aquell'outras, aliás o cultivador ficará sempre privado de tirar qualquer utilidade das vias principaes, que foram na maior parte construidas a expensas suas, e portanto terá de se servir eternamente da sua carreta archaica, porque só ella póde transitar pelos caminhos desiguaes, ingremes, pedregosos ou lamacentos, que são os unicos que existem a communicar com as estradas geraes de rodagem.

Estes defeitos profundos da administração actual sentem-se principalmente n'esta provincia, onde as condições sociaes exigem uma organisação delicada e attendendo a todas as necessidades, para se poder manter a vida d'uma população que por assim dizer se acotovela constantemente. Por outro lado tambem a área das parochias é geralmente muito limitada e sobretudo muito desigual. Encontram-se desde as que tem vinte fogos (Espirito Santo de Brufe, Povoa de Lanhoso) até quatrocentos e tantos (S. Torquato, Guimarães): organisal-as definitivamente, alargal-as de modo que possam custear facilmente as despezas necessarias ao seu desenvolvimento moral e material, é a mais imperiosa necessidade. Se como parece sufficientemente demonstrado, os desarranjos governamentaes procedem do nenhum interesse que a população geral toma na gerencia das cousas publicas, que por esse facto se tornou a occupação privativa d'uma classe que começa nos *bureaucratas* até terminar nos *influentes eleitoraes* das localidades, se a unica solução é destruir a classe dos *politicos* e interessar todos os habitantes no governo da nação, o primeiro passo não póde ser outro, senão reconstruir e organisar estes primeiros grupos administrativos, que estão para o Estado como as cellulas para os corpos organicos. Desde que a população se interesse pelas suas questões e negocios locaes, será immediatamente levada a occupar-se de todos os outros, pelas intimas relações e mutua dependencia que existem entre si.

As provas de incapacidade, que ultimamente está dando a classe dos politicos, occupada unicamente com os seus *arranjos,* desorganisando, para melhor dominar, todas as forças vitaes do paiz, levam a concluir que a primeira necessidade é expulsal-os do governo, e portanto quebrar d'uma vez todo o velho machinismo bureaucratico administrativo e simplifical-o de modo que possa ser comprehendido pelo povo, que deve evidentemente tomar o lugar, que ella não soube desempenhar.

Esta necessidade de organisar d'uma maneira definitiva e pratica as parochias ruraes, torna-se tanto mais urgente quanto começa a sentir-se aqui a mesma corrente que nos paizes modernos arrasta as populações rusticas para as cidades. Este movimento, que parece ser o precursor d'uma catastrophe social, accumulando em habitações sem ar nem luz, apinhados uns sobre outros, individuos e familias que se não conhecem, e a quem nenhumas tradições prendem á nova localidade, este movimento, ainda que filho de condições sociaes, que parecem improprias para o novo modo de ser da industria moderna [1], póde pelo menos ser consideravelmente retardado, se a legislação tornar mais attractiva a vida das freguezias rusticas. Se no estado actual a solução da maior parte das questões sociaes está longe ainda de se apresentar com a nitidez sufficiente de maneira a poder-se traduzir em artigos de uma lei, será todavia uma falta da maior gravidade deixar caminhar a desorganisação e a anarchia, sobretudo n'um paiz, que começa agora a sentir-se impellido para este confuso movimento das sociedades modernas, quando até certo ponto póde ser modificado ou demorado, de sorte que haja tempo de o dominar e dirigir. N'este sentido a primeira necessidade é prender nas pequenas localidades a população que as fórma; e o unico meio de que se póde dispôr desde já é fazer de cada parochia um organismo que se administre a si mesmo, e simultaneamente dar-lhe os meios de tornar ahi a vida mais attractiva, tanto nas suas condições materiaes como moraes. O que impelle muitas vezes um individuo da terra, onde nasceu, não é tanto a avidez d'um maior salario, como o aborrecimento e tristeza de se vêr n'um sitio abandonado e desprezado. Mas que seja a parochia quem organise o seu registo

---

[1] Henry George, *Social Problems.*

civil, o seu cadastro, a sua matriz industrial, e o orçamento da sua receita e despeza, que tenha uma escóla ou escólas e uma bibliotheca popular, que possua os meios de melhorar os seus caminhos vicinaes e ligal-os com as estradas geraes de rodagem, que possa soccorrer os seus desvalidos e educar os seus filhos, que debata todas as suas questões e delibere em comicios que póde celebrar na igreja parochial, que se lhe dê um juiz electivo com funcções determinadas tanto em caso de transgressões policiaes como na formação de inventarios em certos limites, que se lhe concedam os meios de aformosear as suas localidades, como se dá hoje ás camaras municipaes, que possa regular a sua policia e tomar as medidas sanitarias de primeira necessidade, tal organisação, satisfazendo á justiça social, concorrerá energicamente para prender mais e mais o individuo á sua terra, e livrando-o das illusões das grandes cidades, voltar-lhes-ha a attenção para o estudo das questões que o rodeiam.

Só n'este caso póde haver esperanças que se melhorem as nossas antigas industrias e especialmente a agricola. O estado doentio da maior parte dos vegetaes uteis reclama hoje um cuidado, uma observação e uma sciencia que nossos paes desconheciam. Sendo certo que, como escrevia ha pouco tempo Sr. conde de Samodães [1], «nos coube em sorte sermos outra geração de luctadores, para que sejam menos atribuladas aquellas que nos vão seguir», é necessario tambem que todos e cada um se interessem na campanha e se auxiliem reciprocamente; que todos estudem, observem e experimentem. Transformar cada rustico, a quem o mantuano chamava «ignarus», n'um experimentador, não se póde evidentemente conseguir, sem que se mudem tambem as condições que o cercam.

Guimaraens — Setembro, 1885.

ALBERTO SAMPAIO.

---

[1] *Bolet. de ampelographia e œnol.*, vol. I, n.º 1.

DIALECTOS INTERAMNENSES

IV

LINGOAGEM POPULAR DE PONTE-DO-LIMA

Como o nome dá a entender, Ponte-do-Lima fica nas margens do rio Lima, outr'ora, na epocha luso-romana, *Limia* [1]. De *Limia* fez-se nessa epocha um derivado *Limici*, por meio do suffixo *-icus* (*-ici*); a capital dos povos assim chamados era *Forum Limicorum*.

Os factos que vou estudar forão-me todos fornecidos pelo erudito antiquario de Ponte-do-Lima, o sr. Miguel Roque dos Reis Lemos, a quem aqui tributo sinceros agradecimentos. Agradeço tambem ao meu nobre amigo o sr. João Gomes de Abreu, da mesma villa, a fineza de me haver posto em relações com aquelle illustre cavalheiro.

---

[1] *Limia* deu *Lima* pela reducção de *-ia* a *-a*, para evitar o esdruxulo, como é frequente na nossa lingoa (cfr. os meus *Dial. extremenhos*, I, pg. 10).

A) Phonologia

1. Existe a terminação *-óum* correspondente a *-ão* em muitas palavras, como *póum* (= pão), *àçóum* (= acção), etc. Cf. *Dial. minhotos,* I, §. 1. Diz-me o sr. Reis Lemos que não só os analphabetos pronuncião *-óum,* mas ainda muitas pessôas cultas. Egual facto tenho observado noutros pontos da provincia. — Aquella terminação não é uma corrupção de *-ão,* mas em geral um desenvolvimento phonetico da archaica *-om* (= lat. *-onem*); em alguns casos todavia, como *póum* (= lat. *panem*), resulta de uma confusão, como aconteceu com os pluraes em *-ões,* que ás vezes substituem pluraes em *-ães* e *-ãos.*

2. Em Ponte-do-Lima, Ponte-da-Barca e Arcos-de-Val-de-Vez, ouve-se muito frequentemente *áurdeia, cáurdo, sóurdado* e *surdado, sirba* (= silva), etc.: isto é: *áur, óur, ur, ir* correspondem a *al, ol, ul, il.* O sr. Lemos cita-me tambem *éur,* e *iur* (por *el* e *il*), mas sem me dar exemplos: eu porém em Guimarães ouvi dizer *siurba,* onde *siur-* fórma um monosyllabo, por *silva,* e *féurga* por *félga,* — isto ao lado de *sírba* e *férga.* — Em Barcellos, Braga, etc., são tambem usuaes estes phenomenos.

3. As terminações *-ente, -elho, -ense,* diz-me o sr. Lemos que soão *-ênte, -éilho* e *-ênse* em Ponte-do-Lima, Barca, etc.: ex. *gênte, tizuréilho, pênse.* Não se dirá *-iênte* e *-iênse?*

4. Escreve-me o sr. Lemos que não achou differença na pronúncia popular de Ponte-do-Lima entre *s* e *z, s* e *ç.* Cf. *Dial. minhotos,* I, §. 8.

5. Diz-se, como é frequente no povo, *armairo* (= armario), *bigairo* (= vigario), *brebiairo* (= breviario), *Rosaira* (= Rosaria), i. é: *-airo* = *-ario.*

6. Evita-se o hiato por alguns processos: *a-i-auga, ó-u-hóme, é-i-elle.* Cf. *Dial. interamnenses,* III, 14-*b.*

7. Troca-se o *v* por *b,* o que é um dos caracteres do grupo dialectologico do Norte: *binho, caballo, biu, bimos, bintura* (= ventura).

Nas secções seguintes menciono outros phenomenos phoneticos.

B) Morphologia

8. Verbos:

a) *Ser:* eu *foi*, elles *fóro'*, nós *sêmos* e nós *samos*, elles *som* (ou: elles *sóum?*). A fórma *semos* encontra-se já na lingoagem dos typos populares de Gil Vicente, por exemplo *Obras*, I, 128; *samos*, que decerto corresponde á 1.ª pessoa archaica *sam* (ex. G. Vicente, I, 133 e 137), é muito popular hoje. *Foi* por *fui* é egualmente muito vulgar no Norte; *fóro'* (= arch. *forom*) é frequentissimo no Minho.

b) *Ter:* eu *tiênho* (= tenho), eu *teve* (= eu tive). Como se vê, em *tiênho* ha um ditongo na primeira syllaba: seria interessante saber se esse ditongo apparece em todos os casos em que ha *e* fechado e tonico. Os primeiros que assignalárão a ditongação minhota do *e* creio que forão, ainda que de um modo muito imperfeito, os irmãos Castilhos, na *Livraria classica portugueza*, Lisboa 1845, tomo X, onde se exprimem assim: « convertido o *sempre* em *siempre* á castelhana, e não só á castelhana, mas á moda de Guimarães e boa parte da sua provincia. » Pag. 129. — Em castelhano o *i*, prepositiva do ditongo, é mais distincto que no Minho: além d'isso o ditongo castelhano *ie* corresponde em geral a lat. *ĕ*, com certas excepções: vid. J. Cornu in *Romania*, XIII, 286.

c) *Trazer:* eu *troufe* e eu *trouxe*. Cf. *Dial. interamnenses*, III, §. 25. — A fórma *troufe* assenta na archaica e tambem dialectal *trouve*, pela mudança do *v* na surda respectiva *f*.

d) *Querer:* diz-se *quijer* (= quizer) pela mudança normal de *z* em *j* (cf. Jabel = Zabel = Izabel) e *qués* (= queres, cf. *Dial. beirões*, VI, pg. 15).

e) *Vir:* o sr. Lemos assignala-me a fórma *biiemos* (= viemos).

C) Vocabulario

Aquella, significa *cousa*. Ex.: *uma aquella* póde ser uma *tesoura, um dedal, uma festa, uma desordem*, etc. Na Beira-Alta usa-se *aquella* no sentido de *fulana*, ex.: *Ó S.ª aquella*. — D'esta palavra, que é evidentemente o feminino de *aquelle*, fez-se em Ponte-do-Lima o verbo *aquellar*, que se emprega todas as vezes que falta o termo proprio. O verbo

aquellar vem no *Dicc. gallego* de Nuñes; a uma gallega ouvi uma vez dizer *aquellar as batatas* no sentido de *cozinhar as batatas*. Este verbo usa-se tambem no Norte de Tras-os-Montes.

Berce, berço. Cf. *Dial. minh.*, I, 13. — Tambem se lá diz *breço* no mesmo sentido.

Breço. Vid. supra.

Brumeiro. Vid. *burmeiro*.

Bujego, empola. É um dimin. de *bojo*. Na Beira diz-se *bujéga*.

Burmeiro, tumor inflammatorio, antes de se tornar purulento.

Butifarra, bota mal feita e larga. Metaphoricamente: *é um butifarra* (= é um desageitado). A decomposição da palavra parece ser *bot-if-arra*. O elemento *-if* talvez corresponda a *-éfia*, que faz parte de uma palavra obscena; o elemento *-arra*, que, segundo Diez (*Gr. des lang. rom.*, t. II, 340), será de origem basca, encontra-se bastantes vezes em português (ex. *gat-arr-ão, can-z-arr-ão*, e em Gil Vicente, I, 101, *beb-arro*).

Cadro, quadro. Reducção vulgar de *qu* a *c* (*q*).

Caipira, sovino, mesquinho.

Caize, vêr *caze*.

Calhastrós, mulher alta e desageitada no corpo e no trajo. — Usa-se tambem noutras partes.

Canté, oxalá. De *quanto é*: cf. *cadro*. — Vid. *Dial. minh.*, I, 16.

Carnicão, carnegão. O *c* de *carnicão* poderá ser o mesmo que apparece (phoneticamente *ç*) em *carniceiro*, pois este não derivará de *carniça*.

Carrulo, nuca.

Catrambias (ir de), ir ao fundo, de pernas para o ar, etc. — Vulgar noutros pontos.

Caze e **caize**, quasi. Cf. *cadro*. A fórma *caize* assenta em *quaize* = *quázi* (quasi).

Chubia, chuva. Cf. *Dial. minh.*, II (*Vocabul.*).

Combersado, o que namora uma rapariga. Usa-se em todo o Entre-Douro-e-Minho.

Couba e **coube**, couve. Cf. *Dial. minh.*, 13.

Culatrão, mulher gorda, de quadris e nadegas desenvolvidas. De certo é um augmentativo de *culatra*.

Currnel, coronel. Usa-se noutras partes. A série phonetica foi: *coronel* (lêde *curunel*), * *qerunel, crunel* (como se diz tambem) e por fim *curnel* (*currnel*).

Cuturuto, cume. Ex.: *no cuturuto do monte.*

Farracatão, homem aceiado, namorador.

Farracatona, mulher aceiada, que se desvanece com galanteios.

Femieiro, devotado ás convivencias com as mulheres. A etymologia é claramente *femia.*

Garavalha, agulhas sêccas de pinheiro. Na Beira ha *garavêlho* no sentido de chamiços provenientes da limpeza das arvores.

Guiço, pequeno pedaço de pau secco, garaveto para acender o lume.

Jabel, Izabel. De *Ijabel.*

Jiôlho, joelho. Archaico *geolho* = *genuc'lum.*

Julho, Julio (parece que é só em Ponte-da-Barca).

Juóum e Jóum, João.

Má homem, mau homem. Ha aqui um caso de reducção do ditongo atono (em phrase) a vogal: cf. *Agusta* e *Águsto.* Já ha annos, nuns artigos sobre *Ling. pop. port.* (1882) eu assignalei estas fórmas: *má pello, má cabello, má typo.* Agora posso juntar *má tempo* (Baião). — Depois de mim, a sr.ª D. Carolina Michaelis no seu trabalho, já citado, *Studien zur hisp. Wortdeut.,* p. 116 not., mencionou os casos que eu tinha recolhido, e juntou outros antigos. Tambem em Gil Vicente, *Obras,* I, 133, encontrei *ma dia* (= mau dia).

Madanella, Magdalena. Vulgar noutras terras.

Manel, Manoel. — Vulgar na Beira.

Menguinho (dedo), mendinho. — Haverá aqui uma influencia do arch. *mengoa?*

Méu reis, mil reis. O povo diz em algumas partes (ex. na Beira) *mèl reis;* d'aqui * *méur reis* (cf. §. 2), d'onde, por assimilação do primeiro *r* ao segundo, a fórma actual, que se póde escrever *meurreis.*

Monte (ir ao), entupir, embasbacar.

Nel, Manuel. A evolução foi talvez: *Manuel, Manel, Menel* (como se diz em algumas partes), * *M'nel* e por fim *Nel* por assimilação. — Como este é um nome hypocoristico, podia tambem admittir-se simples apherese de *Ma-.*

Nelo, Manuel. Assenta em * *Manuelo,* de *Manele* (cf. *Abelo* nos *Dial. interamn.,* III, 21).

Núbia, nuvem. Tambem se usa na Beira. Do lat. *nubila* (nubilus).

Palhito, palito. Palatalisação do *l* por influencia do *i.*

Penaris, panaricio. Dissimilação: *e...a* = *a...a.* A ter-

minação *-icio* reduziu-se primeiro a *-ice* e depois a *-is* (cf. *clis* e *cris* = eclipse).

Pianho, piano. Tenho ouvido esta fórma noutros pontos do Minho.

Pruma, pluma.

Selibreste, Silvestre. A evolução foi: *Silvestre, Silbestre* (como se diz noutros pontos), * *Silbreste*, * *Silibreste, Selibreste* (dissimilação).

Silbestre, Silvestre.

Stifazer, satisfazer. A evolução foi: *sastifazer* (como se diz noutras partes), * *astifazer* (dissimilação), *estifazer* (pronunciar *istifazer*: algures), *stifazer* (cf. *Dial. interamn.*, III, 8).

Stifeito, satisfeito. Cf. o antecedente.

Tira-puxa, disputa. — Composição entre dois verbos, como é vulgar.

Tizoreilho, trazorelho. A evolução foi: *trazoreilho*, * *trezoreilho* (cf. tresbordar), *tezoreilho* (dissimilação) e por fim *tizoreilho* (cf. pop. *tizoira* = tesoura). O *i* da terminação desenvolveu-se por causa do *lh* (palatal).

Tomba-lobos, pessoa robusta e valente, de andar pousado e estouvado.

Tone, Antonio.

Tramblazana, homem desageitado no corpo e no vestido.

Tronda, panno de linho ou algodão queimado, servindo de isca para accender lume.

Tudo-nada e **tudo-nadinha**, quasi nada. Na Beira *tudenada* e *tudenadinha*.

Vinte (dar no), acertar. — Vulgar noutros pontos.

Zabel, Isabel.

Zé, José.

Zoupeiro, pessoa gorda e de andar pesado.

Todos os materiaes aproveitados nas paginas precedentes pertencem mais ou menos a povoações de outros concelhos vizinhos, taes como Vianna, Ponte-da-Barca e Arcos-de-Val-de-Vez; mas faltão-me ainda elementos para poder dizer se elles devem constituir um grupo de transição, ou entrar nalgum dos grupos dialectologicos de Entre-Douro-e-Minho.

Porto, Julho de 1885.

V

LINGOAGEM POPULAR DE S. JORGE

Depois de escrito o capitulo precedente, fallei com um aldeão de S. Jorge (concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez) em quem observei os seguintes phenomenos linguisticos:

1. Como em Ponte-do-Lima: *póum* (= pão), *sóum* (= são), etc. Cf. *Dial. interamn.*, IV, §. 1.

2. Como em Ponte-do-Lima: *àurdeia, durma, durto, cáurdo,* etc. Cf. *ib. ib.* §. 2.

3. As terminações *-elho* e *-ento* da lingua escrita sôão: *-êlho* e *ênto,* ex. *cuêlho* (= coelho), *bremêlho* (= vermelho), mas diz-se *bêlho* (= velho); *fênto, bênto.* Esta terminação *-ênto* é importante porque estabelece differenças caracteristicas com outras variedades dialectaes. — Cf. *Dial. interamn.*, III, §. 3; IV, §. 3.

4. Nas palavras *taméim* (= tambem), *béim* (= bem), *céim* (= cem) o *é* é muito nitido e fórma com o *i* um ditongo nasal. — Diz-se *máĩ* (= mãe), isto é, *ái* ditongo nasal. — Cf. *Dial. interamn.*, IV, §. 3. — Egualmente em *réi, séi,* etc. o *é* soa muito claro.

5. É aberto o *é* em *piqéno* (= pequeno), *féno* (= feno), *préto* (= prêto), *césta* (= cêsta), *mézmo* (= mesmo), *azédo* (= azêdo). Parallelamente: *ósso* (= ôsso), *óbo* (= ôvo), *iscóba* (= escôva) [1]. Como se vê, *e* e *o* fechados da lingua escrita são abertos em certos casos, o que é um caracter do fallar da raia, pelo menos no Norte.

6. As terminações dos verbos em *-er* soão fechadas como na lingoagem ordinaria: *reculhêr, murrêr.*

7. *a*) Diz-se *béum* (= veiu): cf. *Dial. minhotos,* II, §. 10-*c*.

b) O verbo *ser* conjuga-se assim no presente do indicativo: *sôu, és, é, sômos, sôndis, sóum.* A fórma *sôndis* (arch.

---

[1] Mas diz-se *pôço, pôça, pôbo.*

sondes, ex. G. Vicente III, 75) assenta em *sômos* como *pondes* em *pômos.*

8. Em vez de *joelho* diz-se *jiólho* (como em Ponte-do-Lima) e, o que é mais curioso, *cárto.*

Porto, Outubro de 1885.

VI

LINGOAGEM POPULAR DE S. LOURENÇO DE SANDE

Os materiaes que se seguem forão-me fornecidos por um aldeão analphabeto com quem fallei : pertencem a S. Lourenço de Sande (ao pé de Guimarães).

A) Phonologia

1. *Móum* (mão), *póum* (pão), *curaçóum* (coração), *irmóum* (irmão), etc. Cf. *Dial. interamn.,* IV, §. 1. Diz-se porém *irmão* (= irmã), *menhão* (= manhã), *mação* (= maçã). Cf. *Dial. interamn.,* III, §. 2. — A *ã* (*an, am*) litterario medial corresponde *ão,* ex.: *sãoto* (= santo), *cãopo* (= campo). Vê-se que se não admitte aqui *ã* : todos estes phenomenos apparecem noutros pontos da região interamnense.

2. *Áurdéia* (= aldeia), *cáurdo* (= caldo), *áurto* (= alto), *máurga* (= malga), *Cáurdas* (= Caldas), *áurma* (= alma), *sáurça* (= salsa) ; mas : *rélba* (= relva), *félga, sirba* (= silva), *córmo* (= colmo), *curmaço* (= colmaço), *surdado* (= soldado), *úrtimo* (= ultimo). — Cf. *Dial. interamn.,* IV, §. 2.

3. *Têmpo, quênte ; urĕĭlha* (*ĭ* é um *i* attenuado), *juĕĭlho.* Cf. *Dial. interamn.,* IV, §. 3. — Em syllaba atona, *en* tem o som de *e* surdo nasal (i. é, o *e* da palavra *de*), ex. *bĕnder, rĕndimento.* A este som corresponde *um, un* (= om, on), ex. *cumprar, rumper, cunter.* — Em syllaba final, *em* litterario tem o som de *éim* ou um som muito visinho : *qéim* (= quem), *ninghéim* (= ninguem), *béim* (= bem), *téim* (= tem), — palavras que não podem rimar com *mãe.*

*

4. O som *ô* da lingoa litteraria ditonga-se em *ŭô* (*ŭ* attenuado) depois de labial: *Pŭôrto, pŭôço, fŭônte, mŭônte, pŭôça.* Diz-se por consequencia: *adônde, tôlo, rôlo,* etc.

5. O *p* é levemente aspirado em *górpe.* Cf. *Dial. interamn.,* III, pg. 7. — O *d* entre vogaes aproxima-se do *th* inglês. *Ib. ib.;* inicial tem o som normal. — O *g* entre vogaes, tem o valor de fricativa branda.

6. Diz-se *sále* (*sa-le* = sal), *anéle* (a-né-le = annel), *qintale* (qin-ta-le = quintal).

7. O dissyllabo litterario *-uím* de *ruim* reduz-se a *-úim* em *rúim.* Mas diz-se *munha* e *munho* (= moinho. As fórmas intermédias fôrão *múinha* e *múinho* que existem noutras partes).

B) Morphologia

8. Diz-se *ũπa, àrgũπa, ninhũπa.* Aqui π representa o *n* guttural (germanico *ng*).

9. Diz-se *eu fês* e eu *trôixe,* tu *qijéstes,* elles *présto'* (= prestão). Cf. *Dial. interamn.,* IV, §. 8.

C) Textos populares (cantigas)

1.

Menina que stá [1] jenella
Cum seu relóijo á cinta,
Diga-me qi horas sóum,
Falle berdade nu' [2] minta.

2.

Qĕdabês [3] de ti mais gósto,
Pĕlo teu dezimbaraço;
Por ũπa noite de scuro
Nu' me néghes um abraço.

3.

Eu abraço num te négo,
Pucarinho num te dou:
Num qéro que te tu gabes
Do qe ninghéim se gabou.

4.

Adeus, ó lugar d'aqui,
Pedras aônde m'eu sĕntaba;
Adeus, amor d'àrgum [4] dia,
Tudo por tempo s'acaba!

---

[1] = *stá á.* O *á* foi absorvido pelo precedente.
[2] = *num.* A nasal foi absorvida pela nasal seguinte.
[3] = *cada vez.* Assim se diz noutras partes. Houve dissimilação: *e... a* = *a... a.* Cf. *Dial. interamn.,* IV, vocabul., s. v. *penarís.*
[4] = algum. Aqui o homem não disse *àurgum* (cf. §. 2). O *u* seguinte evitaria o *u* primeiro?

5.

Sáurgueiro péga de staca,
Amieiro de rais :
Dizes que me num qijéstes,
Eu fui o qe te num quis.

6.

Adeus, que me bou imbora,
Pĕra d'ônde num t'o digo :
Si o tu qéres saber,
Aprônta-te, anda cumigo.

7.

Eu ir cumtigo num bou,
Qe meu pai num é cuntênte,
Que me pódes pôr no mundo
C'ũπa fama pĕra sêmpre.

Ao mesmo tempo que essas sete canções nos offerecem o lyrismo da alma popular em toda a sua exuberancia, mostrão tambem algumas particularidades curiosas de construcção, como a 3.ª (verso 3.º). Notem-se as antimetaboles ; são frequentes nos desafios do nosso povo, entre o primeiro verso de cada canção e o ultimo da antecedente.

A rhetorica não constitue um patrimonio exclusivo dos litteratos ! Tambem o povo a emprega. É que as chamadas *figuras de estylo* são, na sua essencia, mais alguma cousa do que adornos e artificios, como os compendios das aulas dão em geral a entender : ellas derivão do espirito da lingoagem e do estado psychologico do que a falla ; são manifestações da natureza e não recursos balofos da arte. A maior parte dos discipulos de Quintiliano desconhecem esta verdade.

D) Glossario

Cáis, quaes. Reducção vulgar de *qu* a *q*.

Cantigaije, grande numero de cantigas. Suffixo *-aije* = *-agem*.

Cubêrto, cobérto nas eiras. Este termo, assim com *ê*, usa-se noutros pontos da provincia.

Fèlga. Quando se cava a terra, as hervas que ficão chamão-se *a fêlga*.

Jenella, janella. Noutros pontos *jinella*.

Lũπar, luar. Esta fórma assenta no lat. *lunarem*, por intermédio de *lũar* (que existe noutras partes) na qual se introduziu π para evitar o hiato (como é frequente em Tras-os-Montes tambem, mesmo entre duas palavras).

Milhalvo, milho alvo.

Milhóum, milhão.

Munha, pó que o *milhalvo* deixa na eira.
Póxa, pó que o *milhóum* (milhão) deixa nas eiras.
Relòijo, relogio.
Scritar, escrever. Funda-se em *scrito* ou *scrita*.
Stréla, estrella. Assim se diz em Guimarães, etc.
Strepadella, topada. — Este termo deriva de *estrepada*, que por seu turno deriva de *estrepe*.

Vê-se do que fica exposto que a lingoagem de S. Lourenço de Sande [1] pertence ao grupo que chamo *sub-dialecto baixo-minhoto*. As observações que a este respeito aqui cabião, só as posso fazer num trabalho de conjuncto.

Porto, Março de 1884.

VII

LINGOAGEM POPULAR DE BAIÃO

(2.º *artigo*)

Tendo voltado á freguezia de S. Thomé de Covellas nas ferias de Setembro de 1885, não só confirmei a exactidão dos factos linguisticos assignalados no capitulo III, mas recolhi muitos novos, que me apresso a expôr.

Sigo a ordem do 1.º artigo e a cada passo me referirei a elle.

A) Phonologia

Farei algumas considerações preliminares sobre certos sons:

---

[1] A etymologia de *Sande* póde ler-se em um artigo meu que está no prelo para sahir na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*.

1. b..... [1] Tem o valor de fricativa bilabial branda, não só entre vogaes, como eu disse no 1.º artigo, mas depois de *l, r, s(z)*, ex. *àlbês, sèrbe, os bois*. É explosivo nestes casos: quando inicial e depois de nasal, ex. *bêim, bêim bê, Sã Bêinto*. — O mesmo acontece em Mondim da Beira, etc.

2. g..... tem o valor de *fricativa guttural branda* (som analogo ao *gamma* do grego moderno) nas mesmas condições que o *b* fricativo; tem o valor de explosiva tambem nas mesmas condições que o *b* explosivo: assim o *g* de *alga* differe do de *manga*, etc. — Egual facto acontece em Mondim da Beira, etc.

3. d..... É fricativo entre vogaes, depois de *r* e de *s(z)*, ex.: *adeus, arder, os dedos*. É explosivo quando inicial, depois de nasal e de *l*, ex.: *dou, são dias, tal dia*. — A mesma distincção se observa em Mondim da Beira, etc.

4. Os phenomenos expostos resumem-se assim: *b* e *g* estão na *posição fraca*, entre vogaes oraes (e depois de ditongo oral) e depois de *l, r, s*; estão na *posição forte* quando iniciaes, em pausa oratoria e depois de nasal. O *d* está na *posição fraca* entre vogaes, depois de *r* e de *s*; está na *posição forte*, quando inicial, em pausa oratoria, depois de *l* e depois de nasal.

A differença de tratamento das consoantes segundo a sua posição é um facto de linguistica geral. Cf. a este respeito H. Schuchardt in *Romania*, III, 9; e Gonçalves Vianna in *Positivismo*, IV, 80.

5. r..... O *r* tem differentes pronuncias segundo é duplo, inicial, ou fica entre vogaes, antes de *n* e *l* e antes de outras consoantes. Assim: é forte em *carro* e

---

[1] No 1.º artigo disse eu por lapso: «entre vogaes tem o valor de *bilabial branda*»; devia dizer: «tem o valor de *fricativa bilabial branda*.»

rapa; é ainda forte, mas com menos vibrações em *carne, Carlos;* tem menos vibrações em *cardo, carta* [1]; é brando em *caro* e *mulher.*

6. é..... Na pronúncia de S. Thomé, o *e* de *seu* e *sê* differem; isto é, *-eu* (correspondente a litterario *-êu* em *teu, seu, correu,* etc., ainda que seja no principio ou no meio da phrase), tem um som aberto especial, como eu disse no 1.º artigo, pg. 8. Mandando pronunciar á mesma pessôa estas palavras *sé, ceu, seu, sê* e *sêlha,* notei o seguinte: que nas duas primeiras o *e* tem o mesmo valor, quer dizer, *é* aberto; que nas duas ultimas tem tambem o mesmo valor, quer dizer, *ê* fechado; e parece-me que o *e* de *seu,* que escreverei *ĕ,* fica entre os dois, um pouco porém mais aberto talvez que o *e* hispanhol de *ciego.* Assim teremos esta gamma: *é, e* hispanhol, *ĕ, ê* [2]. Eguaes factos e egual gamma encontrei na pronúncia de Nespereira (Sinfães). — Mas, como disse, este som aberto é ainda assim especial.

7. oi..... Nas palavras *foi, boi, bois* em pausa, ouvi um *o* especial, que, como o *e,* fica entre *ô* e *ô.* É, como se vê, em terminação.

---

[1] Na pronúncia do Porto, parece-me ouvir um *r* differente em *corpo* e *curto;* o segundo terá mais vibração que o primeiro. Por outra: o *r* antes de dentaes (d, t) tem mais vibrações do que antes de outras consoantes. Assim eu faria esta escala: *carro, carne, cardo. carpo, ficar, caro,* ou: rr, r_1, r_2, r_3, r_4. Se ha differença entre o *r* de *ficar* e o de *caro,* ella é muito subtil, para que o ouvido a apanhe. — Provavelmente esta variedade do *r* dá-se em grande parte do país, senão em todo.

[2] Um habitante de S. Thomé diz, por exemplo, *béu* (subst. = *véu*) e *beu* (verbo: vêu = vem); *ceu* e *seu,* etc.

A) Phonologia

8. Dissimilação. Ha dissimilação de *u* em *fertuna* (= *fortuna* que se lê *furtuna* litterariamente) e *qestume* (= *costume* que litterariamente se lê *custume*). Ha dissimilação de *i* em *Semião* (= *Simeão* onde o *e* sôa *i*). Ha dissimilação de *r* em *àlboredo* (= arvoredo).

As fórmulas são: *e... u* = o(u)... *u*; *e... i* = *i... i*; ... *r* = *r... r*.

9. O *e* atono antes de palatal muda-se em *i*, ex. *bafijar* (= bafejar), *sinhor* (= senhor), *castinheiro* (= * castenheiro = castanheiro), *tilhado* (= telhado), etc. Ha aqui uma lei geral que se observa em grande parte do país, senão em todo.

10. Hiato. Aos exemplos que juntei no 1.º artigo, §. 14-*b*, juntem-se: *ó-u-hóme* (= ó homem); cf. *Dial. beirões*, v, §. 5. Tambem d'esta vez ouvi dizer: *já-i-a bi* (= já a vi. Na Beira diz-se *jáu a vi*). Cf. o 1.º artigo, *ib.*

11. Crase. Aos exemplos que reuni no 1.º artigo, §. 12, juntem-se: *háus* (= ha-os). Tambem *ó* (= ao), *béum* (= béu um).

12. O *é* de *sei, rei* é muito nitido, egual ao de *pé, ré*, etc.; mas em *séi* e *réi* ha ditongo.

13. Eis algumas phrases que apanhei em flagrante: *dĕ cáu saco* (= dê cá o sacco. Cf. §. 11), *fĕz béim* (= fez bem), *fĕz munto* (= fez muito), *aqĕl'àlqueire* (= aquêlle alqueire) [1]. D'aqui conclue-se que na pronúncia de S. Thomé se não admitte *ê* (*e* fechado) atono: de facto, duas ou mais palavras que se pronuncião juntas, subordinadas a um unico accento tonico, é como se constituissem uma só, e portanto o *e* em questão é atono nestas condições.

14. No 1.º artigo, §. 22, disse eu que a terminação litteraria *-oa* soava *-oua*. Devo fazer algumas restricções: em primeiro logar, ouvi *bôa* e *Lisbôa* a algumas pessoas, sem ser com *ôua*; em segundo logar, os verbos em *-oa*, de *-oar*, pronuncião-se com a terminação, *-ôia*, ex.: *zôia* (= zoa, ex. « *zôia* o béinto »), *perdôia, perdôia-me* (= perdoa), *môugôia* e *magôia* (= magôa). Egualmente se diz: *perdôi* (= perdoe, que na Beira etc. se diz *perdoue*), *môugôi* (= magoe, — na Beira *magoue*). É pois um caso de *oi* = ou: cf. o 1.º artigo, §. 21.

---

[1] O *ĕ* representa o *e* surdo que se ouve em *regar*, etc.

B) Morphologia

15. Verbos.

a) *Ser*. O verbo *ser* tem estas fórmas differentes da lingoagem usual: *sámos, sais;* mas *sais,* que é por analogia (cf. *Dial. interamn.,* IV, §. 8), ouvi-o só nestes versos

> *Sái-lo* retrato da bida,
> *Sái-lo* céintro da lindeza

onde se acha ligado com o artigo (= sail-lo = sais lo).

b) Diz-se *côrre* (imperativo) por *córre*. Tambem creio que assim se diz na Beira.

e) Diz-se *prenuncéio* (= pronuncião; cf. o 1.º artigo, §. 4), e *assubéies* (= assobies). Sabe-se que nos verbos em *-iar* se fluctua em português entre *-eia* e *-ia,* e se diz por exemplo *nomeia* e *numía, negoceia* e *negocía,* etc.: os factos de S. Thomé entrão pois nesta categoria.

d) Diz-se *heis* (= haveis).

16. Particulas. Juntarei ás que mencionei no 1.º artigo as seguintes: *cómo* e *cumo* (= como), *adéi* (por *depois, vai senão quando,* etc.), *agurantes* (= ha pouco), *ie*... (= *e*..., mas só em pausa oratoria), *im* e *éim* (= em), *qa* (= lat. *quam,* em vez de *do que*), *dispois, séim* (= sem), *d'ónde* (= onde).

C) Syntaxe

17. O verbo *adregar* (vid. o 1.º artigo, *Vocabulario,* s. v.) emprega-se tambem com *de,* ex.: « *adréga de morrer.* »

Nos textos e no vocabulario mencionão-se mais casos que podião entrar no estudo grammatical propriamente dito.

D) Textos populares

É nos textos populares que melhor se póde apreciar a lingoagem popular, com todo o seu colorido emocional e ao mesmo tempo a sua naturalidade simples: por isso aqui transcrevo mais alguns, que eu recolhi, com a maior fidelidade que me foi possivel, da bôca de differentes pessôas do concelho.

I. Cantigas :

1.

Algum dia era ieu
Tão amada e qerida,
Agora beijo-me só,
Da fertuna pertendida.

2.

Algum dia, por te ber,
Saltari'á porta da rua,
Agora dera dinheiro
Por me num dar sómbra tua!

3.

Algum dia, por te ber,
Saltára trinta portais,
Agora por te num ber
Saltarei trinta ou mais [1].

4.

O meu coração do teu
É mim [2] ruím [3] d'apartar,
É cuma-i-alma do corpo
Q'ando a Deus béim chamar.

5.

S'eu soubera ler na-i-auga
Como sei screber n'áréia,
Nu'm'habia de scapar [4]
Môça bonita néim feia.

6.

Iscrebera á beira d'auga
O retrato do meu béim,
Eu screbi e botei fóra
Antes que me bisse alghéim.

7.

Já pedi a morte a Deus,
Agora já stou doéinte :
Faça Deus sua bòntade
Q'eu num posso durar séimpre!

8.

Já pedi a morte a Deus
Agora peço a bida :
A minha fáma séim obras
Hade ser restituída.

9.

Se Deus qijera dar binho
Á bide, séim ser podada...
O pouco com Deus é mũito,
Mũito séim Deus num é nada.

10.

Já te qije... já te num qéro,
Já t'amei, já te num ámo :
A minha pouca assestencia
Te dará o dezingáno.

---

[1] É a antithese em toda a sua força nesta canção.
[2] Vid. o *Vocabulario*.
[3] Lê-se *ru-ím* : vid. o 1.º art., §. 17.
[4] Cf. o 1.º art., §§. 26-*d* e 8.

11.

Já t'amei, já te num ámo,
Já te num qéro [1] agora,
Já te barri á baçoira
Do meu coração p'ra fóra.

12.

No téimpo que t'eu améi,
Era milhor star doéinte;
Téimpo tão mal impregado,
Dado de tão boa méinte!

13.

Eu hei-de assubir ó alto,
Ó alto hei-d'assubir;
Qéim ó mais alto assobe,
Ó mais baixo béim cahir.

14.

Eu hei-de assubir ó alto,
Q'eu do alto béijo béim:
Qero bê-lo meu amor
S'elle falla com alghéim.

15.

Drumindo, staba sonhando
Qe tu morrias, meu béim:
Acordei, achei-me só,
Sòzinha, séim mais ninghéim.

16.

Drumindo, staba sonhando
Cómtigo, minha belleza:
Sái-lo [2] retrato da bida,
Sái-lo céintro da lindeza.

17.

Drumindo, staba sonhando
Còmtigo, minha belleza:
Acordei, achei-me só!
Em sonhos num ha firmeza.

18.

O sètistrêllo cahiu,
Bateu na beira do tanque:
Qéim aqi béim de tão longe
Já te téim amor bastante.

19.

Suspirar é meu qestume,
Auzéinte da tua vista:
Déixa, qe lá virá téimpo
Q'eu de contino t'assista.

20.

Suspirais, q'ando me bedes,
Suspiros de piadade:
Qeira [3] Deus q'isso num séija
Para mim de falsidade!

21.

Suspirar é meu qestume,
Qando de ti stou auzèinte:
Nada me cauza alegria,
Só im te ber stou còntéinte!

22.

Suspirando, dando ais,
Passo eu a minha bida:
Dando ais de piadade,
Suspiros d'arrepéindida.

---

[1] *qéro* significa *amo*.
[2] Vid. supra, §. 15-*a*.
[3] = *queira*. Só ouvi á pessoa que me dictou a canção; mas disse varias vezes.

23.

Por esses valles a cima
Minha falla bai dizéindo:
«Onde starás tu agora,
«Feliz-alma q'eu pretéindo?»

24.

Adeus altos, adeus valles,
Adeus oiteiros piqénos,
Adeus, bista dos meus olhos,
Nu'sei q'ando nos berémos!

25.

Adeus altos, adeus valles,
Adeus amor! Já t'amei!
Todos os sitios benéro
D'ònde còmtigo falléi!

26.

Fui à feira só p'ra ber,
O burmêlho m'agradou:
Mostro graça a todo o mundo,
Libardade não na dou.

27.

A Sinhora do Martyrio
Qe m'habia dar um dote [1]...
Se m'o ha-de dar na bida,
Dê-m'o á hora da morte.

28.

Héi-d'assubir ó lòreiro,
Do meio hei-de descer:
Nascemos um pĕr'ó oitro...
Q'l'habemos nós de fazer!

29.

S. João adrumeceu
Ao pé do moinho nobo:
As gallinhas do moleiro
Depenicáro-no todo [2]!

30.

Sta-noite fui á caça [3],
Certo canario cacei,
Pĕra mandar de prezéinte
Á filha do nosso rei [4].

---

[1] No verso

Qe m'habia dar um dote

ha uma ellipse de um verbo, o que é muito vulgar no povo. Tambem falta *de* antes de *dar:* é um phenomeno phonetico: *habia d'dar*.

[2] É uma variante de outra cantiga muito conhecida.

[3] Aqui *sta-noite* está em vez de *esta noite,* palavras que, sendo pronunciadas rapidamente, soão como uma só; por isso houve apherese do *e,* como expliquei no 1.º artigo, §. 8. — Creio tambem ter ouvido uma vez em flagrante em S. Thomé *stafeira* (= sesta feira); se me não enganei, a evolução foi: *sesta-feira,* * *sĕsta-feira* (vid. supra, §. 13), * *ĕstafeira* (dissimilação: cf. *Dial. interamn.*, IV, *Vocabulario,* s. v. *stifeito*), *stafeira* (vid. *Dial. interamn.*, III, §. 8).

[4] Será o fragmento de um romance popular?

31.

Sou do fado, sou fadista,
Meu gosto é fadistar;
Q'ando stou ó pé das moças
Regala-m'as combersar [1].

32.

Já fui mar, já fui Brazil [2],
Já fui meio-brazileiro,
Já passei o mar de graça,
Agora néim por dinheiro.

33.

A folha do castinheiro
Debicadinha cumà reinda:
Diga-m'ó minha menina,
P'ra qéim stá d'incomméinda.

34.

Já morri, já m'interrei,
Dubaixo de dois terrões:
Tornei a resuscitar
Co'as tuas orações.

35.

As têlhas d'teu tilhado
Deito' [3] áuga séim chober:
Deixastes [4] a mim por oitro,
Inda t'has-de'arrepéinder! [5]

II. Romances:

1.

Historia da Claralinda.

Istando a Claralinda [6]
No seu jardim assèintada,
Com péinte d'oiro na mão,
Seu cabello pèintiava:
Botou os olhos ao mar,
Bio bi-la bella armada:
Capitóum qe nella binha
Mũto béim na gobernaba;
Binha de caballo branco
E subrussela dourada,
Na ponta da sua lança
A cruz de Christo pintada.

---

[1] = *regala-me conversá-las.* A rima foi talvez a causa da inversão.

[2] Certamente a fórma primitiva foi assim: « *Fui ó mar, fui ó Brazil* », ou « *Já fui ó mar e ó Brazil* »: os versos seguintes e a necessidade do metro é que derão em resultado este verso, um pouco anormal quanto ao sentido.

[3] = *deitom* (= *déitão*).

[4] Cf. o 1.º artigo, §. 25-*i*.

[5] Todas estas canções as ouvi em S. Thomé.

[6] Aqui ha *istando* (em vez de *stando*) como na cantiga n.º 6 *iscrebera*, talvez por causa da pausa para a leitura do verso, e assim se acertar este.

*

— Diz-me lá ó capitão,
Diz-me lá se béins da armada?
— A Sinhora, que prègunta
É porque alghéim lá traz nella. [1]
— Trago lá o meu marido,
Ha dez annos q'anda nella.
— Pelos sinaes que me dais [2],
Lá o bi morrer na armada,
Ó redôr do limoeiro
Co'a cabeça cortada.
— Ai de mim! triste biuba!
Ai de mim! triste coitada!
De tres filhas que eu ténho
Ninhuma star arrumada!
— Quanto déreis vós, sinhora,
A qéim bo-lo trouféra aqui?
— Déra ouro, déra prata,
Qe pezára mais qa mim.
— Quanto déreis mais, sinhora,
A qéim bo-lo trouféra aqui?
— Um mònte d'oiro q'eu ténho,
Que me cobre toda a mim.
— Quanto déreis, etc.
— Tres moinhos que eu ténho
Cómo num ha por aqui:
Um mói oiro, e oitro prata
E oitro pau de marfim.
— Quanto dereis, etc.
— Tres filhas q'eu ténho
Cumo num ha por aqui.
— Num quero as suas filhas,
Que me num sóum dadas a mim:
Sou suldado, bou p'r'á guerra,
Não sou sinhor de mim.
— Quanto dereis, etc.
— Num ténho mais que le dar,
Néim bôcê mais que me pedir.
— Bôcê téim mais que me dar,
Muito mais que lh'eu pedir:
Téim n-a flor do seu rosto
Tão galante e tão marfim.

*

— Acudi, moços e môças,
Acudi agora aqui,
Q'este garoto brèijeiro
Aqui quer zombar de mim.
— O annel d'oiro q'eu tinha,
Q'eu comtigo reparti:
Dá-m'a a tua ametade,
Q'eu a minha ei-la aqui.
— Se tu eras meu marido,
P'ra que q'rias zombar de mim?
— Eu q'ría-te exp'rimentar
Se mi eras leal a mim [3].

2.

Historia da nau Catrineta.

Istoria [4] da nau Catrineta
Eu-bo-la qéro còntar:
Trinta annos e um dia
Séimpre á beira do mar:
Num habia qe comer,
Néim tão pouco que gastar:
Butáro' solas de môlho
Para Domingo jèintar:
As solas éro' tão rijas,
Não n-as pudéro' tragar;
Butáro' sortes a ver
Qüais [5] s'habia de matar,

---

[1] Este modo de dizer é muito vulgar na lingoagem familiar.
[2] Aqui o *pronomen reverentine* variou: vid. *Dial. argarbios*, II, §.
[3] Versão de S. Thomé.
[4] Cf. a not. ao 1.º verso do 1.º romance.
[5] Tambem se diz *qáis* (por *qual*): cf. o 1.º artigo, §. 24.

Cahiu a sorte prumeira
No capitão general:

— Arriba, arriba, gàgéiro,
Àqelle tope real!
Ber [1] se bês terras de França,
Ou aréias de Portugal!
— Àlbiças, meu capitão,
Àlbiças, meu general,
Já béijo terras de França
E aréias de Portugal.
Tambéim béijo tres donzellas
Á sómbra d'um laranjal:
A mais noba stá a cozer
E a chigante stá a bordar,
E a mais bella d'ellas todas
Por seus páis stá a chorar.
— Todas tres são minhas filhas,
Todas tres t'as hei-de dar:
Uma pâra te bestir,
Òitra pâra te calçar,
E a que mais bonita fôr,
Pâra còmtigo cazar.
— Num quero as tuas filhas,
Deu'las deixe béim fadar.
— Darei-te tanto dinheiro
Qi o não possas contar.
— Eu não qero o seu dinheiro,
Qe le custou a ganhar.
— Dou-t'o meu caballo branco
Pâra tu o felutriar.
— Eu não quero o seu caballo,
Qi é de bòcê passiar,
Qero a nau Catrinêta
Pâra no mar navegar.
.....
..... [2]

3.

Historia de Santa Catrina.

A Rua-Direita de Roma
É uma béim léimbrada:
Nasceu lá uma menina,
Catrininha se chamaba:
Dias que Deus a botaba ó mundo [3],
Sua mãi a castigaba,
Qe deixasse a fé de Christo,
Qe fosse perra malbada.
A filha le respondeu:
— Qe a fé de Christo a salbaba.
O pai, assim que o soube,
Néim o comer le prestaba,
Mandou fazer uma roda
De qitélos e nabalhas:
Pâra Catrina passar
Seus martyrios e trabalhos.

Béum [4] ainjinho do ceu
Toda a roda sbandalhou,
E pegou em Catrininha
E para o ceu a lubou [5].

---

[1] Por *a ber* etc.
[2] Versão (incompleta) de S. Thomé.
[3] Isto é, «nos dias que Deus botava ao mundo.»
[4] = *béu um*: cf. o 1.º artigo, §. 25-*f* e este no §. 11.
[5] Versão de S. Thomé.

III. Contos (pronúncia local *cóntos*):

(Cyclo de Christo e S. Pedro)

1.

Q'ando o Sinhor andaba p'lo mundo, incòntrou duas raparigas, e dixe a ũa d'ellas:

— Ó menina, dá-m'ũa piinha d'auga?

E diz ella:

— Ó hóme, s'eu deixaba meter êssas [1] barbas no meu caneco, atéu [2] diabo se ria [3].

E ó despois antóum incòntrou ôitra rapariga e le dixe:

— Ó menina, dá-me uma pinha [4] d'auga?

E ella dixe:

— Ó filho d'Deus, beba q'anta qijer.

E S. Pedro binha c'o Sinhor, era o còmpanheirinho d'elle, e le prèguntou:

— Q'heis de dar á que bos deu a-i-auga e á que bo-la num deu?

Diz:

— Eu á que me deu a-i-auga... ha-de ser casada, e ha-de ter mũito filhinho, e ha-de ser próbe; e á que m'a num deu... ha-de ser casada e ha-de ser rica e nu'hade ter filhos.

E diz-l'agora outra bês Sã-Pedro:

— Ó Sinhor! Pois bós, á que bos deu a-i-auga, próbe... e a oitra, que bu-la num deu, rica?

— Sim, Pedro (le dix'o Sinhor. Diz:), eu, á pròbezinha... é neste mundo e rica no ôitro; e a rica é neste mundo e próbe no ôitro.

2.

Foi o Sinhor ficar na caza d'um próbe e morreu de noite

---

[1] Em Baião, como na Beira, etc., diz-se *êsse* e *êssa*. Cf. Gonçalves Vianna, *Ésssai de phonétique*, pg. 53, not. 2.

[2] = até o. — Cf. §. 11.

[3] A lingoagem popular, sempre emocional, quiz pintar bem ao vivo o acto de beber.

[4] ou *piinha* = pinguinha.

hóm'e mulher. Ficáro'n-os filhos éim bólta dos páis chorando. Dixe-l'agora S. Pedro :

— Ó Sinhor ! Bós que fizestes, pois matastes os páis áquelles meninos ?

— Cala-te, Pedro, que stabo' im graça.

— Mæs aquelles meninos, que será d'elles agora?

— Ó Pedro, bate nêssa fraga.

E abriu-se-l'uma fraga c'um tánque déintro, cheio de peixes. Dispois dix'o Sinhor a S. Pedro :

— Qéim n-os sustéinta ?

— Sois bós, Sinhor.

— Assim hei-de sustéintar os meninos [1].

3.

O Sinhor, q'ando andaba pelo mundo, andaba pedindo a mais S. Pedro [2]. Mandou S. Pedro a caza d'um labrador pedir-l'a smola, e o labrador, cumo andass' agoniado, nu'la deu. S. Pedro chigou ó pé do Sinhor:

— Sinhor, elle nu'me deu nada.

Diz-l'ôitra bez o Sinhor :

— Torna lá, Pedro.

— Sinhor ! Eu num bou lá, q'elle dá-me c'um inxinho.

— Bai, Pedro.

Elle foi. E o labrador dixe :

— Ó-u-hóme ! Bocê num béĭnha [3] cá, q'eu dou-le c'um inxinho.

Tornou S. Pedro a bir ao Sinhor. Diz-l'agora o Sinhor :

— Pedro, torna lá.

— Ó Sinhor, pois elle qije-me dar e eu inda lá hei-de tornar ?. . .

S. Pedro foi. Diz-l'o labrador :

---

[1] Este conto e o anterior fazem lembrar o do *Anjo e o eremita*, que foi estudado por Gastão Paris.

[2] *A mais* póde ser tranformação de *e mais* (*a* = *e*, por causa da labial).

[3] Vid. o 1.º artigo, §. 7.

— Óu-hóme. Dĕ cáu saco [1].

E ódespois fôro'-se os próbes imbora. Chigáro' adiéinte mais, e io' dois cáĩs grandes de trás d'uma lebre.

— Abre a bôc' ó saco, Pedro.

Introu a lebre p'r'ó saco de Pedro e dixe agora S. Pedro:

— Ó Sinhor, que grande lebre nós temos p'r'á ceia!

E os dois cáĩs, q'io' atrás da tal lebre, q'and'o Sinhor àgarrou [2] p'r'a-i-elle, logo s'inghedilháro' a q'rê-la tirar. E o Sinhor le dixe:

— Aqemudai-bos [3], q'êsta lebre nu' bos pertéince.

E os tais cáĩs le dixero':

— Pertéince-nos: êsta lebre era mũito soberba, que nunca fĕz béim a ninghéim!

Or'antão le dix'o Sinhor:

— Só a mim me fĕz mũitas smolas.

— Nomiai-as.

Diz o Sinhor:

— Até bo-las cónto.

Prèinspiou de contar [4] os grãos de trigo, e inda mais éro'-nos peccados do hóme. Os cáĩs mũito sĕstifeitos, e o Sinhor le dixe:

— Sp'rai, q'ind'ha mais.

Prèinspiou o Sinhor còntand'os fios do saco: ind'éro mais-los peccados do hóme do q'os fios do saco. Os táis cáĩs mũito còntéintes. Dixe-l'o Sinhor:

— Sp'rai, q'ind'ha mais.

Còntáro quantos fios tinh'ó baraço do saco, e ahi foi qe têbe mais q'òs peccados. Por aqĕll'alqueire de trigo salbou-se aqélla-i-alma q'ia na lebre. Os dois cáĩs éro' dois diabos q'io atrás d'ella [5].

---

1 = Dê cá o sacco. Cf. supra, §. 13.

2 = a agarrou.

3 = accommodae-vos: cf. supra, §. 8.

4 Repare-se nesta construcção grammatical. Nos AA. antigos encontra-se tambem *começar de*, como hoje entre alguns se torna outra vez a usar.

5 Estes contos forão-me dictados por uma mulher de Santa Cruz do Douro.

*

E) Vocabulario

Acarditar, acreditar.

Adéi, depois, vae senão quando. — Póde provir de *d'ahi*, * *d'ai*. Cf. seiba (= saliva).

Adespois, depois. Cf. o 1.º artigo, §. 26-*e*.

Adiéinte, adeante.

Agurantes, ha pouco. — De *agora antes*.

Àlbês, ás vezes. — De *a-la-vez* (cf. o plural *ás vezes*). Este termo usa-se noutros pontos de Entre-Douro-e-Minho.

Àlbiças, alviçaras.

Àlboredo, arvoredo. — Vid. supra, §. 8. É usado no Minho tambem.

Alcófras, escrophulas. — Por influencia de *alcofor*?

Ametade, metade. — Muito vulgar noutros pontos.

Amurzinho, amorzinho.

Apéiro, petrechos dos bois, como correias, campainhas, etc.

Arôlo, casulo do milho. — Tambem se usa *casulo*.

Assestencia, assistencia.

Azámbola, azemola. (Não tenho a certeza se esta fórma é exacta).

Branconía, melancolia. — A série foi: * *m'lancolia*, * *m'lanconia* (dissimilação), * *m'ranconia*, *branconia* (talvez dissimação: b... n = m... n). — Existe em port. arch. *melanconia*.

Brêba, bêbera. — De *brêba* (como se diz na Beira), como *probe* de *pobre*.

Breijeiro, bréjeiro. — Cf. *Dial. beirões*, v, §. 7.

Brumêlho, vermelho. — Influencia da labial *m* (bremelho). Cf. o 1.º artigo, §. 18.

Carles, Carlos.

Chéintão, estaca. Está por *chantão* (do arch. *chantar* = plantare): *an* atono medial reduziu-o a *én*, e o *i* desenvolveu-se normalmente. Derivado: *Chèintoada* (nome de sitio). — Na Beira diz-se *tanchão*.

Chigante, proximo, immediato.

Chigar, chegar. — Influencia da palatal. Cf. sempre §. 9.

Chôpro, choupo.

Contino, continuo.

Dezingáno, desengano.

Dôbra, dóbra.

Drumir, dormir.

Dubaixo, debaixo. — Influencia da labial: vid. o 1.º artigo, §. 18.

Duja e dujĭa, duzia. — Vid. o 1.º artigo, §. 20.

Fadistar, fazer de fadista. — Na canção 31.º

Felutriar, fazer folias a cavallo. — No romance 2.º

Fertuna, fortuna. — Vid. supra, §. 8.

Fugura, figura. — Vid. o 1.º artigo, §. 18.

Gramasso, argamasso. — Metathese e apherese. Tambem na Beira.

Incòrecer, córar. — Verbo inchoativo.

Inxinho, engaço. — Mas tambem se usa *engaço* (pron. *ingâço*).

Libardade, liberdade. — Influencia do *r*, vid. o 1.º artigo, §. 19.

Lubar, levar. — Influencia da labial, vid. o 1.º artigo, §. 18.

Mim, mui. — Em *mui*, antes de outras palavras, *ui* foi reduzido a *i*, como em *qitelo* que vem de *cuitelo* (lat. *cultellus*); no Minho se diz tambem *Frituoso* que assenta em * Fruituoso (cf. *frúito*) = Fructuoso. — Ex. *mim caro* (= mui caro).

Mulhilheiro, em fórma de *molhêlha* (lat. *mollicula*).

Mũto, muito. — Mas tambem se diz *mũito*.

Ondua, onda. — Do lat. *undula*. Tambem na Beira se diz *ôndua*. É sobre esta fórmula que assenta talvez a popular *ôndia* d'outras terras.

Ô redor, de redor.

Pàlmeira (tàboa), taboa de um palmo de largo.

Peqerrêlho, pequenino. — É um deminutivo: *peq-err-êlho*.

Piadade, piedade. — Vulgar noutras partes.

Piinha, Pinha, pinguinha. — A fórma intermédia foi *pĭinha*. — Usa-se noutras partes, no Norte e no Sul.

Pintôr, côr da fructa. — Assim, diz-se quando as uvas começão a amadurecer: «as uvas já tem *pintôr*.» Tambem se usa na Beira.

Preguiceira, perguiceiro (banco grande que está na cozinha).

Prèguntar, perguntar. — Muito usual noutras partes.

Prèinspiar, principiar.

Pròbe, pobre.

Purfeito, perfeito. — Cf. o 1.º artigo, §. 18.

Q'a, do que. — Lat. *quam*.

Qitelo, cutelo. — Vid. *mim*.

Qreira, queira. — Vid. not. á canção n.º 20.

Redadeiro, derradeiro. — Metathese usada tambem na Beira.

Saleiva, saliva. — Em Sinfães, etc. diz-se *séiva*. — Em port. arch. existe *saiva* e em gallego *saiva*: do lat. *sălíva*. Como explicar o ditongo de *saleiva?* Talvez por uma reacção da fórma litteraria *salíva* sobre a popular *séiva*, que existe numa região dialectalmente semelhante, e é provavel que em algum tempo existisse em Baião. A evolução foi: *saliva, saiva, saiva, seiva*.

Sbandalhar, esbandalhar.

Semião, Simeão. — Vid. supra, §. 8.

Sestifeito, satisfeito.

Setistrello, sete-estrello: na cantiga 18. — Vêr o 1.º artigo, *Vocabulario*, s. v. setistrellos.

Sgâldruido, prompto?

Spedida, despedida.

Subrussella, sobre-sella. — Cf. o 1.º artigo, §. 18.

Sulhares (pregos), pregos para sôlho.

Suparação, separação. — Cf. o 1.º artigo, §. 18.

Sustifeito, satisfeito.

Tabuares (pregos), pregos para taipas.

Tareza, Theresa. — Vid. o 1.º artigo, §. 19.

Terrão, pedaço de terra arrancado com hervas. A este termo corresponde na Beira *turrão*, e na Extremadura *tarrão*: vid. *Dial. extrem.*, I, *Vocabulario*, s. v.

Tramêlo, doença que ataca os porcos e impede que elles comão.

Um rôr, muito. Era «*um rôr* de géinte.» — De *horror* por apherese da syllaba inicial, que na pronúncia se confundia com o artigo definido. Tambem se usa na Beira.

Ustifeito, satisfeito. Derivado: *ustifação*.

Para a conclusão, reporto-me a tudo quanto disse no fim do 1.º artigo sobre a lingoagem de Baião (*Dial. interamn.*, III).

Porto, 2 de Outubro de 1885.

J. Leite de Vasconcellos.

APONTAMENTOS

SOBRE

A ALIMENTAÇÃO DAS ESPECIES PECUARIAS NO MINHO

A provincia do Minho tem naturalmente indicado pelas condições climaticas e geologicas o roteiro das suas especulações culturaes e zootechnicas.

Qual será a razão porque as suas producções tanto se desviam das regiões agricolas congeneres?

Não estarão as culturas em harmonia com o meio cosmico? a producção quantitativa não attingirá os lucros estabelecidos a uma cultura bem dirigida e economicamente calculada? ou a imperfeição dos seus productos embaratece-os e obstrue assim a sua circulação commercial?

Este sólo uberrimo do Minho, afagado por um clima creador, tem feito descansar os agricultores na rotina pacifica e pouco ambiciosa dos seus passados; produz e tanto basta. Se póde dar outra cultura mais remuneradora, se os seus productos para a exportação precisam de maiores cuidados, se as artes agricolas estão economicamente estabelecidas, tudo se desconhece. E assim se continúa n'esta atonia, em que o rendeiro empobrece e o proprietario não levanta cabeça.

Quando o anno se apresenta farto em colheitas, como o de 84 a 85, quer o leitor vêr qual é o resultado d'esta maior abundancia agricola? Diz o correspondente de Guimarães para o *Jornal do Commercio*:

«Queixam-se os proprietarios, especialmente os pequenos proprietarios, a quem causa maior embaraço o empate ou abaixamento de preços dos productos agricolas, da falta de extracção do vinho da colheita passada e do milho da mesma colheita, cujos preços baratearam extraordinariamente.

«É claro que as difficuldades, com que já luctam os proprietarios d'este concelho e dos que se encontram nas mesmas condições economicas, se aggravam no corrente anno. Mais alguma hypotheca irá onerar o pequeno proprietario, mais algumas arrematações acrescerão ao movimento da praça judicial, já abundante em offerta, escassa na concorrencia de pretendentes.

«O mal-estar geral da propriedade agricola, as urgencias e primicias do proprietario não se denunciam sómente pelo registro hypothecario, mas pelo abusivo jogo de letras, pelo empenho em obter-se das corporações a preferencia, logo que haja dinheiro em cofre.»

Que anno de safra é este, e em que condições economicas está a provincia do Minho, coincidindo com uma maior producção o augmentar o numero de hypothecas e ser maior na praça judiciaria o movimento das arrematações?

É que á falta d'uma exportação, que uniformise o valor dos seus productos se junta uma pessima agricultura sem sciencia, sem arte, sem economia. Faz dó percorrer as campinas do Minho, quando os trabalhos agricolas são mais intensos: vê-se uma agricultura barbara, em que só um terreno generoso póde pagar a ingratidão do mau fabrico. Não se dão ás terras as lavras prescriptas pela sciencia; os adubos são maus, porque as montureiras perderam ao tempo os principios azotados, que lhes davam a fertilidade, e empregados em menor quantidade do que requer uma cultura intensiva; o afolhamento é ao acaso, ignorando-se que é da conveniente ordem das culturas, que em grande parte depende a sua boa producção; os adubos mineraes, applicados como correctivos, são desconhecidos; as forragens gastam-se segundo a maior ou menor abundancia, não se regularisando a sua administração, quer por meio da ensilagem, querendo-as dar em verde, quer segando-as nos tempos convenientes, e quantas vezes ao erro d'uma ceifa intempestiva se somma o da lixivia pela chuva, que lhes rouba uma grande parte dos principios nutritivos; as palhas resentem-se da sua má conservação; descura-se a hygiene dos gados, que vivem n'uma atmosphera onde o oxygenio falta e abundam os principios to-

xicos das fermentações; alimenta-se um animal para trabalho, como para a engorda ou para a lactação: uma serie de prejuizos, uma serie de praticas insustentaveis, um geral esbanjamento agricola que arrasta os rendeiros á miseria!

Cruel ignorancia que consome vidas e vidas a mourejar e a cavar a terra ingrata, e que deixa os cultivadores exanimes e a mendigar no fim da vida o pão de cada dia!

Na França multiplicam-se as sociedades agronomicas, que são outros tantos mediadores plasticos entre a concepção do sabio e a applicação do pratico. Enriquece-se a agricultura por toda a parte; dá-se-lhe um peculio de verdades scientificas que são a base das explorações ruraes e formam o seu capital intelligente; diffunde-se a instrucção agricola por todas as camadas; trabalha cada um em beneficio de todos e todos em beneficio de cada um; e a par de todo este movimento, nós assistimos descrentes e de braços cruzados!

Congreguemos os nossos esforços para o bem-estar de todos; tiremos da terra o pão e da herva a carne bastantes para que a população nos não passe adiante, e ponhamos a mesa ampla e abundante a todos os que vierem vindo.

O melhoramento agricola já não representa só uma necessidade economica; é uma imposição da moral.

Não é só ao governo que compete o impulso para esta redempção agricola; é tambem á iniciativa particular, é ao proprietario creando sociedades agricolas, que são o recurso que tem o pequeno lavrador para fazer face ás grandes industrias ruraes, fornecendo o capital fluctuante para a conveniente exploração de suas propriedades, fazendo os arrendamentos em conformidade com um estudo prévio dos terrenos, dando assim ao rendeiro uma melhor orientação do seu plano agricola, estabelecendo uma rede de escólas agricolas profissionaes; e uma agricultura assim baseada dará ao proprietario um rendimento maior da sua fortuna, e terá as bençãos d'aquelles que, na abastança do lar, passam os ultimos dias da vida cançada dos trabalhos, sem que a fome lhes venha recompensar o labor infatigavel.

O proprietario do Minho vai-se encontrando pouco e pouco em condições d'onde ha de resultar fatalmente o forçado aperfeiçoamento da sua agricultura. E quando o pequeno proprietario o não possa fazer, quando não tenha capitaes para estabelecer uma cultura intensiva mais remuneradora, elle só e isolado bem depressa terá de entregar nas mãos dos crédores toda a sua fortuna.

Augmentam as exigencias do estado; o commercio reclama perfeição nos productos; as necessidades individuaes são cada vez maiores e a extensão dos terrenos não augmenta! Procuremos uma cultura intensiva que estabeleça este desequilibrio, aperfeiçoemos as nossas industrias ruraes, e assim escusará de importar as cousas mais elementares da agricultura um paiz que, por triste epigramma, se diz essencialmente agricola.

*

Uma provincia, como é o Minho, caracterisada pelas suas boas condições para uma producção forraginosa, deve assentar a base das suas especulações na creação e exploração das especies pecuarias. É por ser a alimentação o factor mais importante d'estas operações, que como mais capital se apresenta o estudo das leis que regem o arraçoamento dos animaes domesticos, e de mais proveito para o Minho a vulgarisação da sciencia de bem alimentar. N'este ramo agricola, mais do que em qualquer outro, se póde dizer que o bom exito d'uma empresa depende do conhecimento dos principios que já tão de perto resolvem este problema da economia agricola. O ponto de vista, para que tendem os trabalhos feitos por Isidore Pierre, Wolf, Garolá, Magne, Grandeau e tantos outros agronomos e zootechnistas, é ajudar o cultivador a tirar o melhor partido possivel dos alimentos de que dispõe, sendo conhecidas as condições economicas, em que se encontra, e os animaes escolhidos segundo as especulações por ellas indicadas.

Em todos os trabalhos authorisados de agricultura moderna se fundamenta a exploração lucrativa do sólo na manutenção judiciosa e alimentação racional do estabulo.

São duas as acções que se conjugam n'uma boa administração alimentar: dar as forragens de modo que as rações contenham os principios immediatos em equação com a despeza exigida pelo organismo, quando se lhe não reclame producto, e augmentar a ração de tal modo, que a este acrescimo corresponda uma transformação em carne, leite, trabalho, etc., não esquecendo sempre o lado economico, como o criterio mais geral, mais dominador d'estas explorações.

Um alimento completo deve ter um albominoide, uma materia gorda, um saccharoide e um phosphato assimilavel de

base de potassa, cal e magnesia. São estas differentes substancias que, mais ou menos modificadas, se encontram no corpo do animal, e que o organismo tem de tirar necessariamente da alimentação. A suppressão mais ou menos aturada d'um d'elles arrasta, como consequencia, quer a reducção de seus effeitos nutritivos, quer a completa annullação d'elles. E a proporção entre estes differentes principios nutritivos, já entre si, já entre elle e o lenhoso, não é, como acima foi dito, indifferente para os seus effeitos uteis, quer sob o ponto de vista hygienico, quer hygiotechnico. D'aqui nascem as relações nutritivas, que se exprimem pelas fórmulas: $\frac{a}{c}$, $\frac{g}{a}$, $\frac{l}{n}$, representando $\frac{a}{c}$ a relação em que na ração deve estar a materia azotada ou albominoide para a materia carbonada, $\frac{g}{a}$ a relação entre a materia gorda e a azotada e $\frac{l}{n}$ a relação do lenhoso para a somma de todos os outros principios da ração.

Todas estas relações variam entre certos limites, assim: $\frac{a}{c}$, oscilla entre $\frac{a=1}{c=2}$ e $\frac{a=1}{c=5}$, variando *c* successivamente de 2 até 5, correspondendo 2 nos animaes novos, até na idade adulta attingir o numero 5.

A relação adypo-proteica $\frac{g}{a}$ é nos animaes adultos de $\frac{g=1}{a=2,2}$; mas na engorda, para o melhor effeito, *a* deve descer de 3,5 a 2,2, desde o principio ao fim da engorda 1 : 3,5 : 3 : 2,5 : 2,2. Para a producção de leite é de 1 : 3,5 a 1 : 3 e para o trabalho 1 : 3 a 1 : 2.

A relação do lenhoso ou de balastro $\frac{l}{n}$ é variavel, não só com a idade dos animaes, mas com a especie d'elles. Na idade nova, nas especies pecuarias herbivoras, é $\frac{l=1}{n=5}$ e $\frac{l=1}{n=2}$; na especie suina é 1 : 12 e 1 : 10; nos ruminantes adultos e para a engorda a melhor relação é 1 : 3; nas vaccas leiteiras 1 : 2 a 1 : 1,5; sendo nos bois de trabalho de 1 : 1,5 a 1 : 1,3. Nos equideos 1 : 2; se o trabalho é mais puxado 1 : 2,5, se menos puxado 1 : 1,5. Mas o effeito util dos alimentos não se póde tirar immediatamente das tabellas, que nos ensinam a composição chimica das forragens a empregar.

O apparelho digestivo não leva a uma desaggregação tão completa os differentes principios immediatos que constituem a forragem, como os reagentes chimicos, variando o seu effeito util com o seu grau de digestibilidade; isto é, com a propriedade que as substancias alimentares teem de poderem ser digeridas.

A digestibilidade depende da natureza dos alimentos, segundo cedem facilmente a maior parte da sua substancia á acção dos succos digestivos, como os pouco fibrosos, abundantes em principios soluveis na agua, alcalis e acido chlorhydrico, e do poder digestivo dos animaes variavel com as especies, raças, idade e individualidade.

Para os differentes principios estabeleceram os allemães um quadro, em que os coefficientes d'um valor médio, nos dão a quantidade assimilada provavel do alimento:

	Proteina (albuminoides)	Materia gorda	Saccharoides	Lenhoso
Carneiro	0,57	0,61	0,72	0,58
Cabra	0,60	0,44	0,64	0,62
Boi	0,65	0,64	0,66	0,60
Vacca	0,57	0,65	0,70	0,61
Cavallo	0,69	0,59	0,68	0,33

Se uma vacca carece, por exemplo, de extrahir da alimenção 484 grammas de albuminoides, é preciso empregar uma forragem que tenha 850 grammas. Com effeito, multiplicando 850 grammas por 0,57 coefficiente da proteina, temos 484, quantidade pedida.

Como dissemos, os coefficientes d'esta tabella não são rigorosos; mas ha fórmulas especiaes que nos dão estes coefficientes mais precisos, pois que entram n'ellas as proporções em que os differentes principios estão associados entre si.

Para a proteina temos a seguinte fórmula de Henneberg: $c_p = \frac{h}{\frac{P}{2} + H}$, significando *h* a somma das materias gordas e saccharoides, *H* a somma de todas as materias hydrocarbonadas (saccharoides, gordura e lenhoso), *P* a proteina e c_p coefficiente da proteina.

Com applicação aos saccharoides apresentou Mehlin a fórmula $Cs = \frac{2P + L}{3L}$, em que *P* é a proteina ou albuminoides, *L* lenhoso e *Cs* coefficiente de saccharoides. Convem advertir que esta fórmula só tem applicação a forragens que tenham uma quantidade de lenhoso superior á de proteina, porque, d'outro modo, teriamos um coefficiente superior á unidade, o que não póde ser.

Para a materia gorda admittem-se geralmente os numeros apresentados na tabella.

Para o lenhoso ha a fórmula de Wolff: $Cl = \frac{L}{n}$, sendo *L* lenhoso, *n* a somma dos principios nutritivos das forragens (saccharoides, gordura e proteina), e *Cl* coefficiente digestivo do lenhoso. Mas os numeros que apresentamos no quadro bastam para quem não seja tão escrupuloso na aproximação, e a vantagem na facilidade em os applicar é sensivel, principalmente para as classes menos illustradas.

Não desconhecemos uma certa difficuldade pratica no uso d'estes principios geraes da alimentação em uma região, em que pelo seu caracter especial se tem de entrar em linha de conta com elementos novos, e que só n'uma educação agricola mais cuidada da maioria dos interessados podia ter uma facil resolução. Nem estes dados bastam para d'um modo satisfatorio resolver este complexo problema, nem esse foi o nosso fim, pois que os apresentamos não só como um passo inicial para um aperfeiçoamento maior, mas porque sem elles difficil seria a comprehensão do modo como uma ração deve ser estabelecida.

Como demonstração pratica da grande utilidade economica d'estes estudos vamos determinar a ração lactifera.

*

Uma ração completa desdobra-se naturalmente em ração de conservação e ração de producção, sendo a primeira constituida por a quantidade de alimentos, que o animal tem necessidade de tomar cada dia para se conservar sem augmentar nem diminuir de peso e sem fornecer nenhuma especie de produ-

cto, e a segunda por a quantidade de alimentos, que se junta á ração de conservação para permittir a um animal dar productos em trabalho, carne ou em leite, etc.

Considerando estabelecida a ração de entretenimento ou de conservação, para se calcular a lactifera o criterio mais seguro será tomar para base a analyse dos seus productos, no nosso caso o leite.

Supponhamos que uma vacca que tenha de peso 500 kilos dê 10 litros de leite, pouco mais ou menos 10 kilos. A analyse d'este leite dá 484 grammas de proteina (albuminoides), 420 de gordura (manteiga), 427 de lactose, 26 de acido phosphorico, 15 de cal e 23 de alcalis. É preciso, portanto, que a ração contenha estes differentes principios em quantidade tal, que, multiplicados pelo seu coefficiente de digestibilidade, dêem as mesmas quantidades que a analyse encontrou.

Na Allemanha a ração lactifera para 100 kilos de peso vivo orça pela fórmula seguinte: materia secca $2^k,5$ a 3^k, albuminoides $0^k,250$ a $0^k,300$, materia gorda $0^k,060$ a $0^k,100$, saccharoides $1^k,200$ a $1^k,350$, lenhoso $0^k,700$ a $0^k,350$. As relações nutritivas são (a : c) 1 : 5,5 : 5, (g : a) 1 : 3,5 : 5, (l : n) 1 : 1,5 : 2. Esta fórmula, que constitue a ração completa, desdobra-se em:

	Proteina (albuminoides)	Materia gorda	Saccharoides	Lenhoso
Ração de entretenimento	$0^k,080$	$0^k,020$	$0^k,900$	$0^k,920$
Ração de producção....	$0^k,170$	$0^k,060$	$0^k,400$	
Ração completa.....	$0^k,250$	$0^k,080$	$1^k,300$	$0^k,920$

O que mais importa attender é á proporção dos principios proteicos e gordos, podendo os outros deixar de estar rigorosamente contidos nas relações indicadas sem grave prejuizo. Na ração de conservação abundam mais os saccharoides e o lenhoso, emquanto que a de producção deve ser formada de alimentos complementares, que tenham na sua materia secca uma proporção maior de materias albuminoides e gordas. A quantidade de leite fornecido por uma vacca debaixo do ponto de vista da alimentação, pois que a aptidão individual, as phases da lactação, as estações, o repouso e o exercicio não en-

tram nos estreitos limites do nosso estudo, é até certo ponto proporcional á quantidade de albuminoides que a ração contém ($0^k,250$ a $0^k,300$) e nas convenientes relações nutritivas.

Analysando no exemplo proposto os 10 litros de leite, que quantidade de proteina, de gordura e de lactose é preciso haver na alimentação para ceder ao animal as quantidades correspondentes encontradas no leite? O calculo mostra que são necessarias 850 grammas para dar as 484 de albuminoides, 250 grammas de gordura e 957 grammas de saccharoides para dar 420 de gordura [1] e 610 grammas de saccharoides para produzir 427 grammas de lactose. A parte mineral do leite anda de ordinario associada á proteina.

A ração de producção seria para uma vacca de 500 kilos, dando 10 litros de leite: proteina $0^k,850$, gordura $0^k,250$, saccharoides $1^k,567$, e a de conservação: $0^k,400$ de proteina (albuminoides), $0^k,100$ de gordura, $4^k,500$ de saccharoides. Referindo estes numeros ao que compete a 100^k de peso vivo, e comparando-os com os da fórmula geral achada por zootechnistas allemães, nota-se grande aproximação, que não só nos convence de quanto é racional este modo de vêr, como por seu lado confirma a fórmula allemã.

Apresentamos os exemplos de rações para vaccas leiteiras, calculadas por tonelada viva (1:000 kilogrammas) que tiramos de um estudo ácerca do arraçoamento pecuario, feito pelo snr. S. Bernardo Lima, nosso distinctissimo zootechnista, estudo que de perto temos seguido n'esta parte.

---

[1] A gordura não provém toda da materia gorda das forragens, porque nem ellas a contém na porção em que se empregam, e além d'isso não se daria a conveniente relação adypo-proteica que é 1 : 3,5 : 3. Havendo 250 grammas de gordura para estar na relação adypo-proteica exigida, esta quantidade pelo coefficiente de digestão (0,65) reduz-se a 162 grammas; faltam portanto 258 grammas de materia gorda que são formadas á custa dos saccharoides. A 2,6 de saccharoides corresponde 1 de gordura; logo são precisos 670 grammas de saccharoides assimilados para dar 258 de gordura. Mas para haver a assimilação de 670 grammas é preciso que a forragem contenha 957 grammas, que pelo coefficiente de digestibilidade dá 670 grammas digeridas.

Ração de inverno

Designação das forragens	Peso das forragens	Albuminoides	Gordura	Saccharoides	Lenhoso
Beterraba.....	80^k	$1^k,2$	$0^k,08$	$7^k,6$	$0^k,6$
Palha de trigo.	15^k	$0^k,3$	$0^k,23$	$4^k,2$	$7^k,3$
Semea de trigo	3^k	$0^k,5$	$0^k,12$	$1^k,4$	$0^k,5$
Bagaço de colza	2^k	$0^k,6$	$0^k,28$	$0^k,5$	$0^k,3$
	100^k	$2^k,6$	$0^k,71$	$13^k,7$	$8^k,7$

Relações nutritivas: a : c = 1 : 5,5 g : a = 1 : 3,6 l : n = 1 : 1,95.

Ração de primavera

Designação das forragens	Peso das forragens	Albuminoides	Gordura	Saccharoides	Lenhoso
Luzerna verde.	50^k	$2^k,3$	$0^k,45$	$5^k,7$	$4^k,7$
Palha.....	20^k	$0^k,4$	$0^k,30$	$5^k,6$	$4^k,9$
	70^k	$2^k,7$	$0^k,75$	$11^k,3$	$9^k,6$

Relações nutritivas: a : c = 1 : 4,5 g : a — 1 : 3,6 l : n = 1 : 1,54.

Ração de estio

Designação das forragens	Peso das forragens	Albuminoides	Gordura	Saccharoides	Lenhoso
Milho verde...	80^k	$1^k,0$	$0^k,40$	$8^k,0$	$3^k,8$
Luzerna verde.	33^k	$1^k,5$	$0^k,23$	$3^k,8$	$3^k,1$
Palha.....	5^k	$0^k,1$	$0^k,08$	$1^k,4$	$2^k,4$
	118^k	$2^k,6$	$0^k,71$	$13^k,2$	$9^k,3$

Relações nutritivas: a : c = 1 : 5,3 g : a = 1 : 3,6 l : n = 1 : 1,77.

Ração de outono

Designação das forragens	Peso das forragens	Albuminoides	Gordura	Saccharoides	Lenhoso
Milho verde...	80^k	$1^k,0$	$0^k,40$	$8^k,0$	$3^k,8$
Bagaço de colza	5^k	$1^k,4$	$0^k,70$	$1^k,2$	$0^k,7$
Palha.....	6^k	$0^k,12$	$0^k,09$	$2^k,9$	$2^k,5$
	91^k	$2^k,52$	$1^k,19$	$12^k,1$	$7^k,0$

Relações nutritivas: a : c = 1 : 5,2 g : a = 1 : 2,1 l : n = 1 : 2,2.

N'estas rações, quando o cultivador não as queira seguir rigorosamente, porque não convenha á sua exploração, póde substituir umas forragens por outras, tendo cuidado de sempre conservar as mesmas relações numericas.

Para terminar, direi que as forragens aquosas augmentam a quantidade do leite, embora elle seja um tanto delgado e adocicado, o que não é erro sendo vendido em natureza, e as forragens seccas dão geralmente um leite menos abundante e mais grosso. Os trevos, e mais sensivelmente o *trifolium pratensis* e *trifolium repens,* puxam demasiadamente a secreção do leite, chegando as vaccas a um emmagrecimento consideravel. As cruciferas (nabos e couves) em continuado emprego transmittem ao leite o seu cheiro e sabor caracteristicos, e as liliaceas mesmo em pequena quantidade o infeccionam. As labiadas (tomilho, serpão, salva, hortelã, etc.) e as umbelliferas (herva dôce e funcho) dão-lhe um perfume agradavel. Absinthos, margaças, palha de cevada dão-lhe um sabor amargo, e algumas euphorbiaceas e polygonias uma côr azulada.

As boas qualidades do leite e de seus productos, manteiga e queijo, dependem das boas pastagens, em que abundem nas plantas pratenses oleos essenciaes e aromaticos. A luzerna, trevo, favas, bagaço de colza produzem muito leite, e a semente de linho, feno de prados naturaes tornam-o mais rico em principios butyrosos. Assim o leite é tanto mais carregado de caseina e principio butyroso, quanto o alimento tem mais albuminoides e principios gordos.

*

Apresentamos muito intencionalmente a ração lactifera, por isso que o regimen alimentar das vaccas leiteiras é totalmente desconhecido no Minho, onde nem ha os ensinamentos vacillantes e dispendiosos da pratica ignorante, sendo como é completamente estranha a exploração e industria dos lacticinios.

E não é sem grande magua que o escrevemos. Importamos seiscentos contos de manteiga e queijo, quando a nossa provincia podia chamar a si um quinhão importante d'este capital, sem carecer de grandes modificações na sua cultura. Infelizmente as nossas classes ruraes, avessas a tudo o que seja elemento de progresso, parece prestarem religioso culto a seus passados no seguimento escrupuloso de suas praticas.

Falla-se em associação e todos fogem. Pois seria este o elemento em que melhor se assentava a industria dos lacticinios, que tão bem se daria aqui. Agruparem-se os agricultores que quizessem explorar esta industria; comprar cada um o numero de vaccas compativel com a sua riqueza forraginosa; juntarem o leite onde em commum fossem fabricados os differentes productos, recebendo cada um o lucro correspondente á quantidade de leite que forneceu, seria o melhor caminho a seguir; ou então venderem o leite por um preço estipulado a uma empreza que lucraria o trabalho da preparação, sendo o productor assim o fornecedor d'uma materia-prima.

Isoladamente mal se póde harmonisar esta industria com a excessiva divisão da propriedade. Por um lado o consumidor castiga com um preço insignificante um producto em más condições; por outro uma pequena quantidade de leite impede o jogo de bons apparelhos e os cuidados que esta industria reclama.

Mas haverá no Minho elementos para esta exploração simultanea com a da engorda, ou crear-se-hia uma com detrimento da outra?

Partindo do principio, aliás verdadeiro, que a provincia do Minho, bem como todo o paiz, está muito longe do seu limite maximo de producção, pois que não tiramos em média por hectare mais que 11 a 14 hectolitros de milho, 8 a 11 de tri-

go, emquanto que em muitos pontos de França se eleva a 20 e 30 hectolitros de trigo por hectare e em Inglaterra 30 a 40, e que a causa que mais avulta é a falta de adubos, occorre como remedio que mais necessariamente se impõe uma estrumação adequada qualitativa e quantitavamente ás producções exigidas.

Este *deficit* consideravel de adubações no Minho é devido a que o lavrador explora em cereaes todo o terreno que póde, com grave prejuizo das outras colheitas, porque sendo o quarteirão talhado para a alimentação do estabulo muito pequeno, o numero de cabeças de gado não póde ser grande e a montureira está em relação.

Uma exploração agricola, em que o lavrador procurasse uma divisão judiciosa dos seus terrenos de modo que o estabulo lhe désse os estrumes sufficientes para as boas culturas, com o auxilio de alguns adubos mineraes, não augmentaria a sua produção, embora a superficie fosse menor, e não teria mais azo a melhor ampliar as suas industrias pecuarias? Sem duvida que sim!

Escreve o snr. Lecouteux: «Gastando-se em adubações n'um hectare 319 francos obtem-se 3 % do capital, emquanto que com uma despeza de 458 francos tem-se um rendimento de 18 %.» Este calculo mostra evidentemente a vantagem das convenientes adubações, e o grave erro que entre nós se commette em não as applicar.

E se as chuvas embora abundantes se distribuem escassamente no estio, não será razão para grande desfalque nos nossos recursos forraginosos. A pratica da ensilagem do milho, descoberta tão completa de Goffart, que lhe mereceu a Legião d'Honra, e aqui desconhecida, podia ter applicação proveitosa, dando aos cultivadores um peculio forraginoso que poria o seu estabulo ao abrigo das vicissitudes meteorologicas, quando o estio se prolongasse demasiadamente sem humidade. Nos paizes accidentados como a nossa provincia póde-se represar a agua, que enxurra por os talwegues e limar os prados na estação calmosa.

Temos, portanto, elementos para augmentar a nossa producção agricola, e desenvolver consideravelmente o estabulo, explorando a engorda e os lacticinios.

A crise agricola, que entre nós se manifesta, collocando em tão más circumstancias os nossos productores de cereaes, é um symptoma d'uma doença chronica que desde muito mina a nossa organisação agricola, e a grande exportação de

cereaes da America não fez mais que precipitar as suas desastrosas consequencias.

E na verdade qual será o remedio mais moral, mais justo e de mais conveniente applicação? Difficultar nos nossos portos a entrada d'um producto que é a base da alimentação das classes pobres? Não estão ellas já demasiadamente sobrecarregadas? Não temos nós visto no Minho, quando o preço do milho chega a 700 reis por 20 litros, revolucionarem-se as classes menos abastadas levadas pela fome?

Conviria a mudança de culturas, consumindo nós os productos de outros paizes que em melhores condições os apresentassem ao nosso abastecimento?

Diz Paulo Couwés: « Alguns economistas pensam que as regiões tão povoadas da Europa occidental devem desistir da cultura cerealifera, por isso que nos póde fornecer esses productos o Novo-Mundo, onde a producção se dá em melhores condições. Mas de modo algum podemos contar com a exuberancia contínua dos terrenos da America, onde se applica uma cultura extensiva sem adubos e portanto esgotante [1]. A concorrencia americana, diz M. Dumel, citado pelo inclito economista, não impediria os agricultores do nosso paiz de obter uma remuneração sufficiente se o rendimento médio fosse no minimo de 20 hectòlitros por hectare. »

« A creação de gado na Europa, continúa Couwes, está mais ainda que a cultura dos cereaes ameaçada pela producção americana. A solução d'este problema economico deve vir da economia realisada por meio da cultura intensiva, dando o maximo rendimento sobre as terras araveis, graças aos abundantes adubos fornecidos pela creação de gado e aos adubos industriaes. »

É ao beneficio d'uma cultura mais aperfeiçoada que se recorre como remedio mais pratico, mais moral, mais heroico do nosso bem-estar.

Urge que á conveniente exploração dos terrenos se una a restricção da exportação das materias-primas, que vão enriquecer industrias estranhas, perdendo assim o proprietario o trabalho da preparação e o lucro do commercio.

Exportamos para a França os vinhos da região norte por

---

[1] Na America o rendimento médio de trigo por hectare é de 10 a 11 hectolitros, em Portugal de 8 a 11.

um preço diminuto para depois de preparados serem vendidos segundo um typo de credito commercial, Bordeus, por exemplo; vendemos o sarro bruto dos toneis com que lá fóra fazem o acido tartarico, o cremor de tartaro, o boro-tartrato de potassio e outros productos que depois requisitamos do estrangeiro; recebemos cortiça manufacturada, que tempo antes exportamos como materia-prima; augmenta a exportação das lãs sem que este acrescimo traduza uma maior exploração de gado ovino, mas sim o atrophiamento das nossas fabricas de lanificios; as colonias mandam-nos cautchu e gutta-percha que exportamos, recebendo depois os seus productos, etc.

Quantas industrias, quantas fabricas se não poderiam acclimar n'este nosso paiz tão protegido da natureza e tão mal comprehendido por nós!

Evangelisemos a religião do trabalho, se quizermos curar este grande mal, esta anemia do paiz, que se traduz n'um *deficit* annual de 10:000 mil contos, que nos empobrece e que tentamos attenuar com uma maior exportação humana e com emprestimos continuados.

Lisboa — Outubro — 1885.

João Motta Prego.

OS NOSSOS SOCIOS HONORARIOS

VI

Dr. Illydio Ayres Pereira do Valle

O snr. dr. Illydio Ayres Pereira do Valle foi deputado por este circulo de Guimarães.

O seu caracter dignissimo, a sua probidade politica que não lhe deixou ensurdecer a consciencia á voz do dever n'esta epocha anormal (em que as imposições dictatoriaes, a organisação viciosa do machinismo eleitoral, falseiam o suffragio, e alargam, a titulo de conquista democratica, illusoria e tristemente irrisoria por mal guardada de oppressões de varia procedencia e varia indole, o estrado para a comedia social), n'este periodo, decerto transitorio na evolução da politica portugueza, seria bastante para que no nosso espirito nascesse o respeito e a sympathia ao seu nome, se não houvera tambem o sentimento de gratidão a expandir-se, se o não conheceramos um trabalhador infatigavel e intelligentissimo desde o tempo da mocidade, em que as impressões se nos radicam mais profundamente.

Não foi esta a razão, commum a muitos outros, por que me coube o encargo honroso de indicar aos meus estimaveis consocios os principaes traços biographicos d'este respeitavel so-

cio honorario da Sociedade Martins-Sarmento. É que um acontecimento fortuito, proporcionado por intimo amigo, abriu-me o ensejo lisongeiro de travar relações estreitas com s. exc.ª, e de conseguir a sua valiosa protecção para a nova corporação vimaranense, creada sob os bons auspicios d'um sentimento de justiça e d'um arrojo patriotico, mas logo cortada de difficuldades absolutamente imprevistas, affrontada por odios, cuja injustiça e inconveniencia vae pouco a pouco conhecendo quem se deixou desvairar por desconfiança mal fundada, ou pelo falso criterio com que se apreciou o grau d'independencia alheia.

Mas... se nunca determinamos pessoas, para não cavar abysmos, para que recordar erros e imprudencias, que felizmente passaram, para que avivar a memoria de factos que nos surprehenderam e magoaram, se de nós, de todos os socios, são conhecidos os relevantes serviços prestados pelo illustre parlamentar e distinctissimo professor, relevantes pelo seu valor absoluto, mais ainda na relação do tempo em que prestados, por carecer então a nova instituição da adhesão, da conquista das sympathias de todos quantos sinceramente se interessam por esta alvorada da iniciativa particular na patriotica, na grave campanha do robustecimento social pela instrucção popular?

*

O nosso illustre socio honorario é natural de Valença do Minho, onde nasceu em 11 de dezembro de 1841. É filho dos exc.mos snrs. Antonio Pereira do Valle, e D. Maria Rosa Pereira do Valle.

O pae, hoje respeitavel velho, ainda com toda a vivacidade do seu espirito para poder gosar o prazer ineffavel de vêr o filho graduado nas distincções que illustram e formam o justo renome por se deverem á intelligencia, ao trabalho, á virilidade de caracter, destinou-o desde a adolescencia a uma carreira litteraria.

O aspecto militar de Valença, cingida de muralhas e baluartes, povoada de peças de artilheria nas imminencias ao Minho revolto, de fardas de caçadores e d'artilheiros na rede das ruas estreitas, não lhe perturbou a intuição dos largos

triumphos que o filho conquistaria nas luctas do talento e da sciencia.

Seguindo o seu destino, estudadas algumas disciplinas preparatorias, matriculou-se na Academia polytechnica do Porto no anno lectivo de 1856 a 1857, que cursou nas sciencias preparatorias para a Escóla medico-cirurgica, e onde os premios conferidos lhe auspiciaram vantajosamente a carreira encetada.

O curso medico-cirurgico concluiu-o em 1863.

Se o snr. dr. Illydio foi ou não um academico distinctissimo, demonstram-no com exuberancia os diplomas dos primeiros premios que lhe foram conferidos em todos os annos do curso: evidenceia-o a distincção final do louvor na these e na carta, distincção subidissima, e de que, segundo as informações que colhemos, o corpo docente da escóla fôra até então inteiramente avaro.

Terminou com o curso medico-cirurgico a sua mocidade academica sempre laureada.

Conheci-o durante esse tempo sorridente, que nunca mais se reproduz, porque a mocidade não se repete.

Não podiamos então prevêr que, volvidos vinte annos, travariamos relações pessoaes com a expansão intima que produz a communhão d'um sentimento elevado, a cooperação para o bom exito d'uma empresa, em que não surgiu como macula indelevel o egoismo d'um interesse particular.

E hoje, ao traçar estas linhas, creio que a intimidade póde estreitar-se na communhão da saudade do periodo escolar, em que apenas nos conhecemos, proseguindo eu o meu destino obscuro, s. exc.ª a carreira brilhante que lhe illustrou o nome.

Eu tenho a certeza que s. exc.ª ha de sentir mais d'uma vez esse sentimento agri-dôce e vago da saudade, ao avivar na memoria o quadro, embora longamente esbatido, da alegria dos triumphos escolares, da descuidosa convivencia com os companheiros de casa, das emoções intensas no regresso ao ninho paterno.

Compensa-o o largo horisonte que rasgou á sua vida publica? Mas a idade das vivas crenças, dos sonhos d'ouro, as expansões no seio da familia, a conversa vivaz e traquinas do Pestana, aquelle dizer manso do bondoso e mallogrado Magalhães, os devaneios poeticos do Celestino Seixas, o repastar a vista nas margens viçosissimas do Minho salpicadas das povoações alvissimas, o vêr a sua Valença pequenina mas nobre

e altiva sentinella de Tuy, e tudo isto n'esse tempo aureo, em que a fonte nos murmura segredos, quando o rio tem attracções mysteriosas, quando as messes são mais douradas, mais phantasticas as cumiadas das montanhas, os choupaes mais viridentes, mais viva e intensa a luz, mais nitido o azul do firmamento, mais dôce, mais suave a lua que prateia a onda negra do Minho?!

*

Encerrado o tirocinio escolar, o snr. dr. Illydio começou a sua carreira publica exercendo a clinica na terra natal como medico do partido municipal e do hospital da Misericordia.

Em 1868 concorreu a uma cadeira vaga na Escóla medico-cirurgica do Porto. Em junho de 1868 foi despachado demonstrador, promovido a lente substituto em novembro do mesmo anno, e a lente cathedratico em dezembro de 1869.

Em março de 1872 obteve a nomeação de medico do Hospital real de Santo Antonio.

Em junho de 1881 foi nomeado reitor do Lyceu do Porto.

Em agosto de 1881 foi promovido na cadeira de physica industrial do Instituto industrial do Porto.

Como se não fôra bastante para gloria fundada d'um nome esta serie ininterrupta de conquistas litterarias e scientificas, os seus meritos, os seus serviços á causa publica conquistaram-lhe ainda os diplomas de socio honorario da Associação Commercial do Porto, o de socio correspondente da Sociedade de sciencias medicas de Lisboa, de socio honorario da Associação de soccorros mutuos de Guimarães e de socio honorario da Sociedade Martins-Sarmento.

A avaliar pelos triumphos, podia suppôr-se um velho; e todavia tem apenas 44 annos de edade.

*

Em julho de 1874 foi eleito deputado pelo circulo oriental do Porto. Foi este o inicio da sua vida politica, de cujas agita-

ções se arredou afinal desgotoso ao convencer-se de que a politica como muitos hoje a comprehendem e dirigem, segue linhas flexuosas, a que reage com energia a inteireza do seu caracter dignissimo.

Não obstante essa tendencia dissolvente, não obstante a depressão moral do parlamento, depressão reflexa, senão a synthese do abatimento politico d'este paiz, retalhado em fracções que se não agitam pela cohesão de vigoroso organismo partidario, pela homogeneidade e profundeza de convicções, mas pelo capricho pessòal, ás vezes pelo interesse sordido que produz fortuitamente agremiações ephemeras, o novo deputado foi, como politico, o que fôra como academico, o que era como professor — um batalhador dedicado e convicto, estudioso e infatigavel nos pleitos de que dependiam legitimos interesses da nação, a realisação de justissimas aspirações dos circulos que representou.

O *Diario das Camaras* comprova o que affirmamos.

Além dos trabalhos nas discussões de reformas de instrucção publica, em que collaborou activamente, tomou parte assidua nas agitadas discussões sobre o accordo com a Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes para a construcção da ponte D. Maria Pia, sobre a construcção do edificio para a Escóla medico-cirurgica, sobre o projecto do caminho de ferro da Beira-Alta e Beira-Baixa, sobre direitos d'exportação d'assucar, direitos d'exportação dos vinhos do Douro pela barra do Porto, crise bancaria de 1876, etc. etc.

O nosso estimavel socio honorario não é orador para os largos vôos phantasiosos, ás vezes ôcos, mas sempre attrahentes pela seducção que exercem as fulgurações da arte; mas é sempre o professor de largo fôlego, d'estudos profundos, de criterio seguro, que se ouve com interesse e com respeito, que imprime nas suas affirmativas a auctoridade da sciencia, a intractabilidade da boa logica.

É por isso que foi novamente eleito em 1881, simultaneamente por Valença e Guimarães, proposto candidato governamental, e porque o fallecido patriarcha do jornalismo portuguez, conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, affirmára — que para os trabalhos da reforma de instrucção publica não dispensava a proficiente collaboração do dr. Illydio [1]; — e foi

[1] Se nos não trae a memoria esta declaração categorica foi feita ao nosso estimavel consocio, o snr. conde de Margaride.

pelas conveniencias partidarias, pelos meritos do candidato, pelo empenho do fallecido ministro do reino, que o brioso e mallogrado dr. Rodrigo Teixeira de Menezes, o mais ardente *fontista* e *regenerador* de Guimarães, desistiu, com prazer e abnegação de partidario dedicado, da sua reeleição.

O snr. dr. Illydio, eleito membro da commissão de instrucção primaria e secundaria, de que foi presidente, na sessão de 25 de janeiro de 1882, da de saude publica na sessão de 4 de fevereiro do mesmo anno, continuou tomando parte activissima nos trabalhos parlamentares da sua esclarecidissima competencia.

Fallecido o grande jornalista, o digno e probo [1] ministro do reino Antonio Rodrigues Sampaio, succedendo-lhe o inspiradissimo poeta, mui notavel orador parlamentar e forense, Thomaz Antonio Pinheiro Ferreira, continuou o snr. dr. Illydio, segundo é publico e para ambos honroso, no mesmo posto de collaborador. Decerto d'esta camaradagem, com um fim commum, e com identico ardor patriotico, mutuamente temperadas n'essa collaboração intima as aptidões divergentes dos dois homens de talento e de instrucção variada e profunda, um com a audacia dos seus ideaes, outro com a rigidez dos seus estudos preferidos, nasceu um novo projecto de reforma de instrucção secundaria, geral e especial, o qual, com o substancioso relatorio que o precede, foi apresentado pelo illustre estadista na sessão de 29 de março de 1882.

A sessão de 1882 foi esteril em discussões relativas á instrucção publica.

Na de 1883 é que o projecto foi discutido, e approvado na camara dos deputados, não o chegando a ser na dos pares, votando-se apenas, pela urgencia, a lei de 22 de maio de 1883, auctorisando o governo a regular o pagamento das propinas, a organisação dos jurys d'exame, e os exames por disciplinas.

---

[1] É caracteristico o facto de nunca ter negado auctorisação para serem processados os administradores de concelho por crimes commettidos no exercicio de suas funcções, emquanto vigente a lei de privilegio. Esse previlegio aboliu-se, mas creou-se depois para os... empregados fiscaes !

Tem esse projecto lacunas, algumas disposições aberrantes de melhor systema?

Não se disse ainda a ultima palavra, nem tão cedo se dirá, sobre a instrucção secundaria, sobre a instrucção popular. Esta parte da administração, da actividade social, é sujeita, como as demais, á suggestão d'evolução para um ideal de perfectibilidade; e nós, que de ha muito pouco ou nada iniciamos, n'este capitulo de administração temos ainda muito que imitar das instituições dos povos cultos, afeiçoando-as aos nossos costumes, á nossa indole, aos nossos recursos, e corrigindo o que a pratica demonstrar digno de emendas.

São já bons symptomas estas successivas reformas: revelam a agitação, a effervescencia do espirito publico na solução d'um problema complexo e vasto, demonstram o convencimento dos estadistas, sem distincção de partido, da necessidade de seguirmos, na generalisação da cultura intellectual, e da instrucção especial, senão a esteira dos grandes povos como a Allemanha, a Italia, os Estados-Unidos, pelo menos o bom exemplo de povos inferiores na extensão de territorio e nos recursos, como a Noruega, como a Hollanda, como a Suissa.

Como se affirma no citado relatorio: «A organisação dos estudos publicos é uma questão sempre viva, e que nunca em nenhum paiz poderá chegar a ser definitiva e acabada. A humanidade está excitada por uma verdadeira febre de saber. Cada novo descobrimento exige novas escólas, novos instrumentos, ou a transformação das antigas escólas, dos antigos instrumentos, dos antigos methodos. De modo que a obrigação dos poderes publicos não é fazer organisações para seculos, é ir aperfeiçoando os seus institutos e os seus methodos, á proporção das exigencias do progresso. É por isso que em todos os paizes cultos estão sempre na tela do debate estas questões vitaes da instrucção publica... Se perguntarmos a nós mesmos porque motivos certas nações fazem mais progressos do que outras, a primeira resposta que nós devemos dar é: por que ellas sabem mais.»

Com effeito parece que entre nós se vae realisando a affirmação de Bagehot: já nos não é possivel desconhecer a lei de progresso; não póde passar-nos despercebido este novo mundo de inventos, este novo mundo de idéas, a cuja influencia se não resiste.

Não eram numerosas as alterações do projecto á lei de 14 de junho de 1880. A mais importante, para tornar a instruc-

ção secundaria mais facil, foi a da abolição da dependencia absoluta na frequencia e exames das disciplinas d'annos para annos, limitando-a a grupos ou classes. Este fim conseguiu-se pela lei de 22 de maio de 1883.

Concorde com os fins especiaes da Sociedade Martins-Sarmento, tambem o projecto continha, como aperfeiçoamento d'aquella lei, a reproducção do decreto de 1864, na parte em que se determinava a creação d'escólas industriaes, a expensas do Estado, em Guimarães, Covilhã e Portalegre. Foi sem duvida devido ao cuidado e informações do illustre deputado por Guimarães (posto que já então não representasse officialmente este circulo, por ter optado pelo da sua naturalidade), em parte ministradas por um director da Sociedade Martins-Sarmento [1], que o talentoso ministro, comquanto não conhecesse pessoalmente o desenvolvimento industrial d'este concelho, incluiu no seu projecto aquella disposição em favor dos justissimos interesses d'esta terra trabalhadora.

Esta parte essencial do projecto obteve realisação. Fez-se emfim justiça. Deu-se mais um passo para o fortalecimento do trabalho nacional. Vê-se que a administração publica, comprehendido o alcance da energica protecção industrial iniciada pelo marquez de Pombal (com a largueza de vista que caracterisava os planos do grande estadista, embora com os processos excessivamente proteccionistas então acreditados) se esforça mais um pouco em recolher e aproveitar a herança d'aquelle plano, aperfeiçoando-o, desenvolvendo-o, pelo alargamento da instrucção popular.

Ha ainda muito que trabalhar? Muito que corrigir? Convirá alargar ainda mais o quadro d'estudos industriaes? Convirá robustecer o ensino dos lyceus, augmentando os ordenados, mas prohibindo absolutamente aos professores o ensino particular, e obrigando-os a despir um pouco a vestimenta do cathedratico, do prelector, para serem *mestres*, com todos os requisitos do bom mestre, que não ostenta sciencia, mas attende e suppre quanto póde as fraquezas intellectuaes dos discipu-

---

[1] Foram-no por intervenção do meu excellente amigo snr. dr. José Maria Pestana de Vasconcellos, primo e cunhado do snr. dr. Ilydio.

los? Será para os illustres professores mais digno, mais proficuo ao ensino, mais conveniente a necessaria intervenção do Estado na educação nacional?

Só sabemos enunciar estas, além d'outras duvidas, que nos assaltam o espirito. Nem é aqui o logar apropriado para a exposição de rasões que justificam as interrogações que formulamos: apenas as enunciamos para affirmar que, não obstante a nossa humilde e obscura incompetencia, ousamos dizer que nos parece indispensavel aperfeiçoamento mais largo, para que o ensino official seja verdadeiramente efficaz, proveitoso, e para que o estudo nos lyceus seja procurado e preferido sem os meios coercivos consignados na lei de 14 de junho de 1880. [1]

---

[1] Segundo o nosso humilimo criterio, para que o ensino dos lyceus e escólas publicas seja proficuo, e estas instituições adquiram authoridade moral; para que se desmintam os gabos ao ensino dos collegios jesuitas, apregoados com o calor que se inspira ora do velho preconceito aristocratico, ou das obsessões fanaticas, ora do expresso ou tacito accôrdo partidario dos politicos *equilibristas;* para que a avultada despeza do Estado com a manutenção d'instituições d'ensino, que tendem a augmentar em numero, e na expansão do quadro d'estudos, não se converta em esbanjamento escandaloso: não basta prohibir aos professores d'escólas officiaes o exercicio do magisterio particular.

Essa prohibição é uma das medidas, cuja urgencia bem se aquilata pelo despovoamento dos lyceus, e pelo crescente escandalo da veniaga; mas parece-nos insufficiente.

Parece-nos indispensavel um complexo de reformas e providencias, que sobretudo tendam a conseguir que o professor publico, que um cathedratico d'escóla secundaria não possua a cadeira como conezia vangloriosa, regendo-a para vencer o ordenado sem encargos sérios, e para proferir discursos ou prelecções com o entono, o emproamento, o afastamento entre mestre e discipulo que só póde tolerar-se em cursos superiores, onde os alumnos são geralmente adultos, mas que pelo contrario seja o — *mestre* —, com todos os attributos de paciencia, de benevolencia, de assiduidade, de caridade, que se ligam a esta palavra. Da censura á mandriice das diversas classes de funccionarios portuguezes não é infelizmente isenta a maioria do professorado d'instrucção secundaria.

Dar ao professor ordenado sufficiente, mas exigir-lhe correspondentemente maior assiduidade, maior trabalho, o emprego da manhã e da tarde nos trabalhos escolares; tornar o estudo proveitoso e simultaneamente facil, mais concrecto que abstracto, mais experimental

Não foram pois inteiramente perdidos o estudo e trabalhos do snr. dr. Illydio para o aperfeiçoamento da instrucção popular e secundaria, pois foram realisados os intuitos importantes d'aquelle projecto.

Diz-se no citado relatorio: «Trabalhou o governo por tornar a instrucção secundaria mais pratica, sem prejudicar as letras; mais facil, sem prejudicar a sciencia; mais bem dotada, sem prejudicar o thesouro.» Realisaram-se estas benemeritas aspirações.

Outros melhoramentos virão, embora lentamente.

*

O snr. dr. Illydio, retirando-se da agitação politica, descança de tantissimos trabalhos, em que se envolveu desde a infancia.

Descança? Tive o prazer de encontral-o, ha dous annos, em Valença, estudando e resolvendo problemas de xadrez: são d'esta natureza as distracções de ferias breves do illustre

---

que theorico; afeiçoar quanto possa ser a organisação dos lyceus e escólas publicas a *quasi internato*, cumprindo a lei já vigente pela organisação das salas d'estudo, estudos experimentaes, excursões escolares; restringir quanto possa ser a elasticidade arbitraria nos exames; ensinar, como quer Spencer, o professor a ser mestre, a ser examinador; crear uma escóla normal d'instrucção secundaria, como indica o snr. Manoel Ferreira (vid. excellentes artigos no *Jornal do Commercio*); compellir as camaras municipaes dos centros mais populosos a preferir a despeza com instituições d'instrucção primaria e profissional á d'estradas para compadres: taes são, entre outras, as medidas que se nos afiguram mais urgentes.

Alguns pensam que o mais efficaz remedio será o restabelecimento da dependencia absoluta das disciplinas; mas como nunca pudemos comprehender que o estudo do latim dependa do desenho linear, ou o de francez do canto coral, continuamos acreditando que a dependencia por classe é sufficiente. O restabelecimento d'aquella dependencia, quando mesmo fosse necessaria, não obviava á decadencia evidente e progressiva da frequencia nas escólas officiaes. Esta depressão, este descredito do ensino official provém d'outras causas: é contra estas que devem convergir os esforços.

professor! O resto do tempo occupa-o assiduamente no cumprimento dos seus deveres de mestre, e de clinico.

A alta benemerencia de s. exc.ª traduz-se e demonstra-se em poucas palavras: na politica, empregou esforços para que as instituições se melhorem, para que se facilite e alargue o ensino; retirando-se, estuda e ensina.

Guimarães — Setembro de 1885.

AVELINO DA SILVA GUIMARÃES.

BOLETIM

Em sessão de 10 de julho, o snr. presidente da direcção apresentou, em nome do snr. Domingos Leite de Castro, que se achava ausente, a seguinte proposta, que, largamente discutida nas sessões subsequentes, 21 e 23 de julho, foi approvada:

«É reconhecida por todos a inconveniencia de continuar a sociedade estabelecida em casa d'aluguer. No proximo S. Miguel temos de fazer uma mudança, e quem sabe em que anno (talvez bem proximo) teremos de fazer outra? Os arrendamentos a longo prazo em condições favoraveis são difficeis e prejudiciaes até certo ponto; porque, socegada cada direcção d'esse periodo pelo anno que lhe diz respeito, poderá a sociedade chegar ao fim do arrendamento e vêr-se inesperadamente sem casa, obrigada a fazer nova mudança, que, quanto maior fôr o periodo, mais difficil será. O remedio a isto seria a compra de casa, remedio efficaz e immediato, ainda que talvez não o mais conveniente; porque é differente viver n'uma casa destinada a uma familia, cujos commodos é necessario afeiçoar ás nossas necessidades, ou em outra feita de proposito para os nossos fins. Nós vimos, porém, ainda ha pouco a difficuldade, direi melhor, a impossibilidade, de obter immediatamente um capital relativamente importante como o que exige a compra d'uma casa nas condições, que já nos são indispensaveis. É preciso, pois, prepararmo-nos com tempo para essa eventualidade certissima. E o unico processo a adoptar para obviar aos inconvenientes apontados é a compra de terreno e construcção de casa pro-

pria, em cujas obras a sociedade vá amortisando as quantias que todos os annos puder economisar e aquellas que a sympathia publica, até hoje não desmentida, lhe fornecerá. Não é por figura de rhetorica que aqui fallo em relação ao futuro na continuação da sympathia publica, revelando-se por donativos mais ou menos importantes. Não devemos cansar a generosidade dos que pensam como nós, respeito a assumptos de instrucção, que não fazem ainda, infelizmente, a unanimidade: mas devemos tambem lembrar-nos que, ou a nossa obra é tão util como desinteressada, ou não; ou o povo de Guimarães está d'isso convencido, ou não. No primeiro caso, não nos faltará o auxilio; no segundo, não fazemos falta.

Dominado por estas idéas, e convencido de mais a mais que é indispensavel tomar alguem uma iniciativa compromettedora em todas as cousas para que ellas se façam, procurei eu, sob a minha inteira responsabilidade, que a ninguem mais obriga, terreno que satisfizesse a todas as condições requeridas.

Aquelle que encontrei mais central e accommodado, é um situado na rua de Gil Vicente, com frente tambem para a estrada de Braga, pertencente ao nosso consocio, o snr. Gaspar Lobo de Sousa Machado. Procurei o proprietario, e encontrei as melhores facilidades, apesar de recentes propostas mais vantajosas e recusadas.

O terreno mede 18 metros de frente por 42 de largo, ao todo 756 metros quadrados, contando pela largura menor.

As condições, lembradas pelo proprietario, e para que eu não concorri com a mais pequena instancia, são as seguintes:

O terreno será vendido a preço de 1$500 a 1$800 reis o metro quadrado, em conformidade com os outros terrenos, vendidos pelo mesmo proprietario e menos bem collocados. O preço total variaria, pois, entre 1:134$000 e 1:360$800 reis. O capital ficaria em poder da sociedade, emquanto conviesse ás duas partes contractantes, vencendo o juro de 4 %, e podendo a sociedade pagar em prestações. Seria, pois, um encargo para a sociedade entre 45$360 e 54$432 reis, no peior caso. O capital ficaria em hypotheca sobre o terreno e obra que n'elle se construir. Em caso de venda, resalva o proprietario o direito de preferencia, tanto por tanto.

A capacidade da casa é mais que sufficiente; presta-se talvez a uma construcção barata; as condições do proprietario são igualmente generosas, e por isso eu proponho que a direcção examine o local indicado e dê os demais passos necessarios para a ultimação do contracto, convencido, como estou, que se deve tomar uma resolução n'este sentido, e que não apparecerá facilmente terreno em melhores condições para a sociedade. — *D. L. de Castro.*»

Em 2 d'agosto, foi submettida á assembléa geral uma proposta da direcção no mesmo sentido. Essa proposta, que em seguida apresentamos, foi tambem unanimemente approvada:

« Desde 1883 que tem sido entre nós assumpto de amiudadas discussões a acquisição d'uma casa, em que a nossa sociedade possa installar-se definitivamente.

Em assembléa geral de 6 de setembro de 1883, o nosso estimavel e illustrado consocio o snr. Antonio Augusto da Silva Caldas propoz

que se nomeasse uma commissão para estudar os meios de conseguir esse fim e em assembléa de 1 de fevereiro de 1884 foi effectivamente nomeada essa commissão que, todavia, não chegou a installar-se.

No principio d'este anno, quando vimos imminente a necessidade de mudar de casa, e prevendo a difficuldade d'obter outra em condições apropriadas, lembramo-nos de comprar esta em que temos estado, e n'esse intuito levamos á assembléa geral de 9 de maio uma proposta, que todavia foi substituida por uma emenda em sentido contrario e em que a direcção concordou pelas difficuldades que n'esse momento se apresentavam quasi insuperaveis para os nossos apoucados meios.

Logo em seguida, porém, esta casa vendeu-se e o comprador avisou-nos de que a destinava para sua habitação.

Se deixando de comprar a casa evitamos difficuldades pecuniarias, vendida ella nos vimos desde logo envolvidos n'outras d'ordem diversa, mas para nós quasi de tanta gravidade como as primeiras.

Onde achar uma casa em condições apropriadas ás nossas instituições?

Buscamos em toda a cidade. Foi um trabalho fatigante e desconsolador.

Chegamos quasi a perder a esperança d'obter uma casa em que podessemos ter reunidas a bibliotheca, as escólas e os museus.

Foi n'este momento de crise, em que sentimos bem a falta d'um edificio proprio, que um dos vogaes da direcção, o snr. Domingos Leite de Castro, teve o pensamento da proposta, que a direcção abraçou, e que vai ser submettida á vossa esclarecida apreciação:

— Adquirir terreno para construir um edificio accommodado ás nossas instituições.

É isto decerto mais vantajoso que a compra d'uma casa. Para accommodar uma casa, construida com destino de habitação particular, ás nossas exigencias será necessario dispender uma avultada quantia e, no fim, ficar-se-ha com uma casa velha e talvez em condições desfavoraveis. A despeza de compra com a despeza do concerto ha de, por certo, ir acima do custo d'uma construcção nova. E ainda quando esse custo fosse superior, o excesso seria compensado com a vantagem, com a commodidade resultantes d'uma edificação talhada pela medida das nossas necessidades.

Para isto o primeiro passo é obter um terreno apropriado.

Favoreceu-nos n'esta parte a generosidade e boa vontade do nosso consocio o exc.^{mo} snr. Gaspar Lobo de Sousa Machado que, com notavel isenção dos seus interesses, se promptificou a ceder-nos o terreno que possue no extremo da rua de Gil Vicente, com frente para esta rua e para a estrada de Braga.

Esse terreno mede, salvo erro, 18^{m} de frente para a rua de Gil Vicente e 43^{m} de fundo: é excellente a sua situação, e, emfim, quer-nos parecer que difficilmente se encontraria outro em melhores condições.

As bases do contracto que temos apalavrado são as seguintes:

1.º O terreno é cedido á sociedade por 1:200$000 reis (aproximadamente 1$500 reis o metro quadrado, pois que o terreno tem no fundo maior largura que na frente);

2.º O vendedor deixa-nos essa quantia a juro de 4 %, com a unica garantia de hypotheca no mesmo terreno;

3.º O vendedor quer, em compensação d'estas vantagens, o direito de preferencia no caso de venda, o que sómente nos obriga a

realisar o contracto sob a fórma de emphyteuse, figurando o preço como entrada e com a estipulação d'um fôro minimo não excedente a 100 reis, sem laudemio nem outros encargos na fórma da legislação actual.

É pois uma acquisição muito vantajosa, já pelo preço limitado, já pela situação do terreno, já, emfim, pelo emprestimo do capital a um juro moderado, o que nos deixa os capitaes proprios livres para se empregarem na construcção.

A estas considerações poderiamos juntar muitas outras para demonstrar a intransigivel necessidade de installar as nossas instituições definitivamente em uma casa d'onde não tenham de ser removidas, segundo o capricho de mudança de condições d'um senhorio.

Ainda agora, tendo obtido uma casa pela avultada renda de 160$000 reis annuaes, nos vemos embaraçados na boa collocação da bibliotheca, museus e escólas, porque essa casa, sendo, aliás, um palacete, não offerece as commodidades necessarias, como podereis verificar.

Por isto temos a honra de vos apresentar a seguinte proposta :

A direcção fica authorisada a adquirir em nome da Sociedade Martins-Sarmento o terreno que o exc.mo snr. Gaspar Lobo de Sousa Machado possue no extremo da rua de Gil Vicente, com frente para esta rua e para a estrada de Braga, pela quantia de 1:200$000 reis, podendo realisar o contracto por meio de compra ou de emphyteuse com estipulação d'um fôro não excedente a 100 reis, sem laudemio nem outros encargos, sendo a contribuição de registo paga pela sociedade.

Fica a direcção igualmente auctorisada a constituir-se devedora em nome da sociedade d'aquella quantia de 1:200$000 reis, hypothecando á sua segurança o mesmo terreno adquirido, com estipulação do respectivo juro e mais condições usuaes. Poderá a direcção aceitar as mais condições usadas e que necessarias sejam para garantia das partes contractantes. »

*

Em sessão de 23 do mesmo mez, o snr. padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, nosso collega na direcção, communicou que no dia 16 d'esse mez, a commissão da secção archeologica da sociedade procedera a uma excavação no cemiterio pagão proximo ao lugar de Vela, da freguezia de Moreira de Conegos, d'este concelho, explorando-se oito sepulturas; que essas sepulturas eram quadrilongas, achando-se collocadas sem orientação determinada e tendo cada uma 1 metro de profundidade, 1m,80 de comprimento e 0m,75 de largura; que em cada uma d'ellas, além de prégos diversos — o que indica que se encerravam os cadaveres em caixões de madeira — se encontraram um prato, um copo e uma vasilha, tudo de barro, excepto o copo, que em algumas é de barro, e todos estes objectos collocados ao alto, e, segundo

todas as probabilidades, para a parte dos pés do cadaver; que alguns d'estes specimens seriam enviados para o museu da sociedade, onde já se acham os que appareceram n'uma excavação praticada ha tempos no mesmo local.

*

A direcção teve a honra de receber da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco um convite para assistir, no dia 2 d'agosto ultimo, á inauguração solemne de duas escólas primarias, fundadas por essa benemerita corporação. Felicitamos vivamente a illustrada mesa da Veneravel Ordem Terceira por mais este serviço relevantissimo prestado á cidade de Guimarães.

*

Esta sociedade perdeu, no dia 28 d'agosto, um dos seus mais benemeritos socios honorarios, o snr. commendador Manoel da Cunha Guimarães Ferreira. Lamentamos profundamente o passamento de tão prestavel e bemquisto cidadão, desvelado protector da Sociedade Martins-Sarmento.

*

A Sociedade Martins-Sarmento associou-se ás homenagens prestadas em Lisboa aos illustres exploradores Capello e Ivens, fazendo-se representar pelo distincto clinico, o snr. dr. Joaquim de Mattos Chaves.

*

Além dos jornaes já mencionados nos boletins anteriores, a sociedade tem recebido mais os seguintes, que muito agradece: *A Alma Nova, A Semana* (Rio de Janeiro), *A Imprensa, O Commercio d'Elvas, Gazeta das Aldeias* e *O Felgueirense.*

Guimarães, 30 de Setembro.

Adolpho Salazar.

BALANCETES

Movimento da caixa em julho de 1885

ENTRADA

Saldo do mez antecedente	384$535
Receita d'este mez	62$100
	446$635

SAHIDA

Despeza d'este mez	170$840
Saldo que passa para agosto	275$795
	446$635

Em agosto

ENTRADA

Saldo do mez antecedente	275$795
Receita d'este mez	94$900
	370$695

SAHIDA

Despeza d'este mez	83$790
Saldo que passa para setembro	286$905
	370$695

Em setembro

ENTRADA

Saldo do mez antecedente	286$905

SAHIDA

Despeza d'este mez	13$810
Saldo que passa para outubro	273$095
	286$905

O thesoureiro,

EDUARDO ALMEIDA.

RELAÇÃO DOS SOCIOS

DA

SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO

Socios honorarios

Antonio Augusto da Silva Cardoso.
Bernardino (Dr.) Machado Guimarães.
Francisco (Dr.) Martins Sarmento.
Guilherme Afflalo.
Illydio (Dr.) Ayres Pereira do Valle.
João Antunes Guimarães.
José (Padre) Joaquim Gomes.
Maria (D.) Alexandrina Vieira Marques.
Marianno Cyrillo de Carvalho.

Socios effectivos

Abilio (Padre) Augusto de Passos.
Abilio (Dr.) da Costa Torres.
Adelaide (D.) Sophia Moreira Rodrigues Leão.
Adelaide (D.) Sophia da Silva Monteiro.
Adelaide (D.) Teixeira de Menezes.
Adolpho Salazar.

Alberto (Dr.) da Cunha Sampaio.
Alfredo Gonçalves.
Anna (D.) de Barros Mendonça.
Antonio (Padre) Affonso de Carvalho.
Antonio Augusto da Costa Vaz Vieira.
Antonio Augusto da Silva Caldas.
Antonio Augusto da Silva Carneiro.
Antonio (Dr.) Coelho da Motta Prego.
Antonio da Costa Guimarães.
Antonio (Commendador) Fernandes d'Araujo Guimarães.
Antonio (Padre) Garcia Guimarães.
Antonio Guimarães.
Antonio Joaquim da Costa Guimarães.
Antonio Joaquim de Meira.
Antonio Joaquim de Mello.
Antonio (Dr.) José da Costa Santos.
Antonio José Fernandes.
Antonio José da Silva Basto.
Antonio José da Silva Ferreira.
Antonio Leite Fernandes de Proença.
Antonio Manoel d'Almeida.
Antonio (Dr.) Manoel Trigo.
Antonio Maria Rebello de Magalhães.
Antonio Martins de Queiroz.
Antonio Mendes Guimarães.
Antonio Peixoto de Mattos Chaves.
Antonio Pereira da Silva.
Antonio Ribeiro da Costa Salgado.
Antonio (Dr.) Vieira d'Andrade.
Arthur (Dr.) Alberto de Campos Henriques.
Augusto (Dr.) Alfredo de Mattos Chaves.
Augusto Mendes da Cunha.
Avelino (Dr.) Germano da Costa Freitas.
Avelino (Dr.) da Silva Guimarães.
Avelino de Sousa Guimarães.
Barão de Pombeiro de Riba-Vizella.
Baroneza de Pombeiro de Riba-Vizella.
Bento José Leite.
Bernardino (Padre) Fernandes Ribeiro de Faria.
Christina (D.) Amelia da Silva Carneiro.
Christina (D.) Martins de Queiroz Montenegro.
Conde de Margaride.
Condessa de Margaride.

Delphina (D.) Emilia Carneiro Martins.
Diniz da Costa Santiago.
Domingos Antonio de Freitas.
Domingos (Dr.) de Castro Meirelles.
Domingos José Ferreira Junior.
Domingos José Ribeiro Guimarães.
Domingos José de Sousa Junior.
Domingos Leite de Castro.
Domingos Martins Fernandes.
Domingos (Padre) Ribeiro Dias.
Eduardo Almeida.
Eduardo (Dr.) Martins da Costa.
Emilia (D.) Christina de Freitas Aguiar Vieira.
Emilia (D.) da Conceição Meira Pimenta.
Ernesto Francisco d'Abreu.
Eugenio da Costa Santos Vaz Vieira.
Felicidade (D.) Rosa d'Araujo Figueira de Sousa.
Florinda (D.) Pedrosa Guimarães.
Fortunato José Marques.
Fortunato José da Silva Basto.
Francisco Antonio de Sousa da Silveira.
Francisco Gonçalves Fernandes Moreira.
Francisco Jacome.
Francisco Joaquim da Costa Magalhães.
Francisco Joaquim Gomes Santa Cruz.
Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior.
Francisco (Dr.) Pedro Felgueiras.
Francisco Ribeiro Martins da Costa.
Francisco da Silva Monteiro.
Gaspar d'Almeida Loureiro Cardoso Paúl.
Gaspar Lobo de Sousa Machado.
Gaspar Teixeira de Sousa Mascarenhas.
Geraldo (Dr.) José Coelho Guimarães.
Idalina (D.) Dias de Castro Villaça.
Ignacio Teixeira de Menezes.
Jeronymo (Dr.) Pereira Leite de Magalhães e Couto.
João Antonio Affonso Barbosa.
João Antonio d'Almeida.
João Baptista Felgueiras.
João Baptista Pinto da Cunha.
João (Padre) Candido da Silva.
João Coelho da Motta Prego.
João Dias de Castro.

João (Padre) Gomes d'Oliveira Guimarães.
João Joaquim d'Oliveira Bastos.
João Lopes Cardoso.
João Pereira da Silva Guimarães.
João Pinto de Queiroz.
João (Dr.) Ribeiro Martins da Costa.
Joaquim (Dr.) Fernandes da Silva Ribeiro.
Joaquim Ferreira dos Santos.
Joaquim Ignacio d'Abreu Vieira.
Joaquim (Dr.) José Gonçalves Teixeira de Queiroz.
Joaquim (Dr.) José de Meira.
Joaquim Martins d'Oliveira Costa.
Joaquim Ribeiro Gonçalves Guimarães.
José do Amaral Ferreira.
José Augusto Freire d'Andrade.
José Chrysostomo da Silva Basto.
José (Dr.) da Cunha Sampaio.
José Ferreira d'Abreu.
José (Dr.) de Freitas Costa.
José Joaquim da Costa.
José Joaquim d'Oliveira.
José Maria de Freitas Carneiro.
José Martins da Costa.
José Martins de Queiroz.
José Mendes da Cunha.
José Miguel da Costa Guimarães.
José Ribeiro Martins da Costa.
José Ribeiro da Silva Castro.
José da Silva Basto Guimarães.
José (Dr.) da Silva Monteiro.
José Victorino da Silva Guimarães.
Luiz (Dr.) Augusto Vieira.
Luiz Dias de Castro.
Luiz dos Santos Leal.
Manoel Antonio da Silva Villaça.
Manoel Augusto de Freitas Aguiar.
Manoel Baptista Sampaio.
Manoel de Castro Sampaio.
Manoel Fernandes da Silva Corrêa.
Manoel Joaquim da Cunha.
Manoel José d'Almeida Guimarães.
Manoel José da Fonseca.
Manoel (Dr.) Marinho de Castro Falcão.

Manoel Pereira Guimarães.
Manoel Pinheiro Caldas Guimarães.
Manoel Ribeiro de Faria.
Manoel (Padre) Vieira Reis.
Maria (D.) Augusta Pedroso Mosqueira.
Maria (D.) do Carmo Pinheiro Osorio Sarmento.
Maria (D.) da Conceição Pereira Forjaz de Menezes.
Maria (D.) da Gloria de Sousa Bandeira.
Maria (D.) Joaquina de Jesus e Castro.
Maria (D.) Josephina da Costa Freitas.
Maria (D.) da Madre de Deus Aguiar Martins Sarmento.
Maria (D.) da Natividade Meirelles de Campos Henriques.
Maria (D.) Rita de Castro Sampaio.
Pedro Pereira da Silva Guimarães.
Rodrigo (Dr.) de Freitas Araujo Portugal.
Rodrigo de Sousa Macedo.
Roque (Padre) Teixeira d'Araujo Pereira.
Scipião Ferreira.
Seraphim Antunes Rodrigues Guimarães.
Simão Alves d'Almeida Araujo.
Simão da Costa Guimarães.
Sophia (D.) Virginia da Costa Freitas.
Thereza (D.) Elvira de Magalhães Brandão Motta Prego.
Ventura de Castro Meirelles.
Visconde de Lindoso.
Viscondessa de Roriz.

Socios fallecidos

Antonio Candido Augusto Martins.
Antonio (Padre) José Ferreira Caldas.
Antonio José Pinto Guimarães.
Conde de Villa Pouca (socio honorario).
Francisco (Commendador) José da Costa Guimarães.
Gualter Martins da Costa.
João de Castro Sampaio.
Manoel (Commendador) da Cunha Guimarães Ferreira (socio honorario).
Rodrigo (Dr.) Teixeira de Menezes.

INDICE DO II VOLUME

1.º numero — Janeiro de 1885

Dialectos minhotos, por J. Leite de Vasconcellos..... 5
O presente e o futuro da viticultura no Minho, por Alberto Sampaio..... 20
As artes mechanicas, por Adolpho Salazar..... 36
A questão districtal em Guimarães, por L. de Castro..... 42
Os nossos socios honorarios. — IV. João Antunes Guimarães, por Avelino da Silva Guimarães..... 53
Boletim..... 58
Balancetes..... 68

2.º numero — Abril de 1885

Dialectos interamnenses, por J. Leite de Vasconcellos..... 69
Caridade social e christã pela instrucção popular, por Avelino da Silva Guimarães..... 94
Os nossos honorarios — V. D. Maria Alexandrina Vieira Marques, por D. Ferreira..... 109
Boletim..... 114
Balancetes..... 131

3.º numero — Julho de 1885

Notas para a historia dos hospitaes de Guimarães — O hospital da Misericordia, por J. de Meira 133
Apontamentos sobre a alimentação das especies pecuarias no Minho, por João Coelho da Motta Prego 150
Gaspar Estaço de Brito, por D. Leite de Castro 158
A capella de S. Thiago e as ossadas apparecidas na travessa do mesmo nome, pelo padre Abilio de Passos 175
Boletim 180
Balancetes 187

4.º numero — Outubro de 1885

Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, por F. Martins Sarmento 189
Estudos d'economia rural do Minho, por Alberto Sampaio 203
Dialectos interamnenses, por J. Leite de Vasconcellos 232
Apontamentos sobre a alimentação das especies pecuarias no Minho, por J. Motta Prego 259
Os nossos socios honorarios — VI. Dr. Illydio Ayres Pereira do Valle, por Avelino da Silva Guimarães 274
Boletim 285
Balancetes 291
Lista dos socios honorarios e effectivos 293

3066

Almanach das senhoras portuenses para 1886 (1.º anno), por Albertina Paraiso. Publicação illustrada, litteraria, commercial, scientifica e recreativa, com uma carta-prefacio do exc.mo snr. Oliveira Martins e duas especies camoneanas do exc.mo snr. dr. Pereira Caldas. 1 vol..... 240
Pelo correio..... 270

Balladas do Occidente, poesias por J. Leite de Vasconcellos. 1 vol..... 500

Esthetica naturalista. *Estudos criticos* por Julio Lourenço Pinto. 1 vol. luxuosamente impresso..... 700

O livro dos verbos, para as escólas primarias... 80

O sonho de Camões, poema posthumo por Ernesto Pinto d'Almeida. 1 vol. nitidamente impresso..... 300

Trémulos, poesias de Alberto Corrêa. 1 vol., impressão de luxo, com o retrato do auctor..... 500

Uma visita ao primeiro romancista portuguez em S. Miguel de Seide, por Alberto Pimentel. 1 vol. franco de porte..... 200

Á venda na Livraria Portuense de **Lopes & C.a**, successores de **Clavel & C.a**, editores. Rua do Almada, 121 e 123 — **Porto.**

Esta importante casa editora tem uma magnifica officina de encadernação

---

O Agricultor portuguez, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas; orgão do conselho de agricultura do districto do Porto e da commissão central anti-phylloxerica do norte. Por anno, franco de porte..... 3$000

Assigna-se na livraria **Chardron** — Porto.

A Imprensa, revista scientifica, litteraria e artistica de Lisboa. Publicação quinzenal. Director, Affonso Vargas. *Lisboa,* cada numero 30 reis pago á entrega. *Provincias e ilhas,* trimestre ou 6 numeros, 200 reis. *Brazil* (moeda fraca), semestre ou 12 numeros, 1$200 reis. Numero avulso..... 40

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores Brito Nogueira & Dias Coelho, Imprensa Nacional. Lisboa.

Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia. Director, dr. Augusto Rocha. — Editor, José Diogo Pires.

Portugal e Hespanha, anno..... 2$400
America..... 4$500
Outros paizes..... 18 fr.
Annuncios, linha..... 50

Correspondencia sobre assumptos de direcção, ao dr. Augusto Rocha — Coimbra. Sobre assumptos de administração, a José Diogo Pires, *Livraria Central* — Coimbra.

Gazeta das Aldeias, politica e agricola. Director, José Teixeira Simões. Publica-se em Lisboa, aos domingos.

Lisboa, anno.....	2$600	Semestre... 1$300	Trimestre... 650
Provincias, anno ...	2$680	Semestre... 1$340	Trimestre... 670

Ultramar e estrangeiro, anno, 3$000 reis.

As Colonias Portuguezas, publicação lisbonense illustrada.

Europa	Anno.....	2$000
	Semestre.....	1$200
Numero avulso.....		200

A Alma Nova, revista semanal de sciencias e litteratura.

Porto, semestre.....	720
Provincias.....	780
Annuncios, linha.....	20

A Alvorada, publicação mensal, litteraria e scientifica, de Famalicão. Proprietario e director, Joaquim d'Azuaga.

Portugal, anno.....	600
Estrangeiro (moeda forte).....	1$000

O Industrial portuguez, revista mensal illustrada, do Porto.

Anno.....	1$300
Semestre.....	700
Provincias, anno.....	1$500
Semestre.....	800
Numero avulso.....	200

Industria é Invenciones, revista semanal illustrada de Barcelona. Director, D. Geronimo Bolibar, ingeniero industrial.

Hespanha, anno.....	18 pesetas.
Semestre.....	10 »
Ultramar e estrangeiro, anno.....	25 »
Numero.....	1 peseta.

Revista Scientifica, publicada pela sociedade *Atheneo do Porto*. Publicação quinzenal. Anno..... 2$500
Brazil, anno..... 7$000

Boletin-Revista de la Juventud Católica.

Revista mensal de Valencia. Cada numero.....	1 real
Avulso.....	2 reales

Auroras da Instrucção pela iniciativa particular, por D. Antonio da Costa. 2.ª edição, augmentada. 1 vol. de 456 pag..... 1$000

O Instituto, revista litteraria e scientifica, de Coimbra.

Anno.....	1$500
Pelo correio.....	1$560
Numero avulso.....	160

Republicas, revista semanal, politica e litteraria, de Lisboa.

25 numeros.....	1$000
Numero avulso.....	50

GETTY CENTER LINRARY